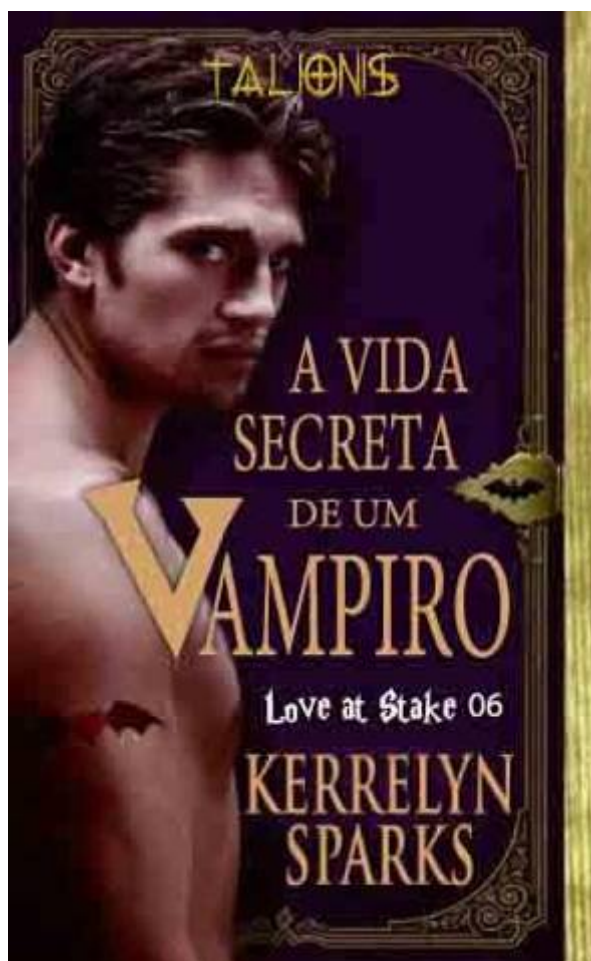




Kerrelyn Sparks
A vida secreta de um vampiro
Love at Stake 06

Disp em Esp: *Passionate Novels*
Envio do Arquivo e Formatação: *Δίκη*
Revisão: *Freyja e J. Gameiro*
Capa: *Elica*
Talionis

Uma típica festa de solteiros inclui cerveja e a presença de mulheres bonitas. Uma festa de vampiros é igual a anterior, embora com algumas diferenças no que se refere à bebida. E ninguém celebra festas como as que organiza Jack, o filho ilegítimo do legendário Casanova. Quando uma de suas festas se desmama e aparece a polícia, Jack deve dar explicações, mas a beleza da oficial Lara Boucher o deixa mudo. Lara, por sua parte, está convencida de que se celebra algo mais que uma festa de solteiros. Que oculta Jack? Terá algo que ver com o recente desaparecimento de várias mulheres jovens na cidade? Suas investigações revelam mais do que ela quer saber, sobre tudo a respeito de este moderno Casanova. Mas se quer progredir a detetive, terá que descobrir todos os segredos de Jack... E tratar de não expor seu próprio coração.

Comentário Freyja: *Linda história de amor entre o Jack e a Lara, um vampiro italiano tudo de bom (romantismo à italiana...), quer que por uma vez a mulher que ama não o abandone, que possa desfrutar de amar a uma mortal como seus amigos. Lara quer simplesmente ser detetive quando depara com Jack, e seu coração de mortal se apaixona por um homem que lhe oculta muita coisa...*

Como os restantes da série tem amor, paixão, luta, partes hilárias, algumas partes hots...

Comentário J. Gameiro – *Se até aqui eu gostava desta série, com este livro fiquei simplesmente encantado e cada vez mais fascinado.*

Para quem já conhece a série, encontra aqui os mesmos ingredientes e um lindo romance com Veneza como parte do espetáculo.

Capítulo 1

— Não quero morrer... outra vez — disse Laszlo em tom queixoso.

Jack se ajoelhou junto ao corpo estendido de Laszlo.

— Trago-te algo? Uma taça quente de Tipo O?

Laszlo se tapou a boca.

— Não me fale de comida.

— Me desloque. — Jack deu uns tapinhas ao vampiro no ombro, no único lugar de sua camisa que não estava empapado com o vômito de *Blissky*. Pobre Laszlo! Só tinha bebido um copo de sangue sintético com sabor a uísque quando todos brindavam ao noivo; mas era evidente que o químico se dava melhor na *cozinha com a fusão* para vampiros que sua ingestão. Não demorou em cobrir-se de vômito.

Não se podia fazer grande coisa pelo pobre menino, de modo que a despedida de solteiro se seguiu celebrando por todo o alto enquanto Laszlo rodava pelo chão, com a cara pálida e suarenta.

— Levo-te até o sofá? — Perguntou Jack.

— Pô-lo-ia cheio de sangue — murmurou Laszlo.

Jack franziu o cenho ao ver a tapeçaria do móvel estilo Luis XV.

— Já está cheio de sangue. — Pequeno desastre. Como ia limpá-lo?

Incorporou-se com uma crescente sensação de desespero. Tinha-lhe parecido uma grande ideia reservar uma suíte eduardiana no *Plaza da Quinta Avenida* para celebrar a última noite de celibato do Ian MacPhie, mas agora sabia que o serviço de limpeza do hotel se perguntaria como podia uma festa inocente deixar semelhantes manchas de sangue.

As coisas tinham começado a torcer assim que apareceu Dougal com suas gaitas de fole. Ian tinha insistido em ensinar a todos uma dança escocesa. Os saltos de uma dezena de vampiros algo



embriagados com copos cheios do *Blissky* na mão tinham dado lugar a umas quantas batidas e a um número ainda maior de manchas em móveis e tapetes.

Logo veio a chamada. As garotas estavam no *Romatech Industries* celebrando a despedida de solteira, e Jack se inteirou de que Vanda tinha contratado os serviços de um *boy* de seu clube noturno de vampiros. Mas a festa das mulheres tinha sido bruscamente interrompida, porque Shanna Draganesti entrou em trabalho de parto.

Antes de se teletransportar para o Romatech, Roman Draganesti lamentara-se de estar muito ébrio para ajudar a sua esposa em um momento tão crítico; isto tinha feito que outros homens se aproximassem para lhe declarar seu apoio incondicional com uma canção briguenta. Depois, uma dezena de vampiros bêbados se teletransportaram até a Shanna para aclamá-la como fossem uma torcida. Jack sorriu ao imaginar a reação da Shanna, mas o gesto não demorou a desvanecer-se. Tinha duas horas para arrumar a suíte do hotel antes que amanhecesse.

Um ruído proveniente da habitação contigua chamou sua atenção. Tinha-se atrasado algum dos moços? Bem, seria uma ajuda. Quando entrou no luxuoso dormitório, não pôde ser maior seu desgosto ao encontrar-se com uma AVA nua estirada na cama, derramando *Bleer* sobre a colcha de cetim.

Essa tinha sido a brilhante ideia do Gregori, que tinha chegado à festa com duas *Alimentadoras Vampíricas Artificiais*, também conhecidas como AVA. Os modelos femininos realistas de borracha eram brinquedos sexuais no mundo dos mortais, mas para os vampiros tinham sido modificados com um sistema circulatório que funcionava com pilhas. Gregori tinha enchido duas bonecas sexys com sangue sintético de sabor a cerveja e depois tinha convidado os meninos a lhes fincar o dente. A julgar pelo aspecto dos objetos de renda pulverizado pela habitação, os moços tinham sido melhores despidos a AVA que lhe dando uma dentada.

Do lavabo chegou a voz de um homem.

— OH! Sim, carinho. Tire isso.

Jack bateu na porta.

— A festa acabou!

— A festa nunca se acaba para o doutor Phang. — A porta se abriu para revelar ao Phineas McKinney: — O que há, tio?

O jovem vampiro negro tinha um aspecto distinto com o roupão aveludado cor granada e um lenço branco de seda, embora tanta elegância ficava algo opaca pela cueca do *Bob Esponja*. Como qualquer vampiro, Phineas não se refletia no espelho com marco dourado do banho, mas a segunda AVA sim. A boneca de pele morena estava sentada sobre o lavabo de mármore branco, sem outro objeto que as meias de seda vermelhas e um sorriso tolo na cara.

Jack se distraiu um instante lendo a frase gravada na cueca do Phineas: “*As mulheres vão esfriar a Esponja*”.

— Sinto muito, não queria interromper.

Phineas se ruborizou um pouco.

— Só estava praticando, já sabe. Quando é o doutor Amor, tem que manter o *molho* em forma.



— Compreendo-te.

— Aposto que sim. — Phineas agarrou a AVA da penteadeira. Suas pernas sobressaíam rígidas para diante como as de uma Barbie, mas ele as dobrou para baixo. — Tenho entendido que é um autêntico Casanova¹.

— Isso dizem — balbuciou Jack. Não havia forma de escapar à reputação de seu famoso pai. — Suponho que estava muito ocupado para inteirar-se, mas Shanna entrou em trabalho de parto. Todos os meninos se foram com o Roman. Exceto Laszlo, que ainda está enjoado.

— Não brinca! — Phineas entrou no dormitório com a AVA negra sob o braço.

— O sol está a ponto de sair, temos que recolher.

Phineas jogou uma olhada a AVA branca que havia sobre a cama em um atoleiro do *Bleer*.

— Vá, tio! Este é um trabalho para profissionais. Por que não pedimos ajuda às vampiras da limpeza? Limpam o chalé do Roman.

— Não é má ideia. Pode chamá-las?

— Agora não recordo o número, mas está nas Páginas Negras.

Jamais encontrariam a versão vampírica da lista telefônica no *Hotel Plaza*.

— Acredita que... — A frase do Jack foi interrompida por uns golpes na porta.

— Espera a alguém? — Ao Phineas se iluminou o olhar. — Talvez a mulheres de verdade?

— Polícia de Nova Iorque! — Anunciou uma voz masculina. — Abram a porta!

Jack respirou fundo.

— *Merda!*

— Puta merda! — Sussurrou Phineas. — A polícia. — Olhou a seu redor com ansiedade. — Estamos fodidos.

— Relaxe! — Respondeu-lhe Jack com outro sussurro. — Usarei o controlo mental para me desfazer deles.

— Não me leve bem com a poli. — Phineas retrocedeu. — Piro-me, tio.

— Vai? — A Jack se crispou o rosto quando voltaram a esmurrar a porta, esta vez com mais força.

— Abram a porta agora mesmo! — Gritou o agente de polícia.

— Já vai! — Exclamou Jack.

— Ouça, tio. — Phineas arrojou a AVA negra ao interior do banho e fechou a porta. — Irei a casa e chamarei as vampiras da limpeza. Voltarei logo para te ajudar, ok? — Seu corpo se

¹ Giacomo Girolamo Casanova (nascido em 02 de abril de 1725, Veneza, República de Veneza - 04 de junho de 1798, em Dux, agora Duchcov, Bohemia (República Checa) foi um famoso aventureiro, diplomata, escritor e agente secreto de Veneza.) Ele é conhecido principalmente como um homem notável por suas conquistas amorosas, 132 segundo sua autobiografia: *Histoire de ma vie*, na qual o autor descreve com maior precisão e objetividade suas aventuras, viagens e seus muitos encontros galantes. Ele fez uma história estilo realista sobre sua vida, onde as aventuras com diferentes mulheres estão elegantemente apresentadas, que o fez popular, e ao longo do tempo, o protótipo de amar e aventureiro. Seu nome tornou-se um protótipo do amante. É uma produção literária muito vasta. *Histoire de ma vie*, também conhecido como "as memórias de Casanova", foi escrito em francês e, como tal, deve ser parte da literatura da língua, mas a escolha do idioma foi ditada por motivos que levaram em conta principalmente o divulgação do trabalho, uma vez editadas, considerando que, naquela época, o francês era a língua mais conhecida e falada na Europa, como acontece no século XX com o Inglês. É o mesmo Casanova, que no prefácio de suas memórias, escreveu ele, referindo-se à divulgação anotada maior da língua francesa:

J'ai écrit en français, et non pas italien parce la langue Française est plus répandue que la mienne.
Escrevi em francês, e não italiano, porque a língua francesa é mais difundida que a minha.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



desvaneceu ao teletransportar-se.

— *Grazie mille!* — Resmungou Jack. Dirigiu seus passos até ao salão enquanto sopesava suas opções. Podia agarrar em Laszlo e teletransportar-se, mas a polícia entraria de todos os modos e se encontraria com o desastre de sangue. A suíte estava reservada a seu nome, assim podiam buscá-lo para interrogá-lo. Não, o melhor era fazer frente à situação e utilizar o controlo mental dos vampiros para apagar a memória do agente de polícia.

Laszlo tentou incorporar-se.

— Isto é terrível. — Tinha a testa empapada de suor. — Acredito que vou voltar a vomitar.

— Fique aí! — Sussurrou-lhe Jack. — Vou me desfazer da polícia.

— Chamarei o diretor do hotel para que abra a porta! — Gritou o agente.

— Vou! — Jack entreabriu a porta e estudou rapidamente a polícia uniformizada. Jovem, nervoso e fácil de dirigir mediante o controle mental vampírico. Logo se fixou no outro agente.

Santo céu! Se esqueceu de respirar durante uns instantes, embora não ia morrer por falta de oxigênio. Sua primeira impressão foi que era *espantosa*. Sua segunda impressão foi que se esforçava por minimizar o impacto de sua beleza. Cabelos vermelhos dourados recolhidos de forma austera em uma trança francesa. Pele fresca e lisa, umas quantas sardas adoráveis, e grandes olhos azuis. Levava pouca maquiagem, mas estava radiante.

Ela abriu os olhos como pratos quando seus olhares se encontraram. Também se entreabriu a boca, que atraiu assim sua atenção para uns lábios rosa bem definidos.

— *Bellissima!* — Sussurrou ele.

A agente entrou em razão com o pulso tão acelerado que Jack inclusive podia ouvi-lo. Fechou a boca com gesto sério. Levantou o queixo. Levou as mãos ao cinturão. Sem dúvida alguma, queria intimidá-lo com as mãos muito perto da arma e o porrete, mas o impressionava mais a forma em que o cinturão lhe acentuava sua preciosa figura de violão.

Deveria ir envolta nas sedas mais finas. Deveria mostrar suas curvas como uma Deusa. O feito de que fizesse o contrário, quer dizer, de que levasse todo o corpo abafado com um masculino uniforme azul, resultava-lhe enigmático.

O mundo tinha trocado em duzentos anos. De ter vivido séculos atrás na Itália, esta formosa agente de polícia teria sido o modelo de mais de um artista disposto a imortalizar sua beleza feminina sobre um tecido. Mas ali a tinha, tentando parecer uma mulher dura e poderosa. Não se dava conta de que já era poderosa? Uma mulher como ela podia pôr a um homem de joelhos e fazer que se sentisse agradecido por estar ali.

O policial clareou a voz.

— Senhor, recebemos uma chamada da segurança do hotel. Você e seus amigos estiveram fazendo muito barulho.

— Estávamos celebrando uma festa — explicou Jack. — Uma despedida de solteiro.

— Receberam queixa dos hóspedes de três andares distintos — prosseguiu o oficial.

— Foi uma festa muito divertida. — Jack dirigiu um sorriso a agente. — Lamento que a tenham perdido. Possivelmente a próxima vez...

Ela franziu o nariz.



— Aqui cheira a uísque.

— Seus vizinhos se queixaram de uma gaita de fole — explicou o oficial, — e de golpes metálicos muito estridentes. Alguém disse que parecia um entrecostar de espadas.

— Já não tem com o que preocupar-se, agente. Partiram todos. — Jack levantou a voz quando Laszlo soltou um suave gemido. — Agora está tudo tranquilo.

— Parece-me ter ouvido alguém — sussurrou a agente a seu companheiro. — Poderia estar ferido.

— Obrigado por vir. — Jack se dispunha a fechar a porta, mas o policial o impediu com a bota e apoiou a mão na porta.

— Nós gostaríamos de jogar uma olhada, se não lhe importar.

— Importa-me. — Jack desatou uma onda de energia psíquica: *“Estão os dois sob meu controle”*.

O agente deixou cair os braços e pôs os olhos em branco. A encantadora mulher deu um tropeção, fez uma careta de dor e levou a mão à testa.

“Lamento lhe fazer dano — lhe disse ele mentalmente. — Como se chama, minha bela?”

— Harvey Crenshaw.

— Você não — disse ao agente.

Laszlo voltou a gemer.

A mulher polícia baixou a mão.

— Sabia! Aí dentro há alguém. Aparte-se, senhor.

Jack ficou com a boca aberta. Que diabos se estava passando? Supunha-se que a tinha sob controlo. *“Não vão entrar.”*

— Não vamos entrar — repetiu Harvey.

— Claro que sim! — A mulher empurrou a porta.

Jack estava tão surpreso que a deixou passar. Pelos nove círculos do inferno!

— Espere! Não pode entrar aqui.

A agente viu o Laszlo no chão e em seguida pulsou um botão do transmissor que levava no ombro.

— Temos um ferido de arma branca. Enviem uma ambulância...

— Não! Nada de ambulâncias — protestou Jack, mas ela já tinha dado o número da suíte ao operador. *Merda!* Agora ia ter que apagar mais memórias. E por que diabos não lhe obedecia?

Lançou-lhe uma onda de poder psíquico: *“Tenho-a sob meu controle”*.

O corpo da mulher se estremeceu enquanto se ajoelhava junto ao Laszlo.

— Resista um pouco mais, senhor. A ambulância já está a caminho.

— OH Deus, não! — Laszlo dirigiu ao Jack um olhar de súplica. *“Não deixe que me leve a um hospital! Faz que se vá”!*

“Estou-o tentando.” — Jack se concentrou com todas suas forças. — Partirá agora mesmo”.

— Parto agora mesmo. — Harvey retrocedeu até o corredor.

— Harvey! — A mulher polícia se incorporou de um salto e apontou ao Jack com um dedo ameaçador. — Você não se mova. — Correu até ao corredor e agarrou o seu companheiro pelo braço. — Harvey! O que te ocorre?



Harvey permanecia imóvel, com o olhar vazio.

Então ela o sacudiu:

— Harvey! Volta a ti!

Com um suspiro, Jack deixou de usar seu poder. Se seguisse mantendo o controlo sobre ele, a agente começaria a suspeitar.

Harvey piscou.

—Né? O que se passou?

Sua companheira assinalou ao Jack.

— Algema-o!

— O que? — Jack desejou não havê-lo liberado. — Mas eu não fiz nada!

A mulher o fulminou com o olhar enquanto voltava a entrar no quarto do hotel.

— Temos uma vítima de apunhalamento, e você é o principal suspeito — disse.

— Eu não o apunhalei. — Jack voltou a dirigir seus poderes psíquicos contra o policial. —

“Não me vai algemar”.

Harvey se deteve frente a ele, outra vez com o olhar vazio. Jack cruzou as mãos detrás das costas para que a mulher polícia acreditasse que estava algemado. Não tinha notado nada, porque estava ajoelhada junto ao Laszlo, lhe abrindo a camisa de um puxão.

— Onde o feriram, senhor?

— Ninguém o feriu — insistiu Jack. — Simplesmente se vomitou em cima.

— Uma jarra de cerveja? Pensa que sou estúpida? — Fulminou-o com o olhar. — Onde o apunhalou? Nas costas?

— Eu não o apunhalei!

“Tentei controlá-la, mas não funciona”, disse-lhe Laszlo mentalmente.

“Sei”, respondeu Jack. Era o pior pesadelo de qualquer vampiro. Uma mulher formosa a que não se podia controlar.

“Talvez tenha poderes psíquicos — continuou Laszlo. — Ou possivelmente sofra algum tipo de defeito mental que bloqueia nosso poder”.

— Se deu algum golpe na cabeça quando era um bebê? — Perguntou Jack.

— Sim — respondeu Harvey.

— Você não — disse Jack entre dentes.

A mulher o estudou com desconfiança enquanto ficava de pé.

— Harvey, vigia a esse homem. Harvey?

O policial deu um coice.

— Como?

— Vigia-o! — Ordenou-lhe ela, assinalando ao Jack. — Que não se mova. Vou jogar uma olhada a este lugar.

Harvey assentiu.

— Contra a parede!

Jack retrocedeu para que a mulher não pudesse ver que não estava algemado. Ela jogou uma olhada junta ao televisor de tela plana que pendurava da parede.



— Aqui apunhalaram a alguém. Há salpicos de sangue.

— Não é meu.

Ela entrecerrou seus encantadores olhos.

— De quem é?

— De um amigo. Ele... se cortou sem querer. — Depois de engolir uma garrafa inteira do *Blissky*, Angus MacKay tinha decidido fazer se irmão de sangue de todos os homens que havia na habitação. Tinha pegado sua adaga das Highlands para fazer um corte no pulso; mas se cravou uma artéria sem querer e lançou um jorro de sangue em forma de arco contra a parede. Ao cabo de uns instantes, tinha o pulso envolto em uma toalha e tinha substituído seu jantar perdido com outra garrafa do *Blissky*.

— Claro, sem querer. — A mulher polícia se deteve junto às espadas cruzadas sobre o tapete. — E estas são suas armas.

— Não são minhas — protestou Jack.

— Claro.

— São umas *Claymore* escocesas — lhe explicou. — Do noivo. E não têm nem gota de sangue. Os meninos as estavam usando em um baile de espadas das Highlands.

Voltou a jogar uma olhada às espadas e franziu o cenho: — Podia as ter limpado.

— Não apunhalei ninguém. — “Ao menos, não esta noite”.

A agente inspecionou a habitação e levantou o olhar:

— O que é isto?

Jack fez uma careta de desgosto ao ver o sutiã de seda vermelha da AVA pendurando de um candelabro. Então ela subiu à mesa de centro e utilizou seu porrete extensível para desprender o sutiã.

— Havia mulheres na festa? — Perguntou.

— Eu não as chamaria “mulheres”.

— Travestis? — Olhou-o com um brilho irônico nos olhos enquanto agitava o sutiã no ar.

Ele franziu o cenho.

— Não é meu.

Ela deixou cair o sutiã sobre o sofá e saltou ao chão.

— O que há no dormitório? — Inquiriu.

Jack fechou os olhos com força e a bombardeou com todo o poder psíquico de que era capaz. “Não entrará aí”!

— Não entrarei aí! — Repetiu Harvey.

Sua companheira estremeceu.

— Faz um frio de narizes aqui dentro. — Entrou no dormitório. — Meu Deus!

Jack deixou escapar um gemido, e ela apareceu a cabeça pela porta.

— Harvey! Harvey! Pede reforços! — Voltou a entrar na habitação.

Mas Harvey meneou a cabeça.

— Quê? — O agente dirigiu um olhar inquisitivo a Jack. — Quem é você? Onde estou?

— Há um corpo na cama! — Gritou do dormitório. — É uma mulher.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— É a AVA branca — explicou Jack.

— Meu Deus! Está... está morta — prosseguiu a agente.

Harvey piscou.

— Matou a essa mulher? Filho da puta! — Agarrou o transmissor.

“Não vai pedir reforços”, disse-lhe Jack mentalmente.

Harvey deixou cair o braço e voltou a pôr os olhos em branco.

— Nunca esteve viva. — A mulher polícia apareceu na entrada segurando a boneca. — É um brinquedo sexual. — Deixou-a cair no chão e dirigiu ao Jack um olhar de asco. — Maldito pervertido!

— Não é minha — resmungou ele.

A agente voltou para o quarto zangada.

Aquilo já tinha ido muito longe. Jack se concentrou no Harvey. *“Sairá deste lugar e voltará para seu carro. Esquecerá que esteve aqui. Esquecer-se-á de mim e de tudo o que viu aqui”.*

Harvey assentiu e começou a caminhar lentamente para a porta.

Tinha chegado o momento de encarregar daquela formosa, mas estranhamente resistente mulher. Jack a seguiu até o dormitório.

— Senhora...

Ela se voltou, e seus olhos se abriram de par em par ao ver que não ia algemado. Em seguida levou a mão à pistola.

— Acreditava que o tinham algemado — manifestou.

Jack se aproximou.

— Não faz falta...

Ela tirou a pistola.

— Quietos. Harvey! Onde está?

Jack podia ouvir os batimentos do coração de seu coração.

— Relaxe-se. Só quero falar. E é inútil que chame o Harvey. Partiu.

A agente acelerou o pulso.

— Harvey nunca me deixaria sozinha. O que lhe fez?

— Nada. Partiu, simplesmente.

— Não o acredito. — Levantou a arma uns centímetros, lhe apontando à cabeça. — Isto não demorará em encher-se de policiais.

— Se equivoca. Não permiti que Harvey pedisse reforços.

A mulher tragou saliva de maneira audível.

— Não permitiu...? Quem é você?

Ele abriu as mãos com as palmas para ela.

— Não vou fazer lhe dano.

— O que fez ao Harvey? — Gritou ela.

— Nada. Agora mesmo se dirige a seu carro. Sabe que sou inofensivo. — Jack levantou as mãos e se aproximou um pouco mais. — Repense, senhora...

Ela retrocedeu um passo.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



— Agente Boucher.

Tinha-o pronunciado com acento francês. Soava bem em seus lábios, embora ele soubesse que queria dizer açougueiro.

— Aqui não se cometeu nenhum crime. E é verdade que meus amigos montaram muita animação, mas eu mesmo me encarregarei da limpeza e de qualquer dano que se tenha podido ocasionar. Dou-lhe minha palavra.

Ela não deixava de lhe apontar.

— Há sangue por toda parte, sinal de que houve um crime violento. E o feito de que ainda não tenha encontrado o corpo não quer dizer que não se tenha produzido.

— Não há nenhum corpo.

A mulher se dirigiu ao banho.

— Ainda não terminei de revistar este lugar.

Ele suspirou.

— Não entre ali.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Isso é como um convite para mim. — Procurou o pomo a suas costas para abrir a porta. Jogou uma olhada rápida para trás e deu um coice quando viu a AVA negra escancarada no chão de ladrilhos.

Jack se equilibrou sobre ela com velocidade de vampiro e lhe arrebatou a arma.

A agente tragou saliva, e com os olhos como pratos. Podiam-se ouvir os batimentos do coração perigosamente rápidos.

Merda! De verdade acreditava que ele a mataria?

— *Bellissima*, ofende-me. — Extraiu o carregador e o deu. — Jamais lhe faria mal.

Ela o observou, mal olhou as balas em sua mão. O coração ainda lhe pulsava com rapidez, mas já começava a desacelerar-se.

Olhou a AVA negra.

— Outro brinquedo sexual? Quantos necessita?

Ela dirigiu um olhar sarcástico.

— Tampouco é meu.

— Claro.

Jack centrou todos seus esforços em um último intento por apoderar-se de sua mente. Como consequência, ela deu um tropeção; a força do poder psíquico do Jack a fez tropeçar.

“Partirá imediatamente e esquecerá que esteve aqui. Esquecer-me-á”. Depois de enviar esta última ordem, sentiu uma pontada de arrependimento; quase desejou que o controle mental falhasse.

Com uma careta de dor, a agente se beliscou a ponte do nariz:

— Ai!

Deveria tomar cuidado com o que desejava.

Ela deixou cair o braço e lhe dirigiu um olhar confuso.

— Algo estranho está acontecendo aqui.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



— Algo estranho? — Nunca se tinha encontrado com um problema assim em duzentos anos.

— Pareceu-me ouvir sua voz... Dá igual. — Retrocedeu um passo, observando-o com cautela.

— Quem é você?

— Meu nome é Giacomo. Meus amigos de fala inglesa me chamam Jack há muito tempo, tanto que eu mesmo uso esse nome quando falo em inglês. Pode me chamar Jack.

— Não sou sua amiga. — A agente se estremeceu, afetada pelas ondas psíquicas que a envolviam.

Ele se aproximou.

— Qual é seu nome completo?

Ela o olhou, com os olhos muito abertos como se estivesse em transe, embora ele soubesse que não o estava. Não podia quebrantar a fortaleza de sua mente. Não tinha a menor ideia do que estava pensando.

Um ruído procedente do corredor chamou sua atenção. Viu como dois paramédicos entravam no salão com uma maca.

Lançou-lhes uma quebra de onda de poderes psíquicos. *“Abandonarão o hotel, voltarão para a ambulância e não recordarão ter estado aqui. Vão-se agora mesmo”!*

Os dois homens deram meia volta e se afastaram empurrando a maca pelo corredor.

— Como fez isso? — Sussurrou a agente Boucher.

Jack se voltou para ela.

— Sei que nada disto tem sentido para você, mas deve me acreditar. A ninguém aconteceu nada esta noite. Aqui não ocorreu nada mal.

Ela franziu o cenho.

— E o homem que está no chão?

— Está enjoado. Eu cuidarei dele. Não lhe encontrou nenhuma ferida, verdade?

— Não, mas há sangue por toda parte.

— Assegurar-me-ei de que o limpem. — Deu-lhe a pistola descarregada. — Por favor, vá-se, agente Boucher.

Ela agarrou a arma.

— Isto... isto não me parece correto. Não posso atuar como se nada tivesse ocorrido.

— Não há nada que possa fazer, exceto partir. Sinto muito.

Ela se ficou ali de pé, mordendo-se o lábio e franzindo o cenho.

— Isto não está bem.

— Seu companheiro está fora, esperando-a. Adeus, senhorita Boucher.

A agente caminhou para a porta e jogou uma olhada ao Laszlo.

— Ficar bem?

Laszlo se despediu com a mão.

— Sim, por-me-ei bem, obrigado.

Deteve-se a altura da porta para dedicar um último olhar a Jack.

— Isto não se acaba aqui, Jack. Agora temos um assunto pendente. — Desapareceu pelo corredor.

Uma parte dele, uma parte muito velha e solitária, desejou que aquilo fora certo.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



Capítulo 2

— Esperem! — Lara Boucher correu até onde se encontravam os paramédicos, que acabavam de introduzir a maca no elevador. Chegou justamente quando se começavam a fechar as portas. Poderia ter entrado também, mas ficou gelada ao ver seus rostos. Tinham a mesma expressão de zumbi que tinha visto em Harvey.

Um calafrio lhe percorreu as costas. Devia ser um efeito residual da gelada habitação que acabava de abandonar.

A quem queria enganar? Estava aterrada.

Pressionou o botão de baixada dos elevadores e carregou a pistola automática. “*Covarde!*” Se tivesse gnelra, teria voltado para o quarto de hotel para interrogar ao misterioso Jack.

Voltou a estremecer ao recordar o momento em que arrancou a arma. Já se tinha assustado o bastante quando ele entrou no dormitório sem algemas dizendo que Harvey a tinha abandonado e que não viria nenhum reforço. Mas, quando lhe arrebatou a pistola, acreditou durante uns instantes que não ia sair viva dali. E, se por acaso aquilo não fosse o bastante aterrador, pareceu-lhe ter ouvido aquela voz em sua cabeça, embora não conseguisse entender as palavras.

Olhou corredor abaixo. Devia voltar por ele? O tipo era perigoso. Estranhamente persuasivo, mas aterrador ao mesmo tempo. Alguém de outro mundo, e incrivelmente atrativo.

Sobressaltou-se quando um som da campainha anunciou a chegada do seguinte elevador. Entrou a toda pressa e pulsou o botão do vestíbulo. “*Covarde! Está fugindo!*”

E que outra coisa podia fazer? Harvey a tinha deixado, e Jack a tinha desarmado com extrema facilidade. Voltaria a fazê-lo.

Embainhou a pistola. Tinha a estranha sensação de que Jack tinha controlado a situação em todo momento. Poderia tê-la matado e, entretanto, se mostrou ofendido ante a possibilidade de que ela acreditasse capaz de algo assim.

Quando se abriram as portas do elevador, saiu correndo para o vestíbulo e viu que os paramédicos abandonavam o hotel. Passou pela porta giratória e aproximou-se deles enquanto carregavam a maca na parte traseira da ambulância.

— Hum, meninos! O que fazem?

Um dos paramédicos a olhou sem expressão.

— Tudo bem, agente? Esta noite estamos de serviço.

— Sim, enviaram-nos aqui, ao *Hotel Plaza*.

O sanitário fechou as portas traseiras da ambulância.

— Nunca estivemos no *Plaza*.

Lara ficou boquiaberta. Acaso não sabiam onde estavam?

O paramédico subiu ao assento do condutor.

— Boa noite, agente.

Ela respirou fundo enquanto a ambulância se afastava. O que lhes tinha feito Jack? Tinha



alguma espécie de estranho poder sobre a mente da gente? Sentiu uma ardência na pele como se milhares de olhos a estivessem observando na escuridão. *“Tranquiliza-te. Não fique paranoica.”* Por desgracia, sabia muito bem quão frágil podia chegar a ser a mente de uma pessoa.

Viu o carro patrulha estacionado junto ao passeio e se dirigiu para ele em passo ligeiro.

Harvey lhe dirigiu um olhar impaciente enquanto se sentava no assento dianteiro.

— Onde estiveste? Levo um bom momento esperando — soltou.

— Estava no hotel. — Ela grampeou o cinturão. — Contigo.

Ele soprou.

— Nunca estive contigo em um hotel. Sou um homem casado.

— Não quis dizer...

— Se for algum tipo de brincadeira, não tem graça. — Arrancou o carro e entrou na *Quinta Avenida*.

— Harvey, eu sinto um respeito absoluto por ti e por seu matrimônio. *“E nem a menor atração para ti.”* Não recorda que chamaram do *Plaza* para que fôssemos fazer uma visita a uns hóspedes que estavam armando escândalo?

— Para isso está a segurança do hotel.

— Sim. Mas quando alguém os informou de uma suposta briga com espadas, os da segurança nos chamaram.

Harvey pôs-se a rir.

— Uma briga com espadas no quarto de um hotel? Deveria tomar menos cafeína.

— Não recorda o tio de os brinquedos sexuais?

Harvey a olhou com desconfiança.

— Está louca? A última chamada que recebemos foi por uma briga de bêbados em *Time Square*.

Lara sentiu calafrios.

— Não estou louca. — Tinha-se passado. Que Harvey e os paramédicos não o recordassem, não queria dizer que não se tivesse passado. De algum modo, Jack lhes tinha apagado a memória. Que classe de homem podia fazer algo assim?

Ao menos, não lhe tinha manipulado o cérebro como a outros. Ou sim? Estava recordando algo que nem sequer tinha passado?

“OH Deus, outra vez não!” Já tinha passado seis meses de sua vida sumida na mais absoluta confusão, incapaz de distinguir a realidade dos sonhos. Depois do acidente de carro, a realidade lhe tinha parecido confusa; e os sonhos, reais.

Tinha que averiguá-lo. Tinha que voltar e enfrentar Jack.

Duas ruas mais à frente, um carro entrou na *Quinta Avenida* bruscamente. Soltou dois sulcos e realizou uma perigosa manobra junto a um táxi amarelo antes de afastar-se a toda velocidade.

Harvey pisou no acelerador.

— Condutor ébrio?

— Ou veículo roubado. — Lara agarrou o microfone para chamar à operadora de rádio. — Necessito um 10-14. — Leu a matrícula enquanto perseguiam o veículo.



Ouviu-se um rangido.

— É um 10-17. — A operadora de rádio informou que o veículo não tinha sido roubado. — Recebido! — Respondeu. — Deve ser um condutor ébrio.

— Vamos por ele! — Harvey acendeu as luzes e a sirene.

Lara ficou tensa. Nunca sabia como reagiria a gente. Por sorte, o condutor cooperou e vinte minutos depois o levavam a delegacia da polícia.

Ao amanhecer, Lara terminou a papelada da noite. Jogou uma olhada ao registro do Harvey. Nenhuma referência à visita ao *Plaza*. Deu uns leves golpes com a caneta sobre a mesa. Não sabia o que fazer. Se incluía o incidente do Lugar em seu relatório, seu supervisor, o capitão O'Brian, perguntaria por que não figurava no relatório do Harvey. Jamais a subiriam a detetive se começavam a duvidar de sua estabilidade mental.

Dirigiu-se ao dispensador de água e bebeu um copo bem cheio. Talvez conviesse visitar o neurologista para averiguar se poderia estar sofrendo uma recaída.

Maldita seja, não! Espremeu o copo de cartão com a mão e o lançou ao cubo de lixo. Tinha lutado com todas suas forças por superar a lesão da cabeça. Tinham passado seis anos e já se tinha reposto. Não tinha sonhado. De fato, recordava tudo sobre o Jack, com todo o luxo de detalhes.

Cabelo negro e grosso sobre uma frente ampla, limpa. As pontas ligeiramente frisadas à altura do pescoço da camisa. E essa camisa negra de seda... o bastante ajustada para revelar seus largos ombros e uns abdominais duros como uma pedra. Era bonito como um modelo de revista. E sua voz a tinha intrigado. Suave e melodiosa, com acento italiano, mas também clara e educada como se tivesse aprendido inglês na Inglaterra. Esse duplo acento delatava a um homem complexo. Inclusive fascinante. Era tanto Jack como Giacomo. "*Bellissima*", a tinha chamado.

Fechou os olhos e percorreu mentalmente seu corpo de cima abaixo, até uns elegantes sapatos de pele italianos. Pernas largas, quadril estreito, cintura fina, os ombros largos com uma encantadora curva à altura do pescoço que convidava a apoiar a cara em cima. Uma mandíbula marcada com costeletas o suficientemente largas para despertar nela o desejo de acariciá-lo. Boca expressiva. Lara se tinha surpreendido a si mesma fixando-se em sua boca para calibrar as reações de Jack: a comissura da boca se elevava ligeiramente quando algo o divertia; os lábios se separavam quando se surpreendia, e se esticavam quando se sentia incômodo.

E esses olhos... quentes, de cor marrom dourada, irradiavam inteligência e força. Tinha observado cada um de seus movimentos com uma intensidade... como com fome.

— Hum, não durma de pé!

Abriu os olhos de repente para encontrar ao capitão O'Brian observando-a com curiosidade.

— Sinto muito, foi uma noite muito longa — se desculpou.

— Leva tempo adaptar-se ao turno da noite, mas o está fazendo bem. Termine e vá para casa, Boucher.

— Sim, capitão. — Em seguida voltou para sua mesa para terminar o relatório sem mencionar o incidente no *Plaza*. *Mas tinha ocorrido*. Embora Jack pudesse parecer um sonho, era real.

Normalmente, vestia roupa de civil para agarrar o metro até seu piso no Brooklyn. Depois de



uma longa noite entre bêbados e bagunceiros, o único que queria era fundir-se na multidão e passar despercebida. Entretanto, aquela manhã deixou o uniforme e tomou o metro para o *Hotel Plaza*.

— Preciso informação sobre o quarto 1412 — disse ao recepcionista.

— Um momento. — O jovem teclou algo em seu computador. — É uma de nossas suítes eduardianas. Deseja reservá-la?

— Já está ocupada. Eu gostaria de jogar uma olhada.

O recepcionista olhou a tela com o cenho franzido.

— Esta suíte está vazia, de momento.

— Talvez tenham abandonado o hotel, mas estavam aqui de noite. Montaram uma festa selvagem. A segurança do hotel chamou à polícia.

O recepcionista a olhou confundido.

— Não sei o que lhe dizer, agente. Segundo nossos registros, essa habitação leva toda a noite vazia.

Lara tragou saliva. Até onde teria podido apagar seu rastro Jack?

— Está o gerente de noite? Queria falar com ele. E também com o responsável da segurança.

A mesma história. Ao gerente de noite não lhe constava que a suíte 1412 tivesse estado ocupada. Lara também lhe pediu que comprovasse se alguém com o nome do Giacomo tinha reservado alguma habitação, mas esse nome não apareceu nos arquivos.

Com o responsável por segurança, o resultado foi ainda pior. Mostrou-se suscetível quando lhe disse que tinham chamado à polícia. *Podiam resolver esses assuntos por sua conta, obrigado*. E não tinha havido nenhuma festa selvagem em toda a noite.

Lara insistiu em jogar uma olhada à habitação, assim que lhe deram uma chave a contra gosto. No décimo quarto andar, abriu a porta lentamente. Respirou fundo, com a esperança de perceber o aroma de uísque.

Mas não foi assim. A habitação cheirava a desinfetante e produtos de limpeza. Entrou e dirigiu a vista à esquerda, onde jazia aquele homem empapado em sangue. Não ficava rastro dele. E o tapete estava limpo.

Deu uma volta pela habitação, estudando a tapeçaria e os tapetes. Nenhuma mancha. Voltou-se para a parede. Nenhuma gota de sangue. Aproximou-se para observar de perto. Ou estava perdendo o julgamento ou alguém tinha feito um trabalho de limpeza extraordinário.

Jack havia dito que a ia limpar.

Passou a mão pela parede. Parecia fresca. Tinham-na tornado a pintar? Lástima que não pudesse chamar uma equipe *do CSI*. O capitão O'Brian não o teria autorizado, e menos ainda depois de que a gerência insistisse em que ninguém tinha ocupado o quarto.

Lara entrou no dormitório. O edredom de cetim estava impoluto. Como o teria conseguido Jack? Jogou uma olhada ao banho. A boneca sexual tinha desaparecido. Procurou sinais de sangue no chão de mosaico e no lavabo de mármore branco. Os grifos de ouro de 24 quilates estavam reluzentes, e as toalhas, pulcramente dobradas. Ninguém teria dito que aquela habitação tinha estado ocupada.



Dirigiu-se à porta para sair. De algum modo, Jack tinha manipulado a memória de todo o pessoal do hotel. Ter-se-ia tomado a moléstia de fazê-lo com os hóspedes?

Bateu na porta da habitação contígua. Um casal com cara de sono lhe disse que tudo tinha estado tranquilo durante a noite, logo lhe fecharam a porta no nariz. Se tudo tinha estado tranquilo, por que estavam meio dormidos?

Bom, isso era fácil. Poderiam ter passado a noite fazendo o amor. Lara deixou escapar um suspiro. O feito de que ela não praticasse sexo não queria dizer que outros tampouco.

Junto ao elevador, um homem embainhado em um traje executivo saiu de sua habitação com uma maleta na mão.

— Senhor! — Correu para alcançá-lo.

— Sim? — Ele a olhou com essa cara de preocupação com a que tanta gente olhe aos policiais, como se soubessem que têm feito algo mau e esperassem não ser descobertos.

Dedicou-lhe um amável sorriso para tranquilizá-lo.

— Eu gostaria de lhe fazer umas perguntas sobre a noite passada. Ouviu algo fora do normal?

— Se refere a essa maldita gaita de fole? Algum idiota a esteve tocando às três da madrugada.

Acelerou-lhe o coração. Não estava louca! Jack tinha-se esquecido de alguém.

— Sim, exato. Recorda alguma coisa mais?

— Somente que não pude dormir e fui a um bar tomar uma taça.

Essa era a razão pela que Jack o tinha passado por cima.

— Obrigada — disse Lara.

— Só espero que a apresentação que tenho que fazer hoje não seja um desastre, - resmungou enquanto avançava torpemente para o elevador.

Jack era real. Mas como o ia encontrar? Viu o jornal local diante da porta.

— Senhor? — Chamou o homem de negócios. — Importa-lhe se levo o jornal?

— Não! — Respondeu-lhe ele, antes de subir no elevador.

Lara agarrou o jornal e procurou a seção de bodas. Tratando-se de uma despedida de solteiro com gaitas de fole e espadas Claymore, o mais provável era que o noivo fosse escocês.

Em sábados como aquele, abundavam os anúncios de bodas. MacPherson, Ferguson e MacPhie. Três bodas com noivos de sobrenome escocês.

Lara respirou fundo. Estava a ponto de converter-se em uma aproveitadora de bodas.

Lara subiu pelas escadas de pedra tão rápido assim permitiram as suas sandálias vermelhas de salto alto. Em três meses de ronda, tinha perdido o hábito de vestir roupa elegante. Deteve-se ante as portas de madeira esculpidas e se animou.

Podia fazê-lo. Tinha-se convidado nas bodas dos MacPherson sem que ninguém se desse conta. Claro que tinha sido uma celebração multitudinária. Nas bodas dos Ferguson tinha-se sentido mais incômoda. Com apenas cinquenta convidados, não tinha podido evitar ser o objeto da curiosidade de mais de um. Tinha-se escapulado assim que pode, deixando detrás de si um dos três presentes de bodas que tinha comprado aquela tarde.



Ajustou o corpete de seu vestido de festa vermelho. Talvez não devesse ter-se vestido de vermelho, nem levar um decote tão pronunciado. Assim era inevitável chamar a atenção. Mas estas bodas começavam às nove da tarde, assim supôs que seria mais formal que as outras duas às que tinha assistido. O vestido vermelho era o mais elegante que tinha. Ou, para ser mais exato, era o único vestido elegante que tinha. Quando saiu de casa, jurou que nunca mais voltaria a vestir um vestido comprido de etiqueta.

Lástima que tivesse que carregar com aquela bolsa grande de lona. No interior levava a arma e o uniforme, porque tinha que partir logo a trabalhar. Seu turno começava as dez, mas chegaria a tempo. Só lhe levaria uns minutos comprovar se Jack estava ali. Estava convencida de que era real, embora se sentisse muito melhor se pudesse comprová-lo em pessoa. E estava decidida a averiguar como tinha conseguido apagar seus rastros no hotel. Sua habilidade para controlar a mente era um mistério; assim, logicamente, como aspirante a detetive, não ficava mais remédio que investigá-lo. O feito de que fora tão atrativo e sexy não contava.

“Sim, claro!” Não devia mentir-se a si mesma na igreja.

Abriu a pesada porta de madeira e entrou no vestíbulo. Várias fileiras de velas votivas em castiçais de cristal vermelho oscilavam no interior, projetando um quente resplendor sobre as paredes de pedra. Os saltos agulha cambaleavam sobre o pavimento irregular enquanto ela avançava em silêncio para a nave central. As duas estátuas angélicas que flanqueavam a entrada a olharam carrancudas porque aparecia nas bodas sem convite.

Os convidados pareciam um grupo animado. Ela permaneceu meio oculta depois da porta, vendo-os rir e conversar. Os extremos dos bancos estavam decorados com laços e lírios brancos. Outro acerto floral coroaava o altar. Procurou o Jack entre os convidados. Não o viu a ele, mas sim ao tipo que tinha encontrado coberto de sangue no chão a noite anterior. *Que estranho!* Parecia estar bem.

— Posso-a ajudar?

Lara deu um coice e se voltou para o homem que lhe tinha falado detrás. Um escocês alto e ruivo.

— Olá — saudou ela.

— Vamos começar. Acompanho-a a seu lugar?

— Claro! — Supôs que seria um dos próximos aos noivos. Sem dúvida, se tratava de umas bodas escocesas. O homem levava uma saia escocesa a quadros brancos e negros, camisa branca de renda e jaqueta negra. Na lapela luzia um casulo de rosa vermelho, e tinha a juba presa atrás com uma fina borracha negra.

Aqueles olhos verdes claros a escrutinaram com curiosidade.

— É amiga da noiva?

Lara ficou em branco enquanto tentava desesperadamente recordar o nome da noiva. *Cheri?* Não, essa era a das bodas dos MacPherson. *Maldita seja!* Tinha-se esforçado de mais por reter os nomes dos noivos; e, por alguma razão, este lhe resultava familiar.

— Não, sou amiga do Ian MacPhie.

O escocês arqueou as sobrancelhas.

— Conhece o Ian?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Claro! Faz tempo. Estava acostumado a... sair com seu primo.

— Hum.

Merda! Aquilo não estava sortindo efeito. Teria que distraí-lo de algum modo. Jogou a longa cabeleira atrás do ombro para deixar parte do decote ao descoberto e lhe dedicou o deslumbrante sorriso em que tanto dinheiro tinha investido sua mãe.

— Acredito que não nos conhecemos. Meu nome é... Susie.

— Um prazer. Eu sou Robby MacKay. — Estreitou lhe a mão. — Sendo amiga do Ian, quererá vê-lo quanto antes.

— OH, não é necessário! — Tentou soltar-se de sua mão, mas Robby a apertou ainda com mais força. — Posso esperar até depois da cerimônia.

— Me siga! — A segurou pelo braço e a arrastou vestíbulo abaixo.

Merda!

— Mas as bodas não estão a ponto de começar? Deveríamos nos sentar.

Ele abriu uma porta e lhe deu um suave empurrão para o interior de uma habitação escura.

— Espere aqui — Acendeu uma luz e, enquanto ela olhava a seu redor, agarrou sua bolsa grande de lona.

— Não! — Maldito seja, levava a arma dentro. — A necessito.

— Recupera-la. — Se dispôs a fechar a porta.

— Espere! Jack está aqui?

Robby se deteve.

— Jack? — Perguntou.

— Sim. Giacomo. Seus amigos americanos lhe chamam Jack. Preciso falar com ele.

Sem dignar-se a responder, Robby lhe fechou a porta no nariz. Um detestável clique lhe sugeriu que girou a chave na fechadura.

Maldição! Lara percorreu com a vista a habitação na penumbra. Um depósito, pensou. A sua esquerda, uma fileira de cadeiras de madeira de respaldo alto apoiadas contra a parede. Uma prateleira cheia de velhos livros de cantos poeirentos forrava a parede da direita. E a parede em frente estava vazia. Não havia nenhuma outra porta. Dava igual; não podia ir-se sem seu uniforme nem sua arma.

Merda, merda e merda! Percorreu de cima abaixo a pequena estadia. Como podia ter sido tão estúpida? O escocês tinha atuado com grande rapidez. Tinha-lhe arrebatado a bolsa antes que ela pudesse reagir, embora ela já suspeitasse de suas intenções. Deveria ter feito algo, mas o que?

Tirar a arma em meio de umas bodas em que se tinha convidado?

Tentou abrir a porta; estava fechada com chave. *Quanto tempo a deixariam ali encerrada? E se chegava tarde ao trabalho? E se não recuperava o uniforme e a arma?* Estava ficando como uma incompetente. Por outra parte, se Jack estava ali, podia sentir-se orgulhosa como polícia por ter dado com ele.

Ouviu um murmúrio de vozes masculinas do outro lado da porta. Retrocedeu uns passos e respirou fundo.

Clique! A porta se abriu de repente para deixar passar ao Robby e... ao Jack.

Conteve a respiração. *Ai, Deus!* Era inclusive mais bonito do que recordava. Seu elegante



traje cinza parecia feito à medida. Seus olhos marrons dourados se abriram como pratos ao vê-la.

— Conhece esta mulher? — Perguntou Robby.

— Sim. — Jack não lhe tirava a vista de cima.

— Afortunado bode. — Robby depositou a bolsa de lona nas mãos do Jack e partiu.

Jack seguiu lhe dedicando esse olhar que ela só sabia descrever como faminto. Deu-lhe um arrepio. Certamente, era algo mais que curiosidade intelectual o que a tinha levado até ali.

— *Bellissima!* — Jack meneou a cabeça. — *Mi dispiace*². Por um momento, tinha esquecido todo meu inglês. Está tão... *bella*. Ante ti empalideceria de inveja a Mona Lisa.

Ela sentiu como se lhe desse um tombo o coração. “*Não perca o controle. Vieste interrogá-lo.*”

— Olá, Jack.

— Acreditei que nunca te voltaria a ver.

Ela ergueu a cabeça.

— Você disse que tínhamos um assunto pendente.

Ele entrou na habitação e fechou a porta detrás de si.

— Como devo interpretar isso? — Perguntou.

Capítulo 3

Lara tentou fazer caso omissa da agitação em seu estômago e a sensação de comichão na pele. Não estava disposta a que ele notasse quanto nervosa estava.

— Vim por trabalho, Jack. Esta é uma investigação.

Ele esboçou um sorriso quase imperceptível.

— Sinto-me adulado. Não sabia que podia ser objeto de tanta atenção.

O muito descarado estava tentando brincar com a Lara, mas a agente não abandonaria sua atitude profissional.

— Pode responder a minhas perguntas aqui ou na delegacia de polícia — advertiu ela.

— Não quero perder as bodas de meus amigos.

— Então fala comigo agora. Quero saber como o fez.

— Como fiz o que? — Caminhou até uma das cadeiras de respaldo alto e deixou a bolsa no assento de tapeçaria vermelha.

— Sabe? Esta manhã voltei para o *Plaza*, e quarto estava limpo como uma patena.

— Disse que o limparia. — Registrou o interior de sua bolsa, logo dirigiu o olhar para ela. — Sou um homem de palavra.

— Se for sincero, diga-me como o fez.

— O mérito não é meu. Ajudaram-me umas criadas muito eficazes. — Extraiu da bolsa uma caixa envolta em papel de presente. — Trouxeste um presente de bodas. Todo um detalhe por sua

² Sinto muito



parte, tendo em conta que não conhece nem ao noivo nem à noiva.

Ela se ruborizou.

— É o menos que podia fazer. E agora, se não te importar, voltemos para o tema que me trouxe até aqui. Quando falei com o pessoal do hotel esta manhã, ninguém te recordava.

Ele se encolheu de ombros.

— Suponho que sou um desses tipos aos que a gente esquece facilmente.

— Em que planeta? — Murmurou ela, que se ruborizou quando lhe dedicou um sorriso sexy.

Jack sacudiu o presente.

— O que há dentro, agente? Algum tipo de algemas? — Perguntou.

— Muito gracioso. — O uva sem semente seguia trocando de tema. — Responderei a sua pergunta, mas depois deverá responder à minha. Comprei-lhes umas pinças para salada chapadas em prata.

— Em prata? — Riu entre dentes. — Ao Ian adorará.

— Não podia me permitir um pouco mais caro. Hoje tive que comprar três presentes.

— Foste a três bodas? — Olhou-a com um brilho irônico nos olhos. — Estava convidada a alguma delas?

Lara se cruzou de braços e lhe lançou um olhar desafiante.

— Fui a todas as bodas de noivos escoceses que encontrei no jornal. O nome do Ian MacPhie me dizia algo.

Jack deixou o presente de bodas sobre outra cadeira.

— Ian se fez famoso faz uns seis meses, quando uma agência matrimonial o declarou o solteiro mais desejado da cidade.

— Ah, é verdade! Agora o recordo. — A companheira de apartamento da Lara lhe tinha mostrado esse site Web em um cybercafé. Todas as garotas do café tinham-se derretido ao ver a foto do Ian.

Jack a olhou com cautela.

— Você foi uma das admiradoras do Ian?

Estaria ciumento? Em vista daquilo, Lara fingiu um olhar sonhador.

— Tem que reconhecer que Ian é extraordinariamente atrativo.

Jack franziu o cenho:

— Ele já tem companheira. Por isso a noiva insistiu em publicar o anúncio no jornal; queria que todo mundo soubesse que já não está disponível.

Lara se deixou levar pela curiosidade.

— E você? Também tem companheira?

— Sou solteiro, embora não diria que estou, precisamente, disponível.

Uma resposta estranha. Queria saber mais, mas devia manter uma atitude profissional.

— Voltando para minha pergunta original — Lara retomou o interrogatório. — Como apagou a memória de todas essas pessoas?

Jack voltou a registrar o interior da bolsa.

— Assim assististe a todas as bodas de escoceses até dar comigo? Muito trabalho detetivesco! Deixaste-me impressionado.



Lara se encheu de orgulho, mas logo percebeu que o havia tornado a fazer.

— Não respondeste a minha pergunta — repôs.

Jack tirou sua boina de polícia.

— Precioso!

— Deixa isso e responde a minha pergunta, por favor.

Então ele tirou sua camisa e suas calças azuis pregadas.

— A que hora começa a trabalhar?

— Meu turno começa às dez. Jack, como é que ninguém te recorda?

— Não queria que o fizessem. Ah, sua pistola! — Tirou a cartucheira, a capa da pistola e a pistola automática da bolsa. Desencapou a pistola.

Ela se aproximou para agarrá-la.

— Me dê isso!

Jack extraiu o carregador e lhe deu a pistola vazia.

Lara arqueou as sobrancelhas.

— De verdade acredita que te dispararia? Ofende-me — repetiu as palavras que ele tinha pronunciado a noite anterior.

Ao ouvir isso, Jack esboçou um sorriso.

— *Brava, Bellissima!* — Desabotoou a jaqueta e guardou o carregador no bolso da calça. — É muito inteligente e tem talento.

— Aspiro a ser detetive — replicou Lara.

O sorriso do Jack se alargou.

— Então estaremos no mesmo negócio. Eu também sou investigador, para uma empresa privada.

— Que empresa?

— *MacKay Security and Investigation.* — Voltou para a bolsa. — Aqui há algo mais. Que interessante! — Tirou um sutiã de renda branco.

— Deixa isso onde estava! — Lara passou a pistola à mão esquerda e tentou agarrar o sutiã com a direita.

Mas Jack reagiu com rapidez e o pôs fora de seu alcance.

— *Bellissima*, por que leva um sutiã na bolsa? — Se interessou.

— Para pôr isso imbecil. Devolva-me o!

Ele olhou seu decote.

— Quer dizer que vai... sem?

— Isso não é teu assunto. — Estendeu a mão, com a palma para cima. — Dê-me isso.

Ele seguia estudando seus peitos.

— Suponho que leva um espartilho de algum tipo.

— O que tenha posto não é teu assunto.

A Jack se iluminou os olhos.

— Então temo que tenha que te revistar.

— Como? Nem te ocorra!

Lançou-lhe um olhar inocente.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Não me deixa alternativa. Penetraste-te nas bodas de meus amigos com uma arma. Como sei eu que não tem uma navalha atada à coxa?

Ela chiou os dentes.

— Porque, se assim fosse, já estaria cravada em seu peito.

Tremeram-lhe os lábios.

— E logo está a zona suspeita que rodeia seus peitos. Deve levar algum tipo de artefato, embora visualmente não detecte nada. — Se aproximou dela. — Terei que te revistar...

— É um *Nu-Bra* — espetou Lara, e depois fez uma careta de desgosto. Como se tinham desviado tanto do tema de conversação? Teria que lhe golpear na cabeça com a pistola vazia.

— Um *Nu-Bra*?

— Sim, um *Nu-Bra*. Taças de poliuretano que se aderem aos peitos. E agora, voltemos para minha primeira pergunta...

— Se aderem a seus peitos? — Olhou-a surpreso, logo voltou a dirigir a vista para seus peitos. — Não os colou com cola, não?

— Claro que não! Têm uma capa autoadesiva.

Ele fez uma careta.

— Como cinta adesiva?

— Pode deixar de me comer com os olhos?

Ele levantou a vista.

— Mas, quando as tira, não dói?

— Esta conversação é totalmente inapropriada.

— *Scusi, signorina*³, mas também me parece totalmente inapropriado que se faça mal nos peitos. São muito delicados, não?

Lara o fulminou com o olhar.

— Menos do que parecem.

O olhar do Jack voltou a descer para seus peitos.

— Então não te importará uma revista rápida.

Miúdo descarado!

— Não penso seguir falando disto contigo — espetou Lara.

— Uns mordiscos, talvez?

Arrebatou-lhe o sutiã e lhe deu as costas para deixá-lo cair na bolsa de lona.

— Não teria que ter vindo. É impossível falar contigo; é um obcecado — se queixou.

— Talvez — suspirou Jack. — A gente sempre diz que não consigo me liberar de meus genes. Meu pai seduziu a centenas de mulheres ao longo de sua vida. Minha mãe foi sua última conquista.

— Devia ser um autêntico *Casanova*. — Lara introduziu a pistola vazia na bolsa, e a seguir colocou o uniforme.

— Exato — repôs ele com tom irônico.

Depois ela colocou a boina na bolsa.

³ Desculpe-me, senhorita.



— Como se nega a responder a minhas perguntas, vou — protestou, e agarrou a pistola automática descarregada.

— Oxalá pudesse te responder.

Voltou-se para ele.

— E por que não o faz?

— Não... posso.

— Me ponha à prova.

Jack baixou o olhar até seu peito, logo voltou a olhá-la nos olhos.

— Não pense que não me seduz a ideia de te pôr a prova — confessou.

Ela ficou com o pulso acelerado

— Tem que converter tudo o que digo em uma espécie de provocação sexual?

— Sim. — Se aproximou dela com um brilho especial nos olhos. — Sobre tudo, quando os dois compartilhamos o mesmo sentimento.

Ela ficou rígida. Este homem era incrível.

— Eu não sinto nada — replicou.

— Pois eu acredito que sim — insistiu Jack. — Tem o pulso acelerado.

Como sabia?

— Me devolva o carregador — lhe ordenou Lara.

— Para que me possa disparar? — Lhe tocou o cabelo e acariciou uma mecha entre o polegar e o indicador. — Seu cabelo é como a auréola feroz de um anjo vingador. Como se chama, *Bellissima*? Robby me disse que se chama Susie, mas lhe pareceu que mentia.

Ela se apartou.

— Para ti, sou a agente Boucher. E quero que me devolva o carregador. Vou-me.

Ele se aproximou.

— Apostaria a que tem um bonito nome que corresponde com a beleza de sua cara. Um nome rico e melodioso que se pronuncia com suavidade e recorda às sedutoras curvas de seu maravilhoso corpo.

Ela recuou e se chocou contra a parede. *“Maldito seja!”*

Jack apoiou as mãos na parede, rodeando-a.

— Seu formoso nome, *bellissima*. Qual é?

Ela entreteceu os olhos.

— Butch — soltou.

Ele piscou.

— Butch?

— Assim me chamam meus companheiros. É a abreviação do Boucher.

Tentou apartá-lo de um empurrão, mas ele não se moveu nem um milímetro. Seu corpo era como uma rocha. Sua cabeça também, não lhe cabia a menor dúvida.

— Butch — murmurou ele. — Está cheia de surpresas. Isso eu gosto.

Como não ia ceder pelas más, Lara ia ter que usar outra tática com ele.

— Diga-me, Jack. — Rodeou lhe a cintura com o braço direito de modo que a pistola ficou apoiada contra suas costas. — Que mais você gosta de mim?



As bolinhas douradas de seus olhos emitiram um brilho de picardia.

— Eu gosto de sua persistência. E sua inteligência.

Não tinha mencionado seu aspecto físico. Isso gostou. Olhou-o nos lábios e se umedeceu os seus com a língua.

— O que mais, Jack?

Ele inclinou a cabeça até que sua boca ficou a uns centímetros da sua. Podia sentir seu fôlego na bochecha. Ela se apoiou nele e introduziu brandamente a mão esquerda no bolso no qual tinha guardado o carregador.

— *Bellissima*. — Jack esfregou a ponta do nariz com a sua. — Me está pondo louco.

Estava-o realmente? Bem. Isso gostava. Também gostava da sensação do carregador firmemente seguro na mão. Retirou a mão de seu bolso e lhe esfregou o queixo com a bochecha.

— Me beije, Jack.

— Antes ou depois de que dispare? — Lhe rodeou a cintura e levantou seu braço para poder ver o carregador em sua mão. — Maldita seja, Butch!

— Maldito seja você! Que te nega a responder a minhas perguntas e me envergonha com o sutiã. Deveria te levar a delegacia de polícia e te encerrar um par de dias...

Ele a segurou pelos pulsos e a abandonou contra a parede.

— Você também, se negou a responder a minha pergunta. Como se chama?

— Como lhes apagou a memória?

— Basta! — Grunhiu Jack. — Não te convém conhecer a resposta.

— Sou uma boa detetive. Averiguá-lo-ei.

Olhou-a com olhos suplicantes.

— Deixa-o já, Boucher. Vai-te daqui e me esqueça.

Ela procurou seu rosto.

— Como posso te esquecer? Quem é? No que anda metido?

— Não tenho feito mal a ninguém. Quer me deixar em paz?

Podia? Podia partir dali e não voltar a pensar nele alguma vez mais? Não, não podia. Far-se-ia perguntas sobre ele durante meses. Anos.

— E você, Jack? Quer esquecer-me? Não quer voltar a ver-me alguma vez mais?

O olhar do Jack se escureceu. Acariciou lhe o interior do pulso com o polegar, e esse gesto fez que se estremecesse.

— Se soubesse o que me está fazendo, sairia correndo. Fugiria de mim como da peste.

Correr? Não podia mover-se nem um centímetro.

— Não está exagerando um pouco, Jack?

— Acredita nisso? — Inclinou-se para ela e lhe roçou o bordo da sobrancelha com o queixo. O contato de seu bigode arrepiou-a. — Acredito recordar que me pediu um beijo, Butch — lhe sussurrou ao ouvido, logo se distanciou para lhe olhar a boca.

Ela ficou sem fôlego quando notou o brilho avermelhado de seus olhos. Isso não podia ser normal.

Alguém bateu na porta.

— A cerimônia está a ponto de começar — anunciou a voz de Robby desde fora.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Jack a soltou e deu um passo atrás.

— Tenho que ir. — Foi agarrar a bolsa de lona. Quando se voltou para olhá-la, seus olhos tinham recuperado a cor café dourado. — Você também deveria partir. — Entregou-lhe a bolsa.

Lara carregou rapidamente a pistola e comprovou a posição do seguro antes de introduzi-la na capa. Enquanto a metia na bolsa, se deixou envolver por uma sensação de derrota. Era um fiasco como interrogadora. Tinha encontrado ao Jack, mas seguia sem saber virtualmente nada sobre ele. Vestia-se bem, era muito atrativo, aparentemente tinha tido problemas com seus pais, mas quem não? E podia apagar a memória da gente.

— Por que não me fez isso? Por que apagou a memória a todos menos a mim?

Jack a olhou com tristeza.

— Tentei-o, *bellissima*. É imune a mim.

Lara abraçou à bolsa de lona.

— Não de tudo. — Acabava de admitir que era capaz de produzir amnésia em massa. Percorreu-a um calafrio. Tinha poderes parapsicológicos? Ou algo pior? E como podia sentir-se atraída por ele?

— Posso-te dar isto? — Tirou um cartão-de-visita do bolso interior de sua jaqueta. — O número de meu móvel.

Queria vê-la outra vez? O coração não lhe cabia no peito. Lara agarrou o cartão e o examinou. *Giacomo di Venezia*. O apelido era Veneza ou era sua cidade natal? Debaixo de seu nome tinha *MacKay Security and Investigation*.

— Quero que me chame se alguma vez te encontra em perigo — acrescentou.

Ela o olhou.

— Só se me encontro em perigo?

Jack franziu o cenho.

— Sobre tudo. Preocupa-me sua segurança.

Ela guardou o cartão na bolsa.

— Falas como o meu pai. — E se dirigiu à porta.

Ele a abriu.

— Falo a sério, Boucher. O mundo é um lugar perigoso. Mais do que acredita.

Lara o fulminou com o olhar.

— Não sou uma incompetente, Jack. Que tenha conseguido me desarmar não quer dizer que qualquer um o possa fazer.

— *Signorina*, o desarmado sou eu.

Ela tragou em seco. Realmente tinha produzido esse efeito nele? Ou só dizia essas coisas para seduzi-la?

Caminhou até o vestíbulo e se deteve ante a visão da noiva. Era uma moça formosa com uma cabeleira comprida e loira parcialmente oculta detrás de um vaporoso véu branco. Segurava um enorme ramo de rosas e lírios brancos. Os olhos lhe brilhavam de emoção, e ao passar lhes dedicou um bonito sorriso.

Soaram as primeiras notas da marcha nupcial e a noiva começou a percorrer o corredor central. A cauda de seu elegante vestido branco roçava a superfície do chão detrás de si.



— Ah! — Sussurrou Lara. — Que noiva tão formosa e cheia de felicidade.

Jack colocou uma mão no peito e sorriu.

— *Amore*⁴. Faz que a gente brilhe do interior.

— Você acredita no amor verdadeiro? E na eterna felicidade? — Perguntou-lhe Lara.

Ao Jack apagou o sorriso.

— Para sempre é muito tempo. Meu conto não teve final feliz. — Conduziu-a até uma porta lateral.

O que lhe teria passado? Merda! Queria saber mais coisas. Queria saber tudo sobre ele.

Olhou para trás.

— Esqueci-me do presente no armazém. Pode o dar à noiva?

— Sim. — Jack lhe abriu a porta. — Me chamará se algum dia te vê em apuros?

— Talvez. — Lara o olhou nos olhos. Seu coração parou como se se tivesse detido o tempo. E nesses poucos segundos sem tempo, soube que o chamaria. Não ia poder resistir e havia algo nele que despertava seus sentidos e a enchia de desejo.

Mas como ia confiar em um homem que podia manipular as mentes das pessoas? E se também a estava manipulando a ela? Sentia-se genuinamente atraída por ele ou também estava sendo manipulada?

Acariciou lhe o cabelo.

— Tome cuidado aí fora, Butch.

A ela se encolheu o coração.

— Meu nome é Lara. — Baixou correndo as escadas, mas uma brisa noturna lhe trouxe o sussurro do Jack.

— Lara Boucher. Sabia que teria um nome formoso.

Capítulo 4

Jack estremeceu com o chiado. Como podia uma pessoa assim ser tão ruidosa? E tão aterradora?

— Não acredito que lhe caia bem. — Devolveu rapidamente o recém-nascido a seu pai.

Roman Draganesti riu entre dentes.

— Segurava-a como se se tratasse de uma espada. — Embalou a sua pequena filha contra o peito e começou a movê-la de cima abaixo.

Jack retrocedeu um passo, temeroso de que da boca do bebê saísse algo mais que gritos.

— Esses movimentos não a enjoam?

— A tranquilizam. — Shanna Draganesti lhes dedicou um sorriso cansado desde sua cama de hospital no Romatech Industries. — Recorda-lhe quando estava dentro de mim.

— É uma menina preciosa. — Angus MacKay a estudou com o olhar. — Sem dúvida,

⁴ Amor.



necessitará um padrinho.

Emma, a esposa do Angus, rompeu a rir.

— A isso se chama sutileza. — Se sentou no bordo da cama, junto à Sana. — Como te encontra, querida?

— Bem — disse Sana. — Mas sinto ter perdido as bodas.

— Eu estive ali! — Constantine, seu filho de dois anos de idade, estava sentado aos pés da cama. — Levei o anel.

— E fez um grande trabalho — disse Jack, que logo se voltou para o Roman: — Que nome pôs a sua filha?

— Sofia. — Roman balançava brandamente ao bebê, que começava a dormir em seus braços. — Por minha mãe.

— Um nome precioso para uma menina preciosa — disse Emma.

Jack guardou um silêncio diplomático. A criatura lhe parecia muito frágil e aterradora, embora aquela também fosse sua primeira experiência com um bebê.

Depois da cerimônia de bodas, se tinha celebrado uma breve recepção na igreja para manter as aparências de cara aos parentes e amigos mortais da noiva. Mais tarde, a festa se tinha trasladado ao salão de banquetes do Romatech Industries, onde os vampiros podiam soltar-se e brindar pelos recém-casados com sangue borbulhante, uma mescla de sangue sintético e champanhe.

Uma vez dados os parabéns ao Ian e à noiva, Jack se tinha dirigido à clínica do Romatech, onde Shanna Draganesti havia a dado a luz a seu segundo filho.

Jack seguia maravilhado ante as últimas mudanças no mundo dos vampiros. Todos seus amigos solteiros estavam sucumbindo subitamente à reclamação do *amore*. Roman e Shanna pareciam estar na glória. Angus MacKay, seu chefe, adorava a Emma, sua esposa. Jean-Luc tinha encontrado a Heather, e agora Ian se tinha casado com a Toni.

Qualquer um teria pensado que havia algo na água, mas nenhum vampiro bebia água. Todos sobreviviam graças ao sangue sintético, inventada pelo Roman em 1987. Só seus inimigos, os Malcontents, seguiam alimentando-se dos mortais, aos que frequentemente matavam no processo.

Roman colocou brandamente a sua filha no berço, junto à cama de hospital.

— Não é preciosa? — Sussurrou Sana. — Tem o cabelo escuro de seu pai.

Roman cobriu ao bebê com uma manta rosa.

— Sinto ter perdido sua chegada. Necessitava modafinil.⁵

— Não se preocupe. — Shanna sorriu a seu marido. — O único que perdeu foi meus gritos e maldições durante meio-dia. E, quando eu deixei de gritar, Sofia me substituiu.

— Olhe o que sei fazer. — Constantine atirou da jaqueta do Jack.

Jack olhou para baixo bem a tempo para ver como o filho do Roman desaparecia.

— Tacham! — Tino voltou a aparecer no outro extremo da habitação.

⁵ Modafinil é um neuroestimulador com propriedades neuroprotetoras indicado para o tratamento de: sonolência diurna excessiva associada à narcolepsia, sonolência diurna excessiva associada à apnéia obstrutiva do sono, distúrbios do sono devido à mudança do trabalho por turnos ou trabalho por turnos.



— *Santo cielo!* É impressionante! — Jack já tinha ouvido falar da capacidade de Constantine para se teletransportar, mas acreditou que tinha mais a ver com a necessidade de atenção do menino depois do nascimento de sua irmã. O certo é que aquilo impressionava. Por isso ele sabia, Tino era o único mortal capaz de teletransportar-se.

— Lembra-te de não fazer isso amanhã, quando vierem de visita seus avós — advertiu Roman a seu filho.

— Sei. — Tino inclinou a cabeça para um lado. — Meu avô não me quererá se souber que sou diferente.

— Ele te quer muito — lhe explicou Sana. — Todos lhe queremos muito. Só que ao avô lhe custaria... entendê-lo.

Aquilo tinha sido um eufemismo. Jack considerava o pai da Shanna uma pessoa imprevisível. Como chefe da equipe de vigilância da RECUA, Sean Whelan tinha começado querendo matar a todos os mortos vivos. Agora que sua filha se tinha casado e formado uma família com um poderoso vampiro, Sean tinha deixado em paz aos vampiros muito a seu pesar para centrar-se nos Malcontents.

Jack deu umas tapinhas ao menino.

— Acredito que seu avô ficaria ciumento. Pode fazer coisas incríveis que para ele seriam impossíveis.

Os olhos azuis de Tino se iluminaram.

— Seriamente? — Se voltou para seu padrinho. — Tio Angus, quando poderei levar uma espada? Disse-me que me daria de presente uma.

— OH, fantástico! — Resmungou Shanna, e se deixou cair sobre os travesseiros.

Emma riu entre dentes.

— Não permitiremos que se magoe.

Angus levantou o menino nos braços.

— Tem que ser capaz de levantar uma espada antes de brandi-la.

Constantine se abraçou ao pescoço do Angus.

— Tenho fome.

— Ainda fica comida na recepção. Acompanha-me? — Perguntou Angus.

— Sim, sim! — Constantine se retorceu nos braços de seu padrinho. — Quero ver a Toni!

— Muito bem. — Angus se dirigiu à porta. — O trarei em um momento.

— Obrigada — disse Sana. — E, por favor, diga a Ian e a Toni que passem por aqui antes de partirem. Pesou-me tanto ter perdido as bodas!

— Já te contarei todos os detalhes — disse Emma.

— *Scusi.* — Jack se inclinou ante as mulheres e fez um gesto ao Roman; logo saiu detrás do Angus.

— Reconsiderarei sua oferta — disse a seu chefe enquanto avançavam pelo corredor. — Estarei encantado de substituir Ian. — Como Ian ia se ausentar para passar uma lua de mel de três meses com a Toni, o posto de chefe de segurança no Romatech Industries ia ficar temporariamente vacante.

— Perfeito. — Angus baixou o Tino ao chão e deixou que o menino brincasse de correr



diante deles. — Mas me perguntou por que trocasse de ideia. Ontem à noite, durante a festa, disse-me que estava ansioso por voltar para a Europa para procurar Casimir.

Jack encolheu os ombros.

— Nossos contatos estão mortos. Literalmente. — Todas as recentes aparições de Casimir tinham tido lugar no leste da Europa, embora os vampiros nunca tinham podido localizar o lugar exato. Quando um homem de Casimir se convertia em informador, não sobrevivia mais que umas quantas noites. — Não temos mais possibilidades de encontrá-lo hoje do que há dois anos.

— Sim, é frustrante.

Terrivelmente frustrante. Jack tinha sérias dúvidas de que algum dia pudessem capturar o líder dos Malcontents, e menos ainda quando se podia teletransportar-se, se aproximassem dele.

— Estive pensando no que me disse e tem razão: a assembleia russo-americana procurará vingança.

Jack tinha ajudado o Ian e a Toni a derrotar à banda local de Malcontents russos quando estes tinham entrado na Rede Digital de Vampiros. Isso tinha sido fazia cinco meses, justo antes do Natal.

— Eu estive envolto no incidente da RDV, e deveria ficar pelo que pudesse passar.

Angus assentiu.

— Sabia que agora chamam massacre à batalha na RDV?

— Não me surpreende. — Jack ouviu a música do banquete quando se aproximavam do salão. A banda tocava uma valsa. Lástima que não pudesse convidar a Lara Boucher. Teria sido fantástico tê-la em seus braços e dar voltas juntos pela sala até ficarem enjoados e sem fôlego. Ele a teria apertado contra ele até seus suaves peitos...

— Zoltan me disse que essa noite matou a seis Malcontents — continuou Angus.

Jack franziu o cenho enquanto a bela imagem mental da Lara se dissipava e desaparecia.

— Zoltan fala muito. Faz anos que deixei de contar os mortos. Do que serve?

Angus soprou.

— O caso é que, por cada Malcontent que matas, salvas a vida de incontáveis mortais.

— Sim, claro. — Jack sorriu com ironia. — Sou um dos bons. — Duvidava de que Lara Boucher estivesse de acordo. Tinha havido duas mulheres mortais em seu passado e elas não o tinham estado.

Angus lhe deu uma palmada nas costas.

— É um bom tipo. Alegro-me que tenha decidido ficar em Nova Iorque, mas me perguntou se sua decisão tem algo a ver com a bonita mortal que penetrou nas bodas do Ian. Se não me recordo mal, Robby disse que se chamava... Susie?

— Robby fala muito.

— Robby fez bem em informar a respeito de um perigo potencial. Ela veio as bodas em sua busca, e armada. Queria te fazer dano?

Jack grunhiu para si. Deveria ter sabido que Robby lhe registraria a bolsa antes de lhe a dar.

— Não se preocupe. Já me encarrego dela.

— Como a conhece?

— É agente de polícia.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Merda! — Resmungou Angus. — O que sabe?

— Nada. Ela e seu companheiro vieram ao hotel quando a festa começou a ficar mais animada. — Jack dedicou a seu chefe um olhar irônico. — Deixaram um verdadeiro desastre para limpar. Graças a Deus que Phineas voltou com as vampiras da limpeza.

— Ficou tudo como estava? — Quando Jack assentiu, Angus continuou: — E seguiu o protocolo padrão?

— Sim. Apaguei qualquer sinal ou lembrança de que alguma vez estivemos ali. O hotel não tem nenhum registro de nós. Quanto aos paramédicos que vinham buscar o Laszlo não recordam nada. Nem sequer quem chamou à polícia recorda tê-lo feito.

Angus se deteve ante as portas que davam ao salão de banquetes.

— Por que vieram esses paramédicos buscar o Laszlo? — Perguntou.

Jack esboçou uma careta de desgosto. Agora tinha falado muito.

— Ela os chamou — respondeu.

— Susie?

— Se chama Lara. — Jack não mencionou seu sobrenome. Em certo modo, queria guardar essa informação para si mesmo, ser o único que a investigasse.

— Olhe! — Constantine assinalou o fundo do salão de banquetes. — Ali estão Bethany e sua mamãe. Posso ir?

Angus viu a esposa mortal do Jean-Luc e a sua enteada.

— Claro, menino! — Enquanto o menino se afastava correndo, Angus se voltou para o Jack.
— Laszlo me disse que não é possível controlá-la com nossos poderes psíquicos.

— Laszlo fala muito.

Angus entrecerrou seus olhos verdes.

— Então, é verdade? Não pôde apagar suas lembranças?

— Não. De algum modo, é imune.

— É uma ameaça...

— Não. Eu me encarrego dela. A situação está sob controle.

Angus observou os casais que dançavam a valsa no salão.

— Como conseguiu te encontrar? — Inquiriu.

— Soube que o noivo era escocês pelas Claymores que Ian deixou no quarto. — Começou a lhe explicar Jack.

— Assim penetrou nas bodas escocesas até dar contigo. — Angus voltou a lhe dedicar sua atenção.

— Sim. — Jack procurou não fazer nenhum gesto, consciente de que seu chefe o estudava atentamente.

— Parece uma mulher inteligente. Robby disse que não é nada má.

Jack soprou, logo voltou a pôr cara de pôquer.

Angus arqueou uma sobrancelha.

— Nada que adicionar?

Jack o olhou algo molesto.

— Conheço-te há duzentos anos, Angus. Está-me sondando.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Ok. Em realidade, Robby disse que era muito bonita.

Jack se deixou invadir por uma estranha sensação de orgulho em nome da Lara.

— Isso é verdade — assentiu.

Angus se apoiou no marco da porta e cruzou os braços.

— Sabe que apagou todos os rastros da festa?

— Sim.

— E, inteligente como é, terá perguntas que te fazer, seguro. — Angus franziu o cenho. — Te ordenaria que não a voltasse a ver nunca mais, mas temo que me desobedeceria. Não quero te despedir. É muito valioso para a empresa.

Jack guardou silêncio.

— Assim que te sugiro que não a volte a ver — continuou dizendo Angus. — Faça o que faça, não lhe diga nada sobre nós. Essa sim é uma ordem.

— Compreendo-o. — Não podia falar com a Lara sobre os vampiros. No passado, tinha cometido esse engano duas vezes ao contar a uma amante em 1855 e a outra em 1932. Ambas tinham reagido tão mal que se tinha visto obrigado a apagar suas lembranças. Ambas tinham seguido com suas vidas, despreocupadas e sem a menor consciência da dor que as perdas lhe tinham causado a ele.

Com a Lara seria ainda pior. Não podia apagar suas lembranças. A menor confissão não teria marcha atrás. Não só a perderia, mas também ela seguiria representando uma ameaça.

Angus lhe apoiou uma mão sobre o ombro.

— Tome cuidado, menino. Tenha muito cuidado. — Entrou no salão de banquetes.

Jack suspirou. Se dizia a verdade a Lara, poria em perigo sua vida e a de todos seus amigos.

A dimensão do dilema ficou dolorosamente clara. Não podia confiar o suficiente na Lara para lhe contar a verdade. E ela tampouco se confiaria enquanto não lhe contasse a verdade. Estava em um beco sem saída. O melhor seria seguir o conselho de Angus e não voltar a vê-la.

Uma voz interior lhe sussurrou um “*Não!*”. Repetiu a palavra cada vez mais alto até que o sussurro se converteu em grito. *Merda!* Se Lara o chamasse, se o necessitasse, ele correria sem pensar a seu lado.

Durante a seguinte semana, Jack teve que adaptar-se a seu novo trabalho como chefe de segurança do Romatech Industries. Não foi difícil. De fato, foi como tomar umas férias depois de ter passado dois anos em busca de Casimir pelo leste da Europa.

Tinha chegado a Nova Iorque a princípios de maio para assistir à conferência anual da primavera e ao baile de ornamento. Depois, com as bodas do Ian a uma semana de distância, tinha decidido ficar na cidade. Agora que substituíra ao Ian em seu trabalho, ficaria outros três meses.

De dia, Romatech era um lugar buliçoso onde 200 empregados mortais produziam sangue sintético que logo se enviava a hospitais e bancos de sangue. De noite, chegavam 50 empregados vampiros. Alguns, como Laszlo, eram brilhantes cientistas que ajudavam ao Roman. Outros, não tão brilhantes, empacotavam e enviavam sangue sintético e cozinha fusão para vampiros a vampiros de todo o mundo. O trabalho do Jack consistia em velar por sua segurança frente aos Malcontents, que consideravam Romatech um objetivo terrorista de primeira ordem.



Dougal Kincaid, que levava cinco anos no Romatech, tinha sido destinado a Europa do Este para ajudar ao Angus a procurar Casimir. Mas Phineas MacKinney estava aí para ajudar ao Jack, que também tinha à mão os conselhos do Connor Buchanan. Como guarda-costas pessoal do Roman e da família Draganesti, Connor passava muito tempo no Romatech.

Quando Phineas fazia as rondas, Jack se encontrava sozinho no escritório de segurança, e Lara Boucher estava acostumada a ocupar seus pensamentos. Não o tinha chamado; esperava que estivesse a salvo. Embora mais de uma vez tinha tido a tentação de chamá-la, sempre tinha conseguido resistir. Apaziguava sua curiosidade investigando-a pelo computador.

Sabia onde vivia. Sabia que trabalhava no distrito do *Midtown North*. Mas, quanto mais averiguava sobre seu passado, mais confundido se sentia. Sua vida não tinha sentido.

Era de um povo do norte da Luisiana, onde seu pai tinha servido como prefeito e sua mãe formava parte da junta do clube de campo local. Se ali Lara podia ter levado uma vida de sonho, para que se teria mudado à cidade de Nova Iorque? Aos dezessete anos de idade, tinha ganho o título da Miss *Luisiana* Adolescente. Por que teria deixado uma vida de caprichos para converter-se em agente de polícia?

A terceira noite de sua investigação, encontrou um artigo de jornal de uns seis anos. *Ex-MISS LUISIANA ADOLESCENTE A ponto de MORRER EM UM ACIDENTE DE TRÁFICO*. Deu-lhe um tombo o coração. *Santo cielo!* Na foto se via um carro destroçado de barriga para cima. Lara tinha estado dentro? Escaneou o artigo. *“Cuidados intensivos. Escassas expectativas de vida.”*

Merda! Que dor e que horror teria suportado a pobre garota? Agarrou o telefone para chamá-la.

Não. Tinha-lhe pedido que o deixasse tranquilo, e assim o estava fazendo. Fechou a janela do navegador de Internet e começou a caminhar pelo escritório. Devia evitá-la, tal como lhe havia dito Angus. Nada bom podia sair de um novo encontro com ela. Além disso, devia alegrar-se de que se tivesse recuperado do acidente. Estava viva e sã.

E arriscava sua vida em cada dia na rua. Tirou o móvel do bolso. Ao melhor o tinha chamado durante o dia, enquanto dormia como um tronco. Nenhuma mensagem. Introduziu na agenda seus números de casa e do trabalho. No caso de.

Pelos nove círculos do inferno! Miúdo idiota! Já tinham passado sete noites, e ainda ardia com desejos de vê-la. Quase desejou que se metesse em problemas.

Já passavam as onze da noite de domingo quando Lara e seu companheiro chegaram ao quinto andar de um bloco de pisos com vistas ao parque junto ao rio *Hudson*. A senhora Kelsey Trent tinha chamado o 911 para pedir ajuda antes que a chamada se cortasse abruptamente. Lara ouviu uns gritos que vinham do vestíbulo. Um homem e uma mulher.

Harvey golpeou a porta pintada de verde.

— Polícia de Nova Iorque!

Lara aguardou a metro e meio de distância, preparada para tirar a arma se por acaso atacavam a seu companheiro.

A porta se abriu de repente.

— Que diabos querem? — A voz pertencia a um homem de idade média em calças de pijama



e camiseta as riscas. Os seus olhos se entrecerraram ao ver seus uniformes. — Se equivocam de lugar. Aqui não passa nada.

— Você é o senhor Trent? — Perguntou Harvey.

— Depende. O que desejam?

O homem cheirava a álcool, e Laura viu que tinha os nódulos da mão direita ensanguentados.

— Recebemos uma chamada — disse Harvey. — Importa-se se entrarmos?

— Uma chamada? — O senhor Trent os olhou com ar confundido, mas logo sua expressão se clareou. Olhou sobre seu ombro. — Maldita cadela, chamaste à polícia?

Lara ouviu um gemido feminino proveniente do interior do piso e elevou a voz.

— Senhora Trent, necessita atenção médica?

— Não lhe acontece nada — insistiu o senhor Trent.

Lara se ergueu.

— Senhor Trent, não vamos até que tenhamos comprovado o estado físico de sua esposa.

— Vá com a víbora — disse o senhor Trent com ar desdenhoso. — Pois passa, boneca, e comprova tudo o que queira. De passagem, me comprove a virilha.

Harvey entrou no piso e apartou habilmente ao bêbado para que Lara pudesse passar.

— Importar-lhe-ia me explicar o que se passou, senhor? — Perguntou-lhe.

O senhor Trent mexeu o pouco cabelo que ficava.

— Kelsey escorregou na banheira. Isso é tudo.

Lara inspecionou rapidamente a entrada. Um tapete oriental cobria o parquet encerado. Em uma parede, sobre uma mesa de madeira, um abajur de bronze iluminava a estreita entrada. Umas aberturas em forma de arco conduziam à sala, por um lado, e ao comilão, pelo outro. Na parte traseira da entrada havia portas fechadas e um banco com almofadas. Havia uma mulher ali sentada. Kelsey Trent, pensou Lara. Sua bata de seda cor pêssego fazia jogo com as sapatilhas. Tinha os braços flexionados sobre os joelhos e estava inclinada para diante, com a testa apoiada nos braços.

— Ouvimos-lhe gritar com fúria — disse Harvey ao marido bêbado.

— Brigava com a Kelsey por ser tão torpe — resmungou o senhor Trent. — Porque me preocupo, já sabe.

Lara se sentou no banco, junto à mulher.

— Senhora Trent, se encontra bem?

Ela levantou a cabeça. Tinha o olho esquerdo inchado e arroxeadado, e o lábio partido. Olhou com receio a seu marido.

— Caí na ducha.

— Veem-no? — Disse o senhor Trent. — O que eu dizia.

— Vamos à cozinha; porei-lhe uma bolsa de gelo. — Lara ajudou à mulher a levantar-se e jogou um olhar ao Harvey.

Harvey já a entendia. Compadecei do marido para fazê-lo picar na isca e lhe tirar uma confissão de agressão e maus entendimentos. Podiam prendê-lo sob suspeita, mas uma confissão aplainaria o caminho e facilitaria sua condenação em um tribunal.



— A cozinha está aqui. — Kelsey Trent abriu uma porta e conduziu a Lara até uma habitação bem iluminada.

Lara agarrou um pano de cozinha da bancada de granito cinza e abriu a porta do congelador.

— Alguma outra lesão?

— Não, estou bem. — Kelsey se sentou em uma das cadeiras da cozinha. — Simplesmente escorreguei e caí.

Lara colocou um punhado de gelo no centro do pano.

— Sejam sinceras, ok? Se se tivesse caído na ducha, não só teria feridas na cara.

Kelsey deixou cair os ombros.

Lara pregou o pano, envolvendo o gelo no interior. De caminho à mesa, viu a garrafa de vodka vazia na pia.

— Você chamou para pedir ajuda, Kelsey. Não podemos ajudá-la se não nos diz a verdade.

— Eu... não deveria tê-lo criticado por beber tanto.

Lara lhe deu a bolsa de gelo.

— Você não tem a culpa. Quantas vezes lhe deu?

Kelsey apoiou a bolsa de gelo sobre o lábio.

— Só duas... não, três.

— Com uma vez basta. — Lara se sentou a seu lado. — Tem que acabar com isto. Denuncie-o.

— Não! Charlie não me perdoaria isso. Isso pioraria as coisas.

— Não, melhoraria. Ele estaria no cárcere.

A cara arroxada da Kelsey esboçou uma careta de horror.

— Mas o que faria eu sem ele?

“Não sei. Viver?” Lara tentou controlar sua crescente frustração.

— Ouça — advertiu-a, — ele vai seguir usando-a como saco de areia. De fato, pode estar segura de que cada vez será mais violento.

Kelsey dirigiu o olhar para a porta aberta.

— O que lhe está fazendo esse agente? Não vai prender o Charlie, verdade?

— Só estão falando, de momento...

— Mais vale que não faça zangar ao Charlie — seguiu dizendo Kelsey, cada vez mais agitada.

— Guarda uma pistola na sa...

— O que? — Lara ficou de pé. — Fique aqui!

Abriu a capa da pistola enquanto se dirigia à entrada. Nenhum sinal do Harvey e do Charlie Trent. Talvez estivessem na sala. Elevou a voz.

— Harvey? Tem um minuto?

— O que está fazendo? — Exclamou Kelsey. — Não dispare em Charlie!

— Cale-se! — Disse Lara entre dentes. Ouviu vozes de homens dando gritos. — Harvey!

“Pum!” O disparo de uma pistola.

Kelsey chiou.

O coração da Lara deu um tombo e tirou a arma.

— Harvey, responde!



— Merda! — Rugiu Charlie da sala. — Maldita cadela! Isto não teria passado se não tivesse chamado à polícia!

Lara custava-lhe pensar entre os bramidos do Charlie e os chiados de Kelsey. O pânico se apoderou dela quando imaginou ao Harvey sangrando no chão da sala. “Te *tranquilize!*” Harvey necessitava que conservasse a calma. Tinha passado por um milhão de simulações como esta na academia. Mesmo assim, não estava preparada para ver morrer a gente de verdade.

Pressionou o botão do transmissor que levava no ombro.

— Há um tiroteio. Temos a um agente ferido. Necessitamos reforços e uma ambulância.

— 10-4. Estão de caminho — disse a operadora de rádio.

Mas a cavalaria podia demorar cinco minutos ou mais em chegar. Lara podia ouvir o estrondo de seus batimentos do coração enquanto se colocava junto ao marco da porta e punha a ponto a pistola.

— Charlie Trent! Atire a pistola e caminhe para a entrada com as mãos no ar!

— Não penso ir ao cárcere por isso! — Gritou Charlie. — Merda! A culpa é da Kelsey. Vai me pagar isso.

Um calafrio percorreu as costas da Lara. Charlie estava disposto a levar por diante a todos com ele. Fechou a porta da cozinha. Charlie demoraria uns segundos em abri-la, e ela teria que aproveitá-los para disparar. Jogou uma olhada a seu redor e viu duas portas mais. Alguma poderia dar ao comilão. E se Charlie disparava de ali? Se por acaso isto fora pouco, havia uma terceira porta. Lara correu para onde estava Kelsey.

— Aonde leva essa porta? — Perguntou-lhe.

— É a entrada traseira.

— Então quero que saia por aí. Agora!

Kelsey meneou a cabeça, entre choramigações.

— Maldita cadela, vou te matar! — Gritou Charlie. — A ti e aos meninos!

Meninos? A Lara encolheu o coração.

— Tem filhos?

Kelsey rompeu a chorar.

— Meus bebês!

Aquilo era um pesadelo. Lara se esforçou por manter a calma. Harvey estaria morto? A quem atacaria primeiro Charlie: a sua mulher ou a seus filhos? Santo Deus! Não podia pensar. Tinha que atuar. Tinha que deter o Charlie antes que matasse alguém. Maldição! Se tivesse havido alguma outra opção...

“Se alguma vez te encontrar em apuros...”

Não podia chegar tão logo. Ou sim? Jack era tão... distinto.

— Vou por ti, Kelsey! — Gritou Charlie.

Lara se apoiou com força sobre a grossa mesa da cozinha, e esta caiu de lado com um ruído seco. Agachou-se detrás, com a Kelsey. Tirou o móvel do bolso da camisa com dedos trementes. Três dias atrás, tinha falado do Jack a sua companheira de apartamento. LaToya lhe havia dito que o chamasse, mas Lara se tinha negado; depois, tinha pego o móvel da Lara e havia associado o número do Jack à tecla 1 do marcador rápido. O que tinha a perder? Lara pulsou o 1, logo colocou



o móvel no chão e preparou a arma. Ouviram-se os pesados passos do Charlie na entrada. — Pronto⁶? — Soou a voz do Jack ao outro lado do telefone. — Jack... A porta da cozinha se abriu de repente e Charlie abriu fogo.

Capítulo 5

O coração da Lara pulsava desbocado enquanto permanecia escondida detrás da mesa da cozinha, junto ao Kelsey Trent. Charlie tinha entrado na cozinha disparando ao ar. Uma bala passou zumbindo sobre a cabeça da Lara e perfurou com um ruído surdo a parede que tinha às costas. Kelsey gritou.

A Lara contraiu o peito, o qual dificultou sua respiração. A ideia de levantar a cabeça era aterradora. Mas tinha que ver para poder apontar. Esforçou-se por recordar todas as instruções com que a tinham amassado na academia. *Merda!* Se as simulações lhe tinham dado medo, eram um jogo de meninos em comparação com a realidade.

Cessaram os disparos.

Agora ou nunca! Lara se inclinou para um lado da mesa e apontou com a pistola. De repente, o tempo abrandou até quase deter-se. Um suor frio lhe gelou a pele e um potente zumbido lhe invadiu os ouvidos. O único que podia sentir era o dedo indicador da mão direita contra o gatilho, a ponto de disparar.

Deus, não! Obrigada a matar a alguém. Sempre soube que algo assim podia acontecer, mas também tinha sido o bastante ingênua para acreditar que, se era o bastante cuidadosa, jamais se veria obrigada a fazê-lo.

Charlie a viu e lhe apontou com sua pistola.

Chegava o momento.

O ar formou redemoinhos diante dela.

— Que diabos...? — Charlie deu um tropeção para trás.

Ele também o tinha visto? A Lara tremeram os joelhos. A bolsa de ar de cores adquiriu uma forma, forma humana. *Jack*. Tragou saliva.

— Meu Deus! — Charlie lhe apontou.

Com extraordinária rapidez, Jack lhe atirou a pistola de um golpe e o tombou contra o chão de ladrilhos.

Lara piscou, assombrada pela velocidade do Jack. No milésimo de segundo que demorou para voltar a abrir os olhos, Jack tinha ao Charlie imobilizado contra o chão, com as mãos detrás das costas.

— Me solte! — Charlie se retorcia, mas não podia liberar-se de seu captor.

Uma quebra de onda de ar frio percorreu a habitação.

Jack entreceitou os olhos, que emitiam um brilho de intensidade dourada.

⁶ Alô.



— Quietto! Não diga nada!

Charlie deixou de mover-se. Kelsey se desabou contra a mesa com rosto inexpressivo. Lara experimentou um calafrio. *Jack*. Voltava a fazer seus truques mentais.

— Lara, me dê suas algemas — exigiu Jack.

Uma sensação de frio lhe percorreu as costas. *OH Deus!* Tinha notado um frio idêntico no quarto do hotel. Era coisa do Jack? E como tinha aparecido de um nada?

Ela olhou.

— Está bem?

— Eu... — Deu um tropeção. A pistola se chocou contra uma das patas da mesa e caiu ao chão. Lara fixou seu olhar na arma, confundida e desorientada por uma realidade que não conseguia compreender.

— Agarra a pistola, Lara — disse Jack com voz suave. — E me dê suas algemas.

Embainhou a pistola, caminhou com rigidez para onde estava Jack e lhe deu as algemas.

— Graças a Deus que vieste. — Não tinha tido que disparar. Jack lhe tinha economizado uma morte. É possível que até lhes tivesse salvado a vida, a ela e a todos os que estavam na casa. Incluído seu companheiro...

— Harvey! — Correu da cozinha e o encontrou no chão da sala. Estava semiconsciente, a mão apertada contra a camisa empapada em sangue.

Viu um cesto de roupa suja cheio de objetos dobrados sobre a mesa de centro e agarrou o primeiro que encontrou. Uma toalha. Fantástico. Ajoelhou-se junto a seu companheiro e pressionou a toalha contra a ferida de bala que tinha no flanco.

— Butch — disse Harvey ofegando. — Graças a Deus. Ouvi disparos. Temi que estivesse...

— Estou bem. Temo-lo tudo sob controlo. Aguenta um pouco mais, vale? A ambulância está a caminho.

Harvey fez uma careta de dor.

— Que estúpido fui! Vi sua pistola, mas vacilei. Nunca... nunca antes tive que disparar a ninguém.

— Sei. — Os olhos da Lara se encheram de lágrimas. — Eu tampouco queria disparar. — A oportuna aparição do Jack tinha sido uma bênção. Mas agora que não o tinha perto, sentia que aquela fria névoa se dissipava. Deu-se conta de que Kelsey e seu perturbado marido permaneciam completamente quietos porque Jack o tinha ordenado. Ele sozinho tinha tomado as rédeas da situação sem fazer nenhuma ruga no traje.

Estremeceu-se. Que tipo de homem podia aparecer como por arte de magia? Ou mover-se à velocidade do raio? Ou controlar a mente da gente? Ao menos, estava de seu lado; do contrário, podia ser um homem verdadeiramente perigoso.

Harvey voltou a captar a atenção da Lara quando, de repente, fecharam-lhe os olhos.

— Harvey? Harvey, aguenta um pouco mais.

— Perdeu a consciência. — Jack entrou na habitação. — Necessitará uma transfusão imediatamente. — Fechou os olhos durante um instante e respirou fundo. — É O positivo.

— Como sabe? — Lara mantinha pressionada a toalha contra a ferida do Harvey. Olhou atentamente ao Jack. Parecia um tipo perfeitamente normal, se seu enorme atrativo se podia



considerar normal.

Ele se ajoelhou a seu lado.

— Suponho que pediste reforços e uma ambulância. — Ela assentiu, e ele continuou: — O homem e a mulher não me recordarão. Alterei suas lembranças...

— Como? Como o faz?

— É difícil de explicar. — Levantou uma mão quando ela começou a objetar. — Agora não, Lara. Não temos tempo, e precisamos nos assegurar de que seu relato concorde.

— Esperas que minta?

— Esta é a verdade para o casal da cozinha: depois de que o homem disparou a seu companheiro, foi por ti. Ocultou a sua esposa detrás da mesa da cozinha enquanto tua guardavas ao outro lado da porta. Ele irrompeu na habitação disparando a esquerda e direita, e você o golpeou com o porrete na nuca.

— Assim o recordaram eles?

— Sim. O tipo caiu inconsciente no chão. Algemou-o e correu até aqui para auxiliar a seu companheiro.

— Não acredito que o tipo tenha perdido a consciência em nenhum momento.

— Logo o fará. — Jack tirou um lenço branco de um bolso interior da jaqueta. — Dê-me o porrete.

— Já está imobilizado. O vais golpear?

— Lara, a história tem que ser acreditável. Será muito mais acreditável se disser que imobilizaste a um homem armado muito maior que você depois de lhe fazer perder a consciência.

Tinha razão, embora a Lara custasse admiti-lo. Lá fora se ouviram umas sirenes. Chegavam os reforços e, com sorte, uma ambulância para o Harvey.

— Toma. — Deu o porrete ao Jack. — Mas não o golpeie muito forte.

Os lábios do Jack esboçaram um sorriso.

— É muito doce para este tipo de trabalho, *bellissima*. — O sorriso desapareceu. — Esse homem tentou te matar, e merece algo mais que um galo na cabeça.

Jack saiu da habitação sustentando o porrete com o lenço. Lara se perguntou se ele teria razão e ela se preocupava em excesso. Mas, se não se preocupava, como ia ser uma boa polícia? Esticou-se, esperando um som.

“Paf!” crispou-se lhe o rosto. Harvey nem sequer se tinha queixado. Tinha obedecido a ordem do Jack de permanecer em silêncio. Em uns segundos, Jack voltou para a habitação e lhe devolveu o porrete.

Lara a guardou sob o cinturão.

— Como faz para te mover tão rápido? — Perguntou.

Jack passou a mão pelo grosso cabelo negro.

— Não há tempo para explicações. — Mas ela queria respostas já, maldito seja. Sabia que o resto da noite estaria ocupada com papeladas e visitas ao hospital para ver o Harvey.

— Ok. Amanhã — disse.

Voltou-se ao ouvir que um montão de passos retumbava no exterior. Soavam como uma correria de elefantes. Quase podia imaginar ao Tarzan sobre o lombo de um deles. Não, mentira.



Tinha ao herói de selvagem beleza na habitação.

— Mais vale que me conte isso tudo amanhã. — Se voltou para o Jack.

Mas Jack já não estava.

— Ah, que bem cheira! — LaToya Lafayette deixou cair sua bolsa e as chaves sobre o console da entrada. — Que cozinhas?

— Linguado queimado. — Lara deu cuidadosamente a volta aos pedaços na frigideira.

— Genial! — LaToya tirou a suéter dos Tigres da Universidade Estatal da Luisiana e se soltou os negros cabelos saca-rolhas.

— Leva todo o maldito dia chovendo. — Pendurou a suéter molhada no respaldo de uma das cadeiras do diminuto salão. — Como é que te deu para cozinhar? Não o digo por me queixar; já sabe que eu adoro sua comida. Mas tinha pensado em te convidar a sair para celebrar.

— Não será para tanto.

— Claro que o é. — LaToya entrou na cozinha. — Salvou a vida dessa mulher. E a de seus filhos. E também salvou ao Harvey.

— Não salvei ao Harvey. Salvaram-no os médicos.

— É muito modesta. — LaToya se lavou as mãos na pia da cozinha. — Todos falavam de ti em minha delegacia de polícia. Tem boatos que vão organizar uma conferência de imprensa, e que o chefe de polícia te vai conceder uma distinção.

— OH Deus! Espero que isso não seja verdade. — Lara acrescentou salsinha picada e semente de cebola ao recipiente com purê de batatas.

— Sabe que vão tirar todo o suco que possam a este assunto. Converteste-te em uma heroína apenas três meses depois de te licenciar. É a personificação do êxito de seu programa de formação.

— Mas se eu não fiz nada! — Lara esmagou um dente de alho com a parte plana de uma faca. — Foi Jack.

— Você sabe. Eu sei. Mas ninguém mais sabe. — LaToya apoiou o quadril contra o bordo da bancada. — Não me olhe assim, com essa faca na mão.

Lara soprou enquanto mesclava o alho triturado com as batatas. Depois de um par de horas preenchendo formulários e respondendo às perguntas dos detetives que se tinham encarregado do caso, e duas horas mais no hospital para ver o Harvey, tinha ido miseravelmente até seu piso do Brooklyn por volta das oito e meia da manhã.

Tinha contado a história a sua amiga LaToya, antes que esta partisse para ir trabalhar na delegacia de polícia do distrito Trinta e seis. Depois, Lara tomou banho e se meteu na cama. Entretanto, embora estivesse esgotada, custou-lhe adormecer. Os disparos e os gritos retumbavam em sua cabeça, junto com imagens do Harvey ensanguentado no chão.

E não tinha deixado de pensar no Jack. Tinha decidido que a melhor maneira de lhe agradecer que tivesse ido em seu resgate era uma comida caseira, ao estilo Luisiana. Tinha-o chamado a sua casa, sem obter resposta. Deixou-lhe uma mensagem para convidá-lo para jantar, e logo se dirigiu ao supermercado. Voltou-o a chamar por volta das cinco da tarde.

Mas não lhe devolveu a chamada.



— O que leva esta salada? — LaToya estudou a bacia de madeira enquanto a levava a mesa.

— Espinafre, tomates assados e pinhões.

— Miúdo luxo! — LaToya se fixou na baixela para ocasiões especiais, os guardanapos de tecido e os candelabros. — Muitas moléstias.

— Aborrecia-me. — Lara serviu pescado e batatas em dois pratos. — O capitão me ordenou que tomasse uns dias livres.

— Pagos? Há-as com sorte. — LaToya acendeu as velas com um fósforo. — Mesmo assim, isto parece muito... romântico.

— Jantemos. — Lara colocou os pratos sobre a mesa.

LaToya entrecerrou os olhos cor café enquanto apagava o fósforo.

— Isto era para o Jack, verdade?

Lara suspirou enquanto tomava assento. Para que negá-lo?

— Está bem. Convidei-o para jantar, mas não me há devolvido a chamada. O qual não quer dizer que não pensasse jantar contigo — esclareceu.

LaToya se sentou em frente.

— Garota, eu já sei quando três são multidão. Teria te deixado a sós com seu homem misterioso. Mas diz que não te há devolvido a chamada?

— Não. — Lara serviu a salada nas tigelas. — E isso que lhe deixei duas mensagens na secretária eletrônica.

— Pode que não os tenha ouvido.

— Não o voltarei a chamar. Pareceria desesperada. E não o estou. Absolutamente. — Que mentirosa! Desejava voltar a vê-lo.

LaToya jogou umas gotas de vinagre balsâmico na salada.

— Miúdo idiota. Não me faltam vontades de chamá-lo e lhe dizer umas quantas coisas.

— Nem te ocorra!

LaToya sorriu, se levantou e caminhou para a geladeira.

— Tenho a solução perfeita para isto. Vinho. Objetivo. Podemos brindar por suas façanhas e afogar nossas penas por todos os homens que nos decepcionaram.

— Brindo por isso! — Lara fincou o garfo em sua salada. A comida tinha um aspecto e um aroma fantásticos, mas ela tinha perdido o apetite. *Maldito Jack!* Não tinha sentido. Tinha arriscado sua vida por salvá-la, e agora não era capaz de lhe devolver uma chamada?

LaToya retornou à mesa com duas taças de vinho branco.

— Saúde! Por minha melhor amiga, uma verdadeira heroína.

— Não sou uma heroína. E já tenho ouvido demasiado isso no trabalho para que me venha dizê-lo você, que conhece a verdade.

LaToya a olhou com o cenho franzido.

— Sim, querida, conheço a verdade. De não ter sido por ti, eu seguiria trabalhando como balconista em um self-service de um povo do que ninguém ouviu falar. Você me ajudou a sair adiante quando nem eu mesma acreditava em mim. Portanto, é minha heroína.

Os olhos da Lara se encheram de lágrimas. Tinha conhecido a LaToya em um quarto do hospital, depois do acidente de carro. Tinham disparado na LaToya no self-service onde



trabalhava. Enquanto que Lara tinha levado uma vida cômoda antes do acidente, LaToya tinha lutado por sobreviver a anos de abusos.

— Ao princípio, não me podia ver nem pintada — recordou Lara.

LaToya sorriu.

— Acreditava que foi uma menina branca mimada, uma Miss Luisiana adolescente.

Lara fez um gesto amargo.

— E estou segura de que a visita de minha mãe, com sua tiara e a banda, não ajudou.

LaToya se riu.

— Sua mãe está como uma cabra, céu.

— E eu que o diga. — A mãe da Lara seguia apresentando-se a concursos de beleza com cinquenta e dois anos de idade. — Mas você também me ajudou, sabe? Seria muito mais difícil me rebelar contra minha família e perseguir meus sonhos sem ti.

— Por nós! — LaToya entrecocou a taça da Lara com a sua. — Às duas policiais novatas mais briguentas da cidade.

— Por nós! Longa vida e prosperidade! — Lara recitou seu brinde favorito, que tinham tomado emprestado dos vulcanos do StarTrek.

Comeram em silêncio durante um bom momento, e Lara voltou a pensar no Jack. O muito uva sem semente tinha alterado as lembranças do senhor e a senhora Trent de forma que suas afirmações a fizessem ficar como uma heroína. E ela teve que assegurar-se de que sua versão coincidissem com a deles.

— Tenho que ir ver o psiquiatra do departamento — comentou Lara.

— Será um procedimento rotineiro. — LaToya levou umas batatas à boca.

— Suponho. — Lara removeu o pescado no prato. — Mas estou um pouco preocupada. O que acontece lhe conto minha versão dos feitos e descobre que minto?

— Não a porá em dúvida. Não, se coincidir com a dos Trent.

Lara suspirou.

— Não me sinto nada cômoda com que todo mundo pense que sou uma heroína.

— Superara-o. Por isso nos fizemos policiais, recorda-o? Queríamos agarrar aos meninos maus e trocar o mundo. Além disso, ninguém vai acreditar que um tipo estranho apareceu como por arte de magia e os salvou a todos.

Lara deixou o garfo sobre o prato.

— Você me acredita, verdade?

LaToya a olhou com doçura, e se inclinou para diante para agarrar a mão de sua amiga.

— Claro que sim! Vi-te lutar no hospital para aprender a ler e escrever de novo. Estive contigo quando lutávamos juntas por aprovar as classes na universidade. E sobrevivi à academia contigo. Sei que não me mentiria, por estranha que soe esta história.

— Obrigada! — Lara apertou a mão de sua amiga e voltou a agarrar o garfo. — Terei que ser muito prudente quando falar com o psiquiatra. Não quero que pense que sigo afetada pela operação.

— Não o está. Passaram seis anos. Já o superaste.

— Como pode estar tão segura? Ninguém recorda ter visto o Jack, exceto eu. E se só fora

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



produto de minha imaginação?

— Então quem derrubou ao senhor Trent? E então quem te deu o cartão de visita que tens?

Seu número de telefone era real.

— Certo. — Ninguém diria que tinha cartão de visita.

— Viu-o nas bodas de Ian MacPhie — seguiu dizendo LaToya. — E sei que Ian MacPhie é real.

Chamei-o quando estava nesse *site Web* de contatos.

— Não acredito.

— Pois já pode acreditar isso. — LaToya levou seu prato vazio à cozinha. — Uma mulher tomou nota de minha mensagem, logo Ian chamou muito tarde, quase a meia-noite. Chateei-me o bastante, sobre tudo quando me disse que já tinha parceira. Mas que conste que seu acento era muito bonito.

Lara meneou a cabeça.

— Não posso acreditar que o chamasse.

— Eu não posso acreditar que não me tivesse levado a suas bodas. — LaToya apoiou os punhos no quadril. — Ter-me-ia encantado vê-lo. É tão bonito como nas fotos?

— Na realidade, não o vi.

— Está louca? Esse tipo é uma riqueza!

— E tem esposa, recorda-o?

LaToya suspirou.

— Sim, sei. E como é esse Jack? É tão bonito como Ian?

Lara não recordava que aspecto tinha Ian. Dava igual. Fora como fora, não podia ser tão bonito como Jack. Levou os pratos à cozinha.

— Jack é o homem mais bonito que jamais vi — respondeu Lara.

— Sério?

— O que provavelmente quer dizer que estou imaginando isso. — Lara abriu a porta da geladeira. — E de sobremesa? Fiz bolo de barro do Mississippi.

— Anda, carinho! Pois sim que batalhaste.

Lara colocou o bolo sobre a bancada.

— Queria que respondesse a minhas perguntas.

— Comida de primeira, velas... Dá-me a impressão de que procurava algo mais que respostas.

Lara lhe lançou um olhar de desaprovação, e logo cortou um par de porções de bolo.

— Simplesmente queria criar o ambiente ideal para lhe surrupiar todos seus segredos.

— Hum. — LaToya agarrou um garfo e um pires para o bolo, e se dirigiu à mesa. — De onde eu venho, o bolo de barro do Mississippi significa: “*Vamos ao grão, céu*”.

Lara colocou seu prato de bolo sobre a mesa com um bufo e voltou para a cozinha buscar um copo de água.

— Temo que me evita porque não quer revelar seus segredos — assinalou.

— Uhm! — LaToya o considerou com a boca cheia. — Queremos ser detetives, verdade? Pois averiguemo-lo por nossa conta.

— Levo uma semana tentando-o. — Lara bebeu um gole de água de caminho à mesa. — O

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



único seguramente que sei é que tem poderes parapsicológicos.

— Porque manipula a mente da gente?

— Sim. — Lara se sentou. — Mas também tem outros poderes que não saberia explicar. Por exemplo, é capaz de mover-se com uma rapidez extraordinária.

— Então é um super-herói. Já sabe, mais rápido que uma bala. — LaToya levou uma parte de bolo à boca.

— Isto é o mundo real, não um filme. Como ia se converter se um tipo real em super-herói?

Nos olhos da LaToya brilhou um brilho de humor.

— Talvez alcançou um raio ou caiu em uma cuba de ácido.

Lara riu.

— Estará para comer-se, mas não frito.

— Então tem que ser um extraterrestre. Assim é como Super-Homem obteve seus poderes.

Lara provou uma parte de bolo enquanto imaginava ao Jack embutido em um disfarce de látex e uma capa ondeando ao vento. A imagem não lhe desagradou absolutamente.

— Não resistiria a um super-herói com o aspecto do Jack — repôs. — Mas isso não explica como pode aparecer e desaparecer a seu desejo.

— Isso sim que é mais difícil de explicar. — LaToya levou outra parte de bolo à boca, logo se iluminaram os olhos. — Já sei! Projeção astral.

— O que?

— Que ficou em um lugar enquanto seu espírito...

— Sei a que te refere, mas Jack não é um espírito. Imobilizou ao Charlie Trent no chão e o algemou.

— OK. — LaToya franziu o cenho. — Então não pode ser um fantasma.

— Não. — Lara recordou a maneira em que se tinham roçado no depósito da igreja. — É de carne e osso.

— Há-o tocado?

Lara se encolheu de ombros.

— Ao interrogá-lo.

LaToya deu um bufo.

— Sim, ha. Assim que a única explicação para o ato de aparição e desaparecimento é que o tipo se pode teletransportar, como no StarTrek.

— Isso parece, mas ainda não se inventou a teletransportação.

LaToya apontou a Lara com o garfo e a olhou com gesto de cumplicidade.

— É o que querem nos fazer acreditar.

Lara sorriu.

— De verdade acredita que a NASA ou alguma agência secreta do governo tem descoberto como teletransportar-se?

— Sim. E este Jack é um de seus homens.

— Custa-me acreditá-lo — balbuciou Lara com a boca cheia.

— Já sei! — A cara da LaToya brilhou de emoção. — É um agente secreto do futuro.

— É óbvio. Teletransportação e viagens no tempo. Isso o faz muito mais acreditável.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



LaToya lhe dedicou um olhar desafiante.

— Né! Tem sentido. A gente não sabe como teletransportar-se na atualidade, mas saberá no futuro. *Ergo*⁷, vem do futuro.

— E viajou no tempo para assistir a uma despedida de solteiros no Hotel *Plaza*.

— Ok, ria tudo o que queira. — LaToya levou seu prato vazio à cozinha. — Mas você não gostará da alternativa. Como os humanos não sabem teletransportarem-se, seu Jack tem que ser um extraterrestre.

— Não estará falando a sério.

LaToya a apontou com um dedo.

— Este é o segundo fio de ideias que nos leva ao mesmo ponto; ou seja, que é um extraterrestre. Casualidade? — Meneou a cabeça. — Não acredito. Escreve seu sobrenome com apóstrofo? Por exemplo, *J'Ack* em lugar do Jack?

— Por que teria que fazê-lo? Soa exatamente igual.

— Fazem-no todos os extraterrestres. É como um código.

Lara soprou.

— A mim Jack pareceu do mais humano.

— Ele quer te fazer acreditar que é humano, mas só é uma falsa aparência. Está jogando com sua mente, apresentando-se como um humano quando em realidade é uma viscosa criatura com tentáculos. Depois te deixará grávida de seu filho extraterrestre, que te abrirá o ventre para vir ao mundo...

— Basta! — Lara levou o resto de sua porção de bolo à cozinha e o atirou ao cubo de lixo. — Perdi o apetite.

— Tentou-te seduzir? Tentou-te beijar?

— Não exatamente. Bom, em certo modo sim. Mas eu dei o primeiro passo. — Lara se irritou ante o olhar de horror que LaToya lhe lançava. — Não era essa minha intenção. Era uma técnica de interrogatório.

LaToya se mofou.

— Devo ter perdido essa lição na academia. Mas, agora que o penso, vais ter que seduzi-lo. Faz que tire a roupa.

— Por que iria fazer isso? — Embora a perspectiva não lhe desagradasse absolutamente. — Não me interessa nesse sentido.

LaToya a olhou com cepticismo.

— Vai me dizer que em nenhum momento te passou pela cabeça a ideia de te equilibrar sobre ele?

Lara se ruborizou.

— Ok. Mas, se na verdade se trata de um extraterrestre, o mais provável é que não sejamos biologicamente compatíveis.

⁷ *Ergo Proxy* (エルゴブラクシー *Erugo Purakushī*?) é uma série em animê de suspense e ficção científica, produzido pela Manglobe, que estreou no Japão em 25 de Fevereiro de 2006 no canal WOWOW. Foi dirigido por Shukou Murase, com roteiro de Dai Satou et al.. *Ergo Proxy* possui uma combinação de 2D digital (animação tradicional), modelagem computadorizada em 3D e efeitos especiais digitais. A série possui elementos góticos, cyberpunk e steampunk, e concentra-se fortemente na psicologia e mentalidade de seus protagonistas.



— Santo Deus! Tem razão. Pode que nem sequer seja um mamífero. Talvez um réptil com dois... corações?

Lara fez uma careta de asco.

— Viu muitos filmes de ficção científica. Que possa se teletransportar, não quer dizer que seja uma espécie de lagarto.

Sooou o telefone.

Lara se levantou de um salto. Por fim lhe devolveria Jack a chamada?

— É o lagarto — sussurrou LaToya.

— Não seja tola. É tão humano como você e como eu. — Lara correu ao telefone, mas logo vacilou. — Não, responde você.

LaToya levantou as duas mãos.

— Não penso falar com um extraterrestre.

— Não é um extraterrestre. — O telefone voltou a soar. — Preciso que alguém mais o ouça; assim saberei que não estou louca.

LaToya suspirou.

— Está bem. Fá-lo-ei por ti. — Quando o telefone voltou a soar, levantou o auricular. — Sim? Fala com a casa terráquea da Boucher e Lafayette.

Lara a fulminou com o olhar.

— Quer falar com a Lara? — LaToya falou com voz doce e tom agudo. — Quem a chama? Claro, Jack, a vou procurar. Um momento. — Tampou o receptor com a mão. — É o lagarto falante. E, carinho... não chama para vender seguros.

Capítulo 6

Às vezes Jack desejava não ter um super-ouvido.

— Não é um lagarto — sussurrou Lara.

— Então é outro tipo de extraterrestre — replicou em voz baixa sua amiga, — e está manipulando sua mente para te fazer acreditar que é humano.

Jack meneou a cabeça enquanto as duas mulheres discutiam sobre ele em prementes sussurros. Evidentemente, Lara tinha falado dele com sua companheira de apartamento; agora havia dois mortais que sabiam muito. Podia apagar as lembranças da companheira de apartamento, mas a Lara cairia mal que “sequestrasse” a mente de sua amiga. Além disso, voltaria a contar tudo.

Tirou uma garrafa de sangue sintético da mini geladeira e a meteu no micro-ondas. Sempre que ia a Nova Iorque, ficava em casa do Roman, no *Upper East Side*. Os Malcontents russo-americanos tinham seu quartel geral no *Brooklyn*, não muito longe de ali, mas por fortuna há essa hora estavam sumidos em um sono mortal. E o sistema de segurança da casa do Roman tinha melhorado.

Jack estava acostumado a ficar em um quarto de hóspedes do quarto andar para poder usar



o escritório e a mini geladeira do Roman, no quinto. O micro-ondas soou, anunciando que o café da manhã estava preparado. Verteu o sangue em uma taça de vinho e se dirigiu ao escritório com o móvel colado ao ouvido.

— Olá, Jack? — Respondeu finalmente Lara. — Lamento que tenha tido que esperar. Estava... na ducha.

Era muito má mentindo, mas a ele aquilo parecia uma virtude.

— Espero que tenha vestido algo, *bellissima*. Do contrário, minha imaginação se desbocará. — Como se não o estivesse já.

— É... estou vestida. Alegra-me que tenha chamado. Esta tarde deixei um par de mensagens em seu telefone.

— Acabo de ouvi-las. — Se sentou ao escritório e acendeu o computador. — Trabalho de noite, assim... Durmo durante o dia.

— Eu também, mas hoje me custava conciliar o sono e decidi te preparar um jantar. Como não me devolia a chamada, pois... nós comemos isso. Sinto muito!

— Não se preocupe. — Jack tomou um gole da taça. Supôs que o convite para jantar formava parte de um plano para lhe expor todas suas perguntas. Por desgraça, ele não podia lhe dar respostas. — Mas lamento ter perdido isso.

— Não passa nada. Talvez possa passar para a sobremesa.

Merda! Não sabia como dirigir a situação. Talvez pudesse manter se afastado dela durante uns meses. Então, lan voltaria de sua lua de mel e Jack poderia retornar a Europa. Lara não conseguiria dar com ele.

Fez uma careta de desgosto. Evitá-la até que pudesse fugir parecia um ato covarde. E a ideia de não voltar a vê-la nunca mais era deprimente.

— Te... Tenho trabalho.

— É que tinha muitas vontades de verte esta mesma noite. — A voz da Lara parecia tensa. — Posso ir onde me diga quando tiver um descanso.

Não ia render-se. Jack admirava às pessoas que perseveravam em algo até completá-lo; mas agora esse algo era ele, e começava a sentir-se tão desesperado como o parecia a própria Lara.

Não queria lhe dizer onde vivia nem onde trabalhava.

— Passarei um momento por sua casa. — Anotou sua direção no *Map-Quest*.⁸

— Obrigada! Explico-te como chegar? Ou “passara” quer dizer que aparecerá ante mim como por arte de magia?

Jack se crispou. Como ia negar sua capacidade para teletransportar-se quando ela a tinha presenciado? Estudou o mapa para chegar a seu piso.

— Irei de carro. Chegarei em trinta ou quarenta minutos.

— Sabe onde vivo?

— Sim. — Pediria ao Phineas e Connor que o substituíssem no Romatech durante uma hora

⁸ MapQuest é um programa americano de mapeamento Web, de propriedade da AOL. A empresa foi fundada em 1967 como Serviços Cartográficos em Chicago, Illinois. Por isso, ele mudou-se para Lancaster, Pennsylvania, em 1969. Tornou-se independente em 1994. MapQuest foi adquirida em 2000 pela America Online, Inc.. Esta empresa está sediada em Lancaster e Denver, Colorado. Em setembro de 2006, o site começou a postar imagens de satélite.



aproximadamente. Voltou a ouvir a Lara sussurrando a sua companheira de apartamento.

— Não acredito que pilote uma nave espacial — disse Lara em voz baixa.

Pelos nove círculos do inferno! Lara se zangaria muito quando compreendesse que não lhe podia dizer nada.

— Então, isto... terá um carro italiano — supôs Lara.

— Aqui, na América, não. Tomarei emprestado o carro de um amigo. — Roman sempre deixava um em sua casa da cidade.

— Que tipo de carro?

— Porque o pergunta?

— OH! Por nada. Mas, se for muito grande, pode ser que tenha problemas para estacioná-lo. Não pôde resistir.

— *Bellissima*, embora seja grande, nunca tenho problemas para estacioná-lo. — Sorriu enquanto se prolongava o silêncio entre ambos.

— Perfeito! — Disse ela, finalmente. — Até já! — E pendurou.

Enquanto Jack terminava o café da manhã, pensou nas perguntas da Lara sobre seu carro. Tramava algo. Se se tivesse tratado de uma Malcontent, ele teria suspeitado que talvez quisesse lhe pôr uma bomba no carro, mas não acreditava que Lara queria matá-lo.

Claro que isso podia trocar se descobria a verdade sobre ele. Sabia por experiência própria que as mulheres não reagiam bem à verdade. Só um estúpido voltaria a cometer o mesmo engano esperando um resultado diferente.

— Ei! Alguém está estacionando — informou LaToya por seu móvel. — Ai! Já o esquecia. Esta é uma operação de vigilância. — Passou a utilizar uma voz baixa, premente. — Possível avistamento de sujeito masculino ao volante de um Toyota vermelho.

— Um Toyota? Não parece próprio do Jack — disse Lara. Tinham passado trinta minutos, e ela esperava ansiosa no piso do terceiro andar enquanto LaToya montava guarda na rua. O plano era que LaToya visse chegar ao Jack, de modo que pudesse anotar o número de matrícula do carro. Logo, enquanto Lara interrogava o Jack no apartamento, LaToya pediria informação sobre a matrícula.

Lara observou da janela da sala como LaToya percorria lentamente a rua, fingindo que olhava as janelas. Na rua estava escuro, mas a luz das luzes projetava um fantasmagórico reflexo amarelo no cimento úmido.

— O sujeito desceu do carro — sussurrou LaToya pelo móvel. — Cabelo escuro. Altura média. Aspecto normal.

— Jack tem o cabelo negro — disse Lara, — mas diria que é mais alto que a média. E muito mais bonito que...

— O extraterrestre médio? — Disse em voz baixa LaToya. — O sujeito entrou na charcutaria⁹. Não acredito que seja nosso homem. E volta a garoar, maldita seja.

— Quer subir?

⁹ *Charcuteria ou charcutaria (do francês charcuterie, de chair, "carne" e cuit, "cozida"), também conhecida pelo termo italiano salumeria, é o ramo da culinária dedicado ao preparo dos produtos de carne de porco.*



— Negativo. Estou em plena missão. Possível incursão de extraterrestre. — LaToya se cobriu a cabeça com o capuz de seu suéter da LSU. — O que comerão os extraterrestres? Espero que seu Jack não venha a alimentar-se de nós.

— Jack não é um extraterrestre — protestou Lara, embora tampouco estivesse segura do que era Jack. Jogou uma olhada a seu redor para assegurar-se de que o apartamento estivesse apresentável. Os pratos tinham sido colocados no lava-louça. Não havia portas entre a cozinha e o comilão, tão pequeno e tão prático. Seu quarto estava um pouco desordenado, mas não pensava levá-lo lá, embora LaToya tinha insistido em que o despisse para comprovar se não tinha vários umbigos ou guelras ocultas.

O seu coração se acelerou ante a mera ideia de voltar a vê-lo. Que explicações lhe daria? E como reagiria ela? E se confessava que, em efeito, era um extraterrestre? Soprou. As tolices da LaToya a estavam contagiando. Tinha que haver uma explicação razoável para as estranhas habilidades de Jack. “*Oxalá seja razoável!*”

Desejava com todo seu ser que fosse humano. E que estivesse disponível. E interessado nela. Ok... desejava que beijasse o chão que ela pisava.

— Ostras! Você já reparou? — Grunhiu LaToya.

— No que? — Lara se estirou para olhar pela janela. — O viu?

— Não. Estou olhando a cristaleira da padaria da senhora Yee. Jurou-me que tudo o que tem é do mesmo dia, mas esse pão-doce de nata banhado em chocolate tem em cima o mesmo ponto negro que o de ontem. Juro-lhe isso. É o mesmo.

— Mulher, leva uma semana sonhando comendo um desses pão-doces de nata. Compre um e come-o de uma maldita vez.

— Está brincando? Sabe quantas calorias têm um desses?

Os faróis de um carro iluminaram o pavimento molhado ao entrar na rua.

Da posição da Lara ainda não se podia ver o carro.

— Você o vê?

— Afirmativo. Negro, sedan de quatro portas. Conduz devagar, como se procurasse uma praça de estacionamento.

Lara ficou tensa ao vê-lo.

— Acredito que é um Lexus. Poderia ser Jack.

— Os vidros são matizados — seguiu informando LaToya. — Não pude ver o condutor. Espera. Está estacionando na esquina, junto ao quiosque. Vou para lá.

Lara observou como LaToya se deslocava ante as lojas.

— Santo Deus! — Sussurrou LaToya.

— O que acontece? Está bem? — Perguntou Lara. Sua amiga tinha parado em seco.

— Santo Deus! — LaToya se girou para olhar uma janela que, por desgraça, estava vazia. — O tenho na calçada em frente, na esquina. E é para comer-se.

— Deve ser Jack. — Lara sentiu o pulso a acelerar-se. Vá, aquilo era ridículo. Atuava como uma adolescente apaixonada por o menino mais bonito do colégio. Tinha que controlar suas emoções. Não tinham sido poucos os meninos que tinham querido sair com ela depois de ser escolhida *Miss Luisiana Adolescente*. Em seguida descobriu que o único que procuravam era



reforçar seu ego e sua reputação. Para isso lhes servia qualquer rainha de beleza. Tinha sido um objeto, não uma pessoa, e todos tinham desaparecido depois do acidente de carro.

— Última hora: um sujeito extremamente sexy se dirige ao nosso apartamento— sussurrou LaToya. — Muito sexy para ser um lagarto de sangue-frio. Repito: o sujeito não é um lagarto.

Lara se pegou à janela com a esperança de vê-lo.

— OH, não! — Disse LaToya entre dentes. — Acaba-me de olhar.

Lara tragou saliva quando um homem alto de cabelo negro cruzou a rua ao trote para a LaToya. *Jack*.

— Já lhe hei isso dito, Bob — gritou LaToya ao móvel. — O nosso terminou. Recolhe seus trastes e vai-te!

Lara conteve a respiração esperando que a atuação de sua amiga conseguisse enganar ao Jack.

— Ouça — soou sua voz junto ao móvel da LaToya. — Você é a companheira de apartamento da Lara Boucher, verdade?

— Eu... quem? — Soprou LaToya. — Não sei de quem me fala.

— Reconheço sua voz — disse Jack.

Tinha conseguido ouvir os murmúrios da LaToya do outro lado da rua? Lara se perguntou se o super-ouvido era outro dos poderes sobrenaturais do Jack.

— Não acredito que nos conheçamos de algum lugar — insistiu LaToya. — E estou ocupada falando com meu ex, se não lhe importar.

— Diga a Lara que vou para lá.

— Hah! — LaToya se afastou. — Não, Bob, não vais ficar com o Courvoisier. É meu!

Lara viu como Jack voltava a cruzar a rua e entrava no edifício.

— Ouviste isso? — Sussurrou LaToya. — Sabe quem sou!

— Não sei como pôde te ouvir — disse Lara. — Deve ter um ouvido muito sensível.

— Ouvido supersônico. Deve ser um homem biônico. Tire-lhe a roupa para averiguar que partes são de verdade. Pode ser que seja um homem de aço — disse LaToya entre risadas.

— Muito gracioso! — Embora um homem biônico teria, sem dúvida, muita resistência. Ouviram-se uns golpes na porta, e Lara deu um coice. — Já está aqui! Como pôde subir tão rápido os três lances de escadas?

— Deve ser o muito mesmo Super-Homem. Tome cuidado, garota, ou te enrolará com seus super encantos. Ok, dirijo-me a seu carro para anotar a matrícula. Chame-me se me necessitar. — LaToya desligou.

Lara fechou seu móvel e o colocou sobre a mesa de centro de caminho à porta. Super encantos? Terei que reconhecer que Jack tinha algo extremamente sexy. Possivelmente fossem seus incríveis poderes. Ou seu enorme atrativo. Ou o mistério que o rodeava. Ou o pacote completo. Quando abriu a porta, tombou-lhe o coração. Sem dúvida, era todo o pacote. Sempre tinha gostado de desembulhar pacotes bonitos.

— *Buona sera*,¹⁰ Butch. — Seu sorriso revelou uma dentadura branca e umas encantadoras

¹⁰ Boa noite.



rugos nas commissuras dos lábios. Apartou-se uma mecha de cabelo molhado da frente.

A Lara gostava da maneira em que o sorriso lhe chegava até aqueles brilhantes olhos dourados. E como a garoa tinha pegado a camiseta negra aos ombros largos e os fortes abdominais. Ia vestido de maneira mais informal que nas duas ocasiões anteriores, com uns jeans descoloridos. Suas botas negras pareciam gastas, mas cômodas. Era um homem que parecia sentir-se a gosto consigo mesmo. Autêntico e sincero. Bonito, sem a pretensão ou a vaidade. Só esperava que pudesse justificar-se com ela.

Ao Jack aumentou o sorriso.

— Posso passar?

— OH, sim! É óbvio. — Lara lhe o deixou passar. Quanto tempo levava ali escrutinando? Dirigiu-se à sala. — Sente-se, por favor. Quer beber alguma coisa? De sobremesa, preparei bolo de barro do Mississippi. Quer uma parte?

Ele se voltou para ela com gesto confundido.

— Come... barro?

— É chocolate. Rico e enjoativo. — Lara sorriu. — Alguma vez o provou? Você gostará.

— Eu... não, obrigado.

A ela se apagou o sorriso da cara. De modo que não ia poder impressioná-lo com sua cozinha.

— Algo para beber? Temos um bom Chardonnay. — Se não o podia adoçar para o interrogatório, talvez um pouco de vinho lhe afrouxaria os lábios.

— Não, obrigado. — Se tocou a barriga, franzindo o cenho. — Não me encontro muito bem.

— OH, sinto muito! Teria que beber muito líquido.

A boca lhe torceu em um gesto irônico.

— Já o faço. Mas, por favor, sirva-se você algo de beber se gosta.

— Ok. — Outro copo de vinho a ajudaria a armar-se de coragem. Dirigiu-se à cozinha. — Queria te agradecer por me ajudar ontem à noite.

— Não há de que. — Jack se girava a um lado e a outro, olhando a sala. — Como está seu companheiro?

— Harvey ficará bem, mas terá que estar de baixa uns meses. — Lara colocou sua taça de vinho sobre a mesa de centro, logo se acomodou no sofá de dois lugares. Quando Jack se sentou a seu lado, deu-lhe um pequeno tombo no coração.

Percorreu-a com o olhar, detendo-se aqui e lá com aparente interesse.

— E você, como está, Lara?

— Eu... bem. — Não era fácil falar com ele a tão curta distância. Custava pensar com clareza quando ele pronunciava seu nome com tanta ternura. — O capitão me pediu que tomasse uns dias livres. E acredito que vão me dar algum tipo de distinção. É penoso que todo mundo pense que sou uma heroína.

Jack estendeu um braço pela parte detrás do sofá.

— *Cara mia*¹¹, é uma heroína.

¹¹ Minha querida.



Cara mia? Lara tinha crescido ouvindo *ma chère* ¹² na Luisiana, mas a versão italiana soava a algo novo e exótico. Mesmo assim, não devia deixar que lhe subisse à cabeça. Jack podia usar essas palavras todo o tempo sem as sentir.

— Não sou uma heroína. Foi você quem nos salvou. Logo programou aos Trent para que eu ficasse como uma Robocop. ¹³

— Era a melhor maneira de explicar o ocorrido. O importante é que não te aconteceu nada.

— Sim, graças a ti. Obrigada. De verdade. Não queria parecer ingrata. Simplesmente... me deixa incomoda que me atribuam o mérito de algo que você fez. — Também era incomodamente consciente de sua mão, que descansava uns centímetros detrás de seu pescoço. Sentiu um muito suave puxão. Estava-lhe tocando o cabelo?

Jack sorriu.

— É uma mulher honesta. Isso eu gosto.

— E você? Poderá ser honesto comigo?

A ele apagou-se lhe o sorriso da cara.

— Eu gostaria, mas estou de mãos atadas.

A ela caiu-lhe a alma aos pés.

— Não te entendo. Por que não me pode dizer a verdade?

— Sinto-o muito. Meu chefe me ordenou que não falasse de determinadas questões.

— Seu chefe? O da *MacKay Security and Investigation*?

— Sim.

— Procurei informação na Internet. Não dizia grande coisa, salvo que a empresa foi fundada em 1927 e tem sedes em Londres e Edimburgo.

Jack assentiu.

— Assim é.

Estava respondendo às perguntas da Lara, que pareciam evitar essas “*determinadas questões*”. Por isso ela decidiu seguir indagando.

— A que se dedica sua empresa?

— Proporcionamos serviços de segurança a clientes de todo o mundo, e nos especializamos em investigações.

— A isso se dedica? À investigação?

— Normalmente, sim.

— Está investigando algo aqui, em Nova Iorque?

— Não.

— Proporcionando segurança?

— Sim.

Lara bebeu um gole de vinho. Aquilo era como arrancar dentes. Eficaz, mas dolorosamente

¹² Minha querida.

¹³ *RoboCop* (no Brasil e em Portugal: *Robocop, o policial do futuro*) é um filme americano de 1987, do gênero ficção científica, dirigido por Paul Verhoeven, e também o nome do personagem fictício principal. No final dos anos 80, o herói cibernético se tornou um dos maiores sucessos de bilheteria da época. *RoboCop* teria mais dois filmes, uma série de TV nos anos 90, duas séries animadas (uma no final dos anos 80 e outras duas dos anos 90), além de aproximadamente cinco videogames.



lento. Se somente pudesse fazer que se soltasse um pouco.

— Está seguro de que não quer um pouco de vinho? Ou algo mais forte?

Ele elevou uma das comissuras dos lábios, e os olhos lhe brilharam com um gesto de diversão. *Merda!* Ele sabia o que estava acontecendo. Necessitava uma mudança de estratégia, mas soltar uma pergunta sobre extraterrestres ou homens biônicos teria parecido muito ridículo.

Entanto, sempre podia fazer o que lhe tinha sugerido LaToya: *examinar seu corpo*.

— Pobre! Tem a camiseta completamente empapada. Por que não a tira e a meto na secadora?

Ele se olhou a camiseta molhada.

— Não é tão grave.

— Está completamente molhada. Vais pegar um bom resfriado.

Torceu o gesto.

— Duvido-o.

— Insisto. — Lara se inclinou para diante para agarrar sua camiseta e liberar a prega do interior dos jeans. O que esperava encontrar? Guelras ao longo do tórax?

— Tenta me violar, *belíssima*?

Ela se ruborizou.

— Claro que não. Simplesmente não quero que fique doente por culpa de uma camiseta molhada.

— Que detalhe por sua parte! — Os olhos do Jack brilharam. — Acredito que minhas calças também estão um pouco molhadas.

As bochechas de Lara acenderam ainda mais.

— Eu os vejo secos.

— Me avise se trocar de opinião. — Ele ficou em pé e terminou de tirar a camiseta negra de uns jeans que penduravam deliciosamente baixos em seus estreitos quadris. Dos jeans emergiu uma linha de pelo negro que contrastava fortemente com sua pálida pele.

Lara respirou fundo, evitando perguntar-se aonde conduzia a linha de cabelo negro. Homem de aço? Não, não ia pensar nisso. Mas lhe surpreendeu a palidez de sua pele. Quanto tempo levava no turno de noite?

Ele levantou mais a camiseta, revelando um redemoinho de cabelo negro ao redor do umbigo. *Um só umbigo*. Sua pele convidava a acariciá-la. Nada extraterrestre.

A ela se secou a boca quando a camiseta se elevou mais um pouco. Sem dúvida, um extraterrestre não teria podido imitar esses abdominais, o cabelo do peito, os fortes peitorais. Que cientista pegaria pelo no peito de um homem biônico? Sempre podia tocá-lo para comprovar se era real; puxar um par desses cachos negros para comprovar se estavam pegos com cola. Pelo bem de sua investigação, *é óbvio*. Suas mãos se fecharam, resistindo à tentação.

Ele se movia lentamente. Hah! Foi assim, enfatizando como ele era sexy? Levantou os braços, e os peitorais e os ombros se incharam e esticaram ao tirar a camiseta por cima da cabeça. Lara se mordeu um lábio para não gemer. Ou babar.

Ele deixou cair a camiseta sobre a mesa de centro.

— Seu turno.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— O que? — Elevou o olhar até encontrar-se com o seu. Brilhavam lhe as bolinhas douradas de seus olhos. — Eu... eu não me molhei.

Os orifícios nasais se alargaram e o peito se expandiu ao respirar fundo. Falou com uma voz suave e profunda:

— Está segura, *cara mia*?

Lara fechou as coxas. *OH Deus!* E se também possuía um desenvolvido sentido do olfato?

Ele se sentou a seu lado no sofá.

— Tenho que a advertir sobre isso céu. Nem que me leve a sua cama poderei te dizer o que quer ouvir.

Ela ficou olhando-o nos olhos enquanto digeriria suas palavras, e logo exclamou:

— Não tentava te levar a cama para obter informação. Como te atreve! — Agarrou sua camiseta molhada da mesa de centro e se dirigiu à cozinha.

Jack se levantou e deslizou as mãos no interior dos bolsos de seu jeans.

— Acredito que interpretei mal a situação. — Inclinou a cabeça e estudou as botas de pele negra que levava. — Te ofendi. Lamento-o.

Parecia realmente envergonhado. Uma pequena fenda abriu passo pelas defesas da Lara até seu coração. Face à atitude sedutora e sexy de Jack, suspeitava que em seu interior houvesse um homem doce e vulnerável. Introduziu a camiseta na pequena secadora que havia em cima da máquina de lavar roupa.

— Só queria conversar contigo. Quero saber por que pode te mover tão rápido. E como faz para aparecer e desaparecer, ou para controlar a mente da gente.

Ele a seguiu à cozinha.

— Sinto-o de verdade, mas não lhe posso explicar isso.

Tinha entrado em um beco sem saída. Apertou um botão da secadora, e o zumbido da máquina cortou o tenso silêncio. Lara não pôde resistir.

— Minha amiga acredita que é um extraterrestre.

Dedicou-lhe um sarcástico olhar.

— Acaso pareço um extraterrestre?

— Poderia estar usurpando o corpo de alguém. Ou, dada sua habilidade para manipular a mente da gente, poderia fazer que todos acreditassem que é um humano.

Ele se apoiou na bancada da cozinha e cruzou os braços sobre seu amplo peito.

— Vê-me como sou. Não sou capaz de influir sua mente.

— Porque você o diz.

Ele franziu o cenho.

— Não te estou mentindo. Acredite-me: se pudesse apagar sua memória, já o teria feito, e agora não teríamos esta incômoda conversação.

Tinha razão: era incômoda.

— Posso... posso te tocar? Quero dizer, só para ver se sua pele é normal.

Ele deixou cair os braços a ambos os lados.

— Toque!

Ela respirou fundo, se aproximou dele e lhe colocou uma mão sobre o peito, à altura do



coração. O pelo daquele peito era como uma almofada suave e sedosa. Uns cabelos lhe enrolaram nos dedos como se lhes dessem as boas-vindas.

— Sinto seu coração. Bate um pouco rápido — disse Lara.

— Está-me tocando.

Tanta influência tinha sobre ele? *Gostava*. Dedicou-lhe um sorriso brincalhão.

— Assim... não esconde um segundo coração em algum lado?

A comissura da boca lhe tremeu ligeiramente.

— Busca o. Aonde ia escondê-lo?

Lara sentiu como se lhe faltasse o ar. Acaso lhe insinuava que era um extraterrestre?

— Não sei. Onde? — Deslizou a mão por seu peito e a pressionou contra seus duros abdominais.

— Não sinto nenhum batimento do coração.

— Um pouco mais abaixo.

— Aqui? — Chegou até o cinto de seu jeans.

— Um pouco mais abaixo.

Notou o vulto sob o zíper e tirou a mão imediatamente.

— É um porco!

Ele riu.

— Ao menos o tentei.

— Pois se isso é o que entende por “coração”, terei que fazer de parte-corações. —

Levantou as mãos e fez o gesto de partir um ramo em dois.

Ele fez um gesto de desgosto, embora ainda houvesse risada em seus olhos.

— Por favor. Meu coração é muito sensível.

Ela arqueou as sobrancelhas e lhe dedicou um olhar inocente.

— Ah! Tem um coração brando? Que tenro!

— Não tive nada brando desde que te conheci — grunhiu ele.

Ela passou por cima do calor em suas bochechas.

— Saca a língua.

— A língua?

— Sim. Para me assegurar de que não é bífida, como a de uma serpente.

Ele a olhou com gesto desafiante.

— Mostro-te a minha, se você me mostrar a tua.

— Minha humanidade não está em questão. Como controla a mente da gente? Tem poderes parapsicológicos?

— Algo assim.

Por fim chegava a alguma parte.

— Como faz para te mover tão rápido? — Perguntou-lhe.

— É um dom. — Arqueou uma sobrancelha. — Também posso me mover muito devagar.

Quer vê-lo?

Ela se mordeu o lábio para evitar dizer que sim. *Santo Deus!* Aquele homem era muito tentador. Ou lhe estaria fazendo algo?



— Está seguro de que nunca manipulaste meus pensamentos?

— Nunca. Tentei-o, mas não tenho nenhum controle sobre ti.

— Não é uma merda, a vida?

Ele sorriu.

— Começo a gostar. Nunca sei o que fará ou dirá. É emocionante. E também eu gosto de saber que reage sempre com sinceridade. — Inclinou a cabeça, estudando-a. — Acredito que se sente atraída por mim.

Ela soprou.

— Ego pequeno. — Olhou para outra parte. — Deve estar pensando com *“seu”* coração.

— OH, sim! Estive pensando muito duro. — Jack riu quando ela arregalou os olhos. — Embora não posso responder a todas suas perguntas, sinto-me honrado pelo interesse que põe em mim.

— Interesse profissional.

— Certamente. Por minha parte, encontro-te igualmente enigmática.

Lara piscou. Não podia estar falando a sério.

— Não há nada fora do normal em mim.

— Não estou de acordo. Poderia estar levando uma vida acomodada na Luisiana. E é o bastante bonita para ganhar mais concursos de beleza.

A ela crispou o rosto.

— Investigaste-me?

— É meu trabalho. — Olhou-a com uma faísca de picardia. — Me assombram sua valentia e determinação. Renunciaste a uma vida fácil para te converter em agente de polícia.

— Queria dar sentido a minha vida.

— *Cara mia*, sua vida sempre estará carregada de sentido.

A fenda em suas defesas se alargou. Olhou-o nos olhos. Jack a olhava intensamente, como se pudesse tocá-la com o olhar. Então ela desviou o olhar, afligida por um estranho desejo. Como podia desejar que a tocasse se não sabia nada sobre ele?

— Como o faz? — Sussurrou ele.

— Como faço o que? Pôr-me tão nervosa?

— Ao longo dos anos, conheci a mulheres inocentes e a mulheres sedutoras, mas nunca conheci a uma que fora ambas as coisas. Até hoje. — Deu um passo para ela. — Tão pura e tão provocadora ao mesmo tempo.

Quando abriu a boca para protestar, olhou-o nos olhos e se esqueceu de falar. Havia tanto desejo em seu olhar, tanta fome, que sentiu moleza nos joelhos.

Ele se aproximou um pouco mais.

— Me perguntou que lado acabará por se impor. O inocente ou o sedutor?

— Eu... — Lara se apoiou na secadora, que vibrou contra suas costas, lhe fazendo sentir um formigamento na pele e a necessidade de que ele a tocasse.

Quando Jack lhe passou os dedos pela bochecha, ela estremeceu. Estava-lhe comendo a boca com o olhar.

“Vai beijar-me!” Devia deixar se beijar? *OH Deus!* Tinha razão. Em sua mente, duas vozes



liberavam uma batalha. A recatada e correta a advertia que não se atasse com um homem tão misterioso, enquanto que a mulher primitiva que levava dentro a empurrava a lançar-se ao desconhecido e deixar se envolver por aquele encanto misterioso, seu enorme atrativo, sua virilidade. “*Deixe-o te beijar!*”

O dedo indicador do Jack lhe roçou o lábio inferior, e um anseio irrefreável se apoderou de seus sentidos. Consumia seu corpo, a fazia desejar com todas suas forças seu tato, seu beijo. “*Deixe-o te beijar!*” Começou a lhe chupar o dedo.

Ele gemeu.

— Lara! — Retirou o dedo e agarrou a cara dela entre as mãos. — *Cara mia.*

— Sim. — Deus santo! Ela queria conquistar seu amor.

Jack se inclinou para diante e lhe roçou a boca com seus lábios.

Capítulo 7

Antes que se inventasse o sangue sintético, Jack se tinha aproveitado das mulheres para sobreviver. Não era algo do que estivesse especialmente orgulhoso, mas sempre se tinha assegurado de que às mulheres parecesse uma experiência prazenteira. Invadia seus pensamentos e averiguava o que queriam exatamente. Se procuravam sexo, se assegurava de que ficassem totalmente satisfeitas. Se necessitavam compressão e ternura, dava-as. Logo tomava meio litro de sangue e lhes apagava a memória.

Lara era distinta. Não sabia o que queria, e se cometia um engano não podia apagá-lo e começar de zero.

Era aterrador. Era estimulante. Era como voltar a ser mortal. Todos seus sentidos estavam centrados no agora. Agora tinha que fazê-lo bem. Isso fazia que se sentisse mais vivo que nunca. E também mais vulnerável.

Suas velhas inseguranças voltaram a apoderar-se dele. Poderia agradá-la sem saber o que queria? Tinha mais de duzentos anos, de modo que não lhe faltava técnica. Mas Lara era distinta. Merecia algo mais que uma rotina perfeitamente ensaiada. Não podia apagar sua memória, assim devia ser especial.

Levou a boca o lábio inferior da Lara e o acariciou com a língua. Ela respondeu com um profundo gemido, e a alegria lhe invadiu o coração. Estava-lhe dando prazer. Passou a língua entre seus lábios.

E estes se abriram.

Jack ficou desarmado. Como podia não apaixonar-se por ela? Estava-se abrindo a ele sem ter que recorrer a truques vampirescos. Ele apertou seus lábios contra os da Lara e lhe devolveu o beijo, abraçou a seu pescoço e o aproximou contra seu corpo. *Santo céu!* Desejava ao Jack, o homem. Não ao Giacomo, o Casanova. Nem ao Jack, o vampiro. Desejava-o a ele.

Ele a estreitou entre seus braços com um gemido. Ela respondeu com um doce ronrono, como uma rendição. E aquilo o acendeu de paixão, uma necessidade tanto tempo adormecida, a

necessidade de possuir a uma mulher e reivindicá-la como própria. Pinçou o interior de sua boca com a língua, que ela acariciou com a sua. Tinha sabor de vinho e chocolate, áspera e doce de uma vez. Ela era anjo e demônio, e ele queria equilibrar-se sobre ela e adorá-la ao mesmo tempo.

Jack lhe percorreu as costas com a mão, os dedos separados atraindo-a contra si. Ela, por sua parte, se derretia em seus braços e se aferrava a seus ombros. Tão generosa e, entretanto, tão exigente. Ao diabo com tantos anos de sedução refinadas e elegantes. Queria-o fazer de forma selvagem e honesta. Queria fazê-la gritar de prazer. Agarrou-lhe o traseiro e a puxou para sua virilha, contra sua ereção. Ela desfez o beijo com um ofego, e lhe cobriu o pescoço de beijos. Podia cheirar seu sangue tipo A, que pulsava com força na carótida; a rapidez de seus batimentos do coração lhe chegava como um eco ao ouvido. Os dedos da Lara se cravaram em sua pele.

— Lara — lhe sussurrou ao ouvido. — Te desejo.

Ela estremeceu entre seus braços.

Jack lhe acariciou o pescoço com o nariz. Deus, queria lambê-la. Queria levá-la ao orgasmo. Normalmente, utilizava o controle mental e a saliva vampírica para levar a uma mulher ao clímax lhe lambendo o pescoço. Era um velho truque para fazer que a penetração das presas tivesse um efeito orgásmico em lugar de doloroso. Mas agora não precisava alimentar-se e não tinha nenhuma conexão mental com a Lara. Não sabia se sentiria algo.

Pressionou a língua contra a palpitante artéria. Sentiu uma comichão nas gengivas, que ansiavam liberar suas presas. Até com o estômago cheio, aquela mulher era uma enorme tentação. Percorreu seu pescoço com a língua, e ela sentiu calafrios.

— Jack! — Lara enterrou as mãos em seu cabelo.

Estava-o sentindo. À maneira tradicional. Suas reações eram honestas, como ela mesma. A ereção de Jack já não cabia em suas calças. *Merda!* Estava a ponto de estalar. Apoiou a testa sobre sua têmpora e respirou fundo. Sentiu a pressão de seus peitos enquanto ela também tentava recuperar o fôlego.

— Deus! — Sussurrou ela.

— Santo céu! — Exclamou ele.

— O que quer dizer “Santo...céu!”?

— O paraíso.

— E que o diga! — As mãos da Lara escorregaram por suas costas. — Boas notícias: comprovei que sua língua não é bífida.

— Tranquiliza-me. — Jack se separou um pouco para aliviar a pressão em sua virilha.

Ela tragou saliva e o soltou.

Merda! Tinha-se dado conta muito tarde de que seus olhos ainda estavam vermelhos. Tinha-o conseguido ocultar antes do beijo, mas agora...

— Tem os olhos vermelhos! — Se separou dele.

— *Bellissima*, não se preocupe. Não é nada.

— E uma merda! Uns olhos vermelhos brilhantes sim que querem dizer algo. Não sei o que, mas mais vale que me explique isso.

Como podia explicar algo assim?

— É só um sinal de que estou... aceso.



Ela se crispou.

— Aceso? Como um androide? É como Data¹⁴?

Jack titubeou. Não sabia o que queria dizer. Desgraçadamente, Lara interpretou sua vacilação como um assentimento.

— Não posso acreditar isso. Embora isso explique tudo. — Olhou-o com curiosidade. — Não sabia que os androides pudessem beijar assim. Ides deixar sem trabalho aos homens de verdade.

— Lara...

— Tem um interruptor? — Ficou a seu lado e lhe pinçou a nuca com os dedos. — Acredito que o interruptor de *Data* estava por aqui.

— Lara, não sou um androide. Tenho um coração, recorda?

— Poderia ser um coração artificial. Ou poderia ser como o homem biônico¹⁵, com apenas algumas partes mecânicas. Isso explicaria sua super velocidade e seu super ouvido. — Inspeccionou seus ombros e seu peito com a mão. — Onde está o interruptor?

Não o escutava. A pobre estava muito desesperada para tirar algo em claro daquela situação.

Deslizou a mão até seu umbigo:

— É este?

Jack não pôde resistir.

— Um pouco mais abaixo.

Ela olhou mais abaixo, e o vulto nas calças era maior que antes.

— Ah, venha já! — Deu-lhe um tapa no braço. — Isso não é um interruptor. Embora poderia ser um pequeno botão de apagado.

— Mas bem é como uma alavanca. E se a agarrasse, acender-me-ia definitivamente.

Ela soprou.

— Definitivamente, tem que ser um tipo normal. Leva toda a noite tentando conseguir algo.

Sorriu-lhe.

— *Bellissima*, quando se trata de receber prazer, sempre digo primeiro as damas.

As bochechas da Lara se acenderam.

— Teria que ter sabido que não podia ser um androide. Ninguém programaria a uma máquina para que fosse tão atrevido como você.

— Não queria que fosse uma máquina, verdade?

— Não, mas ainda não sei o que ou quem é. — Se voltou e abriu a porta da secadora. —

¹⁴ *Data* é um personagem ficcional do universo *Star Trek* interpretado pelo ator Brent Spiner. Ele aparece na série de televisão *Star Trek: The Next Generation* e nos filmes *Star Trek Generations*, *Star Trek: First Contact*, *Star Trek: Insurrection* e *Star Trek Nemesis*. Desenhado e construído pelo Dr. Noonien Soong, *Data* é um androide senciente que serve como segundo oficial e oficial chefe de operações a bordo das nave estelares *USS Enterprise-D* e *USS Enterprise-E*. *Data* passou por dificuldades durante os primeiros anos da sua vida para entender vários aspectos do comportamento humano, sendo incapaz de sentir alguma emoção ou entender algumas idiossincrasias humanas, inspirando-o a se tornar um humano. Esse objetivo eventualmente o levou a instalar um "chip de emoção", também criado por Soong, em seu cérebro positrônico.

¹⁵ *The Six Million Dollar Man* foi uma série de televisão estado-unidense produzida e exibida entre 1974 a 1978 pelo canal ABC. A série é sobre o ciborgue Steve Austin, interpretado pelo ator Lee Majors. No Brasil a série se denominou *O Homem de Seis Milhões de Dólares* ou também de *O Homem Biônico*. A série era na época costumeiramente reprisada pela Rede Bandeirantes. O programa se baseou no livro *Cyborg* de Martin Caidin de 1972, que se tornou um best-seller, com três sequências: *Cyborg II: Operation Nuke*, *Cyborg III: High Crystal*, e *Cyborg IV*.



Mais vale que te vista. Está claro que não me vais dizer isso.

— Lara. — Jack apoiou uma mão em seu ombro. — O sinto.

Ela tirou sua camiseta negra com um suspiro.

— Não entendo por que não me pode dizer isso.

Ele agarrou a camiseta quente.

— Por segurança. Há... outros aos que poderia pôr em perigo se falasse mais do que deveria.

— Outros como você?

Jack vestiu a camiseta.

— Isso não lhe posso dizer.

— Tem que haver uma saída. — Lara fechou a porta da secadora. — O que te parece se falar eu? Se me equivocar, diz-me isso; se acerto, cala-te.

Isso podia funcionar durante umas quantas perguntas, mas ele duvidava seriamente de que pudesse descobrir sua condição de vampiro.

— É um ser extraterrestre? — Lara lançou a primeira pergunta.

— Não. — Meteu a camiseta por dentro dos jeans.

— Tem alguma parte metálica, como um homem biônico?

— Não.

Pôs lhe uma mão no peito.

— És humano, de carne e osso?

— Agora mesmo, sim. — Seu coração pulsava agora, mas deixaria de fazê-lo ao amanhecer.

Torceu o gesto.

— É um homem só agora mesmo?

— Se tiver dúvidas sobre minha virilidade, *céu*, deslizou a mão um pouco mais abaixo.

Ela se riu.

— Alguma vez se dá por vencido, né?

Roçou-lhe a bochecha.

— Temo que terei que fazê-lo esta noite. O dever me chama.

— Onde trabalha?

— Onde me mandam.

Agarrou sua camiseta e a apertou com o punho.

— Está-me voltando louca!

— *Cara mia*. — Jack deslizou a mão por sua nuca. — O sentimento é mútuo.

— Por que não pode confiar em mim? — Sussurrou. — Vieste em minha ajuda. Pode ser que me tenha salvo a vida. Compartilhamos um beijo muito bonito...

— Bonito?

— Muito bonito. — Lara o olhou com gesto zangado. — Ok, foi super ultra mega legal. O caso é que jamais te faria mal. Confia em mim.

Ele sentiu uma pontada no coração. Sabia que agora dizia o que sentia, mas se chegava a descobrir a verdade o consideraria um monstro.

— Lara. — Apoiou a testa em sua testa. — Oxalá pudesse ser o homem que quer que seja. O tipo de homem que merece.



Tocou-lhe a cara.

— O que impede isso?

Jack fechou os olhos.

— A vida... e a morte. — Ela era o primeiro, e ele o segundo.

— Não te entendo.

— Sei. — Deu-lhe um beijo na testa. O melhor para ele era não voltar a vê-la mais.

Entretanto, a ideia de não voltar a tê-la em seus braços, de não voltar a ouvir sua risada, de não voltar a perder-se no céu azul de seus olhos... partia-lhe o coração.

Mas que alternativa havia? Ela podia permanecer na ignorância e recordá-lo com carinho, ou averiguar muito e recordá-lo com asco. A primeira opção era a melhor para ambos.

— Boa noite, Lara.

Goodbye, cara mia. Saiu de seu apartamento desejando estar morto. Por desgracia, esse desejo era real a cada amanhecer.

Lara não teve notícias do Jack em cinco dias. Tentava não pensar nele, mas como podia esquecer ao homem mais enigmático que tinha conhecido? Ou o beijo mais estremecedor que tinha recebido?

Cinco largos dias. Sem dúvida, estava-a evitando. Embora fosse óbvio que não queria lhe dizer a verdade sobre si mesmo, não podiam ser amigos? Em seu interior, sentia que podia confiar nele. Tinha ido em sua ajuda. Tinha-a protegido. Tinha-se desfeito em desculpas por não poder lhe dar mais explicações. Tinha que ser um bom homem. E, certamente, beijava como os Deuses.

LaToya não deixava de insistir em que o chamasse, mas Lara resistia. LaToya tinha investigado sua matrícula, assim conhecia sua direção, mas ela se negava a ir vê-lo. Estava doída e decepcionada porque ele não tinha confiança nela, de modo que ela também o estava evitando.

Ainda não tinha que voltar para o trabalho, assim passava os dias cozinhando, limpando, vendo algum DVD. Sobre tudo, de comédias românticas. Nenhum dos heróis era tão sexy como Jack. Evitava ver sua coleção de séries de ficção científica, pois se teria arrasado vendo os personagens teletransportar-se.

Quando soou o telefone no domingo pela tarde, encolheu-lhe o coração. Seria Jack? Se lançou a agarrar o aparelho, mas logo se deu uma bofetada mental. *“Não te mostre ansiosa!”*

Levantou o auricular até seu ouvido a câmara lenta e fingiu voz de aborrecida.

— Diga?

— Né, neném!

Os ombros lhe caíram ao ouvir a voz da LaToya.

— Né?

— Agora saio do trabalho — disse LaToya. — Te espero no *Morningside Park* dentro de meia hora.

— Por quê?

— Logo lhe conto. Vemo-nos dentro de uns minutos. — LaToya baixou a voz. — Não esqueça sua placa.

— O que? — Perguntou Lara, mas sua companheira de apartamento já tinha desligado. Que

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



trazia entre as mãos LaToya? Normalmente, voltava diretamente para casa ao acabar seu turno.

Trinta minutos depois, quando esperava junto à entrada principal do parque, Lara viu que LaToya caminhava para ela de uniforme.

— O que acontece? — Lara se pendurou a bolsa do ombro.

— Quero te mostrar algo. — LaToya a conduziu até a entrada da Universidade de Columbia.

— Não queria mencioná-lo do trabalho. Ali o caso passou às mãos de uns detetives, assim se supõe que já não me concerne.

— Que caso?

— Uma estudante desaparecida. Vanessa Carlton. Meu companheiro e eu atendemos a chamada do 911, e mais tarde o passamos aos detetives.

— E por que estamos aqui? — Perguntou Lara.

LaToya acomodou os óculos de sol para proteger-se do resplendor das últimas horas da tarde.

— Estive presente quando os detetives interrogaram às garotas da residência de estudantes, e foi algo muito estranho. Não podia me tirar da cabeça a descrição que fez do Harvey e os paramédicos quando estavam sob o controle mental do Jack.

Lara deu um coice.

— Acredita que Jack está envolto no desaparecimento dessa garota?

— Não sei o que pensar. E tampouco podia contar aos detetives o que tinha passado a Harvey quando nem ele mesmo o recorda. Tomar-nos-iam por loucas.

— Isso é certo.

— Pensei que o melhor seria que você visse estas garotas — seguiu dizendo LaToya. — Viu o controlo mental, assim que talvez saiba se foi o mesmo que passou a estas garotas.

A Lara caiu-lhe a alma aos pés.

— Ok. — Sempre pensou que Jack era distinto. Fora do normal. Mas nunca lhe tinha passado pela cabeça que fora um criminoso. Não podia estar envolto nisso. *“Por favor!”*

Seguiu a LaToya até a residência. A parede que havia junto à entrada estava forrada com um quadro de anúncios no que conviviam anúncios de seminários e festas.

Na entrada havia pequenos grupos de garotas cochichando. Quando viram a LaToya em uniforme, baixaram a voz em atitude temerosa.

— Agente? — Se dirigiu a ela uma das garotas. — Alguma novidade sobre a Vanessa?

— Ainda não, sinto-o — respondeu LaToya.

As garotas escutaram atentamente e logo se retiraram a seus respectivos quartos.

— Este é o quarto da Vanessa. — LaToya bateu na porta do quarto 116 e logo elevou a voz: — Polícia de Nova Iorque!

A porta se abriu, e uma moça apareceu. Jovem, de uns dezoito anos de idade, deduziu Lara. Cara gordinha, olhar inocente.

— Encontrei-la? — Abriu os olhos de par em par, esperançada.

— Estamos nisso — respondeu LaToya. — Megan, vim com outra... detetive, que te quer fazer algumas perguntas — disse, assinalando a Lara. — Podemos passar?

— É óbvio. — Megan abriu a porta. — Mas já contei aos outros detetives tudo o que sei. —

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Se sentou com as pernas cruzadas sobre uma das duas camas gêmeas que havia no quarto e colocou uma tigela de M&M sobre o colo. — Querem?

— Não, obrigada. — Lara se sentou na cadeira do escritório que havia entre as duas camas gêmeas.

LaToya se sentou no bordo da outra cama e tirou um pequeno bloco de papel de notas e uma caneta do bolso da camisa. Lara começou com perguntas sobre os horários da Vanessa, suas amigas, seus amigos, seus passatempos e lugares de reunião favoritos. LaToya tomava notas enquanto Megan respondia entre bocados de chocolate.

— Tem uma foto recente da Vanessa? — Perguntou Lara.

— Os outros detetives levaram a melhor. — Megan agarrou um álbum de fotos do escritório e passou páginas — esta é bastante boa. — deu-a a Lara.

Lara analisou a foto.

— Cabelo castanho avermelhado, olhos azuis, esbelta.

— Sim. Vanessa é muito bonita. — Megan olhou a tigela de M&M com gesto culpado. — Não está gorda como eu.

— Algum problema com os meninos? — Perguntou Lara.

Megan negou com a cabeça, e seus cachos castanhos saltaram em torno de sua cara.

— A gente dá por certo que Vanessa sai com muitos meninos, mas não é verdade. É... é um pouco suscetível. Quer reservar-se para o menino perfeito.

— Entendo. — A jovem desaparecida não parecia ser das que escapam para ter uma aventura amorosa. Lara se girou para a LaToya. — Contataram com a família?

— Sim — disse LaToya. — Não têm a menor ideia de onde pode estar. Dizem que nunca antes tinha partido de casa.

— E interrogaram a seu ex-noivo? — Perguntou Lara.

— Sim. Tem um álibi. E está muito apaixonado pela garota com quem sai. Beco sem saída!

Lara voltou a concentrar-se na Megan.

— Você tem ideia de onde poderia estar?

— Não. — Megan meteu mais chocolate na boca. Voltou a agarrar um punhado de M&M.

— Ontem à noite foi a algum lugar com a Vanessa? — Perguntou Lara.

Megan deixou cair uma mão inerte, e os M&M caíram com um tamborilar na tigela. Seu rosto perdeu a expressão.

— Estávamos no quarto, estudando.

Um calafrio percorreu os braços da Lara. O olhar da Megan estava vazio, como tinha estado o do Harvey. Como o dos sanitários e os Trent. *“Deus, não! Que Jack não esteja envolto nisto.”*

— Já lhe disse que era muito esquisito — sussurrou LaToya.

Lara clareou a voz.

— Megan, era um sábado à noite. Seguro que foram a algum lugar. Talvez a comer algo?

— Estávamos no quarto, estudando — repetiu Megan.

— E Vanessa não saiu em toda a noite?

— Estávamos no quarto estudando — sussurrou Megan.

— Entendo. — Lara ficou de pé e meteu a foto da Vanessa no bolso dos jeans. — Obrigada



por responder a minhas perguntas.

Megan piscou e pôs uma cara de surpresa.

— Vai já?

— Sim. Mantermo-nos-emos em contato. — Lara se dirigiu para a porta.

— Ok. — Os olhos de Megan recuperaram seu ar espectador. — Espero que Vanessa esteja bem. Ela... ela é muito boa comigo, sabe? Ensinou-me a me maquiar.

LaToya conduziu a Lara pelo corredor da residência.

— Vê a que me refiro? Megan estava atuando com normalidade, e logo se converteu em um zumbi.

— Sei — resmungou Lara. — Parecia estar programada.

— E só conhecemos uma pessoa capaz de fazer isso.

Lara crispou o rosto. *“Jack não, por favor!”*

— Poderia haver outros com a mesma habilidade. — Ele tinha dito algo a respeito de proteger a outros? Outros que podiam ser como ele. Mas, se seus amigos eram capazes de sequestrar, que se podia dizer do Jack?

LaToya bateu na porta 124.

— Aqui vivem as amigas da Vanessa. Carmen e Ramya.

Lara falou com as duas garotas. As duas eram morenas e bonitas. Carmen parecia latina, e Ramya, Índia. Estavam visivelmente preocupadas com a Vanessa e ansiosas por ajudar como pudessem. Até que Lara lhes perguntou se tinham saído a noite anterior.

Perderam a expressão da cara e os olhos se estreitaram.

— Estávamos no quarto, estudando — responderam ao uníssono.

Lara se arrepiou.

— Obrigada. — Quando fechou a porta, voltou-se para a LaToya. — Não o diga. Não pode ser Jack.

LaToya fez uma careta de desgosto, logo se dirigiu às escadas.

— Há alguém mais a quem quero que conheça — continuou LaToya.

Lara a seguiu até o segundo andar.

— As três garotas foram programadas para dizer o mesmo. Devem ter saído juntas. Mas por que sequestraram a Vanessa e deixaram ir às outras garotas?

— Talvez o autor só pode dirigir a uma vítima de uma vez. — LaToya girou à direita ao final do corredor.

— Não acredito. Com o controle mental, poderia dirigir a uma habitação cheia de mulheres. Nem sequer teria que as atar. Obedecer-lhe-iam como cordeiros.

— Nisso tem razão. — LaToya chamou — este é o quarto da Roxanne.

Abriu-lhes uma garota com cabelo tingido de negro, muito delineador negro e um brinco no lábio.

— O que acontece?

— Dir-te-ei o que se passa — respondeu LaToya. — Megan, Carmen e Ramya asseguram que ontem à noite ficaram em seus quartos, estudando.

— Bom, não poderia jurar o contrário da Carmen e Ramya, porque não estive em seu quarto.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



Mas sei que Vanessa saiu, assim que as demais devem ter saído com ela. Seguem-na a todas as partes, como cadelas mulherengas. São patéticas.

— Como sabe que Vanessa saiu? — Perguntou Lara.

Roxanne pôs os olhos em branco.

— Olhe, ontem à noite a regra me estava matando de dor, e Vanessa... é como uma puta farmácia aqui. Assim fui a seu quarto para lhe pedir umas pastilhas e ninguém respondeu à porta. Estava fechada, mas eu estava desesperada, já sabe. Assim forcei a porta e entrei.

— E o que viu? — Perguntou Lara.

— Uma caixa de *Midol* na primeira gaveta de sua cômoda, assim agarrei duas pastilhas. Deixei-lhe cinquenta centavos. Não sou uma ladra, sabe? — Olhou a LaToya com gesto de preocupação. — Não me vão prender por isso, verdade?

— Não se preocupe — a tranquilizou Lara. — Quer dizer que o quarto estava vazio? Vanessa não estava ali?

— Não. Nem Vanessa nem sua companheira gorducha.

— Alguma ideia de aonde poderiam ter ido? — Perguntou Lara.

Roxanne soprou.

— Não sei. Talvez saísse às compras ou fazer a manicura. Fica como louca se suas unhas não estiverem perfeitas. Ou seu cabelo. Tem como cinquenta bolsas diferentes para os livros, assim cada dia as pode combinar com a roupa que fique.

LaToya entrecerrou os olhos.

— Não te cai muito bem, verdade?

— OH, que observadora! *Nancy Drew*¹⁶. Mas se acreditar que eu seria capaz de lhe fazer dano, está louca. Este semestre me pagou trezentos dólares para que lhe redija os trabalhos. Necessito-a. — Roxanne fez uma careta de desgosto. — E toda esta história me assusta. O mesmo aconteceu o ano passado a Brittney Beckford. Desapareceu, e os polis nunca deram com ela.

Lara intercambiou um olhar de preocupação com a LaToya. Brittney tinha desaparecido antes que elas chegassem a Nova Iorque. Quanto tempo levava Jack em Nova Iorque?

— Pode descrever a Brittney? .

— A típica menina boneca — resmungou Roxanne.

— Pode ser mais explícita? — LaToya tirou seu bloco de papel de notas e sua caneta.

Roxanne suspirou.

— Cabelo comprido, loiro avermelhado. Bronzeado artificial. Olhos azuis de lentes de contato. Lábios de colágeno. Falsos amigos que se esqueceram dela. O único autêntico no Brittney era seu reduzido coeficiente intelectual.

— Obrigado. Foste de grande ajuda. — LaToya voltou a colocar o bloco de papel de notas em seu bolso e se dirigiu às escadas.

— Fascistas! — disse Roxanne entre dentes depois de fechar a porta.

¹⁶ *Nancy Drew é um personagem criado pelo escritor americano Edward Stratemeyer, fundador do Sindicato Stratemeyer (responsável pela produção da série de mistério vários literários, que inclui, entre outros The Hardy Boys e Tom Swift), que apareceu pela primeira vez em uma publicação 1930. É um detetive amador que já atuou em várias séries de romances de mistério para crianças e adolescentes, que foram escritos por vários autores e liberado para venda no âmbito da coletiva assinatura "Carolyn Keene."*



Lara e LaToya baixaram as escadas em silêncio, logo percorreram o corredor até a entrada da residência.

— A Vanessa parece lhe preocupar muito sua aparência — disse Lara.

— A ela e a um milhão de garotas — balbuciou LaToya.

— Sim, parece que ela e Brittney têm muito em comum. — Duas garotas ruivas ou de cabelo loiro avermelhado e olhos azuis, desaparecidas. Lara se deteve para jogar uma olhada ao quadro de anúncios. — Olhe isto! — Arrancou-o.

LaToya o leu em voz alta.

— *“Quer te manter sempre jovem e formosa? Seminário gratuito. Sala-de-aula 4, Edifício do Serviço de Estudantes. Sábado, 21:00 H.”*

— É o tipo de seminário ao que Vanessa assistiria. — Lara observou o papel. — Vamos ver do que vai.

Encontraram o sala de aula em que tinha tido lugar o bate-papo, mas dentro só ficavam um par de cadeiras de plástico e uma piçarra branca. Falaram com o encarregado do edifício, que comprovou o horário.

— Sala-de-aula 4? — O cara perdeu sua expressão. — Não houve ninguém nessa sala de aula no sábado de noite.

Lara tragou saliva. Quem quer que tinha dado o bate-papo tinha apagado seus rastros. Do mesmo modo que Jack tinha eliminado qualquer evidência dele e seus amigos no *Hotel Plaza*. *Merda!* Tinha desejado tanto acreditar em Jack, confiar nele.

Sentiu que lhe revolvia o estômago quando cruzavam o campus. Não podia acreditar que ele estivesse envolvido. Tinha que haver alguém mais com suas habilidades.

— Preciso falar com o Jack.

— Está com sorte. — LaToya tirou seu bloco de papel de notas e passou as páginas. — Aqui está sua direção. O Lexus que conduzia está registrado em nome de um tal Roman Draganesti. *Upper East Side*.

— Pois vamos para lá. — Lara ficou com o coração encolhido. Tinha desejado tanto voltar a vê-lo. Agora teria que interrogá-lo como suspeito.

— O que averiguou sobre o Jack quando esteve em nosso apartamento? — Perguntou LaToya. — Não me contaste grande coisa.

Não tinha querido falar do beijo. Tinha sido muito maravilhoso para reduzi-lo a uma fofoca. Uma visão revoava em sua mente: Jack embainhado em seu jeans, nu de cintura para acima; seu amplo peito e seus fortes ombros; seus quentes olhos cor café que brilhavam como o ouro, ou que ficavam vermelhos quando se excitava.

Tragou saliva.

— Não sei muito bem o que é.

LaToya meneou a cabeça.

— Isto não soa bem.

— Sei. — Lara sentiu um vazio no estômago. *“Por favor, Deus! Que Jack não seja um sequestrador. Ou um assassino.”*



Capítulo 8

Eram quase as seis da tarde quando Lara e LaToya subiram as escadas da casa do Roman Draganesti, no *Upper East Side*.

— Um lugar elegante. — LaToya jogou uma olhada à vizinhança do alpendre da entrada. — Bonito e tranquilo.

— Viu que todas as janelas estão protegidas com grossas persianas? — Lara tinha querido jogar uma olhada ao interior por uma das janelas, mas a casa estava fechada a pedra e cal.

Pressionou a campainha. A campainha soou dentro como se reverberasse em uma caverna vazia. Havia algo estranho naquele lugar, embora não sabia dizer o quê. Talvez fora fruto de uma imaginação hiperativa e sua atual sensação de luto.

A viagem no metro e a pequena caminhada não tinham ajudado a acalmar seus nervos. Um temor insistente se tinha instalado em suas vísceras e um pesar doentio tinha-se ocupado de seu coração. Como não era a primeira vez que sentia essa dor, podia reconhecer os sintomas. *Decepção. Traição.*

Depois do acidente de carro tinha lutado com todas suas forças por reconstruir sua vida e deixar atrás os concursos de beleza. Tinha conhecido ao Ronny na LSU. Tinha acreditado que ele compreendia sua necessidade de começar uma nova vida e dotá-la de sentido, tinha crêdulo nele e acreditado que a amava de verdade. Até que ele começou a dizer a seus amigos e a qualquer um que quisesse ouvi-lo de que tinha desvirginado a uma rainha da beleza. Ela só tinha sido um troféu para sua coleção.

Merda! Tinha acreditado que podia confiar em Jack. Tinha acreditado que ele era diferente, que a admirava por sua inteligência e sua força de vontade. Tinha acreditado que podia ser seu homem.

— Estão-nos observando — sussurrou LaToya.

Lara elevou a vista até a câmera de vigilância. Tinha-se acendido o piloto vermelho.

— Jack trabalha para uma empresa especializada em segurança.

— Me pergunto o que é o que protegem — disse LaToya entre dentes.

Ouviu-se um rangido proveniente do porteiro automático situado junto à porta.

— Sim? — Perguntou uma voz masculina.

Lara pressionou o botão para falar.

— Polícia de Nova Iorque. Temos que lhe fazer umas perguntas.

— Sim, abra a porta! — Gritou LaToya.

Houve uma pausa. Em Lara se criou um nó no estômago. *“Por favor, que Jack tenha um álibi para a noite de sábado.”*

A porta se abriu lentamente e revelou a um jovem alto. As palavras *MacKay S&I* estavam bordadas no lado esquerdo de seu polo azul-marinho. Levava a cintura de suas calças cáqui à altura do quadril, e o cabelo negro recolhido detrás em um acréscimo curto. Um pendente de ouro lhe brilhava na orelha. Era quase tão atrativo como Jack.



— Meu nome é Carlos — disse, com um leve acento. — No que lhes posso ajudar?

— Podemos entrar? — Perguntou LaToya.

O jovem arqueou as sobrancelhas.

— Têm uma ordem?

— Temos umas perguntas, se não lhe importar. — Lara lhe dedicou um sorriso amigável. —

Está Jack? Giacomo di Venezia, também conhecido como Jack.

Carlos inclinou a cabeça para um lado, estudando-a.

— Você é a agente que penetrou nas bodas do Ian? Ouvi coisas sobre você.

Lara sentiu um calor no pescoço e as bochechas.

— Sou a agente Boucher, e estou aqui por um assunto profissional. Estamos... interessados em Jack.

Carlos ficou com os olhos brilhantes.

— É claro que sim!

— Esta é minha companheira, a agente Lafayette. — Lara se girou para a LaToya. — Jack está? Precisamos falar com ele.

— Neste momento não está disponível. — Carlos a examinou dos pés à cabeça com um olhar entre curioso e divertido. — Robby disse que você era bonita, mas definitivamente é pouco. Deve estar ciumento porque Jack a pescou primeiro.

Lara se ficou tensa.

— Ninguém me “pescou”.

Carlos sorriu.

— Pois parece que alguém atirou a cana.

— Importar-se-ia deixar de dizer besteiras e chamar Jack? — Exigiu LaToya.

— Senhorita Lafayette. — Os olhos de Carlos brilharam enquanto estudava a LaToya. — Você é toda uma gatinha selvagem.

Ela entreteceu seus olhos castanhos.

— Imbecil! Mais vale que não te mostre as garras.

Carlos soltou uma risada.

— Informarei o Jack de que vieram a visitá-lo. Tem seu telefone?

— Queremos vê-lo agora mesmo — insistiu Lara. — Tenho entendido que dorme de dia, mas se importaria despertá-lo?

— Não é tão fácil — balbuciou Carlos. — Temo que não esteja aqui. Ao menos, no sentido metafísico.

LaToya apoiou uma mão no quadril.

— Então, onde está? No puto sentido metafísico.

— Frequentemente me faço essa mesma pergunta. — Carlos franziu o cenho. — Aonde vão, exatamente, quando não estão aqui?

Lara e sua companheira de apartamento se olharam. Carlos parecia a um passo de que o internassem em um manicômio.

— Quer dizer que não sabe onde está Jack?

— Não exatamente. Mas, se voltarem por volta das oito e meia, as atenderão.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Isso faremos — disse LaToya.

— Muito bem. — Carlos lhes sorriu. — Foi um prazer, senhoritas. *Ciao*. — Fechou a porta.

Lara ouviu o som de uns ferrolhos.

— Isto foi interessante.

— E eu que o diga. — LaToya baixou as escadas até a calçada. — Entre o Ian, Jack e Carlos, não sei quem está melhor.

“Definitivamente, Jack!” Lara olhou o relógio.

— Jantemos algo.

Caminharam em direção a Central Park, e logo giraram para o sul. Ao passar junto ao *Plaza*, Lara recordou que o hotel tinha um centro de negócios. Ela e LaToya compartilharam uma pizza em um local da Sexta Avenida, e logo voltaram para o *Plaza*, onde o pessoal se mostrou mais que disposto a cooperar com a polícia de Nova Iorque. Sentaram-se uma junto à outra diante de computadores no centro de negócios.

— Eu investigarei a esse tal Draganesti. — LaToya começou a escrever em seu teclado.

Lara procurou Giacomo di Venezia no Google, mas todos os enlaces remetiam ao Giacomo *Casanova*, o famoso *Don Juan*. Não serve de nada, embora a ajudou a recordar algo. Quando Lara o tinha interrogado na igreja, Jack tinha mencionado que seu pai tinha seduzido a centenas de mulheres, e que sua mãe tinha sido a última conquista. Que estranha coincidência!

Era Jack como seu pai? A sedução de mulheres era um esporte para ele? Em certo modo, Lara havia sentido que seu interesse por ela era autêntico. Mas não era assim como funcionavam esses tipos? Faziam que todas as mulheres às que seduziam se sentissem especiais. E não era a primeira vez que tiravam o sarro.

Causar-lhe-ia uma dor muito grande descobrir que era um porco mulherengo. Por desgrça, podia ser ainda pior. Podia ser um criminoso.

“Não!” Se negava a acreditar que Jack tivesse algo que ver com a garota desaparecida. Lara não o conhecia suficientemente, mas tampouco acreditava capaz de abusar de uma mulher. Tinha-lhe salvado a vida. Era um protetor, não um violador de mulheres.

— Pois este Roman Draganesti parece ser um gênio — disse LaToya. — Descobriu a forma de clonar sangue. Segundo este artigo, graças a seu sangue sintético se salvam milhares de vidas cada ano.

— Sangue sintético? — Disse Lara, pensativa. — Eu recebi sangue sintético no hospital.

— Então este tal Roman salvou a ti também — continuou LaToya. — A fábrica no Romatech Industries. Tem várias fábricas por todo o país, mas a maior está no *White Plains*, Nova Iorque.

— Não está muito longe daqui. — Lara procurou a palavra Romatech e encontrou uma notícia de imprensa do mês de dezembro que falava de um atentado com bomba na fábrica. Um carro tinha explodido no estacionamento, mas não tinha tido feridos de gravidade. Era a última de várias tentativas por destruir a fábrica.

— Parece que Romatech tem inimigos importantes.

— Talvez estejam levando a cabo algum tipo de investigação que enche o saco às pessoas — sugeriu LaToya. — Já sabe, células mãe ou engenharia genética.

— Evidentemente, necessitam de uma boa proteção. — Lara se perguntou se aquele seria o



trabalho de segurança que estava fazendo Jack. — Pode ser que jogue uma olhada a esse lugar. — Graças a Deus, ficavam uns dias de baixa.

— Amanhã trabalho, mas poderia chamar para dizer que estou doente e te acompanhar, — se ofereceu LaToya.

— Estarei bem. Não se preocupe. — Lara consultou o relógio. — São já depois das oito, vamos ver o Jack.

— Algum problema? — Jack acabava de se teletransportar à cozinha da casa da cidade. Estava no escritório do quinto andar, bebendo o seu café da manhã e revisando o correio eletrônico, quando Carlos chamou pelo interfone para requerer sua presença lá em baixo.

— Pequeno problema! — Phineas estava sentado à mesa da cozinha, com as calças cáqui e o polo azul céu do *MacKay Security and Investigation*. — Carlos se tornou louco. Acredito que esteve cheirando *nébeda*.¹⁷

Carlos meneou a cabeça e abriu a geladeira. Tirou uma garrafa de água e abriu o plugue.

— Vieram uns agentes de polícia enquanto estava... enquanto fazia a sesta.

— E Carlos os convidou a voltar! — Phineas golpeou a mesa com o punho, fazendo saltar seu copo meio cheio de sangue. — Os teremos aqui dentro de quinze minutos.

Jack franziu o cenho:

— O que quer a polícia?

— Pode ser que me busquem. — Phineas apurou o conteúdo do copo, e o deixou sobre a mesa com um golpe. — Tenho... tenho pendente uma ordem de detenção.

— Merda, Phineas! — Carlos fez um gesto de desgosto. — Deveria ter-me advertido sobre isso. Como te vou proteger se não diz nada?

Como guarda-costas de dia, o trabalho do Carlos Panterra consistia em protegê-los durante o sono mortal. Até agora, ao Jack tinha impressionado a vigilância do brasileiro. Igual a muitos dos guarda-costas de dia que trabalhavam para o *MacKay Security and Investigation*, Carlos tinha habilidades especiais. E um segredo especial. Ele mantinha a boca fechada sobre os vampiros, e eles faziam o próprio sobre sua habilidade em trocar de forma.

Phineas deixou cair os ombros.

— Não queria que Angus soubesse. Confiou bastante em mim para me dar um trabalho. Eu gosto de ser um dos bons.

— Não se preocupe. Angus está contente contigo — lhe assegurou Jack e se girou para o Carlos: — Esses agentes procuravam o Phineas?

— Não, nem sequer o mencionaram. Não acredito que corra nenhum perigo. — Carlos bebeu um par de goles de água.

Phineas suspirou aliviado.

— Então, vou.

¹⁷ A hortelã de gato, hortelã gatuna, manjerição de gatos, gateira, gataria e *nébeda* (*Nepeta cataria*) é uma planta natural da Europa que cresce em terrenos baldios, taludes, setos, terraplano e em ruínas de casas Vieja. Também cresce asilvestrada na Ásia Ocidental e América do Norte. O nome de seu gênero *Nepeta* provem do latim (*nepa*) que significa "escorpião", dada a antiga creencia de que a planta curava a picada de os escorpiones.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Você perde isso. — Carlos se sentou a seu lado. — São umas mulheres muito bonitas.

Ao Jack acelerou o pulso.

— Os agentes eram mulheres? — Pensou que Lara o estaria procurando.

— Mulheres bonitas? — Phineas se aparou o cabelo curto. — Parece um trabalho para o doutor Amor.

— Lara esteve aqui? — Jack caminhou para a mesa. — Quero dizer, a agente Boucher?

— Sim. Andava-te procurando. E a acompanhava a agente Lafayette. — Carlos sorriu ao Phineas. — É uma mulher negra muito atraente.

— Muito atraente? — A Phineas iluminou-lhe o rosto, embora logo pareceu desolado. — Por que tinha que meter-se na policia uma garota tão bonita?

— Também são muito espertas — continuou Carlos. — De algum modo, averiguaram onde vive Jack.

— Assim é a polícia, tio. Rastreiam-no até dar contigo. — Phineas levou seu copo vazio e sua garrafa de sangue à pia e os lavou.

Jack se sentou à mesa, pensativo. Tinha cuidado de não dizer a Lara onde vivia ou trabalhava. O carro! Por isso a companheira da Lara estava na rua.

— Devem ter comprovado a matrícula do carro do Roman.

Carlos assentiu.

— São preparadas.

— Implacáveis. — Phineas colocou o copo e a garrafa no lava-louça. — Mais vale que não fale com ela, tio. Levaram-no a delegacia de polícia, onde têm essas salas de interrogatórios com espelhos de dupla vista; e, quando não aparecer refletido no espelho, fretaram-lhe o traseiro.

— Tomarei cuidado. — Jack jogou uma olhada ao relógio que havia em cima da pia. Ficavam oito minutos.

— Phineas, vá trabalhar sem mim. Diga-lhe ao Connor que eu vou em seguida.

— Ok, mas te digo que não gostará. — Phineas franziu o cenho. Um instante depois, seu corpo começou a oscilar e desapareceu.

Jack suspirou. Connor tinha-lhe sugerido que evitasse por todos os meios voltar a ver a Lara. Jack tinha tentado esquecê-la, mas lhe tinha resultado impossível. Alguém do Romatech passava a seu lado com uma camisa azul e lhe recordava a cor de seus olhos ou escutava rir a alguém e ele tirava o chapéu a si mesmo sentindo saudades da risada da Lara. Quando tomava banho, recordava o tato de suas mãos em sua pele.

E, quando tombava para sumir-se em seu sono mortal, imaginava a saída do sol, um feroz disco vermelho e dourado. Jamais voltaria a vê-lo; mas poderia ver o cabelo da Lara, seu brilho vermelho e dourado, os suaves cachos sobre sua testa. Tinha o tato de um fogo de seda.

Queria voltar a vê-la. Santo céu! Desejava-a.

— Espero que não te importe que as tenha convidado a voltar — disse Carlos. — Pensei que o melhor seria satisfazer sua curiosidade. Não nos interessa que voltem de dia com uma ordem de registro.

Jack crispou o rosto.

— Isso seria um desastre. — Encontrariam cadáveres.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Já está acordado, assim que tudo parecerá normal.

— Há algum caixão no porão? — Perguntou Jack.

— Não. Dougal levou o seu quando o trocaram de trabalho. E lan doou o seu a uma organização benéfica; já não o necessitava.

Jack sorriu.

— Duvido de que sua nova esposa estivesse disposta a compartilhar um com ele.

Carlos riu.

— Não, claro que não.

Jack voltou a consultar o relógio. Ficavam cinco minutos.

— Mais vale que me prepare. — Teletransportou-se ao quarto no quarto piso. Com velocidade vampiresca, tomou banho, lavou os dentes e vestiu uns jeans limpos e uma camiseta cor granada. Estava passando um pente pelo cabelo molhado quando ouviu o timbre. *Lara!*

Olhou a parede branca em cima da penteadeira do banho. Se ali houvesse um espelho, ele não se veria refletido. Passou-se a mão pela barba de três dias do queixo. Não tinha tido tempo de barbear-se. Com sorte, Lara gostaria tal como estava.

Era muito bonito. Um borrão de movimento chamou a atenção da Lara e de repente Jack apareceu no patamar da solene escada que levava ao segundo andar. Ela piscou. Não se tinha movido super rápido? Agora estava quieto, contemplando-a.

Ele sorriu, e ela teve a sensação de que lhe encolhia o coração. Esse homem não podia ser um sequestrador. Com apenas estalar os dedos, as mulheres iam até ele.

— Senhorita Boucher?

Uma mão sobre seu ombro lhe fez dar um coice.

— Sim?

Carlos sorriu.

— Perguntava-lhes se a você e a sua companheira gostariam de ver nossas instalações.

— OH! — Lara sobressaltou. Não tinha ouvido o Carlos a primeira vez. Tinha estado ocupada comendo ao Jack com os olhos. Acabavam de chegar, fazia um minuto, Carlos as tinha conduzido até o amplo vestíbulo. Ela estava observando o reluzente chão de mármore e a grande escada curva quando apareceu Jack, que agora baixava lentamente as escadas com o olhar fixo nela.

— Eu farei a visita — anunciou LaToya. — Lara pode falar com o Jack.

Lara se aproximou sigilosamente de sua amiga.

— Está segura de que te quer... separar?

— Não se preocupe, senhorita Boucher — disse Carlos. — Sua amiga estará a salvo comigo.

LaToya soprou e cruzou os braços.

— Mas bem deveria preocupar-se se estará a salvo comigo.

Carlos a olhou com uma faísca de picardia.

— Como quer que o façamos? Começamos por cima e vamos baixando?

LaToya arqueou uma sobrancelha.

— Parece-me bem.

— Senhorita Lafayette. — Jack fez uma leve reverência ao chegar ao patamar. — É um



prazer voltar a vê-la. Espero que seu ex não lhe siga causando problemas. Chama-se Bob, verdade?

— Ele está bem — resmungou LaToya. — Mas você poderia estar metido em um bom problema. — Subiu as escadas diante do Carlos.

Jack se voltou para a Lara, com as sobrancelhas arqueadas.

— Estou metido em algum problema?

Não, ela estava metida em um problema. Sentia uma comichão na pele, e Jack nem sequer a tinha roçado.

— Há algum lugar em que possamos falar? — Perguntou Lara.

— Por aqui. — Assinalou uma sala à esquerda.

Lara entrou em uma sala. Havia três poltronas cor granada, cada uma diante dos três lados de uma grande mesa de centro. O quarto lado olhava a um televisor de tela panorâmica.

— Quer beber algo? — Perguntou Jack.

— Um copo de água não estaria mal. — A pizza que tinha comido pouco antes lhe estava dando muita sede. Sentou-se em um extremo da poltrona do centro. Deixou a bolsa a seu lado para que algo se interpusesse entre ela e Jack.

Viu um escritório na parede mais afastada. Em cima havia um computador. A sua esquerda, umas cortinas cor granada flanqueavam uma grande janela em saliente que dava à rua. As persianas de metal estavam baixadas, como se lhes preocupasse que alguém pudesse ver o interior desde fora. Lara jogou uma olhada a toda a sala e não encontrou nada fora do normal. Talvez alguém não gostava da luz solar.

— Aqui tem. — A voz do Jack a pegou despreparada. Não tinha demorado nada.

Deu-lhe um copo de água fria e colocou uma base para copos de madeira sobre a mesa de centro, diante dela.

— Shanna me cortaria a cabeça se deixássemos marcas de água sobre a mesa.

— Shanna? Quem é?

— A esposa do Roman. Esta casa é dela. — Jack se sentou na poltrona, a seu lado.

— Roman Draganesti? — Lara bebeu uns goles de água.

— Sim. — Jack se girou para ficar frente a ela e apoiou um cotovelo na parte de trás da poltrona. — Vejo que fez seu trabalho. Suponho que investigou a matrícula do carro do Roman.

— Sim. — Lara bebeu um pouco mais de água. — Na realidade, LaToya não tem nenhum ex-noivo que se chame Bob.

Jack esboçou um sorriso.

— Ah surpresa!

Merda! Que macaco era! Lara colocou seu copo sobre o a base para copos:

— Você não tem sede?

— Não, estou bem. Obrigado.

Pareceu-lhe estranho que nunca a acompanhasse com algo de beber. Olhou para a janela.

— É a primeira vez que vejo uma casa com persianas tão grossas. Parecem industriais.

— Assim esta isolada do ruído da cidade.

— Isso é certo. Aqui dentro se respira a tranquilidade de um cemitério.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Ele se acariciou a barba incipiente do queixo.

— Poderia dizer-se que sim. — Dedicou a Lara um olhar intenso. — Senti sua falta.

A ela fez um nó na garganta.

— Poderia me ter chamado.

— Tentei resistir.

— Tentado? Pois eu diria que o conseguiu. — Lara se recriminou mentalmente. Soava muito ansiosa. Agitou uma mão em um gesto displicente. — Não tem importância. Eu também te estive evitando.

Ele a olhou com tristeza.

— Isso foi muito inteligente por sua parte.

— Por quê? Está enalacrado com outra?

— Não. — Lhe acariciou o cabelo. — Como ia me interessar em outra depois de te ter conhecido?

Lara tragou saliva. Dizia-o a sério ou simplesmente tinha muita lábia? Jogou o cabelo para trás, fora do alcance de sua mão.

— Esta é uma visita profissional — interrompeu.

— Entendo. O que posso fazer por ti?

— Onde esteve ontem à noite?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Está trabalhando em um caso?

— Sim. — Baixou o olhar para suas mãos, entrelaçadas sobre seu regaço. Agora se sentia como uma canalha. — Uma estudante universitária desapareceu ontem à noite. É provável que a tenham sequestrado. E parece que alguém alterou as lembranças de suas amigas.

— E suspeitas de mim? — Perguntou em um tom suave.

— Não... — Tragou saliva como se tentasse desfazer o nó que tinha na garganta. — Não quero fazê-lo, mas é a única pessoa que conheço que pode manipular mentes dessa forma. — Dirigiu-lhe um olhar nervoso. — Há outros que o podem fazer?

— Merda! — Disse ele entre dentes, com o cenho franzido.

— Me diga que há outros. Diga-me que tem um álibi.

— De verdade acredita que eu poderia sequestrar a uma garota? — Pôs a bolsa sobre a mesa de centro e se aproximou dela.

Ela ficou tensa.

— O que faz?

— Se acredita que seja um criminoso, é porque me conhece muito pouco. — Sentou-a em cima de seu regaço.

— Me solte! — Ela tentou escapar, mas ele a segurava com força. — Poderia te colocar em sérios problemas por entorpecer uma investigação...

— Lara — a interrompeu, olhando-a com ferocidade. — Ontem à noite estive no trabalho.

— No Romatech Industries?

— Sim. Celebramos a missa aos sábados à noite. Depois houve uma recepção. — Apertou os dentes. — Assistiram mais de vinte pessoas, se as quer interrogar.



— O farei. — Não encontrou um lugar onde deixar as mãos longe de seu peito ou seus ombros. — Um serviço religioso no trabalho?

— Sim. O pai Andrew vem todos os sábados de noite. Nossos... inimigos sabem. Atacaram antes, assim tinha que estar ali para me encarregar da segurança.

“*Inimigos?*” Parecia-lhe exagerado. Mas, por outra parte, se Jack tinha estado no serviço religioso não podia estar envolto no desaparecimento da Vanessa. Pode que alguém tivesse escutado suas preces.

— E o que me diz da manipulação mental?

Ele adotou um semblante ainda mais sério.

— Há outros com a mesma habilidade.

— Amigos?

— Sim. — Endureceu-lhe o olhar. Parecia zangado. — E inimigos.

Lara ficou com pele de galinha. Amigos e inimigos com poderes de controlo mental? Estremeceu-se. De repente, sentiu como se estivesse no bordo de um precipício.

Acariciou-lhe a bochecha.

— Isto é muito forte para mim.

— Diga-me isso. — Onde diabos se estava colocando? Tentava tirar algo claro, mas lhe custava pensar enquanto ele a tocava e a olhava intensamente.

Então lhe acariciou o queixo.

— Deixa-me gelado o muito que te dói pensar mal de mim.

Ela trágou saliva.

— Não queria ter que fazê-lo. Isso me poria doente. Me... resisto a acreditá-lo.

— Então, não o faça. — Lhe enterrou as mãos no cabelo.

— Quero confiar em ti, Jack. — Mas era do mais difícil quando seus olhos começavam a adquirir aquele brilho vermelho.

— Pode fazê-lo. — Estreitou-a entre seus braços e a beijou.

Capítulo 9

Devia ter-se tornado masoquista com a idade. Como podia arder em desejos por uma mulher que suspeitava que ele fosse um criminoso? Jack colou sua boca a da Lara e lhe apartou os lábios para poder invadi-la com a língua.

Percorreu-lhe as costas com a mão, até a cintura. “*Minha!*” Santo céu! Estava-se voltando possessivo. Possessivo até o ponto em que o sentido comum deixava de ter sentido. Que mais dava que não eram feitos um para o outro! Que mais dava que todas as relações que tinha tido no passado tivessem acabado mal! Já não lhe importava. Ela era Lara, e tinha que fazê-la sua.

Acariciou a língua dela com a sua, e sentiu que o invadia a alegria quando ela se aferrou a seus ombros e o beijou. *Sim!* Ela também o desejava.

— Lara! — Beijou-lhe a cara. As bochechas, a testa, as pequenas sardas do nariz. — *Cara*



mia.

— Jack! — Ela afundou as mãos em seu cabelo. — Não... não deveria te deixar.

— Não tenha medo — Lhe sussurrou à altura da têmpora.

— Mas... tem estranhos poderes.

— Para te querer melhor. — Levou o lóbulo de sua orelha à boca e o chupou.

Sabia por própria experiência que a saliva de um vampiro estimulava à mulher e a fazia mais sensível, embora normalmente isso requeresse certa dose de controlo mental e Lara era imune a ele. Percorreu Lhe o pescoço com a língua.

Ela gemeu.

Jack sentiu uma ereção. Lara era tão maravilhosa, tão receptiva. Inclusive sem conexão mental, seu corpo reagia como se... como se pertencessem um ao outro.

Agarrou-Lhe as coxas e apertou.

— Hum! — Ela se rebolou, aproximando-se mais dele.

Ele estremeceu ao sentir a fricção de sua virilha contra a ereção. Tinha chegado ao limite suportável da tortura.

— Tempo! — Jack colocou o precioso traseiro da Lara sobre a poltrona, a seu lado, de forma que ela ficou ajoitada para um lado com a cabeça apoiada sobre a almofada do extremo e as pernas enlaçadas a suas coxas. Suas bochechas acesas Lhe recordaram que seus olhos seguiam estando vermelhos. Voltou a cara e deslizou a mão em círculo sobre seu tornozelo.

— Vi seus olhos, Jack — sussurrou ela. — Brilham e estão vermelhos.

— Sei. — Lhe massageou o delicado osso do tornozelo. — Demonstra o muito que te desejo.

Ela respirou fundo e falou com lentidão.

— Quero conhecer seu segredo. Quem é?

Ele fechou os olhos uns instantes.

— Pelos nove círculos do inferno! O diria se pudesse.

Ela resmungou.

— É tão frustrante! Diga-me ao menos que diabos são os nove círculos do inferno.

— É um velho costume. — Ele agarrou sua mão e Lhe acariciou os dedos. — De menino, meu tutor em Veneza era um velho padre. Ensinou-me a ler com a Divina comédia de Dante. Começa com Inferno e os nove círculos do inferno.

Ela fez uma careta de desgosto.

— Estranha escolha de material de leitura para um menino.

Jack entrelaçou os dedos da Lara com os seus.

— O pai Giovanni tentava me assustar para que fosse um bom menino. Não queria que seguisse os passos de meu pai.

Lara Lhe dedicou um irônico sorriso.

— E funcionou?

Devolveu-Lhe o sorriso.

— Por desgraça, interessei-me mais pelas descrições do Inferno que pelas do paraíso.

— É o que faria a maioria dos meninos. É o equivalente literário de um filme de medo. Assim “nove círculos”, né? Isso é muito inferno.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Segundo o pai Giovanni, há muitos pecadores.

Ela soprou.

— Que professor mais interessante! Qual dos nove círculos aguarda sua morte?

A pergunta o pegou por surpresa. Depois de duzentos anos, Jack não estava acostumado a pensar muito na morte. E era um engano. Qualquer dia podia morrer em um enfrentamento com os Malcontents. E então aonde iria sua alma imortal?

Iria ao Inferno, tal como lhe havia dito o pai Giovanni? Tinha matado antes, mas só em defesa própria. Tinha-se alimentado de mulheres, mas sempre tinha tentado lhes devolver o favor. Se de pecados se tratava, só havia um que não podia negar e que dominava seus pensamentos.

— Jack! — Lhe apertou a mão. — Te puseste muito sério. Só estava brincando.

Ele a olhou. Seus olhos já não estavam vermelhos. Nada como pensar na condenação eterna para matar a paixão.

— Eu iria para o segundo círculo, e ali passaria a eternidade sacudido a um lado e a outro por uma violenta tormenta.

Ela fez um gesto de dor.

— Isso é horrível! E que pecado cometeste para merecer algo assim?

Ele levou a mão da Lara à boca e a beijou.

— A luxúria.

Lara abriu os olhos como pratos.

— Isso não parece justo. Quero dizer, a luxúria não parece algo tão mau. Ao menos, a tua. Quando a dirige para mim. É para mim, não?

— OH, sim! — Acariciou com o polegar o ponto que tinha beijado, e desejou que sua marca ficasse gravada para sempre na pele. — A ti, e a ninguém mais que a ti.

Brilharam lhe os olhos.

— Eu gosto disso. — Olhou-o com ar sedutor. — Talvez possamos encontrar a maneira de aplacar sua luxúria.

— Curar um pecado cedendo a ele? — Sorriu enquanto lhe punha a mão na panturrilha. — É uma nova maneira de expô-lo.

— Né! Para que serve um pecado se não poder desfrutar dele?

Ele riu.

— É um anjo muito peralta. Mas, por tentado que me sinta, não acredito que sua solução funcione.

— Por que não?

— Dá por certo que minha luxúria se pode aplacar. — Olhou o corpo da Lara com desejo. — Isto não tem padrão. Quanto mais recebo, mais quero. Mesmo assim, comove-me que esteja disposta a te sacrificar nobremente por me salvar.

Ela ficou ainda mais vermelha.

— Não seria um ato totalmente desinteressado. Temo que eu também sofra do mesmo pecado.

Ele se inclinou para ela para lhe tocar o rosto.

— Não se preocupe, *cara mia*. Existe uma saída fácil. Fácil, mas também muito pouco

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



comum. Se a luxúria crescer até converter-se em amor verdadeiro, chegaremos ao paraíso.

— Jack, é tão doce! — Lara lhe acariciou o pescoço. — Há algo muito tradicional e romântico em ti.

Jack era definitivamente mais velho do que ela acreditava.

— Você acorda o romantismo que há em mim — confessou.

Ela o olhou com um gesto de preocupação.

— Há tantas coisas de ti que desconheço. Oxalá pudesse me contar mais, por que... não sei o que pensar.

— Entendo-o. — Como ia confiar nele se não se justificava com ela? Talvez pudesse trocar as coisas ganhando sua confiança. Beijou-a brandamente nos lábios e logo se incorporou. — Me fale do caso no que está trabalhando.

Ela resmungou.

— Ok. — Falou-lhe da estudante universitária que tinha desaparecido no sábado de noite, e de como suas amigas tinham sido programadas para contar a mesma mentira.

— Olhe, tenho algo que te mostrar. — Lara meteu uma mão no bolso dos jeans, elevando ligeiramente os quadris no ar.

Jack gemeu.

— Tenha piedade, *bellissima*.

Ela sorriu.

— É um obcecado. — Deu-lhe a foto, e logo desdobrou uma folha de papel cor rosa. — LaToya e eu encontramos isto em um painel de anúncios. Comprovamo-lo, e o responsável pelo edifício parecia tão privado de vontade como as amigas da desaparecida.

Jack estudou a foto e o folheto.

— “Quer te manter sempre jovem e formosa? Seminário gratuito.”

— Sim, acredito que assim é como o autor atrai às mulheres. Logo escolhe a uma com o perfil da Vanessa e se assegura de que ninguém o recorde. Roxanne disse que o ano passado desapareceu outra garota.

Jack voltou a olhar a foto.

— A outra garota era ruiva, como esta?

— Quase. Tinha o cabelo loiro avermelhado.

Jack o invadiu uma sensação de desassossego. O perfil da Lara coincidia exatamente com o das mulheres desaparecidas. E, dada a habilidade do sequestrador para manipular mentes, o mais provável é que se tratasse de um vampiro. Um Malcontent que se aproveitava de jovens formosas para obter sexo e alimento. E, como a maioria dos Malcontents, provavelmente considerava os mortais uma fonte de alimento descartável. Quando se cansava deles, chupava-lhes até a última gota e os atirava, como cartões de leite vazios.

Se Lara topava com ele no curso de sua investigação, desejá-la-ia. Agarrá-la-ia e se teletransportaria com ela, e não haveria maneira de dar com ele.

Jack tragou saliva. Não podia deixar que Lara perseguisse o vampiro.

— Este... criminoso é perigoso. Acredito que deveria deixar que outros se encaregassem de capturá-lo. — “Outros como eu”.



— Nem pensar! — Ela o olhou com o cenho franzido, tirou suas pernas de seu regaço e se incorporou. — Quero que me promovam a detetive. Se conseguir ajudar neste caso, demonstrarei que estou preparada.

— Demonstra-o com alguém menos perigoso.

Ela ironizou.

— Todos são perigosos, Jack. Por isso se chamam “*criminais*”.

Ele dobrou o folheto e o devolveu.

— Atribuíram-te oficialmente o caso?

— Não. — Lara guardou o folheto no bolso. — São uns detetives da delegacia de polícia da LaToya. O normal seria que não nos envolvêssemos na investigação, mas nos sentimos obrigadas a fazer algo porque temos em conta o do controle mental. Não acredito que os detetives estejam ao corrente, e tampouco poderíamos explica-lo sem que nos encerrem em um manicômio. Duvido seriamente que nos acreditassem.

Jack também duvidava que os detetives chegassem à conclusão de que se tratava de um vampiro. Mas, se o faziam, seria um desastre para todos os vampiros bons que precisavam manterem-se em segredo para sobreviver.

Explicaria a situação ao Connor e ao Angus. Eles concordariam que a situação devia ser resolvida pelos vampiros, de forma rápida e discreta, com a menor interferência possível dos mortais.

— Já que está decidida a trabalhar neste caso, eu gostaria de te ajudar.

— De verdade? — Lara abriu os olhos de par em par.

Em realidade, ele iria se ocupar do caso, mas por agora não o diria.

— Tenho certa experiência em investigações. E me considero um perito em controlo mental — explicou.

— Se nota.

— Eu gostaria de falar com as amigas da Vanessa — prosseguiu Jack. — Talvez possa reparar suas verdadeiras lembranças.

— Santo Deus! — Lara ficou em pé de um salto. — Seria fantástico! Poderíamos obter uma descrição real do sequestrador.

— Então já está. Trabalharemos juntos. — Assim ele poderia protegê-la. Jack se levantou e assinalou ao vestíbulo. — O carro está na calçada. Conduzo eu.

— Genial! — Lara correu para o vestíbulo. — LaToya!

— O que? — Gritou LaToya. Ouviu-se o retumbo de uns passos na escada. — Vou! Está bem?

— Sim, estou bem! — Gritou Lara. — Vou sair com o Jack. Nos Ajudará com o caso.

— O que? — LaToya se deteve no patamar do segundo andar e tomou fôlego. Carlos se deteve detrás dela, e ela olhou ao Jack com receio. — Não nos pode ajudar. É um suspeito.

— Tranquila. — Lara dedicou ao Jack um sorriso. — É dos bons.

Jack cresceu.

— *Grazie, bellissima*. — Agarrou-lhe a mão e beijou seus dedos.

— Espera um momento. — LaToya baixou o último lance de escadas, fulminando a Lara com o olhar. — Vai sozinha a algum lugar com este indivíduo? — Olhou ao Jack. — Não é por nada, mas



você não é o que se diz normal.

Jack inclinou a cabeça.

— Entendo-o. E aplaudo seu desejo de proteger a Lara. Navegamos no mesmo navio.

— Não é bonito? — LaToya agarrou Lara pelo braço, apartando-a de Jack. — Garota, temos que falar.

— Tem um álibi para a noite de ontem — lhe explicou Lara, enquanto se deixava arrastar à sala. — Estava na igreja.

LaToya se mofou.

— Claro. Participa regularmente no coro da igreja.

— O que acontece? — Sussurrou Carlos ao chegar ao patamar.

Jack levou um dedo aos lábios. Queria escutar a conversação que tinha lugar na habitação contigua. Carlos assentiu.

— Mas tu perdeste a cabeça? — Sussurrou LaToya. — Um minuto pensa que é suspeito e ao seguinte está disposta a acreditar o que te diga.

— Tem um álibi — repetiu Lara. — Ontem à noite o viu um montão de gente.

— Ah, sim? E como sabe? Há-lhe dito isso ele? E se tiver programado a toda essa gente para dizer que o viu? — Perguntou LaToya. — E se também está jogando com sua mente?

— Sou imune a ele.

LaToya se burlou.

— Por favor... se esse homem pegasse um catarro, te daria uma bronquite.

— É um bom homem — insistiu Lara. — Eu... eu me entreguei a ele em certo modo, e...

— O que?

— Chis! — Lara a fez calar. Baixou a voz até o ponto de que Jack teve que esforçar-se para escutar. — Entreguei-me a ele para ver como reagiria, e ele declinou a oferta mesmo sendo óbvio que me desejava. Foi tão doce!

— Que bonito! — Sussurrou Carlos com um sorriso sarcástico. — Estou a ponto de vomitar.

Jack fulminou ao Carlos com o olhar. Mesmo assim, surpreendeu-lhe que o ouvido do mutante fosse tão bom como o seu.

— Que tal a visita?

— Tudo bem — respondeu Carlos em voz baixa. — Me assegurei de que não visse nenhum banho sem espelhos.

— Bem! — Jack voltou a concentrar-se na conversação da sala.

— Nos vai ajudar a encontrar ao sequestrador — sussurrou Lara.

— Pode ser que o que queira é distrair a investigação, afastando a de si mesmo — sugeriu LaToya.

— Para nada — respondeu Lara. — Encontrei alguma mulher atada acima?

— Não, mas ainda não vi o porão. Sabe que esse homem é muito estranho.

Lara suspirou.

— Sim, sei.

— O que sabe? — Perguntou LaToya com brutalidade.

— Não sei.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Isso sei.

Lara bufou.

— Isto não nos leva a nenhum lado. Estarei bem. Porque não parte para casa? Eu irei mais tarde.

— Ok — resmungou LaToya. — Mas antes de ir terminarei de jogar uma olhada a este lugar. Se me necessitar para algo, me chame.

Jack se aproximou do armário e agarrou as chaves.

— Está preparada, Lara? — Perguntou-lhe em voz alta.

— Vou! — Correu ao vestíbulo, pendurando a bolsa do ombro.

LaToya a seguiu e fulminou ao Jack com o olhar.

— Quero-a de volta sã e salva.

Ele assentiu.

— Jamais lhe faria mal.

— Mais te vale. Tenho uma prima em Nova Orleans que faz vodu. Não faça que comece a jogar com seus bonecos.

Jack olhou a Lara e sorriu.

— Tentarei me comportar.

Lara se inclinou para ele e sussurrou.

— Não te esforces muito.

Apertou-lhe a mão.

— Como queira, *bellissima*. Seus desejos são ordens para mim.

— Santo Deus! — LaToya fez um gesto de desgosto. — São todos tão doces que estou a ponto de entrar em coma hiperglicêmico.

Carlos riu.

— Gosta de uma cerveja?

— Por que não? — LaToya cruzou os braços, sem deixar de olhar o Jack com desconfiança, enquanto Carlos desaparecia em direção à cozinha. — Muito bem, menino do coro, o que há no porão?

— Normalmente, um ou dois cadáveres. — Jack sorriu. — Mas já não estão.

Lara o olhou zangada.

— Não me está ajudando.

— Sinto-o — disse Jack. — Abaixo há uma máquina de lavar roupa e uma secadora.

— Claro! — LaToya entrecerrou os olhos. — E muita lixívia para tirar as manchas de sangue.

— Exato! — Assentiu Jack. — Odeio as manchas de sangue.

Lara lhe deu uma cotovelada nas costelas.

— Quer deixar de fazer brincadeiras? O vai acreditar.

Por desgracia, não estava brincando.

— Aqui está a cerveja — anunciou Carlos ao voltar da cozinha. Deu uma garrafa aberta a LaToya.

— Obrigada. — Ela bebeu um gole. — Então...o que há no porão, Carlos?

— Uma mesa de bilhar. Quer jogar?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— É óbvio! — Seguiu-o pelas escadas que conduziam ao porão e, ao passar junto a Jack, dirigiu-lhe um olhar irritado. — Cadáveres! Uma merda! Certamente tem uma espaçonave lá em baixo.

Jack se dirigiu à porta principal e apertou uns botões em um teclado de controlo para desativar o alarme.

— Vamos?

— Claro! — Lara o seguiu até a porta. — Não te zangue com a LaToya. Preocupa-se muito por mim.

— Entendo-o. — Fechou a porta e reacendeu o alarme. — Me passa o mesmo. — Aí fora havia um vampiro sedento de sangue que colecionava ruivas. Faria o impossível por proteger a Lara.

Capítulo 10

— Megan, este é Jack... Venezia. — Lara se deu conta de que não sabia o apelido do Jack, o que resultava algo inquietante porque sempre acabava em seus braços, beijando-o — vai ajudar a encontrar a Vanessa.

— Que bom! — Os olhos da Megan se abriram como pratos ao ver o Jack na porta.

— Como está? — Inclinou ligeiramente a cabeça. — Te importa se entrarmos?

Megan retrocedeu uns passos, cambaleando, sem tirar a vista do Jack. Lara sabia como se sentia. Jack podia enfeitiçar a uma mulher.

Ele fechou a porta.

— Sente-se, por favor. Só lhe roubaremos uns minutos.

Megan seguiu retrocedendo até chocar com sua cama e cair sentada. Lara se sentou frente a ela, na cama gêmea. Tirou papel e caneta de sua bolsa, perguntando-se o que pensava fazer Jack, exatamente.

Ele se apoiou na porta com toda tranquilidade.

— Bem, Megan, assim Vanessa e você são boas amigas.

— OH, sim! Vanessa é a melhor amiga que jamais tive. Espero... espero que se encontre bem. — Tremeu-lhe o lábio inferior e os olhos se encheram de lágrimas. — Estou muito preocupada com ela.

— Com certeza que sim. — Jack falava com suavidade. — E aonde foram ontem à noite Vanessa e você?

De repente, o rosto da Megan trocou de forma alarmante. Lara se arrepiou ao ver a garota passar das lágrimas a uma cara completamente inexpressiva em questão de segundos.

— Estávamos no quarto, estudando — disse Megan em tom apagado, mecânico.

Uma rajada de ar frio varreu a habitação. Com um calafrio, Lara dirigiu sua atenção a Jack. Que tipo de ser humano podia trocar a temperatura? Ele franzia o cenho, concentrado por completo em Megan. Brilhavam as bolinhas douradas dos olhos.



Lara tragou saliva. O que era o que realmente sabia sobre ele?

Jack se aproximou da Megan.

— Onde esteve ontem à noite?

— Estivemos... no... quarto... — Megan se balançou, entrecerrando os olhos.

Lara percebeu um estranho rangido parecido ao da eletricidade estática. Por debaixo do zumbido, acreditou ouvir uma voz masculina que falava em tom muito baixo. Era a voz do Jack, mas não podia entender as palavras. Como sua boca não se movia, devia estar comunicando-se telepaticamente.

— Sim — sussurrou Megan.

Sim, o que? Respondia sinceramente a suas perguntas, ou dizia o que lhe ordenava? Lara se deixou invadir por uma sensação de desassossego. Acaso LaToya estava correta? Jack tinha programado Megan para que mentisse por ele?

Ele apoiou uma mão sobre a cabeça da garota e fechou os olhos.

— Vais recordar tudo... Aonde foram no sábado de noite?

— Fomos ao... — Megan fez uma careta de dor. —... Fomos ao edifício do Serviço de Estudantes para assistir a um seminário. Vanessa não o queria perder.

— Quem apresentava o seminário? — Perguntou Jack.

— Ele... — Megan deixou cair a cabeça.

Jack lhe agarrou a cabeça pelas têmporas.

— Quem é ele?

— Apolo — sussurrou ela.

Lara anotou o nome em uma folha:

— Descreve-o — ordenou Jack.

— Alto, loiro, muito bonito. — Megan enrugou o nariz. — Muito pálido.

Lara deixou de tomar notas por um instante. Sempre tinha pensado que Jack também era um pouco pálido.

— O que lhes disse Apolo? — Perguntou Jack.

— Mostrou-nos uma apresentação no PowerPoint com fotos de um balneário SPA muito elegante. Preenchemos um questionário sobre nossos tratamentos de saúde favoritos. Entre os participantes, haveria um sorteio de uma semana com todos os gastos pagos em um balneário de luxo. Vanessa foi a afortunada.

Lara meneou a cabeça. Esse tipo de sorte podia acabar com sua vida.

— Disse onde estava situado o SPA? — Perguntou Jack.

— Não sei. — Megan franziu o cenho. — Parecia muito bonito. Arquitetura clássica grega. Edifícios de mármore branco. Estava em algum lugar no campo.

— Obrigado, Megan. Agora vai dormir. E, quando despertar pela manhã, não recordará que estivemos aqui. Não recordará que respondeu a minhas perguntas. — Jack a soltou.

Ela se deixou cair de lado sobre a cama, e Jack a acomodou de forma que sua cabeça descansasse sobre o travesseiro. O ar frio da habitação se dissipou.

Lara se aproximou da Megan para lhe tirar as sapatilhas.

— Por que lhe apagaste a lembrança de nossa visita?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Jack a cobriu com uma manta.

— Enquanto mantenha a história que programou Apolo, estará a salvo. Se chegar a suspeitar que esteve falando dele, sua vida poderia estar em perigo.

Lara assentiu.

— Entendo. — Se dirigiu à porta. — Duvido que Apolo seja seu nome real.

— Eu também. — Jack apagou as luzes ao sair da habitação. — Provavelmente creia que combina bem com a arquitetura grega de seu suposto balneário.

— Poucas mulheres resistiriam a uma estadia em um SPA com todos os gastos pagos. — Lara assinalou ao vestíbulo, abaixo. — Quer ver as outras amigas?

Conduziu-o até ao quarto da Carmen e Ramya. Ramya estava estudando na biblioteca, assim Jack fez seu arrepiante numero de controlo mental com a Carmen. E, igual a Megan, Carmen contou que Apolo era alto, loiro e bonito, e que Vanessa tinha ganho uma semana grátis no balneário. Deixaram a Carmen dormindo e atravessaram o campus em direção ao edifício do Serviço de Estudantes. Ali não havia nenhum registro onde constasse o aluguel da sala, e o administrador tampouco recordava a nenhum Apolo.

Quando saía, Lara viu uma máquina de venda automática.

— Preciso beber. Quer tomar algo? — Procurou seu moedeiro na bolsa.

— Não, obrigado. — Jack tirou sua carteira e inseriu um dólar na máquina antes que ela abrisse o moedeiro.

Certamente, era rápido.

— Obrigada. — Ela pressionou o botão da Coca-cola Light. Uma vez mais, ele se abstinha de beber com ela.

— Levo-te a casa?

— Sim, obrigada. — Ela abriu a rosca da garrafa e tomou um gole enquanto lhe abria a porta.

Cruzaram juntos o campus, repassando mentalmente o que tinham averiguado até agora. O sequestro de estudantes universitárias não era um crime tão raro, em troca a manipulação mental já era outra coisa. Apolo apagava seus rastros do mesmo modo que Jack o tinha feito no *Plaza*. Quanta gente possuía esses poderes? Quantos crimes se cometiam diariamente sem que ninguém soubesse que tinham tido lugar? Se a própria vítima não recordava o que lhe tinham feito, era o crime perfeito.

Lara reprimiu um calafrio. Todos esses pensamentos eram inquietantes. Podia haver um sindicato do crime de manipuladores de mentes que abusavam, violavam e matavam a inocentes. E, se ninguém sabia, como os iriam deter?

Bebeu um pouco mais da Coca-cola.

— Jack, temos que encontrar a esse tipo. Poderia ser um assassino em serie.

— Estou de acordo.

Ao aproximar-se do estacionamento, se apercebeu que Jack também tinha permanecido em silêncio. Tinha o cenho franzido e parecia absorto em seus pensamentos. Quantas mais coisas sabia?

— O que quer fazer agora? — Perguntou.

— Conseguirei mais informação. — Olhou-a com um sorriso torcido. — Sou investigador,

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



recorda?

— Um investigador muito reservado — murmurou ela.

— Esses são os melhores. — Apertou um botão do fechamento centralizado para abrir as portas do Lexus.

— Se formos trabalhar juntos, deverá me dizer tudo o que sabe.

Fez uma careta de dor enquanto lhe abria a porta do passageiro:

— Farei o que possa.

O qual queria dizer “*não muito*”, pensou Lara ao entrar no carro. Jack lhe fechou a porta e caminhou até a do condutor. Uma vez mais, lhe surpreenderam suas maneiras tradicionais. Grampeou o cinturão e colocou a garrafa da Coca-cola na cabotagem.

Ele entrou no carro e arrancou.

— Lara, quero te agradecer que me tenha falado deste caso.

— Não tem por quê. — Ela brincou com a bolsa, armando-se de coragem enquanto ele saía do estacionamento. — Sabe? Quando o apresentei a Megan e a Carmen, apercebi-me que não sei qual é seu sobrenome. De verdade o apelido é Veneza?

— Veneza é minha cidade natal. — Olhou-a com um sorriso nos lábios. — Você gostaria de conhecê-la?

Ela piscou.

— Claro que sim. — Sempre tinha pensado que seria maravilhosamente romântico passear numa gôndola com um bonito italiano. E quem não gostaria? E, para variar, o muito uva sem semente já estava desviando o tema da conversação. Era um bom manipulador, até quando não usava seus poderes psíquicos. — Quanto a seu sobrenome...

— Levar-te-ei.

— Perdão?

Girou para o sul para entrar no *Henry Hudson Parkway*.

— Levar-te-ei a Veneza.

Ela o olhou com reservas.

— Se insistir... Mas talvez te convenha encher antes o depósito. E, se me recordo, há um oceano pelo meio que nos pode dar algum ao outro problema.

Ele riu.

— Não estou preparado para ir esta noite.

— Pois. E eu não tenho um bilhete de avião. Nem me posso permitir comprar um; assim, embora te agradeço a oferta, temo que terei que decliná-la.

— Não necessitará dinheiro, *bellissima*. Pode ficar em meu *palazzo*.

— Isso é algo assim como um palácio?

— Passearemos em gôndola sob a luz da lua — seguiu dizendo. — E te mostrarei meus pontos favoritos.

— Como se pode permitir um palácio alguém que trabalha como investigador?

Ele se encolheu de ombros.

— Não é um *palazzo* tão grande. É propriedade de minha família há muitos anos. E trabalho porque quero fazer algo mais que existir. Quero fazer algo positivo, como liberar ao mundo dos



maus. Temos isso em comum, verdade?

— Sim, mas eu não tenho superpoderes como você.

— Claro que sim, *bellissima*. Pode pôr a um homem a seus pés.

Ela soprou.

Uma comissura da boca de Jack se elevou em um meio sorriso.

— Surpreender-te-ia saber o que posso fazer a seus pés.

A ela se acenderam as bochechas.

— Esse teu *palazzo*... Tem familiares lá vivendo? — Perguntou de maneira informal, com a esperança de obter mais informação pessoal sobre ele.

— Não. Eu não vou muito frequentemente. Normalmente, estou vinculado em algum lugar.

— Tem família?

— Pois tenho um... primo longínquo que leva o negócio da família. Eu sou um dos principais investidores.

— E qual é o negócio familiar?

— Transporte marítimo. — Dedicou-lhe um olhar divertido. — Assim sei um pouco de oceanos.

— Fantástico. Agora me sinto muito mais segura.

Ele soprou brandamente.

— *Cara mia*, nunca estará completamente segura comigo.

Arrepiou-lhe a pele.

— Está-me ameaçando?

Dedicou-lhe um irônico sorriso.

— Nada doloroso. Se me jogasse sobre ti, fá-lo-ia unicamente para te agradar.

— OH! — Quando Lara se voltou para olhar pela janela, tinha as bochechas acesas.

À medida que passavam os minutos, aumentava a tensão no carro. As luzes resplandeciam e as buzinas troavam; mas tudo parecia muito remoto, como se estivessem sozinhos no mundo, como se nada pudesse tocá-los em sua borbulha. Só estavam ele e ela e aquela estranha energia magnética que os atraía mutuamente.

Uma estranha sensação de predestinação invadiu seus pensamentos, e Lara sentiu como se toda sua vida tivesse passado voando com a única finalidade de alcançar esse momento no tempo. E esse momento era Jack.

Pensou que o feito de permanecer em silêncio ajudaria, mas não foi assim. Sentia-se dominada por um desejo intenso, tão forte que teria jurado que existia uma conexão física entre ela e Jack. Se não fosse porque ele ia ao volante, já se teria lançado sobre ele.

Giraram *em Canal Street*.

Lara se esclareceu voz.

— Jack?

— Sim? — Sua voz soou tensa. Sentiria o mesmo?

— Se alguma vez..., bom, se me deitar contigo, quero que seja por minha própria decisão. — Se voltou para ele. — Prometa-me que não usará nenhum de seus poderes de manipulação para influir em mim em um ou outro sentido.



— Prometo-lhe isso. — Olhou-a com tristeza. — Jamais o faria de outro modo.

— Obrigada. — Ela respirou profundamente. — Qual é seu sobrenome, Jack?

— Boa pergunta. Utilizo o nome Giacomo di Venezia porque meu sobrenome sempre foi discutível. — Os olhos lhe brilharam com diversidade. — Sou um bastardo, embora esteja seguro de que já te tinha precavido.

Ela sorriu.

— Sim; por desgracia, ficou patente desde o começo.

Ele riu entre dentes.

— Segundo minha certidão de nascimento, meu nome é Henrik Giacomo Sokolov.

— Sério? É... alemão?

— Meio boêmio, por minha mãe. O sobrenome de seu marido era Sokolov. Eu nunca uso esse sobrenome, porque não tenho relação com esse cornudo que se negou a me admitir em sua casa.

— O marido de sua mãe te rechaçou quando era bebê?

Jack encolheu os ombros.

— Por que não iria fazê-lo? Eu era a prova da infidelidade de sua esposa. Ele a enviou de volta com sua família como castigo, e ela morreu uns anos depois. Nunca a cheguei a conhecer de verdade.

— Isso é terrível! — Lara se inclinou para ele. Pobre Jack! — E o que se passou contigo?

— Enviaram-me ao... lugar onde trabalhava meu pai. Criou-me uma enfermeira anciã. — Jack entrou na ponte de Manhattan. — Não foi tão mau, asseguro-lhe isso. Nana Helga era uma mulher boa, e via meu pai quando podia. Ensinou-me italiano; com outros, falava tcheco.

— Seu pai é italiano?

— Era. Morreu quando eu tinha sete anos de idade.

— Santo Deus, Jack! — Lara lhe tocou o braço. — Sinto-o.

— Não passa nada. Meu pai morreu com setenta e três anos de idade. Teve uma vida cheia. Uma vida muito cheia.

— E o que foi de ti depois de sua morte?

— Enviaram-me a Veneza para viver com um tio e uns primos. — Apertou-lhe a mão. — Apaixonei-me por Veneza. Adoraria mostrá-la.

— Estaria bem! Quem sabe? — Lara se deu conta de que ele ainda não tinha reivindicado um sobrenome. E havia algo em sua história que lhe parecia estranhamente familiar. — Se seu pai era italiano, como é que trabalhava em Boêmia,¹⁸ Onde conheceu sua mãe?

— Viveu em muitos lugares, mas tinha tendência a queimar as naves. — Já estavam

¹⁸ Boémia (português europeu) ou Boêmia (português brasileiro) (Čechy em língua checa, Böhmen em alemão) é uma região histórica da Europa Central, ocupando o terço ocidental e médio da actual República Checa. O nome Boémia deriva de Boihaemum ou casa dos Bóios, povo Celta que migrou para esta região no início do século V a.C. (Referência: John Haywood: The Celts - Bronze Age to New Age) As tribos eslavas, que chegaram no século I d.C., dominavam o território no século VI. A partir do século X, a família dos Premyslidas exerceu a sua autoridade na Boémia Central. No início do século XV, nas Guerras Hussitas, a luta contra a hierarquia católica fez nascer uma forte consciência nacional boêmia. Em 1526, o trono passou para as mãos dos católicos Habsburgo e durante os três séculos seguintes as terras tchecas perderam a independência. O Estado independente nasceu após a I Guerra Mundial (28 de outubro de 1918). A Boémia passou a fazer parte da Tchecoslováquia até 1993, data da constituição da República Tcheca e da República Eslovaca.



chegando à casa de Lara. — Nos vemos amanhã de noite? Podemos seguir trabalhando neste caso.

— Refere-te ao sequestro? — Estava tão intrigada pela história do Jack que quase se tinha esquecido do Apolo.

— Que tal às nove menos um quarto? — Girou em sua rua. — Em sua casa?

— Ok. — Ela agarrou suas coisas. — Obrigada por me ajudar.

— Lara. — Ele parou o carro diante de seu edifício. — Quero deter o Apolo. Reza para que as garotas sigam vivas. Mas, sobre tudo, estou decidido a te proteger.

— Não me passará nada. — Lara desabotoou o cinturão.

Jack lhe acariciou a bochecha, e a ela acelerou o pulso.

— Quero beijá-la — lhe disse com voz suave. — Posso?

— Sim. — *OH Deus, sim!* Passou-lhe os dedos pela proeminente maçã do rosto, logo pelo vale da bochecha e a incipiente barba da mandíbula.

Ele se inclinou e pressionou seus lábios contra os dela. Sua boca se moveu lenta, docemente, moldando-se à sua até que ela ansiou abrir-se a ele. Ela deslizou a mão por sua nuca e enterrou os dedos em seu suave cabelo negro. Era tão apetecível, tão tentador.

Então Jack interrompeu o beijo e voltou a acomodar-se em seu assento.

— Boa noite, Lara.

O muito vagabundo. Devia saber que a deixava incômoda e excitada. O brilho vermelho em seus olhos lhe fez saber que ele também o estava.

— Boa noite, Jack.

Lara desceu do carro e subiu a toda pressa os três lances de escadas, até seu piso.

— Como foi? — LaToya se apoiou na porta de seu quarto, em pijama.

Lara acendeu o computador do seu escritório.

— Fenomenal! Já temos uma descrição do autor. Alto, loiro, e se faz chamar Apolo.

— Estupendo! — LaToya bocejou. — E Jack se comportou bem?

— Sim. — Lara se conectou a Internet e procurou *Giacomo Casanova* no *Google*. — Parece cansada. Vai dormir. Amanhã lhe conto os detalhes.

— Ok. Boa noite. — LaToya fechou a porta de seu quarto.

Quando Jack lhe falou de sua infância, algumas coisas a tinham perturbado e tinha levado seu tempo a descobrir porquê. O pai do Jack tinha levado uma vida tão dissipada que o velho padre encarregado da educação do Jack temeu que seguisse os passos de seu pai. O homem tinha sido um mulherengo que tinha vivido em muitos lugares. Seu último trabalho o tinha desempenhado em Boêmia, onde tinha seduzido a mãe do Jack. Tinha morrido na idade de setenta e três anos.

Enquanto lia a biografia do Casanova, a Lara se lhe foi encolhendo o coração. *Giacomo Casanova. Famoso mulherengo. Tinha vivido em muitos lugares, dos quais tinha tido que fugir por diversos escândalos. Seu último trabalho tinha sido de bibliotecário no castelo do Dux, em Boêmia, onde morreu com a idade de setenta e três anos. Em 1798.*

Revolveu lhe o estômago, e levou a mão à boca quando sentiu que a bÍlis lhe subia à



garganta.

Não, devia ser uma estranha coincidência. As pessoas não viviam duzentos anos. Eram imaginações dela. Mas acaso tinha imaginado a extraordinária velocidade e o ouvido superdesenvolvido do Jack? Sua habilidade para se teletransportar e controlar as mentes?

Ficou em pé de um salto e começou a dar voltas pelo quarto. Quem era? O que era? Tinha que ser humano. Seu coração pulsava. Havia-o sentido. Tinha notado seu fôlego na cara ao beijá-lo. E havia sentido sua ereção sob o zíper de seu jeans.

Caminhou de um lado a outro; mas, quanto mais pensava, menos sentido tinha tudo. Derrubou-se sobre o sofá e agarrou um bloco de papel de notas que havia sobre a mesa de centro. Podia resolvê-lo, maldita seja. Se queria ser detetive, tinha que ser o bastante inteligente para resolver as coisas.

Escreveu um título na margem superior da folha. *“Não conhece o Jack.”* Depois começou a redigir uma lista de suas características. *“Inteligente. Forte. Bonito. Engenhoso. Sexy. Doce. Atrativo. Protetor. Generoso. Peralta. Solidário. E grande beijador”*. Repassou a lista e franziu o cenho, logo a riscou com um grande X. Parecia uma lista de desejos do noivo perfeito, não pistas que ajudassem a revelar sua verdadeira identidade.

Voltou a repassar a lista. *Merda!* Se não fosse tão estranho, seria o noivo perfeito. O que ela precisava era uma lista de suas características mais estranhas. Começou a escrever. *“Teletransportação; leitura e manipulação de mentes; velocidade, força e ouvido extraordinários.”* Eram as mais óbvias. Tinha que aprofundar mais. A verdade podia estar oculta na escuridão.

“Reservado.” Definitivamente, tinha algo que esconder.

“Trabalhador. Motivado.” Conforme tinha entendido, não precisava ganhar a vida. Lutava contra o que chamava os meninos maus.

“Tem inimigos.” Tinha mencionado várias vezes a palavra *inimigos*. E seus amigos e inimigos tinham a mesma habilidade para controlar mentes.

Que mais? *“Antiquado.”* Sentiu um calafrio. Ele havia dito que tinha sete anos de idade quando seu pai morreu. E se seu pai morreu em 1798?

“Nunca bebe comigo.” Pensando bem, tampouco o tinha visto comer.

“Pálido.” Megan havia dito que Apolo também era pálido.

“Olhos que emitem um brilho vermelho.”

Lara releu a lista. Começou a considerar as possibilidades que LaToya tinha mencionado durante o jantar, a noite anterior. Então lhe tinham parecido tolas; agora, não. Super-heróis. Mutante. Extraterrestre. Homem biônico.

Estava relacionado o segredo do Jack com a *Romatech Industries*? Se Roman Draganesti tinha conseguido clonar sangue, o que outras coisas estranhas tinha podido inventar?

Lara deixou cair a lista sobre a mesa de centro e se acomodou no sofá. Esfregou as têmporas. Independentemente do que Jack fora, estava-lhe dando uma autêntica dor de cabeça. E, se ela tivesse dois dedos de juízo, evitá-lo-ia. Mas sabia que não o ia fazer. A curiosidade perdia-a... e se estava apaixonando por ele.



Capítulo 11

— Dada a quantidade de manipulação mental empregada, acredito que podemos assumir que Apolo é um vampiro. — Jack terminou de explicar o caso da estudante universitária desaparecida.

— Estou de acordo. — Connor deu uns leves golpes com os dedos sobre a mesa, no escritório de segurança do Romatech Industries. — Poderia ser um Malcontent. Em lugar de procurar uma vítima cada noite, atraindo-as a sua casa e assim as tem à mão.

— Sim — disse Phineas. — O tipo está abastecendo sua despensa.

Jack suspeitava que Apolo usasse às mulheres para algo mais que alimento. Passeou de um extremo ao outro do escritório. Depois de deixar a Lara em seu apartamento, tinha voltado para a casa da cidade. Logo se tinha teletransportado ao Romatech para convocar aquela reunião.

Phineas se reclinou em seu assento.

— Um assume frouxa.

Connor arqueou uma sobrancelha.

— Perdão?

— Não falava de ti — resmungou Phineas.

Connor seguiu olhando-o.

— Esse tal Apolo é um assume frouxa — esclareceu Phineas. — Tem que usar o controle mental para pescar a uma mulher. Se fosse um doutor Amor como eu, as mulheres sucumbiriam de forma natural a seu sofisticado encanto e seu físico varonil.

Jack riu entre dentes. Levava quase quatro semanas em Nova Iorque, e nesse tempo não tinha visto que uma só mulher sucumbisse aos encantos do doutor Phang.

Connor clareou a voz.

— Acredito que é hora de que faça outra ronda.

Phineas franziu o cenho.

— Fiz uma faz dez minutos.

— E a tem feito muito bem — disse Connor. — Vá, andando.

Phineas caminhou desinteressado para a porta.

— Sou algo mais que um ímã para as mulheres, sabe? Seguro que quer falar com o Jack em privado.

Ao Connor brilharam os olhos.

— Vá! É muito ardiloso.

— Sim, pode apostar seu traseiro escocês que o sou. — Phineas acomodou o pescoço de seu polo. — O doutor Phang é um ardiloso bode. — Fechou a porta ao sair.

Jack se sentou na cadeira que Phineas tinha deixado vazia.

— Espero que o tenha treinado bem. Lamentaria muito perdê-lo no campo de batalha.

— Se converteu em um bom espadachim. Ian e Dougal o ensinaram. — Connor entrecerrou os olhos. — Mas não lhe viria mal receber umas lições de ti. Atrever-me-ia a dizer que é o melhor espadachim da Europa, mas se Jean-Luc me escutasse me empalaria.



Jack sorriu. Jean-Luc levava séculos considerando-se o campeão europeu.

— Assegurar-me-ei de dizê-lo que é muito presumido.

Connor bufou e desviou sua atenção para os monitores de vigilância.

Jack jogou uma olhada e viu que Phineas saía por uma porta lateral. O corpo do vampiro se desvaneceu enquanto se dirigia aos jardins que rodeavam Romatech.

— Farei lhes uma sessão de treinos antes do amanhecer — disse Jack.

— Bem. — Connor tamborilava os dedos sobre a mesa, depois parou abruptamente. — Quanto sabe a garota?

Jack parecia perdido em seus pensamentos.

— Nada.

Connor o estudou com atenção.

— Não é muito... inteligente?

Jack fez um gesto de desgosto com a boca.

— Não é isso.

— Quanto mais tempo passe contigo, mais suspeita abrigará. E mais tentado se sentirá de falar mais do que deve.

— Não sabe nada — insistiu Jack. — São os outros agentes de polícia os que nos têm que preocupar. Até agora, não sabem nada sobre o Apolo. Devemos procurar que sigam assim. Não podemos nos dar o luxo de que resolvam este caso.

— Estou de acordo. Não há nada mais importante que manter em segredo nossa existência. — Connor lhe dirigiu um olhar mordaz.

Jack lhe devolveu o gesto.

— Não sabe nada de nada.

Connor apartou o olhar, com o cenho franzido.

— Falarei com o Angus sobre esse tal Apolo. E farei que Roman envie uma nota a todos os professores menores da irmandade nos Estados Unidos. Possivelmente algum deles conheça um hotel de arquitetura grega clássica em seu distrito.

Jack assentiu.

— Excelente ideia.

— Com sorte, localizaremos o balneário do Apolo em umas quantas noites — continuou dizendo Connor. — O mais provável é que o lugar esteja cercado e conte com um par de guardas de dia. O controlo do Apolo sobre as mentes das mulheres deve ser mais fraco durante o dia, enquanto está sumido no sono mortal.

— É verdade. E não pode permitir-se o luxo de que alguma delas fuja. — Jack franziu o cenho enquanto se perguntava quantas mulheres teria matado Apolo. — Confeccionarei uma lista de estudantes universitárias desaparecidas. Especialmente, de bonitas ruivas.

— Magnífico! — Connor jogou uma olhada aos monitores de vigilância. — Sabe que agentes trabalham no caso?

— Posso averiguá-lo. Certamente pertencerão à delegacia de polícia do distrito ao que pertence a Universidade de Columbia.

— *Morningside Heights*. Deveríamos apagar todas suas lembranças. — Connor olhou ao



Jack. — Deveríamos apagar a memória de qualquer mortal que esteja a par deste caso.

Jack se aferrou aos braços da cadeira.

— Lara é imune. Não se pode apagar sua memória.

— Você não a pode apagar — lhe corrigiu Connor em voz baixa.

Jack apertou os dentes.

— Meus poderes psíquicos são tão fortes como os de qualquer vampiro.

— Não quero te ofender, mas duvido de que o tenha tentado realmente. No fundo, talvez preferia que ela não se esquecesse.

— Tentei-o — grunhiu Jack. — Também o tentou Laszlo. Não conseguimos chegar a seu interior.

— Então não te importará que o eu tente.

Jack se ficou de pé de um salto.

— Sim.

Connor arqueou as sobrancelhas.

— Interessante reação.

— Não jogue comigo, Connor. Deixa a Lara tranquila.

O escocês suspirou e se reclinou em sua cadeira.

— Que diabos lhes passa? Roman, Angus, Jean-Luc, Ian... Isto se está propagando como uma praga. Cheguei a me perguntar se um vampiro perde a cabeça quando alcança maturidade aos quinhentos anos de idade, mas não me afetou, graças a Deus; e você... você não é mais que um guri.

— Duzentos e dezesseis anos — disse Jack em tom irônico. — Acabo de deixar as fraldas.

Connor o olhou com gesto zangado.

— Consta-nos que há ao menos vinte mil vampiros respeitosos da lei, e quase a metade são mulheres formosas e inteligentes. Por que não te pode apaixonar por uma delas?

Jack se encolheu de ombros.

— Isto não entrava em meus planos.

— Não te dá conta de que quando conta nosso segredo a um mortal arrisca as vidas de todos os vampiros que há no mundo? Não tem direito de nos pôr a todos em perigo.

— Não lhe hei dito nada.

— Ainda. — Connor se arranhou a testa. — Isto já o vi muitas vezes. Atua de forma tão nauseabunda como outros.

— O amor não é nauseabundo. Ao contrário: o *amore* é a força maior e positiva do universo.

— Quanto faz que a conhece? Duas semanas? Isso não é amor. É um caso grave de luxúria, nada mais.

Jack passeou pelo escritório. Não, ele tinha sentido luxúria no passado. Tinha amado no passado. Conhecia a diferença.

— Isto é algo mais que luxúria.

— Sim, é loucura — resmungou Connor.

Talvez, mas era amor? Jack se deteve e olhou o vazio. Até que ponto se estava apaixonando pela Lara?



— Pode deixar de vê-la? — Perguntou Connor com voz suave.

Podia? Só havia um par de coisas que precisava fazer para sobreviver. Ocultar-se do sol e beber sangue. Visto desse modo, a vida de um vampiro parecia imensamente monótona.

Seu coração cobrava vida cada dia ao entardecer, mas levava muito tempo sentindo-se morto por dentro. Tinha-se entregue em corpo e alma a combater aos Malcontents, porque isso lhe dava uma razão para levantar-se da cama cada noite. A sua era uma vida escura de conflito e derramamento de sangue constante. Levava assim dois séculos, e aquilo podia prolongar-se numa eternidade. *Merda!* Vivia em um círculo infernal.

Lara era como um anjo salvador. Toda ela beleza e luz. Já não vivia para a morte, a não ser para o *amore*. Estava-se apaixonando.

Amor. Sempre tinha acreditado no amor verdadeiro, mas nunca tinha tido sorte com ele. Seu primeiro amor, Beatriz, tinha morrido antes que chegasse a casar-se com ela. Sua perda o tinha devastado até tal ponto que passaram muitos anos até que o amor voltou a chamar a sua porta, em 1855. Esperançado, tinha dito seu segredo ao novo amor, o qual só serviu para que ela o rechaçasse. Tinha-se visto obrigado a lhe apagar a memória; mas a sua permaneceria intacta, e a dor da perda demoraria anos em curar.

Em 1932, se repetiu a mesma história. A mesma dor de perder à mulher amada. Não lhe cabia dúvida de que contar a Lara a verdade suporia perdê-la. Tragou saliva. Não podia arriscar-se. Não podia suportar a ideia de não voltar a vê-la. O mero feito de considerar essa possibilidade lhe produzia uma grande e dolorosa opressão no peito.

Havia algo especial nela. E também queria compartilhar algo especial com ela, algo que ele amava. Voltou a pensar em Veneza.

— Não posso abandoná-la.

— Temia isso. — Connor se dirigiu à porta. — Explicarei a situação ao Roman e começaremos a procurar o balneário do Apolo.

— De acordo. — Jack deu a volta à mesa e se sentou frente ao computador. Passaria as seguintes horas recolhendo informação sobre estudantes universitárias desaparecidas. Olhou ao vampiro escocês, que saía da habitação. — Obrigado, Connor, por sua compreensão.

Connor lançou um bufido.

— O único que compreendo é que está caindo preso da loucura. Que Deus tenha piedade de sua alma.

— O *amore* pode encher o coração de paz e alegria — disse Jack. — Fazer que se sinta completo.

Um olhar triste se instalou nos olhos azuis de Connor.

— Ou te pode partir o coração. — Fechou a porta detrás de si.

Jack suspirou. Ele já tinha passado por isso, e tinha ficado com o coração partido. Só podia esperar que não lhe ocorresse o mesmo com a Lara.

A última hora da tarde de segunda-feira, Lara começava a se sentir cada vez mais aborrecida. LaToya estava no trabalho, assim que ela se encontrava sozinha. À uma tinha assistido a uma entrevista com o psiquiatra do departamento, que a tinha declarado apta para começar a



trabalhar na quarta-feira de noite. Considerou a ideia de chegar cedo ao trabalho para comprovar os registros de pessoas desaparecidas. Mas como explicar que trabalhava em um caso que não lhe tinha sido atribuído?

Perguntou-se como iria Jack com a sua investigação. Na realidade, fazia-se muitas perguntas sobre o Jack. Às quatro, tinha-se acomodado no sofá para repassar a lista *“Não conhece o Jack”* que tinha redigido a noite anterior.

A primeira lista era um resumo de todas as coisas pelas que se sentia atraída pelo o Jack. *“Inteligente. Forte. Bonito. Engenhoso. Sexy. Doce. Atrativo. Protetor. Generoso. Peralta. Solidário. E grande beijador.”* E muito mais que isso. Parecia estar em sintonia com seus pensamentos e sentimentos, muito mais que qualquer outro homem ao que tivesse conhecido. E realmente se preocupava com ela; pelo que podia ver em seus olhos, quando não emitiam um brilho vermelho.

Com um suspiro, releu a segunda lista: *“Poderes psíquicos, superpoderes, antiquado...”* Fez uma careta de dor. Se seu pai tivesse morrido em 1798, Jack teria nascido em 1791.

Aquilo era o bastante estranho para assustar a qualquer um. O próprio Jack a advertiu que devia fugir dele como da peste. Mas, se realmente fosse um homem mau, adverti-la-ia? Talvez temesse feri-la acidentalmente com sua extraordinária força.

Deixou cair a lista sobre a mesa de centro. Tanta especulação inútil não a ia conduzi-la a nenhuma parte. Se ela fosse detetive, como o investigaria? A primeira parada seria seu lugar de trabalho. Jogaria uma olhada ao *Romatech Industries* e confirmaria seu álibi para a noite de sábado. Isso lhe levaria ao menos um par de horas, de modo que devia avisar a LaToya de que não poderia jantar com ela em casa.

Acendeu o móvel e viu uma chamada perdida na sua caixa postal. Provavelmente voltava a ser a sua mãe, lhe rogando que deixasse toda essa estupidez da polícia e voltasse para casa para fazer algo sensato com sua vida, como competir pelo título de *Miss Luisiana*.

Quando Lara se mudou a Nova Iorque, sua mãe a chamava todos os dias para incomodá-la, assim optou por apagar o móvel quando não estava no trabalho. E agora que trabalhava no turno de noite, mantinha o costume de deixá-lo apagado para poder dormir durante o dia.

Com um suspiro de resignação, se armou de força para fazer frente a mais aporrinhações e ativou a caixa postal. Deu-lhe um tombo o coração ao ouvir a voz de Jack.

— *Lara, estive recolhendo informação sobre o caso. Eu gostaria de mostrar-lhe isso na segunda-feira de noite. Também planejei... uma entrevista para nós. Só serão umas horas, logo podemos voltar para o trabalho. Chamar-te-ei na segunda-feira por volta das oito e meia para saber se aceita sair comigo. Que durma bem, bellissima.* — Desligou.

Uma entrevista? Voltou a escutar a mensagem. Sim, Jack estava *planejando uma entrevista!* Deixou-se cair sobre o sofá e fechou os olhos, desfrutando do som profundo e sexy de sua voz. Jack queria sair com ela e se perguntava se ela aceitaria? Deixou escapar um bufido. Era como lhe perguntar se estava de acordo com a paz mundial, ou com uma cura para o câncer.

Jogou uma olhada à lista que estava sobre a mesa de centro, e o título se burlou dela. *“Não conhece o Jack.”* Devia sentir-se tão ansiosa por sair com um homem misterioso de estranhos poderes? E acaso essa entrevista não era uma grande oportunidade para conhecê-lo melhor?

Comprovou a hora da chamada. Tinha-a feito às cinco e meia da manhã. Consultou o relógio.



Eram as quatro e meia da tarde. Ficavam quatro horas antes que voltasse a chamar. Não necessitava quatro horas para preparar-se.

E como ficava seu plano de ir ao Romatech? Tinha tempo para deslocar-se até o *White Plains*, mas o mais provável é que não retornasse a tempo. Teve uma ideia e chamou o Jack. Ele não respondeu, de modo que lhe deixou uma mensagem.

— Olá, Jack. Será um prazer sair contigo. E obrigada por investigar o caso. Suponho que tem feito todo o trabalho no Romatech, de modo que te verei ali às oito e meia, ok? Adeus.

Tomou banho e, depois de trinta minutos de deliberações, finalmente escolheu um vestido azul de alças e um cinturão de palha branco. Também agarrou um pulôver de agulha de crochê branco se por acaso esfriasse de noite. E uma bolsa branca a jogo com as sandálias.

Comprovou sua maquiagem por a enésima vez, e teve um pequeno ataque de consciência. Ali fora havia garotas sequestradas que necessitavam sua ajuda, e ela não fazia mais que pensar na entrevista. Estava-se deixando levar pela atração que sentia pelo Jack.

“Mas sempre haverá tipos maus — se disse a si mesma. — Quantas vezes bate o amor a nossa porta?” Se contemplou no espelho. Era amor? De verdade se estava apaixonando?

Sentiu uma opressão no peito, mescla de antecipação e incerteza, enquanto agarrava suas coisas e abandonava o apartamento. Tomou o metro até a *Grand Central Station*, e logo um até o *White Plains*. Eram quase as sete quando o táxi chegou ao Romatech. A empresa era muito maior do que tinha imaginado e estava completamente cercada. A entrada principal estava fechada e presidida por um barraco de vigilância.

Quando o guarda se aproximou do táxi, ela baixou o guichê e lhe mostrou sua placa da Polícia de Nova Iorque.

— Olá, eu gostaria de falar com o responsável da segurança. E tenho uma entrevista com o Jack... Venezia, quando chegar.

O guarda a olhou com receio.

— Desde quando a polícia se desloca em táxi? E não é por ofendê-la, mas você parece uma modelo mais que uma agente de polícia.

Ela se ruborizou. Entregou-lhe sua placa.

— Comprove-a, se quiser, e me deixe falar com seu supervisor.

O guarda estudou a placa.

— Lara Boucher? Ouvi falar de você.

O que teria ouvido? Ficou ainda mais vermelha.

Com um sorriso de cumplicidade, o homem lhe devolveu a placa.

— Espere um minuto. — Se dirigiu ao barraco de vigilância e falou por telefone.

Lara se zangou consigo mesma. Não tinha previsto as dificuldades que teria para entrar na empresa. E deveria haver se precavido de que, vestida daquela maneira, ninguém ia acreditar que estava de serviço. Era óbvio que seguia ao Jack.

O guarda voltou para o táxi.

— Senhorita Boucher, Howard Barr a espera na entrada. — Apertou um botão de comando a distância e o portão de ferro se abriu.

O táxi avançou por um caminho de dois sulcos que atravessava uma zona ajardinada. Mais



adiante, depois de girar em uma curva, viu a empresa. Diante havia uma pequena zona de estacionamento, e à esquerda, junto a um acesso lateral, outra maior. O edifício se estendia com várias asas sobressalentes da entrada principal até um terreno cuidadosamente ajardinado.

Um homem grande em calças cáqui e polo azul-marinho saiu pela porta principal justamente quando o táxi se deteve.

Lara pagou ao chofer e desceu do carro.

— Olá. Sou Lara Boucher. — Estendeu-lhe a mão.

— Howard Barr. — Lhe estreitou a mão com um sorriso. — Ouvi falar de você.

— OH...! Obrigada. — Ela observou como seu anfitrião deslizava seu cartão de identidade por um leitor magnético e logo colocava a mão sobre um sensor biométrico. — Vejo que têm estritas medidas de segurança.

— Assim é. — Se acendeu um piloto verde, e ele abriu a porta. — Passe, por favor.

Entrou em um grande vestíbulo com suportes de vasos alinhados no chão de mármore e bonitas pinturas nas paredes. No ar havia um aroma de produtos antissépticos, como nos hospitais. Não a surpreendeu, já que sem dúvida necessitariam um ambiente estéril para a produção de sangue sintético.

Howard a conduziu até uma mesa auxiliar que havia à direita.

— Sinto muito, mas terei que registrar sua bolsa.

— Entendo-o. — Ela colocou sua bolsa de palha branca sobre a mesa. Felizmente, tinha deixado a pistola em casa. — Jack mencionou que têm alguns inimigos.

— Assim é. — Howard registrou o interior da bolsa com suas mãos, e depois o voltou a fechar. — Recebemos ameaças de bomba em um par de ocasiões, assim que qualquer medida de segurança é pouca.

— A quem poderia interessar atentar contra este lugar? — Lara pendurou a bolsa no ombro. — O sangue sintético que fabricam aqui está salvando milhares de vidas.

— Sim, mas sempre endoidece a quem se opõem porque não é sangue de verdade. Bem, senhorita Boucher, no que a posso ajudar? Jack demorará uma hora ou mais em chegar.

— Investigo o caso de uma estudante universitária desaparecida no sábado de noite.

Howard assentiu.

— Jack esteve trabalhando nisso ontem à noite. Deixou a informação em um portátil. Quer vê-lo?

— Sim, por favor.

— Me siga. — Howard a conduziu por um corredor da esquerda. — Deixar-lhe-ei usar uma sala de conferências. Jack me disse que estava trabalhando com você, assim não acredito que faça mal em lhe permitir ver a informação que encontrou.

Lara teve uma sensação de desgosto. É óbvio que não fazia mal. A garota desaparecida era um caso policial.

— Entendo que Jack esteve aqui no sábado de noite trabalhando na segurança.

— Sim. — Howard franziu o cenho. — Por que o pergunta?

— Procedimento normal — murmurou ela. Fixou-se nas portas fechadas que foram deixando para trás. Serviços, armazém, salas de conferências. Creche? Pareceu-lhe ouvir a risada de um



menino detrás da porta. Consultório dental. — Têm um dentista aqui?

— Sim. Shanna Draganesti. — Howard assinalou o consultório. — Ocupa-se do cuidado dental de todos os empregados por uma fração do custo normal.

— Que bem! A que hora esteve Jack aqui no sábado de noite?

— Toda a noite. — Howard se deteve. — Não o considera suspeito, verdade? Jack é um tipo estupendo. E, se fosse culpado, por que ia ajudá-la com seu caso?

— Não quero parecer ingrata — disse Lara, — mas poderíamos limpar qualquer dúvida se me facilitasse provas de que esteve aqui essa noite.

Howard a olhou com cara de poucos amigos.

— Muito bem. Mostrar-lhe-ei as fitas de segurança de sábado de noite. — Conduziu-a até uma porta com um rótulo onde tinha *MacKay Security*. Uma vez mais, deslizou seu cartão de identidade e apoiou a mão em um sensor biométrico. — Temos umas quantas armas dentro, assim devemos proteger especialmente esta sala.

— Entendo-o. — Lara entrou detrás dele.

Ao princípio lhe pareceu uma sala de segurança convencional. Mesas, computadores, estantes com arquivos, uma parede coberta de monitores conectados a câmaras de vigilância...; mas depois viu a amuraria da zona traseira. Ficou boquiaberta.

Umas quantas armas? Aproximou-se do recinto protegido e contou os fuzis alinhados em uma prateleira. Doze. Numerosas pistolas em um suporte. Caixas e mais caixas de munição em outro suporte. Mas o que realmente atraiu sua atenção foram as espadas. A parede da esquerda estava coberta de espadas de duplo fio e floretes reluzentes. Na parede da direita, havia uma exposição de adagas e facas de aspecto letal.

Estudou atentamente as espadas. Algumas pareciam realmente velhas. Pareceu-lhe uma maneira antiquada de proteger um edifício.

“Antiquada.” Aquela palavra começava a persegui-la.

— Para que querem todas estas espadas? Esperam o ataque de uma horda de vikings?

Howard soprou ao sentar-se detrás de sua mesa.

— Os meninos gostam das colecionar. — Teclou algo em seu computador. — Bem, aqui tem o vídeo de vigilância de sábado de noite.

Lara se girou para olhar os monitores. Ficaram um segundo em suspensão e deram passo às imagens. A data e a hora do sábado apareciam imprensas na esquina inferior direita. *Vinte e uma horas.*

Howard se uniu a ela junto aos monitores, com um comando a distância na mão.

— Como pode ver, o edifício está relativamente vazio os sábados de noite. Só há pessoal de segurança e gente que assiste a missa.

— Hah. — Lara tinha notado que a maioria dos monitores mostrava corredores vazios. Reconheceu o vestíbulo principal, onde se congregavam algumas pessoas.

Um borrão de movimento em outro monitor atraiu sua atenção. Parecia alguém correndo à velocidade do raio pelo terreno ajardinado.

— A que velocidade corre esse homem?

— OH! Não são mais que imagens em avanço rápido — murmurou Howard.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Ela se perguntou se um monitor podia estar em avanço rápido e outros em modo de reprodução normal.

Howard assinalou uma tela.

— Aí tem o Jack, abandonando o escritório.

Ela observou como caminhava com suas pernas largas, o passo gracioso.

— Desde quando o conhece? — Perguntou.

— Desde que comecei a trabalhar para o *MacKay S&I* — respondeu Howard. — Uns dez anos, suponho.

Lara viu um menino pequeno correndo para o corredor. Jack o levantou no ar.

— Quem é esse?

— Constantine Draganesti. O filho do Roman e Shanna — lhe explicou Howard. — E essa é Shanna saindo da creche com seu bebê.

Lara sorriu ao ver retroceder ao Jack. Tinha-o visto perfeitamente cômodo com o menino, mas o bebê parecia aterrorizá-lo. Shanna entregou o bebê a uma anciã que também saiu da creche. Enquanto a anciã retornava com os meninos à creche, Shanna avançava pelo corredor com o Jack.

— Se dirigem à capela, para a missa — explicou Howard. — Vou pôr o avanço rápido.

Lara notou que Howard levava a mesma roupa que Carlos na casa da cidade.

— Isso que leva é um uniforme?

— Sim. O dos guardas do MacKay.

— Nunca vi ao Jack com esse uniforme.

— Jack é um de nossos principais investigadores, e está acostumado a trabalhar incógnito. Em geral, pode fazer o que lhe dê a vontade. — Howard pulsou um botão do comando a distância. — Dentro de pouco, os verá a sair da capela.

— Parece-me um pouco estranho isso de celebrar missa aqui.

Howard encolheu os ombros.

— Roman gosta de fazê-lo. Vale, aqui vêm. — Howard assinalou o monitor de onde se viam todos saindo da capela. A maioria entrou em uma habitação da direita — é a sala comunitária, onde estamos acostumados a ir tomar o refrigerio. Aí não há câmaras.

Lara viu o Jack diante da capela, falando com o homem de saia escocesa, que tinha conhecido nas bodas. Robby. Ambos se dirigiram à sala comunitária. A hora imprensa na esquina do monitor punha *vinte e duas horas*. Ao parecer, Jack tinha um álibi.

A anciã apareceu no monitor do corredor já no exterior da creche. Caminhava com o bebê nos braços, e o pequeno menino saltava a seu lado. Logo apareceram no monitor do exterior da capela. O menino saltou nos braços de seu pai. Roman Draganesti abraçou a seu filho e Shanna agarrou ao bebê. Pareciam uma família encantadora e muito normal.

Todos pareciam simpáticos e normais. Lara se perguntou se não estava sendo muito suspicaz ao que se referia a Jack. Talvez o melhor fosse relaxar-se e desfrutar da atração que sentia por ele.

Piscou quando de repente Jack se dirigiu ao corredor. Levava um copo na mão e bebeu dele. *Enfim!* A prova de que Jack sim bebia.

Aproximou-se da tela.

— O que bebe? Vinho?



A tela se apagou.

— O que...? — Ela se voltou para ele e viu que colocava o comando a distancia sobre a mesa.

— Suponho que com isso basta para provar seu álibi. — Escreveu algo no teclado e os monitores voltaram a mostrar imagens em tempo real. — Agora deseja ver a informação que Jack recolheu ontem à noite?

— Sim, certamente. Obrigada.

— Está tudo aqui dentro. — Howard agarrou um portátil e caminhou para a porta. — Pode usar a sala de conferências que está no outro lado do vestíbulo.

Lara agarrou sua bolsa para seguir ao Howard e se girou para voltar a olhar os monitores. Estar-se-ia voltando paranoica ou na verdade Howard queria impedir que visse algo?

Capítulo 12

Lara se sentou em um extremo da grande mesa de conferências e esperou que se iniciasse o computador.

Howard se aproximou da porta.

— Necessita algo para tomar notas? Quer tomar algo?

— Estou bem, obrigada. — Se surpreendeu ao ver a tela. O escritório estava surpreendentemente vazio. Só havia um arquivo, que se chamava “*Apolo*”.

— Tenho que fazer a ronda — disse Howard. — Voltarei a passar por aqui em quinze minutos. — Se afastou, deixando a porta totalmente aberta.

Sem dúvida, a segurança era uma prioridade naquele lugar. Lara voltou a vista à tela. Jack se tinha assegurado de que no computador não houvesse nada do *Romatech Industries* ou *MacKay Security and Investigation*. Evidentemente, não queria que colocasse o nariz em seus assuntos. O que podiam estar ocultando?

Tinha tido a sensação de que ao Howard não tinha feito graça nenhuma fazê-la passar à sala de segurança e lhe mostrar as fitas de vigilância. E para que tinham todas essas armas, em especial as espadas? Suspirou. Mais perguntas para o Jack.

Ao menos, não tratava de lhe ocultar nada relativo ao caso *Apolo*. Lara fez duplo clique no “*Apolo*” e se abriram duas pastas denominadas “*Negativo*” e “*Positivo*”. Abriu o arquivo “*Negativo*” e encontrou uma breve descrição de cinco mulheres das zonas onde se tinham produzido os sequestros. Baixou até a parte inferior da página e caiu na conta de que nenhuma delas tinha a cor de cabelo que procurava *Apolo*.

Abriu a pasta “*Positivo*” e ficou boquiaberta ao ver a tela. Havia mais vinte pastas. Jack tinha descoberto toda essa informação em uma só noite?

Abriu uma pasta e encontrou uma foto e um breve relatório. Uma garota de cabelo castanho avermelhado tinha desaparecido da *Universidade de Nova Iorque* em abril.

Lara abriu a segunda pasta. Uma garota de cabelo loiro avermelhado tinha desaparecido da *Universidade de Nova Iorque* em junho do ano passado. A terceira mostrava a *Brittney Beckford*,



da *Universidade de Columbia*, que tinha desaparecido em julho. Na quarta e quinta pastas havia duas estudantes ruivas que tinham desaparecido da *Universidade do Syracuse*.

Apolo sequestrava a uma garota nova cada mês? Lara repassou as datas. Cada uma das garotas tinha desaparecido o quarto sábado de cada mês.

Como era possível que um caso tão flagrante e espantoso passasse inadvertido para as autoridades? Apolo devia estar usando o controlo mental para apagar seus rastros com tal destreza que ninguém sabia o que se estava passando. De fato, para a imprensa, a maioria das garotas simplesmente tinham fugido. Graças a Deus, aquele criminoso começava a atrair a atenção da polícia.

Lara franziu o cenho. Jack tinha trabalhado duramente naquilo, mas não correspondia a ele resolver o caso. Era um assunto policial.

Deu um coice ao ler o relatório da sexta pasta. A garota tinha estado matriculada na *Universidade da Pensilvânia, Filadélfia*. A sétima garota tinha desaparecido de *Princeton, Nova Jersey*. Se Apolo estava sequestrando a garotas de distintos estados, o caso era competência do FBI.

Mesmo assim, devia passar ao Jack. Ele era um magnífico investigador. Nem sequer tinha olhado metade das pastas, e estava lendo os textos por cima. Precisava imprimir todos os relatórios para compará-los entre si. E necessitava horas para estudar o material.

O que na verdade precisava era uma cópia de tudo isso. Começou a enviar-se por correio eletrônico toda a pasta “*Apolo*”, e logo vacilou. Importaria ao Jack? Claro que não. Na mensagem telefônica lhe havia dito que queria lhe mostrar toda a informação. Depois de tudo, trabalhavam juntos no caso. Fez clique no botão “*Enviar*”.

— Olá.

Deu um salto em sua cadeira e viu um menino loiro na porta. Parecia o que surgia no vídeo de vigilância.

— Olá — lhe respondeu.

O menino se estirava a camiseta a raias azuis e verdes.

— Meu nome é Tino.

Claro. Constantine Draganesti.

— Como está? Eu sou Lara Boucher.

Dedicou-lhe um sorriso angélico.

— Ouvi falar de ti.

— Que bem! — Ela apagou o portátil e ficou em pé.

— Tino! — Chamou a voz de uma mulher. — OH, está aí! — Uma anciã apareceu na porta e viu a Lara. — O sinto. Espero que Tino não a tenha incomodado.

— Não, absolutamente. — Lara se aproximou deles. — Me chamou Lara Boucher.

— OH, ouvi falar de você!

Outra vez, não. Lara lhe estendeu a mão.

— Como vai?

— Muito bem, obrigado. Meu nome é Radinka. — Estreitou lhe a mão, sem soltá-la. Estudou-a durante uns segundos e logo sorriu. — Sim. Você e Jack serão muito felizes.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Perdão?

Radinka lhe soltou a mão e gritou sobre seu ombro.

— Shanna! A que não sabe quem está aqui?

— Vou! — Da creche saiu uma mulher com um carrinho de bebês. Era loira e estava gordinha de dar a luz recentemente. O bebê era um recém-nascido com a pele rosa e delicada e um fino arbusto de cabelo negro.

Lara se inclinou sobre o carrinho para jogar uma olhada de perto.

— É preciosa! — Uma menina, pensou, pelos delicados rasgos do bebê. E pela manta cor rosa. Dirigiu o olhar para a mãe do bebê. — Olá. Meu nome é Lara Boucher.

— OH! Ouvi falar de ti.

— Isso dizem todos — murmurou Lara.

Shanna riu.

— Não se preocupe. Só coisas boas. Por certo, meu nome é Shanna. Esta é minha filha Sofia. Já conhece meu filho Constantine?

— Sim. — Lara dirigiu um sorriso ao pequeno de bochechas rosadas.

— É a mulher do Jack — anunciou Radinka.

Lara tragou saliva.

— Eu... eu não diria tanto. Apenas o conheço.

— Bem, pois então teremos que fofocar sobre ele, verdade? — Um brilho de picardia apareceu nos olhos da Shanna. — Robby disse que é muito bonita. Não se equivocou absolutamente.

— Connor diz que você nos vai trazer problemas — acrescentou Constantine.

— Tino! — Shanna o olhou com o cenho franzido; logo se voltou para a Lara. — Ao Connor preocupa que façam mal ao Jack. Aqui todos somos como uma família. Você gostaria de passear conosco? Vamos à cafeteria.

— Vou comer macarrão com queijo! — Tino deu saltos pelo corredor.

— Eu adoraria ir, mas não acredito que ao Howard fizesse graça não me encontrar aqui ao voltar. — Lara assinalou a sala de conferências.

— OH, não se preocupe! — Shanna fez um gesto displicente com a mão. — Te verá no monitor e saberá que está conosco. Venha.

Lara agarrou a bolsa, fechou a porta da sala de conferências e os seguiu pelo corredor para o vestíbulo. Ainda não tinha comido, de modo que tinha fome e estava ansiosa por ouvir as fofocas que tinha mencionado Shanna. Também pensou que o melhor seria comer algo ligeiro. Jack tinha planejado uma saída para a noite e podia tratar-se de um jantar. E outras coisas...

Atravessaram o vestíbulo e giraram à direita, logo à esquerda e outra vez à esquerda. Os corredores tinham janelas a um lado, e Lara se precaveu de que estavam dando a volta a um pátio e uma zona ajardinada. O sol do entardecer se refletia nas janelas e iluminava os gerânios vermelhos e rosas que floresciam em vasos de barro ao redor do pátio.

Na cafeteria quase vazia, se sentaram a uma mesa com o carrinho do bebê estacionado em um extremo, perto da Shanna. Lara se sentou frente a ela e comeu uma pequena salada enquanto admirava ao bebê de duas semanas de idade.



— Quer ver o que sei fazer? — Perguntou Tino.

— É óbvio. — Lara supôs que o menino também queria um pouco de atenção.

— Tino! — Shanna meneou a cabeça, carrancuda.

— Bom, ok! — Se encolheu de ombros e moveu os macarrões pelo prato com o garfo.

Shanna o observou, e logo lhe iluminou a cara.

— Já sei! O outro dia moveu as orelhas. Pode-lhe mostrar isso a Lara.

Tino se endireitou em seu assento, sorrindo.

— Sim! — Se voltou para a Lara: — Quer vê-lo?

— Eu adoraria. — Lara riu quando as orelhas do menino se moveram ligeiramente. — É incrível! Nunca consegui fazer isso.

— Também sei ler — se gabou Tino.

— Isso é genial! — Lara empurrou seu prato de salada vazio por volta do centro da mesa. — Quantos anos têm?

— Fiz dois em março. — Constantine bebeu uns goles de leite.

Dois? Lara teria pensado que estaria mais perto dos quatro, mas não sabia muito sobre meninos.

Sofia rompeu a chorar, e Shanna a tirou do carrinho.

— Já passou! — Começou a dar voltas ao redor da mesa, embalando à menina nos braços. — Acaba de jantar. Não vais deixar que mamãe também jante?

Lara viu de que Shanna não tinha terminado sua comida. Radinka tampouco. Empurrou sua cadeira para trás e se levantou.

— Eu sustentarei a Sofia.

— Sim, obrigada. — Shanna entregou o bebê a Lara. — Gosta que a passem nos braços. Suponho que lhe recorda o tempo que passou dentro de mim.

— Eu não recordo quando estive dentro de ti, mamãe — disse Tino.

Shanna riu entre dentes ao sentar-se a terminar o jantar.

— Dava cambalhotas na barriga de mamãe.

— Que legal! — Tino atacou uma tigela de cubos de gelatina de morango.

Lara começou a caminhar lentamente ao redor da mesa, desfrutando da incrível suavidade do bebê contra seu peito. Sofia a olhava com uns olhos azuis claros. Passou uma mão sobre a cabeça da menina e sentiu seu sedoso cabelo negro. Os filhos do Jack teriam um cabelo assim.

Suspirou. Que diabos fazia imaginando aos futuros filhos de Jack? Por absurdo que parecesse, não se sentiu desgostada. Havia algo no feito de sustentar o bebê nos braços que lhe transmitia calma.

— Tem mão para os meninos. — Shanna levou um bocado de batatas à boca. — Jack também.

— Seria um pai excelente. — Radinka assinalou a Lara com seu garfo para acrescentar ênfase a suas palavras.

Lara não pôde evitar sorrir.

— Vocês as duas são um par de casamenteiras. Mas, por muito bonito que seja, não acredito que Jack necessite ajuda nas coisas do querer. — Esperava que lhe respondessem algo como “Jack



leva anos sem sair com ninguém” ou “Jack se manteve tão casto como um monge de noventa anos”.

Shanna agarrou seu copo de chá frio.

— Devo admiti-lo, Jack é um homem de aparência muito agradável.

— A juventude — murmurou Radinka, e meneou a cabeça enquanto cortava seu último pedaço de bife. — O que realmente importa é o caráter. Jack é um bom homem. Bom, leal e digno de confiança.

Tudo isso soava muito bem, mas Lara seguia perguntando-se quantas dezenas de mulheres se teriam insinuado ao Jack. Seguia dando voltas ao redor da mesa.

— Suponho que a um homem tão bonito e bom não lhe faltarão pretendentes — soltou.

— Suponho. — Os olhos da Shanna emitiram um brilho pícaro.

Lara se ruborizou. Era óbvio que estava tentando obter informação.

Shanna riu entre dentes.

— Não se preocupe. Que eu saiba, Jack nunca teve noiva. Sempre vem sozinho às festas.

A Lara encheu-se o peito de alegria.

— Mas, claro, quando chega, flerta sem parar com todas as mulheres — acrescentou Shanna em tom irônico.

Lara tossiu ao sentir uma pressão na garganta.

— Só é amável — esclareceu Radinka. — Paquerou comigo no jantar de gala da primavera, e inclusive me levou a dançar uma valsa com ele. Sabia que só estava sendo educado, mas apesar disso fez que me sentisse maravilhosamente bem. Como se tivesse menos quarenta anos.

— Desde quando o conhecem? — Perguntou Lara.

— Desde que comecei a trabalhar aqui — disse Radinka. — Faz uns dezoito anos. Antes trabalhava como ajudante do Roman.

— Mas depois o roubei. — Shanna olhou com carinho a Radinka; logo se voltou para a Lara.

— Eu conheci o Jack faz três anos, em minhas bodas. Assiste a todas as bodas e festas.

— É um excelente bailarino — acrescentou Radinka.

Shanna assentiu.

— E um bom amigo. Quando Angus e Emma tinham problemas, foi em sua ajuda. Também deu uma mão ao Ian e Toni.

Lara tinha conhecido ao Ian, mas não sabia quem eram os outros. Mesmo assim, não queria desviar-se do tema do Jack.

— Sei que é um tipo doce, mas tem... algumas coisas estranhas. Coisas excepcionais, — acrescentou.

— Como um atrativo excepcional? — Perguntou Shanna com um sorriso travesso.

— E uma lealdade excepcional — disse Radinka.

— E uma disponibilidade excepcional — acrescentou Shanna.

Lara deixou de caminhar e as olhou.

— Pode ser que não saibam, mas... Jack tem poderes estranhos. Pode teletransportar-se e mover-se a uma velocidade vertiginosa.

Radinka limpou a boca com o guardanapo e depois o dobrou cuidadosamente.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



— Já sabemos, querida. — Dedicou a Lara um olhar mordaz. — Também sabemos que não tem nada que temer.

— Isso é certo — disse Shanna em voz baixa. — Estou segura de que as habilidades do Jack lhe parecerão extremamente estranhas, mas não deixe que a assustem. O que realmente importa é como usa esses poderes, e sempre os usa para fazer o bem. Pode confiar nele, Lara.

Assim simplesmente? Bastava aceitando-o como era e confiar nele? Aparentemente, Shanna e Radinka o faziam. Lara se sentia tentada a fazê-lo, mas também necessitava respostas. E queria que Jack confiasse bastante nela para lhe dar essas respostas.

— Bom, falando do diabo... — Shanna fez um gesto para a entrada da cafeteria.

Lara se girou e viu o Jack de pé na porta. Se lhe tombou o coração. Definitivamente, era excepcional. Era tudo o que sempre tinha desejado em um homem. *“Pode confiar nele, Lara”*.

Jack caminhou lentamente para ela. Levava uns jeans desbotados, uma camiseta negra e uma jaqueta de couro negro. Seu cabelo ainda estava úmido e penteado para trás. Uma barba incipiente lhe obscurecia o queixo. Tinha aspecto de ter chegado ali o mais rápido possível. Olhou o bebê que Lara levava em braços e logo a olhou com um brilho quente, dourado. Lara se dirigiu a ele como atraída por um ímã.

— OH, sim! — Anunciou Radinka detrás dela. — Esses dois serão muito felizes.

Lara se deteve, ruborizada. Sabia que o sorriso divertido na cara do Jack significava que tinha escutado o comentário da Radinka.

— Dê-me a Sofia. — Shanna correu para ela para agarrar ao bebê.

— Olá, Jack! — Constantine correu para ele, e Jack o elevou em braços.

— Olá, sócio. Como vai? — Mexeu os cachos loiros.

Tino lhe sussurrou em voz alta.

— R Radinka diz que Lara é feita para ti.

Lara mordeu o lábio; começava a sentir-se molesta. Essa gente atuava como se ela fosse lançar-se diretamente nos braços do Jack. Tampouco é que o tio não fosse irresistível. Ela podia resistir. *“Em que planeta”* Uma voz interior a repreendeu.

Radinka meneou a cabeça enquanto empilhava os pratos vazios sobre uma bandeja vazia.

— Oxalá pudesse encontrar uma mulher para meu filho.

— Não acredito que Gregori esteja preparado para sentar cabeça — sussurrou Shanna.

— Pois mais vale que se apresse — balbuciou Radinka. — Eu não vou viver para sempre, e também quero desfrutar de meus netos.

— Como estão, senhoras? — Jack baixou a Tino, e deu a Shanna e a Radinka um beijo na bochecha. — Como está Sofia?

— Bem. — Shanna sorriu. — Trouxemos a Lara para jantar conosco, para poder fofocar a gosto sobre ti.

— Já vejo. — Se girou para a Lara, sorrindo. — *Bellissima*, nunca deixa de me surpreender. Não te esperava no Romatech.

Ela encolheu os ombros.

— Queria avançar com o caso.

— E comprovar meu álibi de sábado de noite.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Ela se ergueu.

— Assim é. É o procedimento rotineiro.

Jack lhe dirigiu um olhar algo sarcástico.

— E? Passei a prova?

— Isso acredito.

— Alegra-me. Eu não gostaria que saísse com um criminoso. — Se aproximou da Lara, enquanto estudava seu vestido de alças, suas pernas nuas e suas sandálias brancas. — Esta noite está preciosa.

— Obrigada. — A Lara se lhe apagou o aborrecimento. Era bastante difícil não lançar-se diretamente em seus braços.

Jack acariciou a blusa de lã branca que tinha pendurada no braço.

— É muito bonita, mas pode não ser suficientemente quente para o lugar que vamos.

— Aonde vamos?

Ele sorriu.

— Não se preocupe, amor. Já encontraremos algo quente para ti. — Se girou para os outros e inclinou a cabeça. — *Ciao*, senhoras, Tino. Temo que tenha de lhes roubar a Lara.

Havia algo antiquado em sua maneira de inclinar-se. Lara grunhiu em seu interior. A palavra “antiquada” voltava para sua mente uma e outra vez. Agarrou sua bolsa branca e se dirigiu a Shanna e a Radinka.

— Foi um prazer.

Shanna lhe deu uns tapinhas no ombro.

— Tenho a sensação de que nos voltaremos a ver.

— Com certeza que sim — assentiu Radinka. — Desfruta da noite.

— Ah! Também temos trabalho pendente — disse Lara. — Trabalho policial.

Radinka bufou e disse entre dentes.

— Quererá dizer travessuras pendentes.

— Posso agarrar uma bolacha? — Constantine deu uns saltos ao redor da mesa que demonstrava que não lhe fazia falta o açúcar.

— *Scusatemi, signorine* ¹⁹ — Jack voltou a inclinar-se. Logo, empurrando-a brandamente pelas costas, conduziu-a fora da cafeteria. — Ainda não tinha acabado o café da manhã quando Carlos me disse que Howard tinha chamado para dizer que estava aqui, me esperando. Vim o mais rápido que pude.

— Obrigada. Também te deixei uma mensagem no móvel.

— Sei. — Sorriu-lhe enquanto avançavam pelo corredor. — Alegra-me que tenha aceito sair comigo.

Ela encolheu os ombros.

— Só será um par de horas, verdade? Logo seguiremos com nosso trabalho.

— Como quer. Howard me disse que te mostrou o portátil.

— Sim. É impressionante a quantidade de informação que tem descoberto.

¹⁹ *Disculpe-me senhoras.*



— *Grazie*. — Girou à direita e a conduziu por outro corredor. — Estou decidido a encontrar ao Apolo o mais rápido possível. Acredito que sequestra a uma nova vítima o quarto fim de semana de cada mês.

— Sim, já tinha fixado isso. Voltará para as andadas em um par de semanas.

Jack assentiu.

— Apanhá-lo-emos antes.

Apanhá-lo-emos? Lara mordeu o lábio. Não sabia como dizer ao Jack que o assunto concernia estritamente à polícia e ao FBI, especialmente depois do muito que tinha trabalhado no caso.

— Sabe? Voltarei a patrulhar nas ruas a partir da quarta-feira.

Jack se deteve.

— No turno de noite?

— Sim. Parece que ambos trabalharemos no turno do cemitério.

Ele franziu o cenho:

— Não poderei verte muito.

Sentiria falta dela? Lara gostava da ideia.

— Não se preocupe. Tenho uma ou duas noites livres por semana. Inclusive é possível que não aceite voltar a sair contigo, embora isso depende de como se passe esta noite. — Dedicou-lhe um sorriso zombador.

Ele pareceu ainda mais preocupado.

— Espero que desfrute. Queria compartilhar algo especial contigo. Um lugar que significa muito para mim.

— OH! — Ela ficou com o sorriso apagado. — Ok.

— Mas não é que nos sobre tempo. — Ele olhou a seu redor. — Se te parecer bem, vamos já.

— Seriamente? — Ela o viu abrir uma porta e olhar no interior.

— OH, sinto muito! — Tinha interrompido a alguém no trabalho. Avançou pelo corredor até a seguinte porta. — Podemos trabalhar mais tarde no caso Apolo. Fiz muitos progressos, não acredita?

— Certamente. — Ela franziu o cenho ao lhe ver abrir a porta de um armário e olhar dentro.

— Perdeu algo?

— Não quero que nos vejam. Vem. Aqui está bem. — Agarrou-a pelo braço e a arrastou ao interior do armário.

Essa era sua ideia de uma *entrevista*? Fazer o amor em um *armário*? Conseguiu ver umas estantes cheias de material de escritório antes que Jack fechasse a porta e os deixasse na escuridão.

— Vá! Pensava que iríamos a algum lugar especial.

— Assim é, *bellissima*. Planejei tudo. — Envolveu-a em seus braços. — Gianetta e Mario estão ansiosos por te conhecer.

— Quais são?

— Cuidam de meu *palazzo*.

Ela tragou saliva.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Mas isso está em Veneza.

— Sim. — Ele roçou a bochecha dela com seus nódulos. — Ali é aonde vamos.

Ela ficou boquiaberta; logo meneou a cabeça, incrédula.

— Não podemos ir a Veneza. É um voo de dez horas ou mais, não?

— Temos que nos apressar. Dispomos de três horas.

— Antes que saia o avião? — Finalmente, percebeu o que ocorria. — Então o que fazemos aqui? — O coração começou a pulsar com força. Aquilo era tão repentino. E tão emocionante! — Tenho que ir a casa a fazer as malas. Necessito do meu passaporte. — Separou-se dele para dirigir-se à porta.

Ele a atraiu para si tão abruptamente que a bolsa caiu ao chão.

— *Bellissima*, vamos já.

De repente, invadiu-a uma repentina suspeita e o pelo da nuca lhe arrepiou.

— O que... o que quer dizer?

— Necessito que confie em mim. — Agarrou-a fortemente na cintura.

Ela ficou com a pele gelada, apesar do calor que desprendia seu corpo.

— O que fazemos no armário?

— Não quero que ninguém veja como nos teletransportamos.

Lara tragou saliva.

— Não.

— Sim. Já me viu fazer isso antes. É totalmente seguro.

— É uma perfeita loucura! — Ela tentou separar-se dele.

— Lara! — Ele a segurou pelos ombros. — Jamais faria algo que te fizesse mal. Importa-me o bastante para permitir que algo te faça mal.

Importava-lhe? Derreteu-lhe o coração. Por desgraça, o resto dela seguia apavorado.

— Não sei como teletransportar-me. Assusta-me. E se sair mal?

— Estará bem. Enquanto te tenha em meus braços, estará segura.

Ela voltou a tragar saliva.

— Não seria mais seguro um avião?

— *Cara mia*, chegaremos a Veneza em dois segundos.

— Custa-me acreditá-lo. E, depois de levar duas semanas fingindo ser uma pessoa normal, não te importa me mostrar repentinamente seu verdadeiro *eu*?

— Não. — Relaxou a pressão de seus braços. — É um passo adiante, não te parece?

Por fim estava preparado para justificar-se com ela? Como podia negar-se a isso?

— Eu quero... avançar — afirmou Lara.

— Então vem comigo. — Abraçou-a firmemente. — Agarre-te a mim, e não te solte.

Ela passou os braços ao redor de seu pescoço e fechou suas mãos uma sobre a outra.

— Está seguro de que não há perigo? Não há restrições de peso ou...?

Fez-se a escuridão.

Ela deu um tropeção e piscou ante a visão de umas velas acesas que davam voltas a seu redor.

— Tranquila, amor. — Jack a estabilizou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



A habitação deixou de dar voltas e Lara descobriu pinturas nas paredes e no teto, tudo acentuado com folhas douradas estucadas. Havia velas acesas em abajures seguros às paredes e em três candelabros ornamentais. Frente a uma enorme chaminé com um suporte de mármore, se agrupavam vários móveis antigos.

Seus pés estavam firmemente plantados sobre um chão de tijoleira polida. Aquilo não era o *Kansas*.

— Deus santo!

Jack a soltou.

— Está bem?

Lara voltou a olhar a seu redor.

— Deus santo!

Jack riu entre dentes.

— Bem-vinda a minha casa. — Caminhou para uma porta de vidro e a abriu de par em par.

— E bem-vinda a Veneza.

Capítulo 13

Jack sorriu ao ver as expressões que punha Lara. O estupor se transformou em assombro quando contemplou o Grande Salão. Invadiu-o uma sensação de orgulho, pois a habitação era impressionante quando estava completamente iluminada. Mario e Gianetta já não eram muito ágeis, assim provavelmente tinha sido seu neto Lorenzo o que tinha acendido todas as velas antes de sair para cumprir com seu encargo.

Uma brisa fria entrou pelas portas de vidro agora abertas, fazendo que as chamas piscassem e o ouro brilhasse.

Lara lhe lançou um sarcástico olhar.

— De maneira que é um *palazzo* pequeno, né?

Ele se encolheu de ombros.

— Há duzentos *palazzi* em Veneza. Não é grande coisa.

— Claro. Cada família tem um. — Seguiu-o até o balcão. — Não posso acreditar. Realmente estamos em Veneza?

— Sim. Venezia. — Ele aspirou profundamente o ar frio e úmido. Umas velas brilhavam detrás de um cristal biselado a cada lado das portas de vidro. Na esquina do balcão havia uma pequena mesa redonda com duas cadeiras.

Jack contemplou o canal da balaustrada. Na água, se refletiam as luzes da lua e os palácios próximos. A eclusa estava justo debaixo dele, na planta baixa. E as luzes da eclusa iluminavam os postes a riscas vermelhas e brancas diante de sua casa.

Entusiasmava-o voltar para casa. Agora tinha a alguém com quem compartilhá-lo.

— Você gosta?

— É incrível. Muito... antigo. — Lara lhe dedicou um olhar estranho, e depois começou a se

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



arrepia.

— Tem frio? — Abraçou-a e a atraiu para si. — Temia que fizesse muito frio para ti. Pedirei a Gianetta que te busque um casaco.

— Obrigada. — Lara olhou a seu redor com curiosidade. — Não se trata unicamente do frio. Ainda não posso acreditar que estejamos aqui, e sigo aterrada pelo meio de transporte.

— Foi rápido e indolor, verdade?

— O momento de terror puro e duro passou rapidamente, mas estou mais confusa que alguma vez estive. Como é capaz de fazer algo assim?

Com um suspiro, lhe acariciou o cabelo.

— Realmente não sei como funciona. Simplesmente é um dom, um dom do que me sinto agradecido.

— Bom, é melhor que dez horas em um avião. — Voltou-se para poder olhar da balaustrada. — Não sabia que os canais fossem tão grandes.

— A maioria não o é. Este é o *Grande Canal*.

— OH! Bonita direção. — Voltou a olhar o interior da casa. — Não está mal para ser um palácio.

Ele sorriu.

— Por desgracia, muitos dos *palazzi* estão em más condições. Este é do século XVI, e sempre há alguma coisa que reparar.

— Mas o adora — disse ela rapidamente.

— Sim. É minha âncora. Uma constante que perdura e nunca troca.

Ela o olhou, com os olhos ligeiramente entrecerrados.

— Há algo tão antigo e... nobre em ti.

Esse era um grande elogio para um filho bastardo como ele.

— Obrigado, *cara mia*. — Beijou-lhe a testa.

— Giacomo! Chegaste — ouviram dizer a alguém em italiano.

Jack se girou para encontrar a Gianetta ante as portas de vidro abertas.

— *Bellissima*. — Abraçou-a e lhe beijou as gordinhas bochechas. Levava um roupão grosso sobre a camisola, e seu comprido cabelo cinza caía em trança sobre seu amplo peito. Ele disse em italiano:

— Sinto te ter feito levantar a meio da noite.

Deu-lhe uns tapinhas na bochecha.

— Sempre é um prazer verte. E estou encantada de que haja trazido uma garota contigo. Esperei tanto tempo para isto.

Uns cinquenta anos, calculou Jack. Era o tempo que Gianetta e Mario, seu marido, levavam cuidando *do palazzo*. Tinham começado como serventes, mas com os anos se tinham convertido em amigos leais e queridos.

— É mortal, não? — Sussurrou Gianetta em italiano.

— Sim. Chama-se Lara Boucher — respondeu ele em italiano. — É americana.

— E muito bonita. — Gianetta assentiu em sinal de aprovação, logo falou em inglês com um marcado acento italiano. — Alegro-me de conhecê-la.



— Obrigada. — Lara sorriu. — Estou encantada de estar aqui.

— Necessita um casaco ou uma jaqueta — disse Jack a Gianetta. Ao ver que parecia confundida, traduziu-o ao italiano.

— Ah! Tenho o que necessita. E trarei um refrigerio. — Gianetta se inclinou e saiu do balcão.

— Parece muito simpática — disse Lara.

— Gosta. E isso é bom, porque ela e Mario são como da família.

Lara soprou.

— Todo mundo a nosso redor parece empenhado em exercer de casamenteiro.

— Como se necessitássemos ajuda. — Ele a abraçou desde trás e a atraiu contra seu peito.

Apoiou-lhe a cabeça no ombro.

— As estrelas são preciosas, mas eu gostaria que houvesse mais luz. A que hora amanhece?

— Muito logo. — Ele se aconchegou contra seu pescoço. Ficavam menos de três horas para que ele tivesse que teletransportá-la de volta a Nova Iorque. Não podia arriscar-se cair em seu sono mortal na frente dela. — Este é um bom momento para estar aqui. A cidade está tranquila. O único que se ouve é os golpes da água contra os edifícios e o ulular ocasional de um mocho.

Ela o agarrou pelo braço.

— Sempre quis ver Veneza. Obrigado.

— *Bellissima*, mal começamos. — Jack assinalou um ponto na distância. — Vê a luz na água? Essa é nossa gôndola, que vem nos recolher.

— Não posso acreditar nisso! — Lara se voltou para ele, sorrindo. — Obrigada por me arrastar até aqui contra minha vontade.

— Uhm! — Acariciou-lhe as costas, de cima abaixo. — Que mais posso obrigar a fazer contra sua vontade?

Acariciou-lhe o pescoço com uma risada.

— Já sabe o que dizem... querer é poder.

Esfregou-lhe o nariz com o seu.

— Pois eu quero passar da possibilidade aos feitos.

— Uhm! — Ela se pegou a ele e lhe enterrou as mãos no cabelo. — Não posso resistir a ti, Jack.

— Cara mia! — Lhe beijou a testa, as bochechas, o nariz, e lhe levantou o ânimo. Lara o desejava, e não tinha utilizado nenhum truque de vampiros. Ela era a única mulher que tinha conhecido cuja mente não podia invadir nem ler. E, entretanto, suas mentes pareciam falar o mesmo idioma.

Ele capturou a boca dela com a sua em um beijo comprido e pausado. Ela se fundiu com ele. Lara em seus braços em Veneza... não podia imaginar algo melhor na vida.

Ouviram o som de uma voz que se clareava.

— *Scusatemi* — sussurrou Gianetta na porta que dava ao balcão.

Lara retrocedeu um passo, ruborizando-se levemente.

— Trago-lhes... comida. — Gianetta falou em inglês. Colocou uma bandeja de madeira sobre a pequena mesa redonda. — E uma capa para a *signorina*. — Agarrou a capa que até esse momento tinha tido pendurada do ombro e a sacudiu.



— OH, Meu Deus! É formosa! — Lara acariciou o veludo negro azulado.

Enquanto Lara admirava a capa que Gianetta acomodava sobre seus ombros, Jack se deslocou sigilosamente para a mesa para jogar uma olhada à comida. Como não podia ser de outro modo, Gianetta tinha enchido a taça de bronze com sangue sintético quente. Bebeu-a antes que Lara pudesse ver seu conteúdo.

Ela riu.

— Tinha muita sede!

— Sim. — Colocou a taça vazia sobre a bandeja. — Essa capa fica estupenda.

Com um sorriso, girou sobre si mesma e deixou que a larga capa formasse redemoinhos a seu redor. Quando se deteve, o veludo caiu em compridas dobras que chegavam aos tornozelos.

— Não é preciosa? Está forrada com linho e também tem um capuz.

Ela levantou o capuz e Jack conteve a respiração. Seus olhos eram de um azul tão intenso e escuro como o veludo que emoldurava seu formoso rosto. Tinha as bochechas acesas pela emoção, e ele podia perceber a fragrância do sangue que pulsava em seu interior. Sentiu-se tentado de esquecer a excursão e arrastá-la a seu quarto, no piso de cima. Mas não, precisava cortejá-la primeiro. Necessitava que ela o quisesse. Assim, se alguma vez descobria a verdade sobre ele, teria maiores possibilidades de não perdê-la.

— É uma capa muito bonita — disse Gianetta em um inglês mal falado. — Giacomo me deu essa capa faz dez anos, para o carnaval. Giacomo um homem muito bom.

— OH! — Lara olhou ao Jack com curiosidade. — Naquela época devia ter dezoito anos.

Gianetta olhou ao Jack com ar confundido e falou em italiano.

— Não sabe? — Ele meneou ligeiramente a cabeça, e ela franziu o cenho. — Tem que dizer-se o

— Passa-se algo? — Lara olhou a ambos.

— Sim. — Jack passou ao inglês e assinalou a bandeja sobre a mesa. — Seu *gelato*²⁰ está derretendo. Vem, sente-se.

— Sim. — Gianetta correu para a mesa e colocou uma taça de sorvete, um guardanapo de linho e um copo de água frente a uma cadeira. — *Gelato* de Veneza muito bom. Você prova.

— Eu adorarei. — Lara se sentou na cadeira, acomodando cuidadosamente a capa de veludo a seu redor.

Jack deu a taça de bronze vazia a Gianetta.

— Aqui tem. — Entregou um pequeno pacote *do Vampos*, a hortelã de depois do jantar para vampiros que queriam livrar-se do fôlego a sangue.

— *Grazie*. Pensa em tudo. — Meteu uma hortelã na boca e devolveu a caixa a Gianetta, que rapidamente a fez desaparecer no bolso de seu roupão.

Lara olhou a bandeja vazia, e logo ao Jack.

— Não vais comer gelado?

— Não. Sou... intolerante à lactose. — Sentou-se à mesa, frente a ela. — Mas eu adorarei olhar como o desfruta.

²⁰ Gelado.



Dedicou-lhe um sorriso malicioso.

— Você gosta de olhar?

Jack riu entre dentes, e Lara lhe lançou um olhar sedutor enquanto tirava o capuz da cabeça. Ele tragou saliva enquanto sua fantasiosa mente imaginava que outros objetos caíam ao chão.

Ela levou a colher à boca e tocou o gelato com a ponta da língua. Logo o lambeu.

— Hum! Doce e cremoso.

Ele arqueou uma sobrancelha, sem deixar de olhá-la. Para ser um anjo doce, podia ser incrivelmente travessa.

— Você gosta?

— Muito! — Abriu lentamente a boca e introduziu a colher. — Hum! — Tirou lentamente a colher.

Ele sentiu como lhe endurecia o pênis.

— OH, sim! — Ela fechou os olhos e jogou a cabeça para trás. — Sim. Sim! — Golpeou a mesa com o punho.

Jack trocou de posição na cadeira.

Gianetta apoiou uma mão no ombro do Jack e lhe sussurrou em italiano:

— Está bem?

— Sim. — Sua voz soou tensa. — Adora o sorvete. Isso é tudo, Gianetta.

— Ora! — Gianetta agarrou a bandeja vazia e saiu pela porta, balbuciando algo a respeito dos estranhos costumes dos americanos.

Lara fez uma careta.

— Sinto muito. Provavelmente pense que estou louca, mas não pude resistir.

Ele sorriu brandamente.

— *Cara mia*, eu conto com que não possa resistir.

Ela se levou mais colheres de sorvete à boca. E ele seguiu olhando-a, assombrado de ter uma ereção com algo tão singelo e inocente.

— Isto está muito bom. — Comeu a última colher. — E a taça é preciosa.

— É do *Murano*,²¹ onde trabalham os vidraceiros.

— Eu adoraria vê-lo.

— Agora não está aberto, mas posso organizá-lo para outra viagem. — Ficou de pé e olhou do balcão. O gondoleiro se aproximava da eclusa. — Esta noite quero te mostrar a *Basílica e o*

²¹ Murano, embora descrita como uma ilha da Lagoa de Veneza é de fato um arquipélago de sete ilhas menores, das quais duas são artificiais (Sacca Serenella e Sacca San Mattia), unidas por pontes entre si. Tem aproximadamente 5500 habitantes e fica a somente 1 km de Veneza. Murano é um local famoso pelas obras em vidro, particularmente candeeiros. Murano foi fundada pelos romanos, e desde o século VI foi habitada por gente procedente de Altino e Oderzo. A princípio, a ilha prosperou como porto pesqueiro e graças à produção de sal. Era um centro de comércio. Com o porto controlavam a ilha de Santo Erasmo. A partir do século XI a cidade começou a decair devido a muitos habitantes se mudarem para Dorsoduro. Tinham um grande poder local, como o de Veneza, mas desde o século XIII Murano foi governada por venezianos. Contrariamente a outras ilhas da lagoa, Murano cunhava as suas próprias moedas. Em 1291, todos os cristaleiros de Veneza foram obrigados a mudar-se a Murano devido ao risco de incêndio, porque a esmagadora maioria dos edifícios de Veneza era construída em madeira. Durante o século XIV, as exportações começaram e a ilha ganhou fama, inicialmente pelo fabrico de missangas de cristal e de espelhos. O cristal aventurine foi inventado na ilha e, durante algum tempo, Murano chegou a ser o maior produtor de cristal da Europa. O arquipélago, mais tarde, ficou conhecido pelo fabrico de lustres. Embora tenha havido grande queda durante o século XVIII, a cristalaria continuou a ser a indústria mais importante da ilha.



*Campanile*²², na Piazza São Marco.²³

Lara limpou a boca com o guardanapo de linho.

— Suponho que a Basílica é uma igreja, mas e o outro?

— O Campanile. A torre do relógio.

— OH, genial! Mas não fecham de noite?

— Tenho... contatos.

Ela sorriu.

— Por ter sido um menino do coro?

Ele riu entre dentes.

— Não exatamente. Nossa gôndola está chegando. Quer vê-la?

— OH, sim. — Ficou em pé de um salto e olhou da balaustrada. — OH, Meu Deus! Leva uma camisa as riscas e um chapéu, como nos filmes.

— Vamos? — Jack assinalou as portas de vidro.

Lara cruzou com ele o Grande Salão para as escadas. Cinquenta anos atrás, ele tinha mandado instalar lâmpadas na escada para que ninguém tropeçasse ou tivesse que levar um candelabro.

Lara olhou a escada ascendente.

— Quantos pisos há?

— Quatro. — Ele a conduziu escada abaixo. — O piso de água está abaixo. Eu vivo no segundo e o terceiro piso, e Mario e Gianetta vivem no quarto, com seu neto.

Gianetta se encontrou com eles no patamar.

— Mario se encarregou que tudo — disse ao Jack em italiano. — O pai Giuseppe te estará esperando na *piazza*, e Lorenzo não demorará para chegar.

— *Grazie mille*. — Jack lhe deu um abraço. — É possível que não tenha tempo de voltar aqui.

— Compreendo-o. — Gianetta sorriu a Lara e passou a falar em inglês. — Giacomo muito bom homem. Nunca antes trazer garota aqui.

— De verdade? — A Lara se iluminou os olhos.

Jack olhou a Gianetta com impaciência, e logo escoltou a Lara ao jardim.

— Quero te mostrar isto antes de sair.

Ao chegar ao jardim, Lara ficou boquiaberta. Longas linhas de luzes cintilantes revestiam o pomar. No centro havia uma fonte rodeada de um caminho de pedra. Uma pérgola envolta em glicina se elevava sobre um banco de pedra. No ar fluía um aroma intenso a rosas e gardêneas, e se escutava o som da água em movimento da fonte.

— É precioso! — Sussurrou Lara. — E tão tranquilo! Não é de estranhar que esteja apaixonado por este lugar.

²² Campanário ou torre sineira é uma torre desenhada para conter sinos. É comum em edifícios religiosos, mas também pode ocorrer na arquitetura civil.

²³ A Praça de São Marcos (em italiano: Piazza San Marco) é a única praça de Veneza, e o seu principal destino turístico, com permanente abundância de fotógrafos, turistas e pombos. Atribui-se a Napoleão Bonaparte, embora muito provavelmente o deva fazer-se a Alfred de Musset, a autoria do epíteto de *le plus élégant salon d'Europe* (o salão mais belo da Europa). Também é um dos únicos grandes espaços urbanos numa cidade europeia onde as vozes das pessoas se impõem sobre os sons do tráfego motorizado, o qual está restrito aos canais da cidade.



Jack dirigiu a vista para as janelas do terceiro andar, onde estava seu dormitório. Sentiu a tentação de teletransportar a Lara diretamente até ali. Mas a gôndola os esperava, e estava decidido a cortejá-la como devia. Negava-se a atuar como seu pai, negava-se a tratar cada mulher como uma conquista antes de passar a seguinte. Lara merecia algo melhor. E, sim ela podia amá-lo, ele permaneceria devoto a ela para sempre.

— Vem! — Conduziu-a por um caminho abobadado até a eclusa.

Mario os esperava com a gôndola amarrada. Jack abraçou ao ancião e o apresentou a Lara. Mario lhe estreitou a mão.

— *Brava, bellissima*. Giacomo muito bom homem.

Lara dirigiu ao Jack um olhar irônico.

— Deve lhes pagar muito bem.

Ele riu.

— O certo é que sim.

Ele saltou à gôndola e ajudou a Lara a subir. Sentaram-se no assento acolchoado sob um dossel que lhes brindava certa privacidade.

— *Piazza San Marco*, por favor — indicou ao gondoleiro, instalado na parte de trás.

— É óbvio — balbuciou o gondoleiro, que soltou as amarras e se internou rapidamente no canal.

Lara se aconchegou contra Jack.

— Isto é tão romântico!

— Alegra-me que você goste. — Passou-lhe um braço pelos ombros e se voltou para ela para poder lhe ver a cara.

Ela observava tudo com curiosidade enquanto avançavam pelo Grande Canal. Ele assinalou vários *palazzi* transformados em hotéis. Estavam iluminados, e alguns inclusive tinham *lates* de luxo estacionados diante.

De repente, Lara ficou boquiaberta.

— Olhe essa ponte!

Ele olhou para onde apontava seu dedo.

— É o *Rialto*. — O arco central permanecia iluminado de noite.

Os olhos da Lara brilharam de emoção.

— Recorda-me de um filme que adorava de pequena. Para mim, era o filme mais romântico do mundo. *A dama e o vagabundo*²⁴. Viu-o?

— Não.

— Bom, o vagabundo leva a dama a um restaurante italiano, e os garçons lhes trazem um grande prato de espaguete. Logo os garçons cantam-lhe *Bela Notte*, e é incrivelmente doce.

— *Bela Notte*? — Tê-lo-ia que contar ao Mario.

²⁴ *A Dama e o Vagabundo* (no original em inglês: *Lady and the Tramp*) é um filme americano de animação produzido pela Disney em 1955 e baseado em conto do autor Ward Greene.

É o décimo-quinto longa-metragem de animação dos estúdios Disney e foi lançado nos cinemas em 22 de Junho de 1955. O filme foi dirigido por Clyde Geronimi, Wilfred Jackson e Hamilton Luskey e produzido por Walt Disney. *A Dama e o Vagabundo* é o primeiro filme animado fimado em Widescreen pela CinemaScope.

Possui uma sequência, *Lady and the Tramp II: Scamp's Adventure* de 2001



— Logo a dama e o vagabundo começam a sorver sem se dar conta o mesmo macarrão, e se beijam o focinho acidentalmente.

— Ele... o que?

— Focinho. Ah! — Lara se riu. — Esqueci mencionar que são cães?

Ele a olhou com reservas.

— Cães românticos?

Ela voltou a rir e lhe deu um tapa no braço.

— Tinha só cinco anos de idade. E esse beijo de espaguete era incrível. A dama se girou sobressaltada, e o vagabundo a olhou com um sorriso tolo na cara, como dizendo: *“Sim, neném, façamo-lo outra vez”!*

Com seu próprio sorriso rapace, Jack lhe deu um golpezinho na ponta do nariz.

— Assim... se beijo seu adorável beicinho, convertera-te em minha dama?

Fiel a seu papel, Lara olhou para um lado e se ruborizou.

— Não estou segura de que você possa ser um vagabundo. Não acredito que ele tenha vivido em um elegante *palazzo*.

— Ah! Mas sou filho bastardo, de modo que, mesmo assim, deveria cumprir os requisitos.

Deu-lhe um golpe no peito.

— Não é bastardo. É um encanto.

— Devo te demonstrar que sou um bastardo? — Ele colocou a mão debaixo de sua capa e lhe fez cócegas na cintura. — Toma isso! E tome cuidado com o que faz, ou te darei uma surra com as almofadas.

Ela se escapou com um rebolado e soltou uma risada.

— Para já...! Vagabundo!

Rindo-se, ele a sentou sobre seu regaço.

— Minha dama.

Ela deixou de rir para pendurar-se a seu pescoço e olhá-lo nos olhos.

— Jack.

Apertou-lhe o quadril.

— *Woof*.

Ela sorriu.

— Um verdadeiro bastardo tentaria aproveitar-se de mim. — Acariciou-lhe a bochecha com o nariz.

— Farei o que possa. — Jack voltou a cabeça para atacar sua boca. Lara abriu os lábios, convidando-o a entrar. Ele moveu a língua em círculos dentro de sua boca e lhe acariciou a língua.

Ela gemeu, logo interrompeu abruptamente o beijo. Olhou por cima do ombro para o dossel negro que os separava do gondoleiro.

— Tinha esquecido que não estamos sozinhos.

— Já estão acostumados. Veneza é uma cidade para os amantes.

Arranhou lhe o couro cabeludo.

— Isso é o que quer que sejamos: amantes?

— Uhm! — Por debaixo da capa, ele percorreu a saia de cima abaixo com a mão até tocar

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



sua pele nua.

Acariciou-lhe a mandíbula.

— Ninguém perde a ocasião de me dizer o quanto é bom.

— Uhm! — Sua mão se arrastou sigilosamente sob a prega da saia. — Sou tão digno de confiança como um padre.

— Isso é o que dizem. Shanna disse que podia confiar em ti.

— Uhm! — Seus dedos avançaram pela coxa. — Sou pouco menos que um santo.

Lara baixou a vista para a capa, onde sua mão oculta formava um vulto que seguia subindo por sua coxa.

— Que diabos está fazendo?

— Procurando o *Santo Graal*²⁵? — Ele alcançou o bordo de suas meias. Renda, pelo tato.

Ela franziu o cenho:

— Talvez devesse saber que não... quero dizer... que normalmente não... — Deu um coice quando a mão do Jack se deslizou sob suas meias.

— É um... bastardo!

— Esse sou eu. — Apertou-lhe a nádega nua.

— Jack! — Disse ela com a respiração entrecortada. — Não deveríamos... — Olhou nervosa o dossel.

— Sei. É que é difícil resistir a ti. — Deu-lhe uns tapinhas no traseiro, e logo começou a deslizar a mão fora de suas meias.

Mas, ao fazê-lo, arrastou as calcinhas com sua mão. Tragou saliva e moveu rapidamente a mão até que as calcinhas ficaram em seu lugar. Logo moveu a mão para baixo. Notou que algo lhe puxava seu anel, e que as calcinhas se moviam com ele.

Merda! As calcinhas de renda tinham-se enganchado ao anel, o anel de selo que tinha herdado de seu pai, *Giacomo Casanova*. Seu pai tinha seduzido a centenas de mulheres sem o menor problema, e ele estava tendo problemas com uma só. Essa era a verdadeira razão pela que nunca usava o sobrenome *Casanova*. Jamais estaria à altura da reputação de seu pai. O velho provavelmente estar-se-ia rindo em sua tumba.

Capítulo 14

²⁵ *Santo Graal* ou *Santo Gral* é uma expressão medieval que designa normalmente o cálice usado por Jesus Cristo na Última Ceia, e no qual José de Arimateia colheu o sangue de Jesus durante a crucificação, entretanto a origem do Santo Graal é muito anterior ao cristianismo, o Graal já existe entre os Celtas. A primeira referência a ele aparece num poema onde conta a busca do rei Artur e seus cavaleiros por um recipiente mágico, um caldeirão. Este caldeirão poderia dar novo sabor a alimentos, vida e vigor as pessoas. A questão é que quando esta lenda aparece durante a Idade Média, ela passa por um processo de cristianização. E neste contexto o Caldeirão mágico que traria novamente vida e prosperidade num período de miséria, novamente Camelot se torna o Santo Graal. Ele está presente nas Lendas Arturianas, sendo o objetivo da busca dos Cavaleiros da Távola Redonda, único objeto com capacidade para devolver a paz ao reino de Arthur. No entanto, outra interpretação (embora sem nenhum fundamento histórico), designa a descendência de Jesus segundo a lenda, ligada à Dinastia Merovíngia. Nesta versão, o Santo Graal significaria Sangreal ou seja Sangue Real. Finalmente, também há uma interpretação em que ele é a representação do corpo de Maria Madalena, uma seguidora de Jesus. Estes dois últimos pontos de vista se popularizaram com o romancista e escritor de "O Código da Vinci" Dan Brown.



— Pelos nove círculos do inferno! — Resmungou Jack.

— O inferno? — Perguntou Lara. — Acreditava que era o Santo Graal.

— Você é o paraíso. Por desgraça, fiquei enganchado ali.

Ela abriu os olhos.

— Enganchado?

— Normalmente, eu adoraria ficar enganchado a seu formoso traseiro, mas seria um pouco estranho passear pela cidade com minha mão sob sua saia. Especialmente na basílica.

Ela olhou para baixo.

— Como pode ter ficado enganchado?

— Meu anel. Ficou enganchado nas suas calcinhas. Vê-o? — Ele baixou a mão por seu quadril, as arrastando um par de centímetros.

— Ok, para! — Ela mordeu o lábio, franzindo o cenho, e de repente soltou uma risada. — Não posso acreditar que nos esteja acontecendo algo assim.

— Por muito que queria te tirar a roupa, asseguro-te que isto não formava parte do plano original.

Ela soprou.

— Não há problema. Você só tira a mão.

— Está segura? Vou romper-te as calcinhas.

Ela entreceerrou os olhos, lhe lançando um olhar sedutor.

— As rompa.

— Muito bem. — Ele tentou tirar a mão de um puxão, mas arrastou as meias com o movimento. Atirava para cima e para baixo, e o material de látex se estirava com ele. — Santo céu! São indestrutíveis.

Lara riu.

Ele seguiu liberando a batalha, sem êxito.

— Poderiam utilizar este material para construir foguetes.

Ela meneou a cabeça, sorrindo.

— Talvez devesse tentar tirar o anel.

Tentou tirar o com o polegar, mas não cedeu.

— Teria que colocar a outra mão sob sua saia.

— Não me diga! — Lhe dirigiu um olhar malicioso. — Acredito que a única opção que fica é que te comporte como todo um cavalheiro e corte a mão.

— Prefiro deixá-la enganchada, se não te importar. Assim poderia desfrutar com o que posso fazer com ela. — Enquanto ela bufava, ele a levantou ligeiramente. — Felizmente, existe outra opção. — Deslizou a mão e as calcinhas até seus pés.

Ela ofegou.

— O que está fazendo?

— Só me levará um instante. — Tirou as meias por cima de seus sapatos.

— Mais vale que me devolva isso. — Ela acomodou rapidamente a capa para assegurar-se de que a cobria da cabeça aos tornozelos.



— Fá-lo-ei. — Ele tentou liberar o anel das calcinhas. — Não leva tesouras por acaso, verdade?

A gôndola se sacudiu ao deter-se. Lara se segurou em seus ombros para não cair.

— *Piazza São Marco* — anunciou o gondoleiro enquanto amarrava o navio. Seus passos se ouviram mais perto quando se aproximou do dossel.

— OH, não! — Suspirou Lara.

Jack tirou o anel do dedo e o guardou junto com as calcinhas no bolso da jaqueta.

— Devolver-lhe-ei isso.

— Não posso acreditar nisto! — Com um gesto de desgosto, se levantou e se envolveu com a capa. O gondoleiro a ajudou a desembarcar.

Jack quase podia ouvir a risada maliciosa de seu pai enquanto a conduzia para a *piazza*. E, como um verdadeiro *Casanova*, seus pensamentos voltavam uma e outra vez a suas pernas nuas. Era como se se tivesse aberto uma brecha nas muralhas do castelo. O santuário interior estava ao alcance de sua mão. Antes que acabasse a noite, tocaria o paraíso.

Entretanto, não a podia forçar. Tinha que ser delicado, como seu pai. É óbvio! Agarrou o móvel e chamou o Mario, com novas instruções para o Lorenzo. Mario lhe assegurou que tudo ia como estava planejado. Desligou justamente antes de chegar à entrada da *piazza*.

— Santo Deus! É maior do que imaginava. — Lara olhou a seu redor com os olhos entrecerrados. — Oxalá pudesse ver melhor. Não deveríamos voltar de dia? — Lançou-lhe um sarcástico olhar. — Corretamente vestidos?

— Estará cheio de turistas — respondeu Jack.

Levantou-se uma brisa que inflava a capa à altura das pernas da Lara. Ela estremeceu.

— Tem frio? — Jack lhe passou um braço pelos ombros.

Ela o olhou zangada.

— Sinto uma ligeira corrente fria.

Ele sorriu.

— Não se preocupe. Este lugar está vazio. Ninguém te verá, exceto umas quantas pombas. E um padre. Vem, quero te apresentar ao pai Giuseppe. — Viu o ancião ao outro lado da piazza, na escalinata da igreja.

Lara caminhou junto a ele.

— Não está fechada a igreja?

— O pai Giuseppe nos deixará entrar. É um velho amigo.

— Tem contatos na Igreja?

Ele encolheu os ombros.

— Hei-lhe isso dito, sou virtualmente um santo.

— E eu estou virtualmente nua — murmurou ela.

— Os milagres existem. — Jack subiu as escadas. — Obrigado, pai, por reunir-se conosco.

O velho padre abraçou ao Jack, logo lhe falou em italiano.

— Vais bem, Giacomo?

— É óbvio pai. Eu gostaria de lhe apresentar a Lara Boucher, da América.

— *Signorina*. — O sacerdote inclinou a cabeça e passou ao inglês. — É um prazer. Quer ver a



Basílica di São Marco?

— Eu adoraria. Obrigada.

— Por aqui. — O pai Giuseppe revolveu as chaves de um aro grande enquanto os conduzia para uma porta lateral. Abriu e logo acendeu umas quantas luzes. — Passem, por favor.

Jack e Lara seguiram o padre até a nave da catedral. Seus passos retumbavam no interior do enorme edifício, e as estátuas os contemplavam. Jack colocou umas moedas em um cofre.

— Acabo de me dar conta de que não tenho a minha bolsa — sussurrou Lara. — Não posso fazer um donativo.

— Não passa nada. Deixamo-lo no Romatech. Recuperá-lo-emos mais tarde.

O pai Giuseppe lhes fez uma visita guiada, mas seus bocejos começaram-se a fazer mais frequentes e longos no tempo.

— Está cansado, pai — lhe disse finalmente Jack, em italiano, — e o tirei da cama. Podemos seguir por nossa conta, se o preferir.

— Muito bem. Levar-lhes-ei ao *Campanile*. — O pai Giuseppe o olhou com preocupação ao sair da igreja. — É uma boa garota. Deve tratá-la bem, filho.

— Fá-lo-ei. — Jack conduziu Lara escada abaixo.

Uma brisa fria agitou sua capa, e ela a colocou ao corpo.

O padre se deteve frente ao *Campanile* e revolveu entre as chaves.

— Sabe quem é?

Jack suspirou.

— Conhece meu caráter e minha personalidade.

— Não refiro a isso, e sabe. — O pai Giuseppe abriu a porta e acendeu as luzes. Olhou ao Jack com tristeza. — Terá que dizer-lhe.

Jack tragou saliva. Sabia por própria experiência que dizer a verdade a uma mulher supunha perdê-la. Não queria voltar a passar por uma situação tão dolorosa.

— Não quero perdê-la.

O padre lhe apoiou uma mão sobre o ombro.

— Deve ter fé, Giacomo. O amor não julga, nem será inclemente. — Se voltou para a Lara e fez o signo da cruz diante dela. — Que Deus te benza — disse em inglês.

— Obrigada, padre — sussurrou ela.

— *Grazie*. — Jack abraçou a seu velho amigo, e depois escoltou a Lara até o interior da torre do relógio.

O sacerdote fechou a porta detrás deles, e o sonoro clique retumbou em todo o edifício.

— Não nos terá deixado encerrados, verdade? — Sussurrou Lara.

Jack encolheu os ombros.

— Se o tiver feito, sempre podemos teletransportar-nos para fora.

Ela entreceitou os olhos.

— Poderia nos ter teletransportado à parte alta, verdade?

— Poderia, mas queria que desfrutasse da experiência turística. — Conduziu-a ao interior do elevador e pulsou o botão do ultimo piso.

Com uma sacudida, o elevador iniciou sua marcha.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Ela meneou a cabeça.

— Não posso acreditar que tenha estado falando com um sacerdote e sem calcinhas.

Jack lhe sorriu.

— Estou convencido de que ele levava cuecas.

Devolveu-lhe um sorriso zombador.

— Como consegue ter um trato preferencial por estas bandas?

— Já lhe hei dito isso: sou quase um santo. — Levou uma mão ao coração.

Respondeu-lhe com uma careta.

— Não respondeste a minha pergunta.

— Muito bem. O *campanile* original se derrubou em 1902. Não havia dinheiro para reconstruí-lo em 1912 e... minha família lhes deu uma importante doação.

Abriram-se as portas do elevador, e saíram ao mirante da torre do relógio.

— Vem ver a panorâmica. — Ele assinalou a janela aberta.

Lara permaneceu diante do elevador.

— Sua família fez uma doação em 1912?

— Sim. — *Merda!* Acaso sabia mais do que ele acreditava? Fez-lhe um gesto com a mão. — Vem ver isto.

— Não foi sua família, verdade? — Sussurrou ela. — Foi você.

Ele deixou cair a mão a um lado. *Pelos nove círculos do inferno!* Devia ter sabido que ela começava a atar os cabos.

Ela ficou pálida.

— Tenho razão, verdade? Seria fácil dizer que me equivoquei, mas não te sai.

Jack fechou as mãos.

— Lara...

— Só quero que me diga a verdade. Que idade tem?

Ele se voltou para olhar pela janela. As estrelas titilavam sobre um mar de telhados vermelhos. Acelerou-lhe o pulso. O que devia dizer?

— Vim aqui muitas vezes ao longo de minha vida, mas sempre sozinho. — Se voltou para olhá-la nos olhos. — Até que te conheci.

Ela deu uns passos para ele.

— Pode ser sincero comigo?

— Lara, estou-me apaixonando por ti.

Ela aspirou profundamente.

— OH, Deus! — Levou uma mão à boca. — Mas como vamos a... Há esperanças de que nosso futuro funcione?

— Dizem que se houver amor, há esperança. — *“Deve ter fé”*, havia-lhe dito o velho padre.

Os olhos da Lara se encheram de lágrimas.

— Assusta-me a ideia de que seja muito mais velho que eu, e tão diferente.

— Por dentro, somos iguais.

Uma brisa fria alvoroçou o cabelo da Lara. Ela estremeceu e se cobriu com a capa. Da *piazza* começaram a chegar os acordes de uma canção. Primeiro se ouviram as notas de um acordeão,

depois a voz de um barítono.

Jack olhou para baixo. Lorenzo tocava o acordeão, e havia trazido consigo a uma das melhores vozes de Veneza para que cantasse para a Lara.

— Santo Deus! — Ela olhou para baixo pela janela. — Está cantando *Bela Notte*. — Olhou ao Jack com lágrimas nos olhos. — Preparaste isto para mim?

— Sim. — Ele a agarrou na mão. — Será minha esposa, Lara?

— Quero sê-lo.

— Então, nenhuma força poderá nos deter. — Atraiu-a por volta de si e a beijou com toda a paixão que tinha reprimido durante tantas noites.

Essa era a noite a *bela notte* em que ele a faria dele. Tinha querido compartilhar Veneza com ela. Era tão pouco o que podia compartilhar, tão pouca a informação que lhe podia dar, que aquela lhe tinha parecido a única maneira de aproximar-se dela. E a forma em que ela estava reagindo lhe deu mais esperanças do que a que tinha abrigado durante quase duzentos anos.

Ela se aferrava a ele, se abria a ele, se derretia em seus braços. Ele deslizou as mãos por suas costas descendo-as para lhe agarrar as nádegas. Quando a atraiu contra seu pênis ereto, ela gemeu.

— Lara! — Jack a beijou repetidas vezes da bochecha até o pescoço. Ela balançava o quadril, esfregando-se contra ele.

Santo céu! Ela o desejava, e a paixão do Jack cresceu até converter-se em frenesi. Levantou-lhe os borde da capa de veludo sobre os ombros, logo lhe desabotoou o vestido de cima abaixo até o cinturão. Tirou-lhe o sutiã só para descobrir uma espécie de artefato moderno sem alças que o separava do paraíso.

— Não estão colados, não? — Não queria arrancar algo de sua delicada pele.

Lara sorriu e lhe acariciou a bochecha.

— Se desaperta por diante. Ensino-te?

— Posso arrumar isso. — Lutou com o estranho broche de plástico até que, de repente, o broche se soltou. Respirou fundo ante a formosa visão. — *Paraíso*.²⁶

Lara meneou a cabeça, sorrindo e ruborizando-se de uma vez.

— São só seios.

— Não, amor. — Olhou-a nos olhos, e sorriu. — São seus seios.

Ela ficou ainda mais ruborizada, e o aroma de sua corrente sanguínea voltou a despertar no Jack o frenesi.

— Desejo-te! — Desabotoou-lhe o cinturão e, com velocidade vampírica, abriu o resto dos botões antes que o cinturão caísse no chão. Abriu-lhe o vestido e a segurou pela cintura. Sua suave pele tinha um tom rosa pelo brilho vermelho de seus olhos. Deslizou as mãos por suas costelas e as levou sobre seus peitos.

— Sim. — Ela arqueou as costas, inclinando-se para ele de forma que os montículos rosáceos lhe encheram as mãos.

Com os polegares, ele descreveu um par de círculos ao redor de seus mamilos. Estes

²⁶ *Paraíso*.



cresceram ante seus olhos, e ele notou como lhe bombeava o sangue no pênis. Esfregou os peitos e sentiu como se endureciam sob seus dedos. Sua ereção cresceu ainda mais. Com um gemido torturado, beliscou-lhe os mamilos e atirou ligeiramente deles.

— OH, Deus! — Lara se aferrou a seus ombros; falharam-lhe os joelhos.

— Tenho-te. — Agarrou-a pelo traseiro e a levantou. Rodeou-lhe sua cintura com suas pernas.

Ele a apoiou na parede e a elevou um pouco mais para poder dar-se um banquete com seus seios. Apartou seu vestido com a cara e levou um de seus mamilos à boca.

Ela estremeceu em seus braços.

— Jack! — Lhe segurou a cabeça com firmeza.

Ele chupou e mordiscou a ponta ereta de seu seio. Logo um leve enjoo se apoderou dele, fazendo que ficasse quieto durante um instante. O sol. Aparecia no horizonte. *Merda!*

— Jack, por favor! — Lara agarrou ar e lhe aferrou o cabelo.

Acariciou-lhe os seios com a bochecha enquanto se esforçava por conservar a força. Talvez ficassem cinco minutos antes que toda a energia o abandonasse. Se caía ali em seu sono mortal, o sol o mataria.

Respirou fundo, e o aroma da excitação da Lara o estimulou. Era um aroma rico e embriagador. Santo céu! Fá-la-ia gritar antes de ir.

Ele se acomodou para poder segurá-la com um braço. Com a mão livre, pinçou sob sua saia.

— Me olhe — sussurrou, enquanto deslizava a mão por sua coxa nua.

Ela o olhou nos olhos.

— Tem os olhos muito vermelhos.

— E os teus muito azuis. — Ele alcançou as dobras escorregadias, e ela ofegou.

— Santo Deus! — Ela fechou os olhos.

Jack a acariciou até que ela começou a estremeecer-se em seus braços. Brincou brandamente com seu clitóris, logo o beliscou subitamente.

Lara gritou. Os saltos se cravaram nas costas do Jack. Os dedos se umedeceram, e gemeu. Ela era tão doce, tão sensível.

Jack se inclinou para diante e lhe sussurrou ao ouvido:

— *Cara mia*, amo-te.

— OH, Jack! — Ela ofegou, e ele sentiu seu fôlego na bochecha.

Jack voltou a sentir a chamada de seu sono mortal. Logo teria que teletransportar-se. Deslizou um dedo no interior da sua vagina úmida, e os músculos interiores dela o atenderam com avidez. Tinha-a tão perto! Sentia a dolorosa pressão de sua ereção nos jeans.

O sol ameaçava despontar-se no horizonte. Em sua testa apareceram umas gotitas de suor. Inseriu dois dedos e acariciou suas escorregadias paredes interiores.

— Jack! — Seus músculos se fecharam e deixou de respirar.

Fez-se um silêncio mortal durante uns segundos. Inclusive a serenata da praça tinha cessado. Jack tirou os dedos e lhe acariciou o clitóris.

Lara se rachou com um grito. Seu corpo se convulsionou. As pombas, assustadas, puseram-se a voar em círculos com uma batida de asas ao redor do *campanile*. Jack se apoiou contra a



parede, enjoado e débil enquanto o horizonte começava a clarear, anunciando a iminente chegada do sol.

Com o último fôlego, os teletransportou a seu quarto na casa de Nova Iorque. Desmoronou-se na cama, e Lara junto a ele.

O alarme se disparou ante a súbita aparição de ambos. Por fortuna, não havia ninguém perto para ouvi-la. Phineas estaria trabalhando no Romatech. Jack colocou a mão no bolso de seu jeans e pressionou o botão do comando a distancia para desativar o alarme.

— O que... o que se passou? — Sussurrou Lara.

Ele respirou profundamente enquanto as forças vampíricas voltavam para seu corpo. A noite era ainda jovem em Nova Iorque. Agora tinha horas para fazer amor a Lara.

E isso era exatamente o que ia fazer.

Capítulo 15

Lara levou a mão à testa e esperou a que o quarto deixasse de dar voltas. Tudo tinha ocorrido muito depressa. Tinha tido um orgasmo tão intenso que acreditou ter dado o último suspiro. Mas agora percebeu que se tinham teletransportado.

Jack se acomodou junto a ela, o que fez que a cama se estremecesse ligeiramente. *A cama?* Estava deitada sobre uma cama. Sobre uma colcha a riscas vermelhas e negras.

Jack se apoiou sobre um cotovelo e a olhou.

— Está bem?

Lara tinha ficado sem respiração e lhe tinha dito que a amava.

— Jack! — Tocou-lhe a bochecha.

— *Cara mia*. — Com um sorriso, passou-lhe os dedos pelo pescoço, e depois entre os seios.

— Onde estamos?

— Onde estamos agora? — Olhou a seu redor. Os móveis negros e as paredes cor fumaça pareciam muito modernos para um *palazzo*.

Ele colocou a mão sobre seu peito.

— Em meu dormitório.

— Nos...? — Lara sentiu uma sacudida quando ele brincou com seu mamilo, uma espécie de sequela de seu orgasmo. — OH, Deus! — Era muito bom. E lhe havia dito que a amava.

Jack tirou a jaqueta de couro e a jogou no chão.

— Nos teletransportamos, verdade? — Perguntou-lhe Lara.

— Sim. — Ele se estirou a seu lado.

— A seu dormitório no *palazzo*?

Ele vacilou, logo lhe beijou a testa.

— Que mais dá! Estamos juntos e temos toda a noite.

— Eu... — Custava-lhe concentrar-se quando lhe acariciava o pescoço. — Seguimos em Veneza? — Sentia-o suspirar sobre sua pele.



— Estamos em Nova Iorque.

Ela franziu o cenho:

— Mas estava passando momentos maravilhosos em Veneza.

— Notei-o. — Desatou as cintas que lhe seguravam a capa ao pescoço. — Tremia em meus braços, umedecia-me a mão e virtualmente me arrancava o cabelo.

Ela se ruborizou e sentiu outra sacudida entre as pernas. Nunca antes tinha tido um orgasmo assim. Tinha gritado tão forte que provavelmente tinha deixado traumatizadas para a vida todas as pombas. Mas tinha sido algo incrivelmente romântico. E Jack lhe havia dito que a amava.

— Eu adorava estar ali. Por que partimos?

— Só tínhamos pensado ficar umas horas, recorda? Queríamos seguir trabalhando no caso Apolo.

— Aqui não é que estejamos trabalhando.

Ele sorriu enquanto desenhava um círculo imaginário com o dedo ao redor de um de seus seios.

— Distraiu-me a reclamação do paraíso.

Ela respirou profundamente.

— Veneza era tão romântica!

— Podemos seguir sendo românticos aqui. — Olhou-a com esperança.

Queria lhe fazer amor. Lara tragou saliva. Uma coisa tinha sido deixar se cegar por sua declaração de amor em Veneza. Ele a tinha levado em um redemoinho de paixão, e tinha sido maravilhoso. Por desgraça, a segunda teletransportação a havia devolvido à realidade.

Seguia sem saber nada do Jack.

Tinha-lhe perguntado diretamente que idade tinha, e ele tinha evitado a pergunta. Tinha esperado averiguar mais coisas sobre ele durante a entrevista, e ele as tinha arrumado para não lhe dizer nada... exceto que *a amava*.

— Sinto-me um pouco frustrada — confessou Lara.

Jack se olhou os jeans.

— Não é a única.

— Na verdade me ama?

— Sim. — Seus olhos, intensos e sinceros, coincidiram com os dela. — Te amo de verdade.

Os olhos da Lara se encheram de lágrimas.

— Por que me levaste a Veneza?

— Queria compartilhar minha casa contigo. Queria saber se podia chegar a sentir o mesmo que eu.

— Jack! — Lhe tocou a bochecha. — Eu adorei. E não queria partir.

— Então te vê vivendo ali, comigo?

Ela tragou saliva.

— Isso... isso é algo repentino.

Como podia ir viver com um homem do que nada sabia? Sabia que era doce e amoroso. Sabia que tinha que ser humano; ao menos, tinha emoções de humano. Havia-lhe dito que a amava. E, agora mesmo, parecia muito preocupado. Sentou-se e localizou o sutiã atirado dentro



do vestido. Pô-lo, e Jack se sentou junto a ela.

— Não tem que partir.

— Será o melhor. — Se abotoou o vestido. — Acredito que perdi o cinturão.

— Chamarei o Mario. Enviará a alguém para buscá-lo. Posso-lhe devolver isso amanhã de noite.

— Pode teletransportar-te amanhã de noite? — Quando ele assentiu, ela prosseguiu. — E não pode ir agora?

Ele olhou para outro lado.

— Não.

— Isso não tem sentido.

Jack permaneceu em silêncio. Lara deixou cair os braços.

— Não me vais explicar isso, verdade? — Ela piscou tratando de conter as lágrimas. Como podia dizer que a amava se não era capaz de confiar nela? Levantou-se da cama e tirou as calcinhas do bolso da jaqueta do Jack. Seu anel seguia enganchado.

— Lara, não tem que partir.

Ele parecia tão triste que lhe rompia o coração.

— Falta-me a bolsa — disse ela.

— Levar-lhe-ei isso mais tarde a seu apartamento.

— Preciso-o agora, para poder agarrar um táxi para casa.

Jack suspirou.

— Volto em seguida. Fique aqui!

— Ok. — Lara se sentou no bordo da cama. Ele desapareceu ante seus olhos.

— Ah, merda! — Ela se desabou sobre a cama e contemplou o teto. Estava-se apaixonando por ele. Tinha todas as maravilhosas qualidades que sempre tinha procurado em um homem. Mas essas qualidades adicionais, esses poderes sobrenaturais, davam-lhe o que pensar.

Tinha chegado à conclusão de que, por alguma razão, ele era geneticamente diferente ao ser humano médio. Na espécie humana tinha-se produzido algum tipo de estranha mutação que outorgava a algumas pessoas superpoderes e uma expectativa de vida extraordinariamente alta. E ele não estava sozinho. Havia outros como ele, que queriam manter em segredo sua existência. Talvez tivessem medo de ver-se incompreendidos ou explorados. Era lógico. Se outros se inteiravam de que tinham descoberto a fonte da eterna juventude, não se deteriam até lhes arrancar o segredo.

Mas ela jamais faria mal ao Jack nem a seus amigos. Por que não podia confiar nela?

Fechou os olhos e recordou os jogos na gôndola e a paixão na torre do relógio. Santo Deus! Quanta paixão! Nunca antes tinha experimentado algo tão selvagem e excitante. Seria tão fácil tirar a roupa e subir à cama de Jack!

Girou-se para olhar os travesseiros. Podia passar a noite ali. Jack lhe daria uma noite de sexo glorioso. E ela o desejava. Desejava-o com toda sua alma.

Mas também necessitava respostas! Como ia ficar em situação de total vulnerabilidade ante um homem que não estava disposto a soltar nada?

Havia dito que a amava.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Merda! Lara se sentou. Se a amava, devia confiar nela. Queria amá-lo, mas como podia dar esse passo final com um homem que tantos segredos lhe ocultava?

Deixou cair suas calcinhas sobre a cama com um suspiro. Pendurou a capa de veludo em seu armário. Não pôde resistir a acariciar os objetos do Jack. Deus! Estava louca por ele.

Usou o telefone que havia na mesita de noite do Jack para pedir um táxi. Logo levou as calcinhas ao quarto de banho em busca de um par de tesouras. Não havia nenhum espelho sobre a penteadeira. Que estranho. Procurou nas gavetas. Pasta dentifrícia, lâminas de barbear, fio dentário... o habitual. Para tratar-se de um ser sobrenatural, Jack parecia absolutamente normal.

Encontrou umas tesouras pequenas e separou o anel de suas calcinhas. Era um anel de ouro pesado com algum tipo de emblema elaborado em cima. Tinha pinta de ser muito antigo. Ainda ficavam alguns fios das calcinhas entrelaçados à gravura. Arrancou-os e colocou o anel sobre a penteadeira.

— Lara? — A voz do Jack provinha do dormitório. Devia ter-se teletransportado de volta.

Vestiu rapidamente as calcinhas e abriu a porta do quarto de banho.

— Já estou aqui. — A expressão de alívio em sua cara lhe chegou ao coração.

Ele colocou sua bolsa sobre a penteadeira do dormitório.

— Eu gostaria de voltar a sair contigo. — Olhou-a com essa expressão de fome que lhe debilitava os joelhos. — Temos um assunto pendente.

Santo Deus! Se tivesse sido um pouco mais sexy, lhe teria dado uma parada cardíaca. Mas que lhe tirassem o dança.

— Eu... eu passei muito bem. — Deus, que comentário mais insípido!

— Gritaste.

— Bom, sim. — Se ruborizou. — Normalmente não...

— Eu gostei e muito. — Os olhos de Jack brilharam com tal suavidade que a ela encolheu o coração.

OH! Queria lançar-se em seus braços. Queria amá-lo.

— Jack... custa-me resistir a ti.

As bolinhas douradas começaram a brilhar nos olhos do Jack.

— Cara mia, deixa que te ame.

Ela respirou fundo e rogou a Deus que lhe desse forças.

— Não posso. Não me posso envolver mais até que não me conte tudo. — Levantou o queixo. — Assim que... esta é sua oportunidade. Fale-me. Deixe-me entrar em seu mundo.

Ele pôs uma expressão de dor.

— Lara, há várias razões pelas quais não lhe posso contar isso. Se só se tratasse de mim, talvez me arriscasse. Mas há outros como eu... amigos queridos que confiam em mim. Suas vidas dependem de meu silêncio.

— Jamais moveria um dedo para te fazer dano... nem a ti nem a seus amigos.

Ele meneou a cabeça.

— Não posso pôr em risco suas vidas.

Merda! Por que não podia confiar nela? Apertou as mãos.

— Sinto muito, Lara, mas tenho que ser leal a meus amigos. Respeitar-me-ia se fosse a classe



de homem que trai seus amigos?

Pela primeira vez, Lara se apercebeu de que o estava obrigando a escolher entre ela e seus amigos. E, se o que suspeitava era certo e ele tinha séculos de idade, Eram amigos desde fazia muito tempo. Mesmo assim, ela se estava apaixonando por ele. Acaso não tinha direito a esperar que confiasse nela?

Ela soltou um som afogado de frustração.

— O que necessita para te abrir a mim? Temos que nos casar para que me conte isso?

A ele se abriram os olhos de par em par.

— Está-me pedindo que me case contigo?

— Não! — Ela apertou os dentes. — Estava sendo sarcástica.

Ele franziu o cenho:

— Não jogue comigo, Lara.

Ela deixou escapar um gemido.

— O que quero dizer é que se formos ser íntimos, devemos confiar um no outro. Não posso seguir com isto se não confiar em mim o bastante para me contar isso tudo.

Ele se tocou o cabelo.

— Não te basta sabendo que te amo? Que te protegeria com minha vida? E que te honrarei e respeitarei o resto de meus dias?

Isso tinha sido muito bonito; mas ela precisava saber.

— De quantos dias estamos falando exatamente?

Ele a olhou.

— Isso não deveria ter importância. Ao menos, não se me ama.

— Claro que tem importância! Não sou estúpida, Jack. Dá-me a impressão de que tem centenas de anos. De fato, suspeito que é filho do *Giacomo Casanova*. Acaso o nega?

Ele ficou pálido.

O prolongado silêncio do Jack fez que lhe caísse a alma aos pés. Não podia negá-lo. Sua teoria devia ser correta.

Levou-se uma mão à boca para reprimir um soluço. O que estava fazendo ali? Não podia apaixonar-se por alguém que nunca envelhecia. Era terrível! Ele poderia ter avisado.

“Tinha-o feito.” Havia-lhe dito que fugisse dele como da peste. Tinha tentado evitá-la. Era ela a que o tinha procurado nas bodas, na casa da cidade, no Romatech. Tinha-o açoitado sem cessar.

E agora ele dizia que a amava.

OH Deus! O que tinha feito?

— Tenho que ir. — Agarrou a bolsa e saiu da habitação.

— Lara, posso teletransportar-te a sua casa. — Seguiu-a escada abaixo. — Ou te levar de carro.

— Já chamei um táxi. — Quando chegou ao piso de baixo, respirava com dificuldade. Sentia como se seu peito tivesse recebido o impacto de um caminhão.

— Tenho que desativar o alarme. — Ele a adiantou a toda velocidade em direção ao teclado de controlo que havia junto à porta.

Os olhos lhe encheram de lágrimas. Eram tão diferentes! Muito diferentes.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Não direi nada a ninguém sobre ti. Pode confiar em mim, Jack. Você e seus amigos estarão a salvo.

Ele abriu a porta com gesto de preocupação.

— Quero voltar a verte. Chegamos muito longe para nos render agora.

Lara saiu ao alpendre. A ideia de perdê-lo produzia uma dor enorme.

— Seguiremos em contato. Trabalhamos juntos nesse caso, recorda? — Baixou as escadas.

— Me impressionou todo o trabalho que tem feito.

— Quando me proponho algo, nada me pode impedir de alcançar meu objetivo.

Lara se deteve na calçada para voltar a olhá-lo. Jack a olhava e com um brilho feroz nos olhos. Não ficou mais remédio que perguntar-se se se tinha convertido em seu objetivo pessoal.

Na terça-feira pela tarde, Lara se levantou com muita dificuldade da cama. A noite anterior, ao voltar para seu apartamento, estava muito alterada para ir dormir. E precisava manter o ritmo para o turno de noite. De modo que se entreteve imprimindo e estudando o material sobre o caso Apolo que se tinha enviado a si mesma por correio eletrônico.

Por volta das cinco da manhã, a mesa da cozinha estava coberta de folhas, e os olhos lhe ardiam muito para seguir olhando-as. Decidiu ir dormir, e o fez pensando em Jack. Fazia bem em dar-se uma pausa. Mas, quando lhe fecharam os olhos, recordou o suave brilho daqueles olhos que a olhavam apaixonados.

— Jack — sussurrou e apertou o travesseiro solto contra seu peito. Como podia não desejá-lo? Adormeceu e sonhou com Veneza.

Depois de levantar-se, caminhou com dificuldade até a cozinha, ainda sonolenta. Acendeu a máquina de café e se preparou uma tigela de cereais. Na pia havia uma tigela e um copo sujos. LaToya devia ter saído rapidamente pela manhã para ir trabalhar.

Lara se sentou à mesa da cozinha, levando-se mecanicamente colheradas de cereais à boca e perguntando-se se Jack comeria cereais alguma vez... quando notou que a mesa estava vazia.

Piscou. Onde diabos estavam todas as folhas que tinha imprimido? Ficou em pé de um coice e deu uma volta pelo apartamento. Todos os papéis do caso Apolo tinham desaparecido.

LaToya. Lara agarrou o telefone e a chamou.

— Né, preguiçosa! — Gritou-lhe LaToya. — Estava a ponto de te chamar para despertar. Acredito que vão querer reunir-se contigo.

— Quem?

— O grupo operativo especial — disse LaToya. — Pode acreditar isso? Isto é emocionante. Espera: deixa-me ir a uma sala de interrogatórios, para que ninguém nos escute.

— LaToya... agarraste todos os papéis sobre o Apolo?

— Claro! Tinha muita informação, garota. Era algo incrível!

Lara se sentiu desolada.

— Não deveria ter levado isso.

Fez-se uma pausa. Depois, LaToya sussurrou.

— Fala a sério? Garota, não pode reter informação relativa a uma investigação em curso. A gente vai ao cárcere por isso.



Lara fez uma careta de desgosto. Sua companheira de apartamento tinha razão.

— Ok, mas deveria me ter perguntado antes de levar tudo.

LaToya repôs em tom sarcástico.

— Por quê? Tinha pensado mantê-lo em segredo? Acreditava que fomos uma equipe. E que se tratava de apanhar ao criminoso.

— Bom, sim, mas... — Ela tinha querido trabalhar no caso com o Jack. Se a polícia a fazia responsável, já não teria desculpas para voltar a vê-lo. Caiu-lhe a alma aos pés.

— Não se preocupe — disse LaToya. — Escrevi seu nome na parte superior de todas as folhas para que os detetives saibam que você tem feito todo o trabalho.

— Mas eu...

— Ao princípio, os meninos se chatearam, porque não era nosso assunto — seguiu dizendo LaToya, excitada. — Mas, quando se deram conta de que tinha dado com um sequestrador em série, se entusiasmaram. Mostraram toda essa informação a nosso capitão, e ele ficou em contato com o teu. Logo se reuniram e chamaram o chefe de polícia e ao FBI!

— Merda! — Lara tomou fôlego.

— Estão montando um grupo operativo porque parece ser que esse tal Apolo sequestrou a dez mulheres em quatro estados diferentes. Como encontraste tão rápido toda essa informação?

Lara deixou escapar um gemido.

— Não o fiz eu.

— O que quer dizer? Ouvi-te trabalhar ontem à noite. Essa maldita impressora faz um ruído infernal.

— Não fiz eu. Foi o Jack.

— Merda! — LaToya baixou a voz. — Disse a todo mundo que o tinha feito você.

Lara suspirou.

— Não posso levar os louros pelo trabalho do Jack.

— Muito bem. Quer explicar à polícia e ao FBI quem é Jack?

Lara deu um coice.

— Acredito que deveria deixar de ver esse tipo — disse LaToya. — É muito estranho.

Lara apertou os dentes.

— Isso seria de ingratos. Passou horas recolhendo toda essa informação.

— Sim, mas te tem o pote sorvido, tia. Atua como se a polícia não tivesse direito a investigar este caso, quando é Jack o que se está misturando onde não é seu assunto. De todos os modos, o ele tem a ver com isto?

Lara não sabia responder a isso. Por que estaria Jack tão interessado no caso? Que mais tinham Apolo e Jack em comum, além de similares habilidades de controlo mental?

— É um tipo muito suspeito — balbuciou LaToya.

— Por favor, não diga nada a ninguém sobre ele. Falo a sério. Por favor. — Lara tinha prometido ao Jack que não diria nada sobre ele nem sobre seus amigos.

LaToya ficou calada, e logo sussurrou.

— Já sabe a verdade sobre ele?

— Não de tudo. — Além de sua teoria de que era filho de *Casanova* e uma espécie de



mutação humana com poderes sobrenaturais. Se dizia isso a seus superiores, encerrá-lo-iam e atirariam a chave.

— Por que tenho a sensação de que me oculta algo?

Lara suspirou. Estava no mesmo apuro que Jack: tinha que decidir entre ele e seus amigos.

— Jack fez todo o trabalho para nos ajudar. Não quero colocá-lo em problemas.

Fez-se um silêncio.

— Pois perfeito. Se Jack ficar fora da foto, terá que ser você a heroína. Certamente que não demorarão em te fazer detetive.

Essa era uma boa notícia. Era a sua aspiração de há seis anos. Tinha desejado deixar a época de concursos de beleza atrás e encher sua vida de conteúdo. Apanhar aos meninos maus e proteger aos inocentes... era o mais proveitoso que podia fazer com sua vida.

Não lhe surpreendia sentir-se tão atraída pelo Jack. Ambos tinham o mesmo objetivo. E, embora ela aspirava a converter-se em uma heroína comum, ele era um super-herói.

— Espera um minuto! Alguém bate na porta — disse LaToya, e Lara ouviu o balbuciar de umas vozes. — Sim, senhor. Di-lo-ei agora mesmo. Lara segue aí?

— Sim.

— Corre a pôr o uniforme — disse LaToya. — Em dez minutos passará para te buscar um carro patrulha. O grupo operativo quer reunir-se contigo.

Uma hora mais tarde, Lara entrava na delegacia de polícia do *Morningside Heights*. Um sargento a conduziu por entre muitos escritórios, e dezenas de cabeças se giraram para olhá-la. LaToya a saudou do outro extremo da habitação e lhe fez um gesto de aprovação com o polegar.

— Boucher. — O capitão O'Brian, da delegacia de polícia do *Midtown North*, saudou-a enquanto se encaminhava para a sala de conferências. — Está a par da situação?

— Sim, senhor.

— Disseram-lhe que tomasse uma semana livre depois do incidente dos Trent e, entretanto, você e a agente LaFayette se dedicaram a investigar um caso que não lhes tinham atribuído.

Lara tragou saliva. Esperava que LaToya não se tivesse metido em problemas.

— Sim, senhor — respondeu.

O capitão O'Brian a olhou com dureza.

— Parece que a comunidade vai beneficiar de seu absoluto desprezo pelas regras e sua incapacidade para compreender o conceito de baixa. Magnífico trabalho de investigação, Butch.

Ascenderam-lhe as bochechas. Odiava levar os louros pelo árduo trabalho do Jack.

— Esperam-na dentro — prosseguiu o capitão. — Hei-lhes dito que você pode fazê-lo, Butch. Não me decepcione.

Fazer o que?

— Sim, senhor.

O capitão O'Brian abriu a porta da sala de conferências e a fez passar. Quando viu o chefe da polícia, Lara se quadrou. Ao redor da mesa havia cinco homens, e todos a estudavam em silêncio. O capitão O'Brian os apresentou. Além do chefe de polícia, estavam o capitão da delegacia de polícia, um dos detetives da polícia de Nova Iorque e dois agentes especiais do FBI.

— Repouso, agente — disse o chefe de polícia. Folheou um expediente. — Vejamos. Você se



graduou da academia faz seis meses faz ao turno de noite da delegacia de polícia do *Midtown North*.

— Sim, senhor.

O chefe se voltou para os agentes especiais do FBI.

— O que pensam vocês, cavalheiros?

O do traje cinza assinalou as folhas sobre o Apolo que havia sobre a mesa:

— Parece uma boa detetive. Foi capaz de descobrir informação que os detetives do caso não encontraram.

O detetive da polícia de Nova Iorque se crispou.

— Eu mesmo entrevistei a essas estudantes. Não disseram nenhuma palavra sobre o Apolo nem sobre o seminário.

— Talvez se sentiam mais cômodas falando com uma mulher polícia — sugeriu o segundo agente especial. — Mas o que realmente importa é como se desembrulhará no campo?

— Sem problemas — disse o capitão O'Brian. — Faz apenas uma semana, imobilizou a um sujeito armado durante uma rixa doméstica. O agressor tinha disparado e ferido a seu companheiro.

— Tem o aspecto que procuramos. — O homem do FBI em traje cinza assinalou as fotos das vítimas do Apolo. — Tem a cor de cabelo ideal, e pode passar perfeitamente por uma estudante universitária.

— Excelente! — O chefe de polícia juntou as mãos e olhou com gesto grave a Lara. — Agente Boucher, você está disposta a participar de uma missão secreta?

Lara tragou saliva. Queriam usá-la como chamariz. Os pensamentos se amontoaram em sua mente. Não se equivocavam ao pensar que ela tinha o aspecto ideal; o que não sabiam, porque não figurava nesses papéis, era que Apolo utilizava o controle mental para sequestrar a suas vítimas e apagar seus rastros. Ela era imune ao controle mental do Jack, assim, com sorte, também o seria ao do Apolo. Se era capaz de andar com olho, certamente poderia dirigir a situação.

Clareou a voz.

— Querem que me faça passar por uma estudante universitária para apanhar ao Apolo a próxima vez que ofereça um seminário em um campus?

— Não há nenhuma lei que lhe impeça de organizar seminários — disse o detetive da Polícia de Nova Iorque. — Precisamos averiguar aonde leva às garotas. Só então teremos as provas necessárias para prendê-lo.

— Exato — assentiu o homem do FBI em traje cinza. — Agente Boucher, deverá deixar se sequestrar pelo Apolo.

Lara tragou saliva. E se a submetia fisicamente? E se tentava violá-la... ou matá-la? Talvez devesse deixá-lo em mãos de uma detetive com mais experiência que ela. Mas e se a agente sucumbia ao controle mental do Apolo? Teria menos possibilidades de sobreviver que Lara. E se a matava? Como ia ela a viver com isso? E como podia negar-se a fazer o trabalho e ficar de mãos cruzadas quando Apolo seguia raptando uma garota nova cada mês?

Respirou fundo.

— Fá-lo-ei.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Capítulo 16

— Mas você está louca? — Disse-lhe LaToya ao chegar a casa, essa mesma tarde.

— Não me jogue a bronca. — Lara serviu *jambalaya*²⁷ em dois pratos. Depois de discutir durante uma hora os detalhes de sua perigosa missão na sala de conferências, tinha chegado a casa arrebatada. Tinha decidido cozinhar para acalmar-se. — Não estaria metida nesta animação se não tivesse levado os arquivos do Apolo sem me perguntar.

LaToya soprou.

— Sabe que tínhamos que mostrá-los. Acredite-me, estaríamos metidas em um problema muito maior de ter retido a informação durante dias antes de mostrá-la.

Lara fez uma careta de desgosto.

— Está metida em algum problema?

LaToya encolheu os ombros, e logo agarrou uma garrafa de vinho da geladeira.

— Esbofetearam-me com uma mão e me deram tapinhas nas costas com a outra. Ainda não têm claro se devem estar chateados ou agradecidos.

— Sim, me aconteceu algo similar. — Lara colocou os pratos sobre a mesa.

LaToya encheu duas taças de vinho até a metade.

— Então de verdade vais deixar que esse tal Apolo te sequestre?

Lara suspirou, perguntando-se por a milésima vez se não estaria cometendo um engano monumental. Uma parte dela desejava que LaToya jamais tivesse levado a informação; assim teria podido continuar trabalhando com o Jack. Mas a outra parte se sentia envergonhada: essas pobres garotas sequestradas corriam perigo, e ali estava ela, desejando usar sua horrível situação como desculpa para seguir vendo o Jack. Por que não se enfrentava à realidade? A relação com o Jack estava condenada ao fracasso. O temporizador do forno interrompeu seus pensamentos quando começou a soar. O pão de milho estava preparado.

— Então o que? — LaToya deixou sua taça de vinho sobre a mesa. — Vais fazê-lo?

— Sim. — Lara colocou o molde do pão de milho sobre o fogão e tirou as luvas. — Essas garotas necessitam ajuda. Só espero que sigam com vida.

— Sim, eu também. — LaToya a olhou com gesto de preocupação. — Poderia ter negado, sabe?

— Estarei bem. — Lara cortou duas fatias de pão de milho e as colocou em uns pires. — Vão me pôr uma espécie de dispositivo de seguimento. Assim que chegue à guarida do Apolo, assaltarão o lugar e o prenderão. Deveria ser algo rápido e fácil.

— Isso é o que sempre dizem. — LaToya tirou o recipiente da manteiga da geladeira.

Lara levou o pão de milho à mesa.

²⁷ *Jambalaya é uma espécie de paelha típica de Nova Orleans, talvez exemplo da contribuição que a cultura espanhola acrescentou à cultura negra de Louisiana, em que os principais ingredientes são - além do típico arroz - frango, presunto cru, lagostins e muita pimenta: pimenta do reino moída, curry e cayena também moída.*



— Tenho uma arma secreta, recorda? Sou imune ao controle mental.

— Sim, isso está bem. — Mas a LaToya parecia muito preocupada. Sentou-se e começou a passar manteiga em sua fatia de pão de milho. — Pode... pode ser que me equivocasse quando te sugeri que não voltasse a ver o Jack.

— Trocaste sua opinião sobre ele? — Lara lhe dedicou um sarcástico olhar ao sentar-se.

LaToya encolheu os ombros.

— Sinceramente, não sei o que pensar. É um tipo do mais suspeito, mas tem superpoderes; e, agora mesmo, acredito que iria bem levar um super-herói no bolso.

“Ou nas calcinhas.” Lara desprezou rapidamente esse pensamento errante. Estava exausta.

— Não acredito que algo com o Jack tenha futuro.

LaToya deixou de comer para olhá-la.

— Por que não?

Lara suspirou.

— É difícil de explicar.

— Merda! De verdade é um extraterrestre?

Lara deixou escapar uma lamentável oportunidade para rir.

— Não sei o que é. Se nega a me contar isso.

— Um homem com problemas de comunicação. — LaToya bebeu um par de goles de vinho.

— Isso sim que é uma novidade.

Lara lhe fez uma careta.

— Não me posso envolver com alguém que se nega a me falar.

— Trata-te bem?

— OH, sim! — Lara levou a taça de vinho à boca.

— É bom na cama?

Lara balbuciou algo, e os olhos se encheram de lágrimas.

LaToya sorriu.

— O tomarei como um sim.

— Não havemos... bom, algo assim... diria que sim. — Lara se ruborizou.

LaToya soltou uma risada.

— Então, qual é o problema?

— A vida é algo mais que bom... magnífico sexo.

— Agora me tem preocupada.

— Não tem graça, LaToya. Sinto-me desolada. Diz que me ama, mas não me conta a verdade.

LaToya abriu os olhos de par em par.

— Te disse que te ama?

Lara tragou um gole de vinho. Não tinha previsto deixar escapar essa informação.

— E você o que sente por ele? — Perguntou LaToya.

Lara deixou a taça sobre a mesa.

— A comida esfria. — Levou uma parte de pão de milho à boca.

— Por que te empenha em negar a realidade? — Disse LaToya.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Lara lhe dedicou um gesto zombador, e logo terminou de mastigar a comida.

— Agora mesmo, a negação é minha melhor aliada. Não penso admitir que esteja apaixonada por alguém quando a relação está condenada ao fracasso.

— Não o acaba de admitir?

— E tampouco penso admitir que acabo de aceitar participar de uma missão secreta que poderia acabar com minha vida.

LaToya tomou uma baforada de ar.

— Retira o que acaba de dizer. Não mescle essas más vibrações com isto. Fará o muito bem. Sei que o fará.

Lara respirou fundo. Sua amiga tinha razão. Devia manter uma atitude positiva.

— Estarei bem. Eles não me perderão de vista. — Não estaria sozinha. Sobreviveria a isso.

Uma hora depois, LaToya saiu jogar boliche com uns companheiros de sua delegacia de polícia. Lara rechaçou o convite da LaToya de unir-se a eles com a desculpa de que estava muito cansada. A quem queria enganar? Esperava que Jack a chamasse.

Sentou-se no sofá, e começou a percorrer os canais do televisor com o comando remoto.

Devia analisar a informação que tinha sobre o Apolo no computador, mas não queria seguir pensando nisso. Isso só serviria para deixá-la mais nervosa, e voltar a perguntar-se se não estaria cometendo um grave engano.

Desejou estar outra vez em Veneza, com o Jack, flutuando em um canal sem uma só preocupação. Entretanto, a vida sem preocupações não existia. Inclusive Jack era motivo de confusão e frustração. Se *Casanova* era seu pai, ele devia ter mais de duzentos anos. Envelhecia muito lentamente ou ficaria assim, jovem e atrativo, o resto de sua vida? Fora como fora, não parecia a receita para uma relação duradoura.

Deteve-se em um canal onde uma jovem caminhava por uma casa escura e aterradora. Levava um candelabro na mão, assim, aparentemente, tinha falhado a eletricidade. A mulher dirigiu o olhar ao alto de uma escada que conduzia ao apartamento de cobertura, e retumbou um trovão. A música era de medo.

— Não suba! — Disse-lhe Lara.

A mulher começou a subir as escadas.

— Estúpida! — Balbuciou Lara, e trocou de canal.

Um tipo com óculos de esqui perseguia uma garota que corria pela grama. Por alguma estranha razão, ia em calcinhas. O psicopata brandiu um facão no ar. A garota olhou para trás, logo tropeçou com algo e caiu ao chão.

— Te levante, estúpida — resmungou Lara. — Corre!

A garota ficou gritando no chão. “*Fantástico! Isto sim que é alentador.*” Lara voltou a trocar de canal. Ela também estava sendo uma estúpida?

Souo o telefone e conteve a respiração. “*Que seja Jack. Não, que não seja Jack.*” Merda! Era uma estúpida.

Quando Jack despertou na terça-feira de noite, subiu correndo as escadas até o escritório do quinto andar na casa da cidade e bebeu um copo de sangue sintético enquanto escutava as



mensagens da secretária eletrônica. Lara não tinha chamado. Mario lhe tinha enviado uma mensagem de correio eletrônico para lhe fazer saber que o pai Giuseppe tinha encontrado o cinturão da Lara e o tinha enviado ao *palazzo* essa mesma manhã. O sacerdote também tinha deixado a advertência de que usaria o cinturão em sua pele se Giacomo não se comportava como devia ser.

Jack suspirou. A entrevista tinha acabado mal. Em lugar de aproximá-la mais a ele, tinha conseguido que Lara se afastasse. Tomou banho, se vestiu e se teletransportou a Veneza para recolher seu cinturão. De ali, se teletransportou aos domínios do Romatech. Olhou a seu redor enquanto se aproximava da entrada. Deslizou seu cartão de identificação e pôs a mão no sensor.

— Olá, tio! — Ouviu a voz de alguém a suas costas.

Girou-se rapidamente para encontrar-se com Phineas. O jovem vampiro devia ter-se teletransportado nesse mesmo instante.

— Merda!

— Eu também me alegro de verte — balbuciou Phineas. — Não o vimos na casa da cidade.

— Tinha que fazer uns recados. E acabo de me dar conta de que, se um Malcontent se teletransportar no preciso momento de um de nós, poderia chegar como acaba de fazer você e me pegar por surpresa. — Jack assinalou a luz verde que piscava no teclado de segurança. — Poderia me haver assaltado pelas costas e penetrar dentro.

Phineas franziu o cenho ao abrir a porta.

— Howard o veria no monitor e faria soar o alarme.

— Também é verdade. — Jack avançou pelo corredor até a sala de segurança do MacKay. — Mesmo assim, quando chegar Connor eu gostaria de discutir a maneira de melhorar a segurança deste lugar. Em dezembro, matamos a uma dúzia de Malcontents no *DVN*. Cedo ou tarde, Casimir procurará vingança.

— Sim — assentiu Phineas. — Esses malditos vampiros não nos deixam em paz. — Olhou o cinturão que Jack levava na mão. — Tio, não estará pensando pôr isso, verdade? Já basta que alguns dos moços vistam saias; mas... é que esse cinturão branco não tem nenhuma graça.

— Não é meu. — Jack o enrolou e o guardou no bolso de sua jaqueta.

— Já vejo! — Ao Phineas iluminaram os olhos. — É o cinturão de sua “dama”. Suponho que a entrevista de ontem à noite foi todo um êxito. Fizeram um pouco de *bondage*²⁸?

— Perdão?

— Já sabe, atá-la com o cinturão. Ou talvez lhes desse uns quantos açoites?

²⁸ *Bondage é um tipo específico de fetiche, geralmente relacionado com sadomasoquismo, onde a principal fonte de prazer consiste em amarrar e imobilizar seu parceiro ou pessoa envolvida. Pode ou não envolver a prática de sexo com penetração.*

Objetos utilizados

Cordas

Algemas

Algema de dedos

Grilhões

Camisa de força

Coleiras

Mordaças

Vendas

Electroejaculadores

Correntes e cadeados

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Jack ficou rígido.

— Jamais açoitaria a Lara.

Phineas pôs os olhos em branco.

— Tio, deixa que a dama te dê uns açoites. Acredite-me, às garotas adoram essas coisas.

— Provavelmente acredita que mereço — resmungou isso Jack.

— Sim — assentiu Phineas. — É o que sempre me dizem. Sou perito nessas coisas, sabe?

Mas suponho que é a última pessoa no mundo que necessita conselhos profissionais do doutor Amor.

— E por que acredita isso? — Jack se deteve ante o escritório de segurança.

Phineas soprou.

— Tio, é o filho do *Casanova*. Não te escapa nenhuma. Vi-te no baile de ornamento, te xavecando a todas as mulheres. Poderia ter tido a que quisesse. De fato, não estranharia que tivesse beneficiado de todas.

Jack grunhiu em silêncio. Porque é que toda a gente sempre dava por certo que tinha herdado algum talento especial de seu pai? O único que tinha herdado era um nome tão maldito que tinha deixado de usá-lo fazia quase duzentos anos.

— Só dancei com as damas.

— Sim, claro. O mambo horizontal. Certamente que nasceu com uma camisinha posta, - seguiu dizendo Phineas. — Um homem como você pode conseguir a qualquer mulher que se proponha.

Mas ele só queria a Lara.

— Não a quero perder.

— O que?

— Nada. — Jack passou seu cartão pelo leitor da porta do escritório de segurança.

Phineas apoiou um ombro contra a parede.

— Tio, passa-te algo?

— É complicado.

— O amor não deveria ser complicado.

— É-o entre um vampiro e uma mortal.

Phineas franziu o cenho:

— Sabe que é um vampiro?

— Não, — respondeu Jack imediatamente. — Não lhe hei dito nada. Connor e você podem estar tranquilos.

— Sim, Connor é muito sensível com esse tema. — Phineas se arranhou o queixo. — Serei sincero contigo, tio. Um pequeno conselho gratuito do doutor Phang.

— Não a vou atar nem a açoitá-la.

Phineas bufou.

— Agora falo a sério. Se a amas, deve lhe dizer a verdade. Tem que te abrir a ela.

Jack tragou saliva. Lara não deixava de lhe pedir que lhe dissesse a verdade. E se não a podia suportar? A verdade tinha apavorado às mulheres de seu passado. Ele tinha apagado suas memórias, mas não poderia fazer o mesmo com a Lara. E se ela passava o resto de sua vida



recordando-o com repulsão?

Mas se era capaz de aceitá-lo? E se finalmente tinha encontrado o *amore* que o tinha evitado durante séculos? Seria maravilhoso passar o resto de sua vida junto à Lara.

A porta se abriu e Howard os olhou com curiosidade.

— O que ocorre? Os dois levam aqui em pé já há cinco minutos.

— Só estávamos falando, Papai Urso — disse Phineas. — Vou fazer a primeira ronda.

— Ok — disse Jack. — E, obrigado.

— Quando quiser, tio. — Phineas atravessou o corredor a toda pressa até a entrada lateral.

— Howard, importar-te-ia de ficar até que chegue Connor? — Perguntou Jack. — Tenho que fazer um recado.

— Hum. — Howard retornou à mesa. — Chamarei à cafeteria para que me enviem o café da manhã.

Jack sorriu. Enquanto estivesse bem alimentado, o urso Howard Barr estaria contente.

— Obrigado.

Jack correu para a sala de conferências, ao outro extremo do corredor, e fechou a porta. Caminhou em paralelo à mesa. Quando fosse devolver o cinturão a Lara, o que lhe ia dizer? Desde o começo, tinha igualado o fato de perdê-la ao contar-lhe. Mas agora começava a precaver-se de que podia perdê-la se não lhe contava a verdade.

Tanto o padre Giuseppe como Gianetta e Phineas queriam que o dissesse. Connor se opunha taxativamente. Angus lhe tinha ordenado que não o fizesse. E ele, o que queria fazer?

Queria que ela o amasse. E se o odiasse ao inteirar-se de que era um vampiro? Jack respirou profundamente. Era um risco que devia correr. Não havia maneira de deixar de ser o que era. Ela podia aceitá-lo tal como era... ou não. “*Deve ter fé, Giacomo.*” Merda! Não havia um círculo do inferno para bastardos sem fé como ele? Fez a chamada.

Ela respondeu ao quarto tom.

— Sim? — Soava vacilante.

— Olá, Lara. Como está?

— Bem.

— Tenho seu cinturão. Posso lhe levar isso.

— Não... há pressa.

Estava relutante a vê-lo ou era mau momento? Não queria que ninguém o visse teletransportar-se.

— Está sozinha?

— Tenho que falar contigo sobre o caso Apolo — disse ela.

— Podemos trabalhar nele esta noite, se quer — ofereceu ele. — Me teletransporto e te trago de volta ao Romatech, onde tenho toda a informação.

— A informação também está aqui. Enviei-me isso por correio eletrônico.

— Ah! — Teve um mau pressentimento.

— Agradeço-te muito todo o trabalho que tem feito. Transladamos a informação aos nossos superiores...

— O que?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Não ficava outra opção, Jack. Não podemos reter provas. E, do instante em que Apolo começou a sequestrar garotas em mais de um estado, o caso passou à mãos do FBI.

Pelos nove círculos do inferno! Jack apertou o telefone e começou a dar voltas ao redor da mesa.

— Não deveria ter feito isso. Trabalhávamos juntos no caso. Estávamos fazendo progressos.

— Sei. E o sinto, Jack, mas o assunto não está dentro de sua competência.

E tanto que o estava. Eram os crimes de um Malcontent, e deviam ser investigados por vampiros.

— Quanta gente sabe?

— Muita gente. O FBI e a Polícia de Nova Iorque formaram um grupo operativo...

— Merda! — Não podia deixar que encontrassem ao Apolo antes dele. Estava em perigo todo mundo dos vampiros. Não podia acreditar que Lara fizesse algo assim. Deteve-se e apoiou os cotovelos no respaldo de uma cadeira. — Confiava em ti.

— Jack! — Sua voz parecia cheia de dor. — Não era minha intenção... Não sei por que este caso é tão importante para ti.

Ele respirou profundamente; seguir discutindo com ela não ia solucionar o problema.

— Sinto muito. Teria que ter-lhe explicado isso.

— Há tantas coisas que teria que me ter explicado — se queixou ela.

— Tudo se arrumará. — Pediria ajuda ao Connor e a outros voluntários. Ian e Toni seguiam em sua lua de mel, mas Robby estava no país. E talvez Phil Jones. — O que lhes contaste? Sabem algo da habilidade do Apolo para controlar as mentes?

— Não. E tampouco lhes falei de ti — disse Lara. — Pode confiar em mim.

— Obrigado. — Seguiu dando voltas ao redor da mesa. Precisava fazer algumas chamadas e convocar uma reunião.

— Por desgraça, estão-me atribuindo o mérito de todo seu trabalho — continuou Lara.

— Não passa nada. Talvez sirva para que a subam a detetive.

Ela suspirou.

— Ofereceram-me uma missão secreta: querem que me faça passar por estudante universitária.

Jack se deteve de repente.

— O que?

— Tenho o aspecto que procuram, assim vou...

— Não! — Se sentiu como se uma bola de demolição lhe tivesse dado no peito. — Não. Não fará de isca.

— Já aceitei.

Ele apertou os dentes.

— Não o fará.

— Você não me pode dizer o que devo fazer.

— Onde está? Está sozinha?

— Não tem sentido discuti-lo — disse ela. — Já tomei a decisão.

Merda! Esperava que Lara não estivesse em um lugar público. Concentrou-se em sua voz e



se teletransportou.

Capítulo 17

Lara soltou um grito afogado de assombro ao ver materializar-se Jack diante dela.

— O que...! — Sentiu que lhe fechava a garganta. Ele a fulminava com um intenso brilho vermelho no olhar.

Um calafrio a imobilizou na cama. Jack era um homem de poderes sobrenaturais. Do que era realmente capaz?

Tolices! Sacudiu-se o pensamento de cima. Era Jack. Tinha-lhe feito amor a noite anterior.

De algum modo, Veneza parecia agora muito longínqua.

Sem deixar de olhá-la com fúria, fechou o móvel e o meteu no bolso. Tirou o cinturão de outro bolso e o deixou cair sobre a mesa de centro.

— Deveria te dar uns açoites — resmungou.

— O que?

— Esquece-o.

Como se pudesse passar alguma vez. Ela desligou o seu telefone e o colocou na mesa de centro.

— Vejo que está um pouco alterado pela situação. — Se deteve o ouvir a vibração de um grunhido apagado em sua garganta. — Olhe, não me vai intimidar com suas táticas de super-saco. Podemos discutir o de forma calma e racional.

— Isto não tem nada de racional. — Estendeu os braços e fechou as mãos. — Te utilizar de isca é algo absurdo, é uma loucura!

Ela tomou ar.

— Por que não me diz o que pensa realmente?

Seus olhos se entrecerraram até converter-se em dois pequenos alfinetes de luz.

— Não o vais fazer.

— Não é sua decisão, Jack. De fato, nada em toda esta história é teu assunto.

— Você é meu assunto, e está fazendo todo o possível para que a matem.

Ela soltou um bufo.

— Pode ser que te surpreenda, mas não tenho vocação de suicida. Vão tomar todas as medidas necessárias para garantir minha segurança. Levarei um dispositivo de seguimento...

— Pode-se perder.

Lara o fulminou com o olhar.

— Tão logo localizem o balneário do Apolo...

Ele se inclinou para diante e, com o golpe de uma mão, deslizou a mesa de centro até o extremo da habitação. Ela conteve a respiração ao ver que se situava frente a ela.

— Não o vais fazer. — Suas palavras, pronunciadas em voz baixa, estavam carregadas de cólera.



Maldito seja, estava tentando intimidá-la. Lara ficou de pé, com a cara a uns centímetros de seu teimoso queixo.

— A mim ninguém diz o que devo fazer — protestou.

Jack a agarrou pelos ombros.

— Poderia teletransportar-te a um lugar tão remoto que jamais encontraria a saída.

Golpeou-lhe o peito.

— Então seria um sequestrador, como Apolo.

— Não. Estar-te-ia salvando a vida. — Apertou-lhe os ombros com força. — Mantém-te afastada do Apolo. Não tem nem ideia do que é capaz de fazer.

— Mas você sim, verdade? — Ardia de impotência. — O que é o que sabe que não me quer contar, Jack?

Ele a soltou e retrocedeu um passo. Revoltando o cabelo e começou a caminhar pela sala.

— Quando Apolo te ver, te desejará.

— Contamos com isso. E, graças ao dispositivo que levarei em cima, descobriremos seu paradeiro.

Jack meneou a cabeça.

— Teletransportara-la-á a algum lugar. De fato, poderia teletransportar-te a vários lugares, um detrás de outro. Já viu que rápido vai o tema. Para quando a polícia descubra onde está, ele... maldita seja, Lara... será muito tarde!

Ela tragou saliva.

— Posso ganhar tempo. Não estarei sob seu controle mental, como as outras vítimas. Por isso sou a melhor candidata para este trabalho. Sou imune ao controle mental.

Respondeu-lhe em tom sarcástico.

— Acredita que isso te protegerá? Lara, no instante em que descubra que não te pode controlar, te matará.

Um calafrio lhe percorreu as costas.

“Só tenta te assustar para que abandone.” Pô! Talvez devesse abandonar. E se estava assumindo uma responsabilidade que ia muito longe? O grupo operativo especial já a tinha advertido de que não ia poder levar nenhuma arma consigo. Isso a delataria.

— Não poderá com o Apolo — seguiu dizendo Jack em voz baixa. Deu uns passos pela habitação e logo se voltou para ela. Torceu a boca em um gesto de dor. — Se alimentará de ti.

Lara respirou entrecortadamente e levou uma mão ao peito.

— O que?

— Cavara-te os dentes e te chupará o sangue.

Ela fez um gesto de asco.

— Isso é perverso. Falas dele como se fora um... um...

— Um vampiro — sussurrou Jack.

Ela ficou olhando. *Meu Deus!* Falava a sério.

— Jack, os vampiros não existem. Talvez pense que é um vampiro. Endoideceu se acredita vampiro. Mas quem quer que tente me morder o pescoço receberá uma joelhada na virilha antes que possa dizer Transilvânia.



— Não me acredita, verdade?

— Acredito que tenta me assustar para que abandone a missão. Deveria estar furiosa, mas entendo que está preocupado por mim porque te importo.

— E porque estou apaixonado por ti.

A Lara se encolheu o coração. Nunca se cansaria de lhe ouvir-lhe dizê-lo.

— Você também me importa muito, mas...

— Lara. — Jack a aproximou.

— Mas... — Levantou uma mão para detê-lo. — Não penso deixar que me controle nem me manipule.

— Merda! Estou tentando te manter com vida. Ele é um vampiro desumano.

— Sabe que não existem os vampiros!

— Isso é o que eles querem que pense. Utilizaram o controlo mental para fazer acreditar a todos que não existem realmente, que são só monstros de sua fantasia. Mas se alimentam da gente, e logo apagam suas memórias. Levam séculos fazendo-o.

Ela ficou com pele de galinha.

— E como é que sabe coisas sobre vampiros? Como sabe que Apolo é um deles? Acaso o conhece?

— Não, não o conheço. Mas reconheço os sinais. Apolo só aparece de noite. Pode controlar as mentes e apagar as lembranças. Tem uma enorme força física e se move a grande velocidade. Pode-se teletransportar.

Ela tragou saliva.

— Está-te descrevendo a ti mesmo.

Jack se estremeceu. Os olhos brilharam com receio.

Lara deu um tropeção e caiu sobre o sofá. *OH Deus!* Não o negava. Ou estava como um guizo, ou realmente...

— Não, — sussurrou ela. — Não. Os vampiros não existem.

Ele a olhou com tristeza.

— Por que teria que te mentir? O que ganharia com isto, além de te enojar?

Ela respirou com dificuldade e levou as mãos aos olhos. Por sua mente começaram a desfilar as lembranças.

Nunca o tinha visto comer. Nunca tinha conseguido localizá-lo durante o dia. Não havia espelho em seu banho. Havia persianas grossas nas janelas. Tinha mais de duzentos anos. Trabalhava em uma Fábrica que fabricava sangue sintético. *Merda!* Para ele era uma adega!

Tinha tido todas as peças do quebra-cabeças diante, mas nunca tinha sido capaz de fazer encaixar as peças porque não conhecia a imagem final. Esperava que fora a imagem de um super-herói, não a de um monstro.

Revolveu lhe o estômago. *OH Deus!* Tinha-o beijado. Tinha deixado que a tocasse, que lhe fizesse amor.

Levou-se a mão à boca para afogar um gemido.

— Lara. — Jack a aproximou, mas ela retrocedeu.

Ele empalideceu.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Santo céu! Não tenha medo. Jamais te faria mal.

— Acredito que será melhor que vá.

— Ainda temos que falar.

— Não. — Os olhos se encheram de lágrimas. Do que iriam falar? Tinha-se apaixonado por um monstro. Tinha sido uma estúpida.

Ele franziu o cenho:

— Agora já sabe a verdade sobre o Apolo. Este é um assunto estritamente para vampiros. Deixará que eu me encarregue?

Uma raiva profunda se apoderou dela.

— Como te atreve? Isto não é só sobre o Apolo. Todas suas vítimas são humanas, assim não me diga que saia do meio. E não espere que acredite que há monstros bons.

Jack ficou rígido.

— Nem todos somos maus, Lara.

— Quero que vá.

Ele se esfregou a testa.

— Agora está em estado de choque. Falaremos dentro de uns dias.

— Vai-te!

Ele baixou a mão. Em seus olhos havia um brilho de dor e tristeza. Despediu-se com a mão e desapareceu.

Jack se materializou nos bosques que rodeavam Romatech. Avançou com dificuldade para a entrada lateral. Sentia tanta dor no peito que lhe custava respirar.

Apoiou o antebraço no tronco de uma árvore e se inclinou para diante, recostando a testa sobre o braço. Fechou os olhos e as expressões da Lara assaltaram sua mente. Horror, asco, raiva. Como as mulheres de seu passado.

Tinha perdido a Lara.

“Deve ter fé, Giacomo.” As palavras do padre Giuseppe ressonaram brandamente em sua cabeça.

Como? Ele era uma criatura das trevas, apanhado em um círculo do inferno. Como ia ter fé? Estava perdendo a Lara, igual tinha perdido às demais. Quantos anos tinha sofrido depois de perdê-las? E Beatrice... sua perda tinha sido uma autêntica tortura. Sempre se perguntava se ela tivesse sido capaz de aceitá-lo, mas tinha morrido antes de poder dizer-lhe e tinha morrido sozinha, acreditando que ele a tinha abandonado.

Merda! Deu um murro à árvore. Não abandonaria a Lara, embora ela o odiasse. Não a deixaria morrer.

Se Apolo mantinha seu *modus operandi*, sequestraria a outra vítima no último sábado de junho. Isso lhe dava tempo mais que suficiente para localizar ao bastardo e acabar com ele. Depois poderia realizar um varrido mental da polícia e o FBI para eliminar os cabos soltos, e todo esse penoso assunto ficaria esquecido.

Lara se salvaria. Só necessitava fé. E a ajuda de uns quantos amigos.

Agarrou seu telefone enquanto avançava pelo bosque. Podia contar com o Robby MacKay.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



Tinha conhecido ao Robby em 1820 na academia de esgrima do Jean-Luc, em Paris, onde tinham sido opositores. Tinham-se feito bons amigos quando não tentavam dar-se estocadas.

Agora Robby trabalhava como guarda-costas do Jean-Luc. Já que Jean-Luc se ocultava no Texas, Robby também estava ali.

— Olá, Jack — respondeu Robby. — Como vai?

— Surgiu-me um problema. Tem umas horas? Viria bem sua ajuda.

— Graças a Deus! Aqui me aborreço como uma ostra. Ontem à noite, a filha do Jean-Luc me pediu que jogasse as bonecas com ela, e estive a ponto de lhe dizer que sim. Estou desesperado.

— Então hoje está com sorte — disse Jack. — De fato, talvez te necessite durante uma semana, aproximadamente. Também ao Phil, se puder vir.

— Perguntá-lo-ei ao Jean-Luc, mas estou seguro de que não se oporá. Até logo. — Robby desligou.

Jack meteu o telefone no bolso e caminhou para a entrada.

— Né, tio! — Phineas se aproximou voando a ele. — Escutei sua voz enquanto fazia a ronda.

— Estava falando por telefone. Já chegou Connor?

— Sim. Está no escritório. — Phineas o olhou de soslaio. — Está bem, tio? Tem muito mau aspecto.

Jack fez uma careta de dor.

— Quero que Carlos e você vivam no Romatech nas próximas semanas. Há uns quantos quartos no porão, verdade?

— Sim. O que acontece? Os Malcontents planejam algo?

— Não, mas é possível que a polícia se apresente na casa da cidade. E não queremos que nos pilhem ali em pleno sono mortal.

— Maldita tira! — Phineas se deteve. — Merda! Falou com a mulher polícia sobre nós?

Jack o olhou com irritação.

— Não me aconselhou que o fizesse?

— Bom, sim; mas desde quando alguém segue meus conselhos? Assim... suponho que não saiu bem, não?

Jack negou com a cabeça.

— Merda! — Resmungou Phineas. — Acreditava que às mulheres adoravam os vampiros. Não pensava que o tomaria mal, tio.

Jack sentiu uma opressão no peito.

— Pois não foi assim.

— Merda! Acredita que vai falar de nós a seus colegas?

— Não sei. Talvez. Assim agarra tudo o que necessite da casa e traz o Carlos contigo, ok?

— Ok. Sinto muito, tio! — Phineas desapareceu.

Jack chegou à entrada lateral, deslizou seu cartão e pôs os dedos no sensor. Tinha percorrido a metade do vestíbulo, quando a porta de segurança se abriu e apareceu a cabeça de Connor.

— Vi a teletransportar o Phineas — disse Connor. — Aonde o enviaste?

— À casa da cidade, procurar o Carlos. Ficarão aqui umas semanas.

Connor entrecerrou os olhos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— E por que deixou de ser segura a casa da cidade?

— Pode ser que siga sendo segura. É só uma medida de precaução. — Jack passou junto ao escocês ao entrar no escritório. Ouviu fechar-se a porta detrás de si.

— Não posso acreditar — sussurrou Connor.

Jack se voltou para ele.

— há-o dito.

Jack se cruzou os braços.

— Fiz o que devia.

Connor deu um bufo de impaciência.

— E suponho que não saiu bem.

Jack se encolheu de ombros.

— Falaste de vampiros a um agente de polícia — disse Connor entre os dentes. — De verdade esperava que saísse bem?

— Sabe que a amo.

— Ah, sim? E isso o que diabos tem que ver? — Havia raiva no olhar de Connor. — Realmente acredita em todo esse lixo sobre o amor que pode com tudo? De quantas mortais nos apaixonamos, só para ver como sucumbiam logo à morte? Não pode evitar que morram nem com todo o amor do mundo.

— Sei. — Tinha perdido a Beatrice quando um surto de tifo se tinha estendido por Veneza—. O amor é efêmero. Mas isso não lhe tira valor. Simplesmente o faz mais especial.

Connor o fulminou com o olhar.

— Fá-lo mais doloroso. E você sabe melhor que ninguém. Vejo a dor em seus olhos.

Jack tragou saliva. Isso era algo que não podia negar.

— Tomaste-te a moléstia de considerar o que este grande amor teu lhe pode fazer? — Perguntou Connor. — A vais arrastar a um mundo do que provavelmente não queira formar parte.

Jack fez uma careta de dor. Tinha que admitir que Lara não tinha reagido bem. Mesmo assim, outras mortais se tinham adaptado ao mundo dos vampiros.

— Shanna é feliz. E Emma, e Heather.

— Não pode esperar que todas as mulheres estejam dispostas a viver com os mortos vivos — resmungou Connor. — Trouxe a Darcy Newhart a nosso mundo, e me odiou por isso. Você não gostaria de viver com esse sentimento de culpa.

Jack se perguntou se Connor havia sentido algo mais que culpa.

— Darcy é feliz agora. E segue trabalhando conosco.

Connor fez um gesto desdenhoso com a mão e caminhou para o escritório.

— Nos centremos em sua amiga. Vai falar de nós a seus superiores?

— Não sei. Talvez não. — Lara não se irá expor a que a tomassem por louca.

Connor se sentou, sem deixar de olhar a Jack com cara de poucos amigos.

— Sinto-me tentado a te dar uma pancada na cabeça, mas te vê tão abatido que seria como chutar a um cão.

— Vá, obrigado.

— Ameaçou-te com algo? Poderia teletransportá-la a algum lugar onde não poderia falar



com ninguém de nós.

— Não. — Jack apertou os dentes. — Deixa-a em paz.

Connor deu um bufo de raiva.

— Não lhe faria mal. É melhor que deixar que o departamento de polícia de Nova Iorque nos dê caça.

— Não acredito que represente um perigo para nós. Mas bem é um perigo para si mesma. Filtrou toda a informação que reuni sobre o Apolo a seus superiores.

— Merda! — Balbuciou Connor.

— A polícia e o FBI criaram uma unidade operativa especial, e pediram a Lara que faça de isca. No quarto sábado de junho, Apolo dará seu seminário em alguma universidade, em busca de sua vítima perfeita. Se a polícia se sair com a sua, a vítima será Lara.

— Merda! — Connor parecia consternado. — Temos que detê-lo. Apolo poderia matá-la.

— Por isso que lhe contei a verdade — disse Jack. — Tentava assustá-la, para que renunciasse a participar da operação.

Connor assentiu.

— Muito bem. Isso posso entender.

— Não temos muito tempo — seguiu dizendo Jack. — Fica um mês para encontrar ao Apolo e matá-lo. Pedi- ajuda ao Robby.

— Dispomos de bastante tempo. — Connor assinalou um dos monitores de vigilância. — Chegou Robby. E não vem sozinho.

Jack jogou uma olhada ao monitor. Robby se teletransportara para o terreno da fábrica e tinha vindo com o Phil. Como guarda do turno de dia, Phil não podia se teletransportar. Mas, como troca-formas, tinha outros talentos que faziam dele um recurso muito valioso.

— Aí estão Phineas e Carlos. — Connor assinalou outro monitor.

Jack viu que Phineas se materializava frente à entrada lateral com o Carlos, o guarda de dia. Uniram ao Robby e Phil, e os quatro entraram no edifício.

Jack esboçou um sorriso forçado. Tinha formado seu próprio grupo operativo. Contando ao Connor e a si mesmo, tinha quatro vampiros mais um homem lobo e um homem pantera. Agora Lara estaria a salvo.

Apolo não viveria o suficiente para lhe fazer dano.

Capítulo 18

Na noite seguinte, Jack deu voltas pela sala de conferências, perguntando-se se seria muito cedo para chamar a Lara. Todo o resto estava sob controlo. Roman tinha advertido a todos os senhores da irmandade que estivessem alerta se por acaso alguém via um balneário com arquitetura clássica grega. Já tinham chegado a um par de pistas, e Robby e Phil as estavam comprovando. Phineas protegia Romatech. Carlos, que trabalhava durante o dia, dormia no porão, de guarda se por acaso o necessitavam. Howard lhe tinha devotado sua ajuda, mas também



trabalhava como guarda de dia da família do Roman, assim não dispunha de muito tempo.

Jack considerou a ideia de investigar a algumas das garotas desaparecidas, mas supôs que Apolo não trocava seu *modus operandi*. Atraía a seu seminário gratuito a garotas bonitas que queriam permanecer bonitas e jovens para sempre, e logo selecionava a suas vítimas.

Jack se deteve. E se Apolo estivesse cumprindo com sua promessa de mantê-las jovens e bonitas para sempre? Talvez não as estivesse matando. Talvez as estava convertendo em vampiros.

Jack estremeceu ante a ideia de controlar um harém de mulheres vampiro. *Merda!* Ele nem sequer era capaz de controlar a uma mortal. Ao menos, a polícia não tinha ido farejar na casa da cidade. Tampouco tinham ido ao Romatech; assim, ao parecer, Lara não tinha contado nada a respeito dos vampiros. O mais provável era que temesse que seu superior a tomasse por louca. Mas Jack tinha esperanças de que ela ainda sentisse algo por ele; oxalá sobrevivessem seus sentimentos por ele. Se podia sobreviver a sua reação inicial de medo e asco, talvez teria uma oportunidade.

“Deve ter fé, Giacomo.”

Chamou a seu apartamento. O telefone soou uma vez. Duas. Se tinha identificação de chamadas, saberia que era ele. Três vezes. Talvez o estava evitando. Quatro.

— Olá, Jack. — Era LaToya, sua companheira de apartamento.

— Olá. Está Lara...?

— Não gaste saliva. Não está aqui. E tampouco quer falar contigo. Nunca mais. Adeus.

— Espera. Está... está bem?

— Está totalmente destroçada, imbecil. Não sei o que lhe tem feito, mas nunca a tinha visto tão alterada. Nem sequer quer falar comigo, e sempre fala comigo.

— Não te contou nada? — Jack sentiu um raio de esperança. Lara estava guardando seu segredo.

— O único que me disse é que não quer voltar a verte. E, em caso de que seu super-ouvido não o tenha pegado, a palavra chave é *“nunca”*.

O raio de esperança se esfumou.

— E estou furiosa contigo — prosseguiu LaToya. — Lara está deprimida como se o mundo tivesse acabado, quando agora mesmo deveria estar concentrada em si própria. Pequeno sentido da oportunidade o teu!

— Vai seguir com a missão secreta?

— Merda! Sabe?

Jack se perguntou se poderia encontrar uma aliada na LaToya.

— Não quero que o faça. Acredito que é muito perigoso.

— OH!

— Estou tentando localizar ao Apolo eu mesmo, para que Lara não tenha que pôr sua vida em perigo. — Fez-se uma pausa, e Jack esperou que LaToya repensasse na situação.

— Tenho que ir. Adeus. — A amiga da Lara desligou.

Jack suspirou. Segui-lo-ia tentando.

Às cinco da manhã, Robby e Phil tinham comprovado quatro lugares, todos eles pistas falsas.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



Prometeram voltar na noite seguinte, e logo se teletransportaram ao Texas.

Passaram outras quatro noites. O mês de junho deu começo, e a guarida do Apolo seguia sendo um mistério. O segundo sábado de junho, Jack começava a estar extremamente preocupado. Só faltavam duas semanas. E não havia nenhum só sinal do Apolo.

Nem da Lara. Tentava esquecê-lo?

A seguinte segunda-feira voltou a chamá-la.

— Segue sem querer falar contigo — disse LaToya.

— Como vai?

— Triste e deprimida. Ouvi-a chorar um par de vezes em seu quarto. Satisfeito? — Grunhiu LaToya.

Por triste que fora, em certo modo Jack se alegrava, embora não ia admiti-lo.

— Já encontraste ao tal Apolo? — Quis saber LaToya.

— Não. — Jack começava a perguntar-se se realmente existia SPA de estilo grego do Apolo. Podia mostrar fotos falsas em seu seminário. — Seguimos nisso.

— Pois mais te apresse. Lara vai participar dessa operação incógnita em um par de dias.

— Onde?

LaToya deu um bufo.

— Acredita que lhe vou dizer isso?

— Estou muito preocupado por ela.

— Bom, pois já somos dois. — LaToya desligou.

Jack começou a dar voltas pela sala de conferências. Lara atuaria incognitamente em uma universidade. A unidade operativa provavelmente a tinha matriculado com um nome falso, e estaria vivendo em uma residência. Mas de que universidade?

Sentou-se diante do portátil e revisou a informação que tinha recolhido sobre as estudantes desaparecidas. As garotas eram de dez universidades distintas. Confeccionou uma lista dos últimos vinte meses em ordem cronológica, e depois anotou as universidades nas que Apolo tinha repartido seu seminário cada mês. Sem dúvida, seguia um padrão. Duas universidades em Connecticut, quatro em Nova Iorque, duas em New Jersey, duas na Pensilvania e logo outra vez em Connecticut. O último seminário tinha tido lugar na Universidade de Columbia. Se seguia seu padrão, a seguinte seria a Universidade do *Syracuse*.

— Jack. — Phil entrou na sala de conferências. — Temos uma nova pista. Um lugar chamado *Apolo's Golden Charriot*, em Massachusetts.

Jack ficou em pé.

— Já retornou Robby?

— Não, ele e Phineas seguem no *Hoboken*, comprovando o *Grecian Goddess SPA and Resort*.

— Muito bem — disse Jack. — Podemos ir você e eu. Tem o telefone?

— Aqui está. — Phil lhe entregou uma folha.

— Vai armado?

Phil abriu o paletó para deixar entrever uma Magnum 44 em um coldre. Jack levava uma adaga atada à panturrilha, e outra oculta sob sua jaqueta de couro negro. Se se produzia uma briga, pediria reforços a Robby e Phineas.



— Vamos lá. — Jack marcou o número em seu móvel.

— *Apolo's Golden Chariot* — respondeu uma voz de mulher. — Fala Macy.

— Olá, poder-me-ia indicar como chegar de... Connecticut? — Perguntou Jack.

Enquanto a sua interlocutora lhe dava o endereço, Jack se concentrou em sua voz. Agarrou ao Phil pelo braço e se teletransportaram. Jogou uma rápida olhada ao novo ambiente. Um pequeno escritório, um arquivo, uma mesa desordenada, o penetrante aroma de substâncias químicas no ar e uma loira que os olhava enquanto se perfilava uma boca totalmente aberta com um batom rosa brilhante.

— OH! — Soltou um chiado agudo e deixou cair o telefone.

— Não se passa nada. — Jack desdobrou uma onda de energia psíquica para apoderar-se da mente da mulher; mas, antes que pudesse fazê-lo, ela ficou em pé de um salto, soltou outro chiado e se desabou.

— Merda! — Jack contemplou com o cenho franzido o corpo estendido no chão. — Demos um susto de morte a pobre mulher.

Phil soprou.

— Não é uma mulher.

— Gritava como uma mulher. — Jack percorreu com o olhar a minissaia rosa, as meias negras e as botas de plataforma rosa. Tudo parecia feminino, mas a camiseta negra sem mangas revelava uns ombros amplos e um peito liso. *Um homem.*

Jack ficou em cócoras junto ao homem inconsciente e invadiu sua mente. “*Macy, não nos temerá. Entramos no escritório em busca do Apolo. Agora despertará.*”

As pálpebras pintadas de verde do Macy se abriram.

— Você está bem? — Perguntou Jack. — Acredito que desmaiou.

— OH, Meu Deus! Pouca vergonha! — Macy se incorporou e compôs a minissaia. — Deve ser a nova dieta que estou fazendo. Sério, estou tão grogue!

— Agarre-se em meu braço. — Jack o ajudou a ficar em pé.

— Muito amável. — Macy ficou olhando. — Santo Deus! — Abriu os olhos como pratos, e depois observou ao Phil. — Santo Deus! — Ele acariciou o cabelo comprido. — O que posso fazer por vocês?

— Procuramos o Apolo — disse Jack.

— Bom, deve estar no estudo. Não posso acreditar que não se tenham cruzado com ele. — Macy os estudou com um brilho de admiração nos olhos. — Venham comigo, chicotes. Sigam-me. — Passou junto a eles em suas botas de plataforma e lançou ao Phil um olhar de soslaio. — Hum!

Phil olhou ao Jack com gesto impaciente.

— Vamos. — Jack se dirigiu à porta.

Phil o agarrou pelo braço e resmungou.

— Este não pode ser o lugar que procuramos. Larguemo-nos daqui.

— Não perdemos nada vendo este Apolo — disse Jack.

Phil pôs cara de poucos amigos.

— Tenho um mau pressentimento.

— Acredita que ficará feia a coisa? — Perguntou Jack.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Pior que isso — resmungou Phil.

Macy olhou para trás com o cenho franzido.

— Venham, deixem de discutir. Apolo não admite rixas amorosas aqui.

Um grunhido apagado vibrou na garganta do Phil.

Jack sorriu.

— Já vamos. — Se uniu ao Macy no corredor, com o Phil dois passos atrás.

Ao entrar no estudo, Jack notou que as paredes estavam pintadas de cor azul lavanda e decoradas com corações e cupidos de cor rosa. Passou junto a uma fileira de poltronas reclináveis e unidades de lavagem. Deteve-se de repente ao ver os cubículos de barbearia. Cada um tinha três espelhos. E cada cubículo estava ocupado por um estilista masculino e um cliente.

Não podia passar diante deles sem que se dessem conta de que não se refletia nos espelhos.

— Vamos — sussurrou Phil — isto é só um salão de beleza.

Macy se girou e o confrontou com expressão consternada.

— Só um salão de beleza? Não acredita que a este mundo falta beleza?

Vários cabeleireiros apareceram para ver os estranhos que acabavam de entrar.

Jack retrocedeu uns passos para afastar-se dos espelhos.

— Sinto-o... Temo que foi um engano.

— Não diga isso. Fazem um casal estupendo. — Macy se voltou para os cubículos. — Apolo! Temos uma emergência! Alerta cupido!

Apareceram mais estilistas para olhar a Jack e a Phil.

Um jovem magro com o cabelo loiro platino, camiseta negra de malha e cinturão porta-instrumentos rosa acudiu a toda pressa do primeiro cubículo.

— O que acontece? — Colocou uma escova em uma das ranhuras de seu cinturão. — Espero que seja algo realmente sério. Estou em meio de uma permanente.

— Estes dois meninos perguntam por ti. — Macy assinalou ao Jack e Phil, e lhe tremeu o lábio inferior. — Mas agora querem partir!

Apolo os contemplou com os olhos como pratos.

— OH Deus! Pobrezinhos. Terá que trabalhar isto. Quero dizer, olhem bem. Fazem um casal maravilhoso. — Se virou para os cabeleireiros e clientes que começavam a amontoar no corredor do centro. — Não são absolutamente divinos?

— Era o que nos faltava — resmungou Phil.

— Não teríamos que ter vindo — disse Jack. — Há alguma porta traseira para sair?

Macy deu um grito afogado de assombro.

— Não deveriam se envergonhar! São muito bonitos tal como são.

O público murmurou palavras de fôlego.

— Sim, um casal tão encantado como vós deveria gritar seu amor dos telhados. — Apolo se aproximou e assinalou o cabelo do Phil. — Macy, alguma vez viu uma mescla de cores tão espetacular? Neste cabelo deve haver vinte tons de castanho, castanho avermelhado e dourado. É fabuloso.

Macy levou a mão ao peito.

— Morreria por ter um cabelo assim. Quem lhe tinge isso?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Não... ninguém me tinge isso — balbuciou Phil.

Apolo deu um coice.

— É natural?

Ouviram-se vários murmúrios de assombro provenientes do público.

Apolo tocou o cabelo do Phil, e o troca-formas ficou tenso.

— É incrivelmente grosso — disse Apolo. — Muito forte e varonil, mas um pouco emaranhado para meu gosto. Deixar-lhe-ei isso mais curto.

— OH, sim! — Murmurou Macy, e o público assentiu entre murmúrios.

— E você? — Apolo deu uma volta ao redor do Jack, estudando-o. — Com esse cabelo e esse couro negro, tem toda a pinta de menino mau.

— Hum! — Macy o olhou enquanto brincava com uma mecha de cabelo loiro.

— Acredito que te deixaria o cabelo comprido. — Apolo o escrutinou atentamente. — Tem umas bolinhas douradas muito interessantes nos olhos. Estou pensando... — Se deu uns leves golpes no queixo. — Reflexos dourados!

Macy deu um grito afogado de assombro.

— Brilhante!

O público aplaudiu.

Jack clareou a voz.

— Não terão umas quantas garotas universitárias por aqui, verdade?

Apolo piscou.

— Garotas? — Intercambiou um olhar confuso com o Macy, e logo pôs-se a rir. Deu ao Jack uma palmada no braço. — É muito gracioso.

Macy soltou uma gargalhada, e as risadas se estenderam por toda a habitação.

Phil agarrou Jack pelo braço.

— Saímos daqui!

— Vejo que estão muito ocupados. — Jack se dispunha a retirar-se pelo corredor traseiro. — Voltaremos em outro momento.

— OH, estar-lhes-ei esperando! — Apolo os olhou carinhosamente. — E não o esqueçam: faço bodas!

— Obrigado. — Jack viu uma porta e a abriu imediatamente. Ele e Phil saíram a toda pressa ao beco traseiro.

Agarrou o Phil pelo braço para se teletransportarem para o Romatech. Phil resmungou uma maldição.

— Se disser uma só palavra disto aos moços, cavar-te-ei uma estaca durante seu sono.

— Não se preocupe, carinho. Se se chegarem a inteirar-se, cavar-me-ei isso eu mesmo.

Na noite seguinte, Jack lhe ocorreu a ideia de ir à *Universidade do Syracuse*. Seria fácil teletransportar-se ao departamento de admissões e acessar à lista de novos estudantes. Não podia haver muitos em junho, assim, embora Lara usasse um nome falso, não seria difícil localizá-la. Simplesmente utilizaria sua mensagem gravada como baliza para teletransportar-se até o lugar.

Merda! Começava a sentir-se como um verdadeiro perseguidor. Se Lara não queria vê-lo, ele



tampouco devia obrigá-la a fazê-lo. Que classe de futuro podia ter com ele? Nem mesmo quando se apaixonasse perdidamente por ele e aceitasse casar-se com ele poderia estar a seu lado pelas noites. Se tinha filhos com ele, não seriam completamente mortais. E, cedo ou tarde, se veria obrigada a enfrentar-se a uma terrível decisão: se unir o ou não no mundo dos mortos vivos.

Tinha direito de lhe impor semelhantes decisões? Se se comportava como seu famoso pai, satisfaria seus desejos sem preocupar-se pela manhã. Mas nunca tinha sido um bom *Casanova*. Em seu foro interno, sabia que o amor não podia ser egoísta: o melhor era deixar tranquila a Lara.

Entretanto, não podia deixar que caísse nas garras do Apolo sem preparação. Devia fazer tudo que estivesse em sua mão para assegurar-se de que sobreviveria. Depois, se ela desejava não voltar a vê-lo, deixá-la-ia tranquila.

Chamou a seu apartamento, e respondeu LaToya.

— Outra vez você? — Resmungou. — É que alguma vez te dá por vencido?

— Sigo preocupado pela Lara. Não pudemos localizar ao Apolo.

— Não me diga!

— Sei que Lara acredita que sua imunidade ao controle mental lhe dá uma vantagem. Jamais consegui controlá-la.

LaToya soltou um bufo.

— Má sorte, *marciano*.

— Sua capacidade para resistir é algo bom, sem dúvida, mas sua incapacidade para escutar a voz psíquica poderia resultar desastrosa para ela. Quando Apolo descubra que não pode controlá-la, provavelmente a matará.

Fez-se um silêncio.

— Estará a salvo enquanto ele dê ordens psíquicas a um grupo — seguiu dizendo Jack. — Lara pode imitar às outras garotas. Mas, se lhe der uma ordem direta e ela não a escuta e a obedece, ficará ao descoberto.

— Entendo — disse LaToya em voz baixa.

— Posso trabalhar com ela e ajudá-la a desenvolver a habilidade de escutar vozes psíquicas.

— E se perder a habilidade de resistir ao controle? — Perguntou LaToya.

— Ensinar-lhe-ei a escutar, não a sucumbir. Estou convencido de que deve fazê-lo.

Houve uma pausa.

— Talvez.

— Encontrei-a — disse Jack. — Acredito que está na *Universidade do Syracuse*.

LaToya respirou fundo.

— Não lhe posso confirmar isso.

Por isso ele respeitava-a, acabava de fazê-lo.

— Não quero lhe impor minha presença, assim, explicará-lhe você o que acabei de te dizer? Se aceitar ver-me, tentarei ajudá-la.

Fez-se outra larga pausa.

— Di-lo-ei.

— Obrigado.

— Não me agradeça — grunhiu isso LaToya. — Se lhe fizer o menor dano, irei por ti.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Desejará não ter abandonado nunca seu planeta. — Pendurou.

Aproximava-se o terceiro sábado de junho, e Jack já não sabia o que fazer. Cada uma das pistas que tinham recebido tinha demonstrado ser falsa. O maldito SPA podia estar em qualquer lugar. Tinham dado por feito que a guarida do Apolo estava perto de sua reserva de caça; entretanto, com a teletransportação, podia estar em qualquer lugar. Inclusive na Grécia, embora teletransportar-se para o amanhecer no Este era uma proposta perigosa para um vampiro.

Com o fim de ampliar os parâmetros de busca, Roman pediu aos senhores da irmandade de todo o mundo que avisassem sobre qualquer pista em suas áreas de jurisdição. Mantinham o Jack e a sua equipe ocupadas cada noite. Mesmo assim, uma crescente sensação de desespero lhe dizia que o tempo se esgotava. E LaToya não lhe devolvia a chamada.

Lara devia odiá-lo realmente se estava disposta a arriscar-se mais do necessário do que vê-lo.

Quando chegou o sábado, deu voltas ao redor da mesa da sala de conferências. Faltava uma semana para que Apolo voltasse para o ataque. Sentia uma dor tremenda no peito. Não tinha visto a Lara durante quase um mês, mas seu amor por ela era mais forte que nunca. Seu desespero por mantê-la com vida era entristecedor. Sentia-se tentado a lhe dar caça, agarrá-la e teletransportá-la longe de ali. Lara alguma vez o perdoaria, mas que mais dava isso? Ele já estava no inferno sem seu amor. As coisas não podiam piorar.

Soou seu telefone, e o abriu imediatamente:

— Sim?

— Jack, é você? — Perguntou LaToya.

— Sim. — Conteve a respiração e rezou em silêncio.

— Lara quer verte.

Capítulo 19

No domingo de noite, Lara saiu do comilão *Graham* no campus da *Universidade do Syracuse* e pôs-se a andar com passo despreocupado para seu novo lar. As forças de operações especiais lhe tinham encontrado um quarto na residência *Day Hall*, pois a última vítima do *Syracuse* vivia ali. Sem dúvida, ao Apolo tinha parecido divertido sequestrar a uma garota que residia perto do *Mount Olympus Drive*.

Lara podia ter ido pelo corredor que levava do comilão à residência de estudantes, mas gostava de apartar-se da animação constante que armavam os loquazes estudantes. Como ia preocupar-se como Deus manda se o ruído não a deixava pensar? E isso por que tinha muito com o que preocupar-se.

Jogou uma olhada ao oeste, onde o sol poente arrancava brilhos rosa e dourados à cúpula do estádio *Carrier Dome*²⁹. Jack não demoraria a despertar. Levantando-se da tumba, pensou ela

²⁹ A *Carrier Dome* (apelidado *The Loud House*) é estádio coberto localizado no campus da *Universidade de Syracuse*, no bairro *Hill University* em *Syracuse, NY*. É usado principalmente para jogos de futebol e basquete e também para concertos.



com um calafrio. Chamá-la-ia? Estava tão nervosa ante a possibilidade de voltar a vê-lo que mal tinha tocado seu jantar.

Tinha pedido a LaToya que lhe telefonasse a noite anterior. Se supunha que LaToya devia lhe transmitir o seu novo número de móvel e lhe indicar que a chamasse essa noite. Lara tinha parecido um molho de nervos todo o dia.

Maldito fora esse homem! Ela tinha feito todo o possível por tirá-lo o da cabeça. E do coração. Tinha-se enfrascado nos preparativos de sua missão. Horas de artes marciais, musculação e treinamento para lutar com o estresse e enfrentar-se ao cérebro criminal. Mesmo assim, Jack se tinha coado em seus pensamentos. Agora que todos os músculos de seu corpo lhe doíam devido às exaustivas sessões de pesos, seguia notando a dor em seu coração.

Decidiu que era um pouco parecido ao duelo. Tinha perdido ao homem que teria podido ser o amor de sua vida.

Ao princípio, tinha a negação. Os vampiros não existiam, e o pobre Jack simplesmente estava louco. Não podia ser um vampiro. Não se comportava como um monstro; certamente, não beijava como um monstro nem fazia amor como um monstro. Mas ela se negava a pensar nisso. A negação tinha dado bons resultados. Durante umas duas horas.

Depois, o aborrecimento se tinha apoderado dela, e se tinha convertido em raiva. Como podia ser que ninguém tivesse sabido da existência de semelhantes monstros durante séculos? E como demônios poderia se ter apaixonado por um? Como podia ter passado por cima de todos os sinais? E como se atrevia Jack a assediá-la como se a relação entre eles fora realmente possível?

Então Lara se recordou da Shanna e de seus preciosos filhos. Mas como podia alguém casar-se com um monstro que se alimentava de pessoas? Por outro lado, tinha que reconhecer que Jack nunca tinha tentado alimentar-se dela. Sempre se tinha comportado como um perfeito cavalheiro. Bom, mas bem como um cavalheiro peralta que no fundo era um *Casanova*. As poucas vezes que ela o tinha visto beber, certamente se tratava de sangue sintético. Significava isso que não gostava de morder às pessoas?

De repente, Lara teve uma revelação. Talvez tivessem transformado ao Jack contra sua vontade. Possivelmente fora uma vítima, como as pobres garotas raptadas pelo Apolo. Ao melhor se tinha visto obrigado a morder às pessoas durante anos só para sobreviver. Por isso fazia tantas referências aos *nove círculos do inferno*? Estava apanhado em uma vida infernal.

Lara meneou a cabeça enquanto entrava no *Day Hall*. Não podia permitir-se o luxo de sentir lástima pelo Jack. Ele tinha mais de duzentos anos, assim obviamente tinha mordido a muita gente. Deveria compadecer-se de suas vítimas, não dele.

Subiu a um elevador e pulsou o botão do oitavo piso. *Genial!* Um casal se beijava no rincão do fundo. Lara lhes deu as costas e tentou fechar os ouvidos aos gemidos de paixão. Veio-lhe à memória uma lembrança fugaz de sua viagem de elevador até o alto do *Campanile* em Veneza. Jack tinha estado tão romântico, tão doce... por que não podia ser um tipo normal? “Ter-

Este é o maior estádio em cúpula do nordeste do país e da NCAA e também a maior sala de basquete universitário no país antes da Arena Thompson-Boling (24,535 lugares) de Knoxville. O estádio é a casa de equipes de futebol americano, basquete e lacrosse da Universidade de Syracuse, Syracuse University Orange. Sua capacidade é de cerca de 50.000 lugares (49,262 lugares) na configuração de futebol, 33.000 assentos de configuração no basquete e 39.000 para shows.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



te-ia *fascinado tanto se fosse um tipo normal? Ter-te-ia apaixonado por ele?*”

— Não estou apaixonada — balbuciou, e o elevador se deteve com uma sacudida no quinto andar.

— Pois busca a outro! — Disse a jovem com uma gargalhada, enquanto saía do elevador com seu noivo.

Lara soltou um grunhido e apertou o botão para fechar as portas. Que procurasse a outro? Ninguém chegava ao Jack nem à sola do sapato. Nenhum outro homem tinha essa combinação de astúcia, encanto antigo e esse atrativo que fazia água na boca. Seus poderes insólitos e o halo de mistério que o envolvia a tinham intrigado profundamente. Até que ela se tinha informado da verdade.

As lágrimas contidas lhe nublaram a vista quando recordou a expressão em seu rosto a última vez que o tinha visto. Tinha-lhe gritado que partisse, e seus olhos tinham refletido uma dor e uma tristeza muito grandes. Pobre Jack!

Aaah! Já voltava a cair no mesmo. Jack não era um pobre cachorrinho abandonado. Era um vampiro. Saiu do elevador e avançou penosamente pelo corredor até ao quarto 843.

O problema estava em que, agora que era polícia secreta, dispunha de muito tempo para pensar. As coisas eram mais fáceis quando a unidade de operações especiais a mantinham ocupada. Tinham-lhe dado uma nova identidade: agora era *Lara Booker*. Tudo estava preparado. Seu trabalho só consistia em jogar uma olhada aos painéis de anúncios das vinte residências estudantis disseminadas naquele enorme campus. Esperava que aparecesse um folheto do Apolo.

O FBI tinha chegado à conclusão de que a *Universidade do Syracuse* era o cenário mais provável para o próximo ataque do Apolo. Mesmo assim, queriam cobrir todas as possibilidades. Quando o folheto aparecesse, ordenariam a Lara que entrasse em ação. Ela assistiria ao seminário.

Mas e se Jack tinha razão e sua imunidade ao controle mental resultava contraproducente para ela? Era um problema que não pudesse discutir com os de operações especiais. Como ia falar lhes de vampiros que controlavam a mente? O único que a compreenderia seria seu amigo e vizinho, o vampiro controlador de mentes Jack.

O pulso lhe acelerou quando entrou no quarto e fechou a porta com chave. Jack demoraria muito a chamá-la? Iria vê-la? Seguia querendo-a?

Não! Ela se negava a pensar no amor. Aceitaria sua ajuda e logo lhe diria adeus. Mas e se Jack a olhava com aquela dor e aquela tristeza em seus preciosos olhos? Ela não suportava a ideia de lhe fazer dano.

“Nem todos somos maus”, havia-lhe dito ele.

Lara se inclinou sobre a mesa para jogar uma olhada ao exterior por entre as persianas. O sol se tinha posto por completo. Tirou seu telefone móvel novo da bolsa e o depositou sobre a mesa. Ficou olhando-o, desejando que soasse.

Se Jack lhe havia dito a verdade, talvez houvesse vampiros bons e vampiros maus. Tentavam os bons manter a raia aos maus? Segundo LaToya, Jack tentava encontrar ao Apolo, mas no momento não o tinha conseguido.

Lara começou a caminhar de um lado ao outro do quarto. O maldito telefone não soaria enquanto ela estivesse olhando-o. *O que estaria fazendo Jack? Bebendo sangue sintético?*



Tomando uma ducha? Vestindo-se? Queria-a ainda?

O telefone soou. Ela deu a volta rapidamente para ele. Jack. Aproximou-se devagar, deixando que soasse outra vez.

— Diga?

— Lara.

O som de sua voz a reconfortou como um banho de água quente, e ela desejava permanecer inundada nele durante horas. Mentalmente, se salpicou água fria em cima. Aquela era exclusivamente uma conversação de trabalho.

— Olá, Jack. LaToya me falou de sua oferta de me ajudar a escutar vozes psíquicas. Estou disposta a aprender, se você estiver disponível.

Fez-se uma pausa. Lara se perguntou o que ele estaria pensando.

— Estou livre as próximas duas horas — disse ele por fim. — Poderíamos começar já.

Lara suspirou, aliviada. Ele também mantinha uma atitude formal.

Graças a Deus!

— Um momento, por favor. Consultarei minha agenda. — Baixou a vista à mesa vazia e tamborilou com os dedos sobre a superfície de madeira. Um, pin, dois, pin. — Sim, estamos com sorte. Posso te dedicar um momento esta noite. Temos que fazê-lo em pessoa?

— Sim.

Ela franziu o sobrecenho. A voz do telefone tinha um eco estranho.

— Pode desligar — lhe disse ele.

— Como diz? — Ouviu um estalo a suas costas e se voltou. — Ah! — O móvel caiu sobre a carpete.

Com um pequeno sorriso, ele deslizou seu telefone fechado em um bolso de sua jaqueta de couro negro. Seu olhar se posou na mesa nua.

— É todo um detalhe por sua parte me ter feito um lugar em sua agenda.

Ela recolheu o móvel do chão e o colocou em cima da mesa.

— Não deveria aparecer às pessoas tão de repente.

— Acreditava que me esperava. — Se aproximou da Lara, que se separou de um salto.

Ele se deteve por uns instantes, com o cenho franzido, e passou junto a ela em direção à mesa. Com um gemido afogado, ela se apercebeu que se dirigia à mesa desde o começo.

Jack jogou uma olhada entre as persianas.

— Esta é a *Universidade do Syracuse*?

— Sim. *Day Hall*. A garota a que Apolo sequestrou aqui em agosto vivia nesta mesma residência.

— Recorda-a alguém? — Perguntou Jack. — Sua companheira de apartamento segue aqui?

— Sua companheira se licenciou em dezembro. Fiz minhas próprias indagações, mas todo mundo acredita que a garota desaparecida deixou os estudos e partiu para casa. — Lara se apoiou no bordo da estreita cama que tinha aproximada à parede. — Nunca chegou a casa.

Jack ia e vinha pelo diminuto quarto. Lançava lhe algum e outro olhar furtivo, esperando que ele não a pegasse contemplando seu andar ágil e elegante, ou suas largas costas.

— Há alguma maneira de te convencer para que abandone? — Perguntou.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



Ela elevou o queixo.

— Não sou das que deixam as coisas pela metade.

— Está segura? — Resmungou ele entre dentes, sem deixar de caminhar de um lado ao outro.

Aludia à relação entre ambos? As bochechas da Lara avermelharam de indignação. Ele era um vampiro de duzentos anos, pelo amor de Deus. Por acaso isso devia fazer uma ilusão especial?

— Eu tampouco deixo as coisas pela metade. — Tirou a jaqueta de couro e a pendurou no respaldo da cadeira do escritório. — Encontrarei ao Apolo antes que você cometa alguma tolice.

— OH, obrigada por seu voto de confiança! — Olhou-o com expressão assassina.

Sustentou-lhe o olhar enquanto se sentava.

— É bastante dura de cortar para ser uma mortal, mas isso te servirá de pouco frente a um vampiro.

Ela apartou a vista.

— Exato. Por isso não deveria me achar nunca frente a um vampiro.

— Começemos de uma vez — disse ele, com a voz tensa.

— Por mim, tudo bem. — Deu-lhe as costas e entrelaçou as mãos sobre o regaço. — O que tenho que fazer?

— Nada. Eu farei todo o trabalho, mas você procura estar... receptiva comigo.

Lara apertou as mãos.

— De acordo.

Ele se inclinou para diante com os cotovelos apoiados nas coxas e a estudou com atenção. Os reflexos dourados de seus olhos pareciam crescer até que toda a íris despendia uma cintilação amarelada.

Lara olhou em outra direção, incômoda ante a energia selvagem que irradiava seu olhar. Pareceu-lhe que fazia um calor insuportável na habitação e começou a notar um formigamento por toda a pele, sobre tudo nos peitos. De repente, a comichão tomou rumo ao sul. Lara juntou as pernas com força. De repente estava desesperada por sentir a um homem em seu interior. Não a qualquer homem. Ao Jack.

— Nota-o? — Sussurrou ele.

Ela tragou saliva. Agora ao Jack os olhos brilhavam de verdade.

— O que está fazendo? — Perguntou Lara.

— Aumentando a intensidade. Assim é como um vampiro ganha às pessoas.

Ficou rígida.

— Para poder mordê-la?

— Não mordi a uma mulher desde 1987, quando se introduziu o sangue sintético.

— Que considerável de sua parte! — Ergueu a testa e olhou ao outro lado do quarto com ar despreocupado. — Deve estar um pouco oxidado, porque não notei grande coisa.

— Talvez o que se passa é que é insensível.

Cravou-lhe um olhar de irritação. A Jack lhe tremeu ligeiramente os lábios.

— Notaste-o. O coração te pulsa a toda pressa. Sua temperatura aumentou. Noto o calor que desprende como...



— Muito bem. — Ela apertou os dentes. — Todo isto tem algum sentido? Acreditava que íamos centrar-nos em escutar vozes.

— Intento avaliar suas capacidades. Seu sentido do tato parece funcionar corretamente. Parece-me que é só seu ouvido o que não está bem.

Uma rajada de ar frio por pouco empurra a Lara de costas, que em seguida se endireitou com um calafrio.

— Isso o notaste. — Observou-a com atenção.

— Sim. — O ar frio formou redemoinhos a seu redor, deslizando brincos gélidos sobre sua testa. — Tenta penetrar em minha mente?

Ele assentiu com a cabeça.

— Normalmente já estaria dentro a estas alturas.

Ela enrugou o nariz.

— Suponho que não faz que a gente cacareje e faça o baile do frango, verdade?

Agora era ele quem a olhava com irritação.

— Mas é que não ouve nada?

Lara fechou os olhos e se concentrou. Ouviu um zumbido atrás de suas orelhas que soava como as interferências de uma rádio.

— Está-me dizendo algo agora?

— Sim.

Ela se perguntou o que seria. Apertou os olhos com mais força, franzindo o sobrecenho, com toda sua concentração. O zumbido lhe chegou mais alto e masculino, mais parecido à voz de Jack, mas não conseguia distinguir as palavras. Suspirou e abriu os olhos.

— Isto não dá resultado. O único que ouço é um zumbido.

Os lábios do Jack se curvaram para cima.

— Gostou?

— Não. — Ela o olhou carrancuda. — É como ter um aporrinho de mosquito dentro da cabeça.

— Malditos chupa-sangues! Odeio-os.

— Isso não é como o que diz a frigideira à chaleira?

Ele sorriu devagar e se inclinou para ela.

— Tenho que te tocar. Agora.

Ela tragou saliva.

— Eu... mas...

— Na cabeça — explicou ele, sem deixar de sorrir. — Para estabelecer uma conexão mais forte.

— Ah, bom! — Lara se recordou nesse momento de como ele havia tocado a cabeça a Megan para liberar suas lembranças reprimidas. — Suponho que não passa nada.

O pulso lhe acelerou quando ele se sentou a seu lado na cama. O ar gélido formou redemoinhos ao redor dela, lhe roçando a pele e lhe pondo a pele de galinha. Estremeceu.

Jack lhe posou uma mão em cima da cabeça.

— Te concentre.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Lara fechou os olhos, e o zumbido retornou. Agora soava profundo e masculino. Ricocheteava de um ouvido ao outro em uma confusão de palavras que ela não podia isolar. Quanto mais se esforçava, mais lhe palpitavam as têmporas.

— Pode me ouvir? — Sussurrou ele.

Lara meneou a cabeça.

Os dedos de Jack apertaram com mais força, cravando-se no couro cabeludo.

Ela notou uma pontada repentina de dor, como se lhe tivessem espetado uma adaga glacial entre os olhos. Com um grito afogado, caiu para trás, rompendo o contato.

— Ai! — Se esfregou a testa. — Que demônios foi isso?

— Usei muita energia. Sinto muito.

— Só é uma enxaqueca. — Massageou-se nas têmporas palpitantes. — Valerá a pena se me ajudar a me manter com vida.

— Eu faria o que fora por te manter com vida.

— Pois já somos dois. — Ela se tornou para trás na cama para apoiar as costas contra a parede. Fechou os olhos e respirou fundo, tratando de obrigar a sua dor de cabeça a remeter.

“Sigo apaixonado por ti.”

Os olhos de Lara se abriram de repente.

— Não deveríamos falar disso.

— Eu não disse nada.

— Mas... — Teria jurado que o tinha ouvido falar. Ou era só que tinha acreditado escutar o que desejava escutar? Cortou lhe a respiração quando se deu conta do que tinha passado.

Tinha escutado os pensamentos de Jack. *Seguia apaixonado por ela!* Antes que a ela ocorresse uma resposta, a mente lhe encheu de interferências. As palpitações se incrementaram, e então distinguiu algumas palavras.

“... ouve-me?”

— Escutei o final da frase. — Olhou-o com apreensão. — Você pode ouvir meus pensamentos?

Ele negou com um leve gesto da cabeça.

— Não muito bem. Mais que nada, noto sua dor.

— OH, sinto muito! — Embora era um grande alívio para ela que ele não pudesse lhe ler a mente, não queria que soubesse que ela ainda o queria. *“Nem sequer pense nisso. Pensa em elefantes rosa.”* Fez uma careta de dor quando o maldito elefante cruzou galopando seu cérebro.

Ao menos, o ar frio se tinha dissipado. Isso devia querer dizer que Jack tinha desistido de seu intento de comunicar-se telepaticamente com ela.

Lara assinalou a mesa.

— Tenho aspirinas na bolsa.

Pelo visto, a ele captava as indiretas. Levantou-se de um salto e deu a bolsa a Lara.

— Quer algo de beber?

— Sim. Há uma máquina vendedora no corredor.

— Em seguida volto. — E saiu do quarto.

— Aaah! — Lara se desabou na cama. O incrível pensamento do Jack seguia ressonando



dentro de sua dolorida cabeça. “*Sigo apaixonado por ti.*” O que podia fazer? O homem mais maravilhoso da terra a amava, mas era um vampiro.

Assim recostada, a cabeça lhe doía até mais, assim se incorporou. Tirou o frasco de aspirinas de sua bolsa e lutou com a tampa a prova de meninos. Maldição! Teria podido abrir se não lhe tremessem as mãos. “*Sigo apaixonado por ti.*”

Jack voltou sigilosamente para o quarto com um refresco dietético e uma garrafinha de água.

— Não sabia qual dos dois preferiria.

O mundo tinha que ser um lugar do mais estranho se o homem mais considerado que tinha conhecido na vida era um vampiro.

— Tomarei água, obrigado. — Levou duas aspirinas à boca e bebeu.

Deixou o refresco sobre a mesa. “*Fala sobre algo inócuo.*”

— Bom... e os vampiros ficam doentes alguma vez?

— Vemos as estrelas quando nos tiram sangue — respondeu ele em voz baixa. — Nos podem envenenar, queimar ou ferir, mas normalmente nos recuperamos durante nosso sono mortal.

— Sono mortal? — Ela fez o gesto, que endireitou em seguida porque lhe doía muito. — Ou seja que realmente está morto quando dorme?

Dirigiu-lhe um olhar irônico.

— Por algo nos chamam mortos vivos.

Lara sentiu um calafrio. Agora entendia por que ele nunca devolvia suas chamadas durante o dia. Não era por descortesia, mas sim porque estava morto. Uma desculpa bastante boa, embora a horrorizava imaginá-lo morto.

— E agora está totalmente vivo?

Ele apertou os lábios com irritação.

— Ouviste os batimentos de meu coração. Agora mesmo estou tão vivo como qualquer mortal. E, se por acaso o tinha esquecido, estou em plena forma.

Ela apartou a vista para evitar lhe olhar os jeans. Tinha apalpado uma ereção ali várias vezes. Tinha chegado o momento de trocar de tema.

— Assim... de verdade é o filho *de Casanova*?

Jack franziu até mais o sobrecenho.

— Sim.

Lara se tinha apaixonado por um autêntico *Casanova*.

— Por que não utiliza o sobrenome *Casanova*?

Ele se revolveu em sua cadeira.

— Encontra-te melhor?

— Não muito. — Lara se perguntou por que se teria desviado do assunto. — Não me respondeste... — Se interrompeu quando lhe tirou de repente uma de suas sapatilhas de esporte. — O que está fazendo?

Tirou-lhe a outra sapatilha, e depois as meias.

— Está dolorida. Quero te ajudar a relaxar. — Arrastou a cadeira para diante para que ela



pudesse apoiar os pés sobre seus joelhos.

Ela reprimiu um gemido quando lhe massageou a solas dos pés com os polegares. Aquilo era muito agradável. Os pés lhe doíam porque tinha chutado todo o campus procurando o folheto do Apolo nas distintas residências universitárias.

— Alguma vez tinha tido esse problema? Refiro-me ao de não poder ler a mente a alguém.

— Não, nunca tive esse problema salvo contigo. — Estirou lhe com delicadeza cada um dos dedos dos pés. — Acredito que tem algo que ver com o acidente de tráfico que sofreu.

Ela fez um gesto de surpresa.

— Sabe do acidente?

Ele assentiu com a cabeça e dirigiu sua atenção ao outro pé.

— Li um artigo de imprensa sobre isso na *Internet*. Sinto muito todo o sofrimento que teve que passar.

— Obrigada. — Seu sofrimento atual estava remetendo; a massagem de pés do Jack estava obrando maravilhas. *“Poderia tocar algo mais que os pés.”* Em seguida afugentou esse pensamento rebelde. Graças a Deus que não lhe lia a mente nesse momento. — Passei uma semana em coma. Não acreditavam que fora a sobreviver.

Jack continuou com a massagem.

— É uma lutadora. Esse rasgo teu me parece admirável.

Ele a admirava? Ouvir isso lhe resultou até mais agradável que a massagem de pés. E a massagem era condenadamente agradável.

— O acidente me trocou a vida. Esteve a ponto de me matar, mas, curiosamente, em certo sentido, foi o melhor que poderia me ter passado.

As mãos do Jack se imobilizaram.

— Como é isso?

Dedicou-lhe um irônico sorriso.

— Frustrou os planos de dominação mundial de minha mãe. Ela queria que eu fora *Miss Luisiana*, logo *Miss Estados Unidos* e depois, é óbvio, *Miss Universo*.

Ele reatou a massagem.

— Não era isso o que você queria?

— Não conhecia alternativas melhores. Desde que aprendi a caminhar, minha mãe me inscrevia em concursos de beleza. Aos quatro anos, ganhei o prestigioso título de *Pequena Miss Lagostim*.

— Lagostim? — Perguntou ele com uma careta.

— É um crustáceo de rio. — Como Jack seguia parecendo confuso, ela agitou a mão para subtrair importância ao assunto. — Dá igual. Basta dizendo que minha mãe está louca. Tem cinquenta e dois anos e segue participando em concursos. Se não encontrar um ao que participar, se inventa um, *como Miss Nova Orleans Tamanho Supergrande*. Inclusive leva um diadema para ir às compras.

— Que... curioso! — Jack lhe deslizou uma mão baixo das folgadas calças de grandes bolsos para lhe massagear a panturrilha.

Lara exalou um suspiro de prazer. Doíam-lhe as pernas desde que o FBI tinha tentado matá-



la com sessões maratoneanas de exercício. Perguntou-se por que estava contando ao Jack a história de sua vida; mas escutava tão bem, e sem falar das mensagens, e ela optou por seguir falando.

— Mamãe se emocionou muito quando ganhei o título de *Miss Luisiana Adolescente*. Mas depois de quatorze anos de concursos de beleza, queria deixá-lo já. Mamãe ficava como uma fera cada vez que eu falava de arrojá-la a toalha, assim que me assegurei de dar ao traste com minha carreira de rainha de beleza.

Jack passou à outra panturrilha.

— O que fez?

— Quando tinha dezenove anos, fui finalista na competição de *Miss Luisiana*. Chegou o momento em que me fizeram uma pergunta no cenário. Em geral, são coisas como o que pediria para o mundo e a resposta habitual é a paz mundial.

Jack sorriu.

— E você o que disse?

— Que queria incrementar a aplicação da pena capital. Opinei que seria muito divertido que toda a comunidade se juntasse para presenciar um bom enforcamento como os de antes.

Jack soltou uma risada.

— Menina má!

Lara sorriu de orelha a orelha.

— Deveria ter visto a cara dos membros do jurado. A minha mãe inclusive escapou um chiado. Obviamente, fiquei quinta entre as cinco finalistas. Minha mãe ficou histérica. Insistiu em que era muito humilhante que me vissem no hotel, assim que essa noite voltamos para casa de carro.

As mãos do Jack deixaram de mover-se.

— Foi então quando ocorreu?

Lara assentiu.

— Estava escuro, e discutíamos tão acaloradamente que não vimos o caminhão. — Fechou os olhos, agradecida por não ter lembranças próprias do acidente. A cama tremeu ligeiramente, e ela abriu os olhos. Jack se tinha sentado a seu lado no colchão.

— Deve ter sido aterrador — sussurrou.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Mamãe sofreu fraturas múltiplas. Eu rompi um braço e um golpe bastante forte na cabeça.

— Sinto-o muito. — Jack lhe acariciou o cabelo, que agora lhe cobria as cicatrizes.

Os olhos da Lara se empanaram de lágrimas.

— A primeira coisa que ouvi ao despertar do coma foi a minha mãe falando com o meu pai. Disse-lhe que dava graças a Deus que eu tivesse sofrido danos na cabeça e não na cara.

Jack respirou fundo.

— Cara mia, isso é terrível.

— Justo nesse momento soube que nunca mais devia voltar a participar em um concurso de beleza. Queria abrir passo na vida com a cabeça e não com minha cara. — Lara piscou para conter as lágrimas. — Infelizmente, minha cabeça não funcionava muito bem. Já não sabia ler nem



escrever.

Jack se inclinou para ela.

— Teve que voltar a aprender de zero?

Ela assentiu.

— LaToya estava no mesmo quarto de hospital que eu. Assim nos conhecemos. Ela trabalhava em uma loja quando entrou um assaltante armado que lhe disparou no ombro. As duas coincidimos em fisioterapia, assim também decidimos exercitar juntas nossa mente. Sua compreensão leitora não era especialmente boa, mas sim muito superior à minha, e me ajudar a fazia sentir bem. Dizia que, se eu podia me romper os chifres, ela também.

Jack sorriu.

— Assim é como se converteu em sua melhor amiga.

— Sim. Trabalhávamos juntas todos os dias, e ao cabo de uns meses líamos uma à outra livros do Nancy Drew e resolvíamos os mistérios. Passamos a livros cada vez mais difíceis até que decidimos ser policiais para pegar aos maus e fazer do mundo um lugar melhor. Assim aqui estamos.

— É incrível! — Sussurrou Jack. — Nunca tinha conhecido uma mulher tão incrível como você. — Agarrou-lhe a mão e a beijou.

Ela notou uma comichão na pele no ponto que haviam tocado seus lábios. Ele deu a volta a sua mão e lhe beijou a palma. A comichão se estendeu pelo braço até os peitos.

Quando ele elevou a vista e seus olhares se encontraram, aqueles olhos castanhos transmitiam uma expressão cálida e amorosa. Sem brilhos dourados, advertiu ela. Jack não utilizava seus poderes vampíricos para atraí-la. Só seu amor.

E isso era algo que ela desejava com todas suas forças.

Ele baixou o olhar para sua boca. Se não o parava naquele momento, jamais seria capaz de resistir.

Retirou a mão que lhe segurava e se afastou até o bordo da cama.

— Bom, acredito que já temos feito bastante por hoje. Dói-me muito a cabeça para continuar.

— Entendo. — Jack se levantou e voltou a vestir a jaqueta. — É uma honra para mim que me tenha contado sua história, mas não posso evitar me perguntar porquê. Embora talvez não o tivesse previsto, faz que tenha ainda mais vontade de estar contigo. Era sua intenção me dar isso?

Ela tragou saliva.

— Acredito... acredito que podemos ser amigos. Talvez.

— Pode ser amiga de um vampiro?

Ela baixou a vista e começou a tirar as bolinhas à colcha.

— Não quero parecer... sentenciosa. Não acredito que seja um mau vampiro.

— Vá, obrigado!

Ela notou que lhe acaloravam as bochechas.

— Ocorreu-me que talvez o atacasse e o transformaram contra sua vontade. — Dirigiu-lhe um olhar de esperança. — Foi isso o que ocorreu? — *“Por favor, me diga que não queria ser um monstro.”*



Ele se deslizou uma mão pelo cabelo.

— Preferiria não falar disso, mas sim, atacaram-me. — Trocou a perna de apoio. — Seguimos amanhã de noite?

Tinha trocado de tema. Talvez quisesse lhe economizar detalhes horríveis. Depois de tudo, ela supunha que o tinham assassinado. Em certa forma. Não estava do todo segura de como se chegava a ser vampiro, mas não tinha dúvida de que não tinha sido agradável.

— Sim, vemo-nos amanhã de noite. Acredito que temos feito algum progresso.

Ele sorriu.

— Sim, eu também acredito. — E desapareceu.

Lara suspirou. O homem era muito tentador, mas também muito diferente. De verdade queria formar parte de seu mundo? Queria um noivo que estava morto durante o dia e que podia viver eternamente sem envelhecer? Isso em que lugar a deixava? Em sua opinião, só tinha duas opções com o Jack: podia envelhecer e acabar sozinha, esquecida e com o coração quebrado, ou podia permanecer para sempre a seu lado como uma vampiro mais.

Estremeceu-se. Como ia fazer isso? Como poderia ser detetive de polícia se se convertia em vampiro? Como ia renunciar à luz do dia, à boa comida e ao chocolate? Como ia ter uma família?

Não, devia tomar uma decisão sensata a respeito. Jack seria interessante como amigo, mas só como amigo.

Ela teria que amá-lo de longe.

Capítulo 20

Jack chegou ao Romatech de bom humor. Lara tinha escutado sua voz psíquica, e sabia que ele ainda a queria. Seu encontro tinha começado em um ambiente um pouco tenso, mas no final tinha-o deixado tocá-la e aliviá-la. Tinha compartilhado com ele momentos importantes de seu passado. Tinha-lhe devotado sua amizade. Isso significava com toda segurança que estava disposta a confiar nele. Com o tempo, sua relação evoluiria para algo mais profundo. Era uma mulher assombrosa. Tão forte, valente, ardilosa e formosa... Não tinha a menor dúvida de que Lara era sua mulher ideal.

Mas ainda corria perigo. O bom humor do Jack se evaporou enquanto caminhava a grandes passos longos para o escritório de segurança do MacKay. Tinha passado um mês, e ele não tinha feito mais que um intento frustrado atrás de outro para encontrar ao Apolo. Esticaram lhe os músculos e apertou os punhos. Em seu trabalho como investigador, não estava acostumado ao fracasso.

Admitia a contra gosto que, até o momento, não tinham conseguido dar com Casimir. Entretanto, o artilheiro líder dos Malcontents se trasladava constantemente de um lugar a outro. E o tal Apolo tinha uma base da que não se afastava muito. Era absurdo que não pudessem localizar a esse bode.

Ao entrar no despacho, encontrou o Phil sentado frente a secretária, estudando algo no



computador.

— Onde estão todos? — Se interessou Jack.

Phil nem sequer pestanejou ante o tom de raiva do Jack.

— Deduzo que sua reunião não foi muito boa.

— Foi boa, mas nos acaba o tempo. Onde está todo mundo?

— Robby ainda segue pistas na Europa. Disse que provavelmente se alojaria em sua casa.

— Bem. — Jack sempre oferecia seu *palazzo* como refúgio para os amigos vampiros que estavam de viagem. — E Connor?

— Connor e Phineas estão investigando um lugar de Ohio — continuou Phil, — e eu estive revisando todas as páginas Web que mencionam ao Apolo ou a um Deus do sol.

Jack começou a andar de um lado ao outro do despacho.

— Quantas pistas falsas seguimos?

— Umas cem — balbuciou Phil.

Jack pegou um murro à jaula de tecido metálico em que guardavam suas armas.

— Não deveria ser tão difícil. Há vampiros por todo mundo. Por que não podemos encontrar a este bode doente?

Phil se reclinou em sua cadeira, com o cenho franzido.

— Tenho uma teoria sobre isso.

— Ao diabo as teorias. Preciso resultados! — Jack caminhou para a porta. *Merda!* Tinha que controlar-se. A ira não ajudaria a Lara. — Ok, qual é a maldita teoria?

— Bom, agora que o pergunta — começou Phil, com os lábios torcidos em um gesto sarcástico, — fixei-me com os anos em que os vampiros tendem a instalar-se em zonas densamente povoadas. É óbvio, no passado, certamente convinha estar perto da fonte de alimento, e, quanta mais gente houvesse para morder, menos provável era que os descobrissem.

Jack seguiu andando de um lado a outro.

— Continua.

— Vocês também gostam de se juntar com outros vampiros. E sair muito de farra. Ao Jean-Luc não foi fácil adaptar-se a sua nova vida desde que teve que refugiar-se no campo. Acredito que se teria tornado louco a não ser pela Heather e sua família. Sei que foi duro para o Robby.

Jack assentiu.

— Mas aonde quer chegar?

— Se a guarida do Apolo está se separada de cidades ou povos, então não haverá vampiros por aí que se fixem nela. Nem tampouco muitos mortais. Por isso Apolo sequestra gente. Não tem outra fonte de alimento.

Jack suspirou. Certamente Phil tinha razão, mas agora parecia que suas possibilidades de encontrar ao Apolo eram mínimas.

Phil se inclinou para diante e apoiou os cotovelos sobre o escritório:

— Os troca-formas são justamente o contrário. Evitamos a civilização. Nós gostamos de vagar pelas zonas mais isoladas do mundo.

Jack se deteve.

— Acredita que uma manada de lobos poderia dar com o Apolo?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Acredito que vale a pena tentá-lo. Poderia pedir aos Chefes de Manada de todo o país que nos ajudassem. — Phil franziu o sobrecenho. — Ofereci-me a fazê-lo ontem à noite, mas Connor não gostou da ideia. Não queria envolver aos homens lobo em assuntos de vampiros.

Jack reatou suas idas e vindas. Entendia a reação de Connor. Durante séculos, vampiros e troca-formas tinham coexistido com uma atitude tensa de desconfiança mútua. Guardavam as distâncias com respeito a outros, receosos de que outra espécie soubesse de sua existência. Angus tinha tentado estender uma ponte oferecendo aos troca-formas postos de confiança bem remunerados.

Mesmo assim, Jack sabia que à maioria dos empregados mutantes no MacKay S&I os consideravam traidores a sua própria raça. Ao Howard as coisas foram melhor porque os ursos machos tendiam a ser uns solitários. Mas Phil era um lobo e, como tal, esperava formar parte de uma manada. Um lobo antissocial era um fenômeno estranho e perigoso.

— Os homens lobo nos ajudariam? — Perguntou Jack.

— Talvez. — Phil passou uma mão pela hirsuta cabeleira castanha. — A verdade é que gostariam que estivessem em dívida com eles.

— Ah! — Por isso Connor tinha negado. Não queria dever favores a uma manada de lobos. Mas Jack estava bastante desesperado para fazer um pacto com o diabo em caso de que fora necessário. — Peça-lhes ajuda. Faço-me responsável por toda dívida contraída.

— Escuta-me agora? — Voltou a perguntar Jack. Era quarta-feira de noite, e estava em sua terceira sessão com a Lara.

— Só alguma ao outra palavra solta — suspirou ela. — Isto é frustrante!

— Diga-me isso — resmungou Jack. Tinha depositado muitas esperanças na reunião da terça-feira, mas esta só tinha durado dez minutos porque a ela lhe doía muito a cabeça. Jack sabia de sua dor, pois ele também a percebia e detestava ser o causador.

— Quer uma aspirina? — Perguntou.

— Tomei uma antes que viesse. — Se friccionou as têmporas. — Ou já está fazendo efeito, ou estou melhorando nisto. Esta noite não me dói tanto.

— Isso está bem. Talvez seu cérebro se esteja adaptando. — Se sentou na cama, junto a ela. Ela não o olhou com expressão assustada ou receosa, coisa que ele interpretou como outro bom sinal. Estava-se adaptando a ele como pessoa.

Jack tinha que investigar algumas pistas mais tarde naquela mesma noite. Uma manada de lobos do oeste tinha avistado dois complexos de mortais isolados em *Wyoming* e *Montana*. Duidava que em nenhum dos dois lugares fosse encontrar nada. Estavam muito retirados, e os haviam descrito como cabanas de troncos. Mesmo assim, ele estava o bastante desesperado para procurar em qualquer parte.

— Não posso deixar que faça isto, Lara. Apolo poderia teletransportar-te a qualquer lugar, e eu nunca te encontraria.

Ela franziu o cenho.

— Levarei oculto um dispositivo de localização. Amanhã me entregarão isso.

— Pode perder o dispositivo de localização.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— O FBI é consciente disso. Têm planejado algo especial. — Olhou-o com gravidade. — Não há volta atrás, Jack.

— Sim que a há. Não posso permitir que o faça, por isso tenho um plano alternativo. Quando Apolo se apresente no seminário, Robby e eu o agarraremos e o teletransportaremos ao Romatech. Ali o encerraremos na sala chapeada.

Ela enrugou até mais o sobrecenho.

— E o que tem com as outras garotas? Temos que averiguar onde as tem.

— Obrigá-lo-emos a nos dizer isso.

Ela fez um gesto de desespero.

— Como?

— Privá-lo de sangue poderia dar resultado. Também podemos tentar fazer com o controle de sua mente.

Lara guardou silêncio durante um momento, enquanto refletia.

— Seu plano poderia funcionar, mas como o explicamos à polícia e ao FBI?

— Não o faremos. Apagaremos lhe a memória. — Quando ela se dispunha a protestar, ele acrescentou. — Não há escolha. Teletransportamos ao Apolo ou ele te teletransportará, os mortais não devem presenciá-lo. Certamente, não podemos permitir que descubram a guarida do Apolo. Se encontrarmos às garotas, enviá-las-emos a casa com a memória alterada. Temos que proteger o segredo da existência dos vampiros.

Lara se levantou da cama e caminhou para a porta. Deu meia volta e o olhou com raiva.

— Se fosse por ti, ninguém recordaria nada. Por que não fazer que Apolo pague por seus crimes?

— Acredite, pagará.

Ela colocou as mãos sobre os quadris.

— O que acontecerá com o trabalho duro que tive? Tudo terá sido em vão.

— Seguirá viva. Eu não diria tanto.

Lara o fulminou com o olhar.

— Treinei-me durante um mês para esta missão. Posso me encarregar dela.

— Não deixarei que esse bode te sequestre. Farei o que seja para te proteger.

Ela entrecerrou os olhos.

— Dá-me a impressão de que se preocupa mais proteger o valioso segredo dos vampiros.

Ele apertou os dentes.

— Isso é importante, certo, mas nada me importa mais que te proteger a ti. — *“Minha vida não teria sentido sem ti. Quero-te muito, merda!”*

Lara soltou um grito afogado.

— Não diga isso.

Jack ficou em pé.

— Ouviste meus pensamentos?

— Meu Deus! — Se levou uma mão à testa.

“Desejaria te atirar sobre a cama e te arrancar a roupa.”

— Não continue — advertiu ela com um olhar zangado.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Não há dúvida, está-me ouvindo — disse ele com um sorriso.

— Isso... talvez. — Se esfregou a testa. — Só um pouco.

“Vou morder-te os dedos dos pés e logo te beijarei toda a perna até chegar a...”

— Basta! — As bochechas dela ficaram rosadas de vergonha.

— Mas se ainda não tinha chegado à parte interessante.

Lara negou com a cabeça.

— Eu tento manter uma discussão decente contigo, e você põe-se a descrever um filme pornô dentro de minha cabeça.

Jack desviou brevemente a vista para a cama.

— Poderíamos torná-lo realidade.

— Dói-me a cabeça. — Cruzou os braços sobre o peito. — Acredito que deveria ir.

— Lara...

— Já não preciso verte até que tudo tenha terminado. Podemos considerar que as lições foram um êxito. Graças a ti, poderei escutar até o menor pensamento depravado do Apolo.

Jack a olhou com o cenho franzido. Tinha que tentar só mais uma coisa, só para certificar-se. Lançou a Lara uma quebra de onda de fria energia psíquica, e ela cambaleou para trás. *“Sou seu amo, e me obedecerá. Tire a roupa agora mesmo.”*

Ela soltou um bufo.

— Isso o queria.

Jack deu um passo para ela, aumentando a intensidade da energia. *“Está sob meu controle. Vais fazer-me amor.”*

Os olhos da Lara cintilaram com fúria.

— Vai, agora mesmo!

Ele respirou fundo e deixou que a energia se dissipasse.

— *Brava, bellissima.* Embora possa me escutar, é capaz de resistir ao controle vampírico. E isso é uma muito boa notícia.

Lara o olhou com receio.

— Era só uma prova?

Jack assentiu.

— Tinha que me assegurar.

Ela apartou a vista, mas não sem que ele se fixasse antes em seus olhos chorosos.

— Uma vez me disse que nunca recorreria a seus poderes para que me deitasse contigo. Acreditava que tinha quebrado essa promessa.

— Lara, eu jamais te forçaria ou te manipularia. É certo que desejo me deitar contigo; mas, por cima de tudo, desejo que me dê seu amor. Com inteira liberdade.

— Não posso fazer isso — sussurrou ela.

Ele caminhou para a mesa, notando o peso do desespero no peito. E se alguma vez conseguia conquistar o coração da Lara? Não podia obrigá-la a amá-lo. Entretanto, acontecesse o que acontecesse, mantê-la-lhe a salvo.

— Não deixarei que Apolo te sequestre — prometeu Jack.

Ela seguia desviando o olhar, com os braços cruzados e as costas encurvadas.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



Merda! Isto lhe estava doendo tanto como a ele.

— Adeus, Lara. — E se teletransportou a outro lugar.

— Não tem sentido que nos vejamos esta noite — disse Lara ao Jack quando ele a chamou na terça-feira. — Agradeço-te a ajuda, mas isso já está, e nem te ocorra teletransportar-te aqui enquanto te falo.

Merda! Conhecia-o muito bem.

— Levaremos a cabo o plano no sábado de noite. Vamos sequestrar ao Apolo.

— Não, não o farão! Jack, falo-te a sério. Mantenham-se à margem disto.

— Ainda não tem descoberto nenhum folheto? Apolo irá ao *Syracuse*?

— Não penso falar disto contigo. Juro-te que, se vir a ti ou a algum de seus amigos por aqui, detê-los-ei.

— Lara... — O tom prolongado indicava que lhe tinha desligado o telefone. *Mulher teimosa.* Pois bem, ele podia ser igual de teimoso.

Passou as horas seguintes investigando com o Phineas um complexo no *Colorado* que tinha informado uma manada de lobos. Resultou ser um acampamento de treinamento de obcecados pela sobrevivência. Quando retornaram ao Romatech, Robby tinha retornado da Europa. Jack convocou uma reunião para discutir os planos para sábado de noite.

Às três e meia da madrugada, teletransportou-se ao quarto da Lara na residência. Como já se tinha teletransportado ali antes, tinha a localização gravada em sua memória psíquica. Com sua visão superior a vislumbrou às escuras na habitação. Estava na cama, profundamente adormecida, tal como ele esperava.

Avançou com sigilo para a porta. Ele não tinha ido vê-la, a não ser comprovar se Apolo tinha fixado seu folheto no quadro de anúncios do salão de baixo.

Notou um assobio agudo, mas muito leve nos ouvidos. Esperou, e o assobio voltou a soar. *Que estranho!* Era como se, mais que ouvi-lo, sentiu-o. Tratava-se de uma pulsação periódica de energia. Jogou uma olhada à cama.

A pulsação procedia da Lara.

Jack a aproximou com cautela. O FBI devia lhe ter posto o dispositivo de localização. *Merda!* Se ele podia ouvir o maldito assobio, Apolo também poderia. Descobriria que as autoridades dos mortais iam por ele e teria a tentação de a matar imediatamente.

Jack se inclinou, concentrando-se para localizar o dispositivo. Ela não levava colar nem brincos. Tinham-no posto sob a pele?

Lara gemeu e se voltou de flanco, cara à parede. Seu cabelo espalhado sobre a bacia branca do travesseiro, espessa, ondulada e... Tocou-lhe o cabelo com delicadeza. Suaves e sedosos. Um momento. Havia uma mecha com um tato diferente. Áspero e alheio. Acariciou-lhe o cabelo de novo para assegurar-se. Teria que lhe cortar a mecha falsa antes do sábado.

— Hum! — Gemeu ela e se voltou até ficar estendida de barriga para cima.

Jack reprimiu um grunhido. A fina camiseta que ela levava deixava pouco à imaginação. Podia ver a redondeza de seus seios, e os mamilos, cada vez mais duros e eretos. Seria muito fácil penetrar em sua mente e propinar lhe uma sessão de sexo vampírico que nunca esqueceria. Ela o



desfrutaria tanto que lhe suplicaria que o fizesse de verdade.

Mas lhe tinha prometido não aproveitar-se de seus poderes de vampiro para meter-se em sua cama. *Merda!* A vida resultaria mais singela se pudesse ser um canalha como seu pai.

— Jack — murmurou ela.

Ele conteve o fôlego. Sentiu que o peso sobre seu coração diminuía um pouco. Talvez ainda ficasse uma possibilidade. *“Não me falhe, Lara. Sempre te querei.”*

Saiu para o corredor e se dirigiu a toda velocidade ao elevador. No piso de baixo foi ao quadro de anúncios, e ali estava: um folheto de cor rosa: *“Quer permanecer sempre jovem e formosa?”*

Jack telefonou para o escritório de segurança do Romatech.

— Temo-lo!

Capítulo 21

Lara não podia sacudir a sensação de ser um cordeiro a caminho do matadouro. Os dois agentes especiais lhe asseguraram que estava perfeitamente a salvo. Afirmaram que o dispositivo eletrônico de localização que ela levava no cabelo estava feito a prova de tolos.

Podia ser que uns parvos trabalhassem para o governo? Por algum motivo, Lara não se sentia tão segura. Já seria má sorte que Apolo decidisse de repente lhe dava tesão as mulheres calvas e lhe barbeasse toda a cabeça.

Além disso, como ia estar a salvo com um vampiro sequestrador? Seu treinamento em artes marciais não lhe serviria de nada contra a força e velocidade superiores do vampiro. Se ele tentava violá-la ou matá-la, poderia impedi-lo?

Quando chegou sábado de noite, lhe fez um nó no estômago. No edifício do Serviço de Estudantes, só estariam os dois tipos do FBI. Não queriam que houvesse ali uma presença policial grande que afugentasse ao Apolo.

Caminhava de um lado para o outro de seu quarto na residência. Jogou uma olhada ao relógio: oito da noite. Os policiais do FBI não demorariam para chegar ao edifício. Supunha-se que ela tinha que entrar ali sozinha, fingindo não conhecê-los. Devia ir direta à sala de aula 102 e fazer que a sequestrassem.

Haviam-lhe dito que isso não seria um problema. O sinal do dispositivo entretecido em seu cabelo seria captado via satélite. Poderiam localizá-la em qualquer lugar do mundo. Ela deixou de caminhar de um lado ao outro quando teve um pensamento horripilante: *poderiam localizá-la inclusive se estava morta.*

— Olá, Lara.

Com um grito afogado, ela deu a volta.

— Merda, Jack! O que lhe disse sobre aparecer assim às pessoas?

Ele sorriu.

— Estamos um pouco tensos, *bellissima?*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Isto não tem graça, Jack. — Ela não sabia se estrangulava ao arrumado uva sem semente ou lançava-se a seus braços. Embora lhe havia dito que não se apresentasse até que tudo tivesse terminado, se alegrava muito de vê-lo. Ao menos, lhe importava. Em troca, o FBI começava a fazê-la sentir como um membro dispensável da equipe.

Jack a olhou de cima abaixo.

— Encontra-te bem?

— Fabulosamente — mentiu. — O que faz aqui? — *“E como te atreve a ir tão sexy, todo vestido de negro”?*

— Esta noite vamos seguir adiante com nossos planos.

Ela decidiu seguir adiante e estrangulá-lo.

— Disse para não vos meterem nisto.

— Não à escolha, Lara. Acreditávamos que encontraríamos ao Apolo antes de hoje, mas não foi assim. Esta noite sabemos exatamente onde estará, assim temos que fazê-lo. É a melhor solução para todos.

Certamente tinha visto os folhetos cor rosa. Ela o olhou com o sobrececho franzido.

— O único que querem é manter a salvo o segredo vampírico.

— E te manter a ti a salvo. Não há ninguém mais importante para mim que você.

Ela não queria admitir o muito que tinha gostado de ouvi-lo dizer aquilo. E, na realidade, não tinha nada contra permanecer a salvo. Simplesmente a irritava a naturalidade com que ele tinha aparecido para anunciar que se encarregava de tudo.

— Será muito difícil que seu plano funcione. Há muita gente a par deste caso.

— Já está funcionando. Agora mesmo, Connor e Robby estão na delegacia de polícia do distrito vinte e seis. Entre os dois podem controlar facilmente mais de cem mentes de uma vez. Apagarão todos os pensamentos relacionados com o Apolo e todo rastro dele em papel ou em formato eletrônico.

Isto a irritou ainda mais. Acaso as mentes humanas eram tão fáceis de manipular pelos vampiros que estes podiam dominar cem de um golpe?

— O FBI também está ao corrente.

— Connor irá ali depois. — Jack se encolheu de ombros. — Levamos séculos fazendo coisas assim. Sabemos o que nós trazemos entre mãos.

Lara não tinha dúvida de que os amigos vampiros do Jack conseguissem sair-se com a sua. Tinha visto a eficácia com que ele tinha eliminado até o menor rastro da festa no *Hotel Plaza*.

— Antes de agarrar ao Apolo, há um cabo solto que devo atar. — Deu um passo para ela.

Lara retrocedeu e se chocou contra a mesa.

— Não te atreva a me apagar a memória.

Jack guardou silêncio por uns instantes.

— Nem me ocorreria tentá-lo. Quero que te lembre de Veneza e do que aconteceu.

Lara notou que algo lhe oprimia o peito. Ela tampouco queria esquecer.

Jack tirou umas tesouras do bolso da jaqueta.

— O problema é seu cabelo. Ou, melhor dizendo, o cabelo que não é teu.

— O que? — Como se tinha dado conta? O perito do FBI tinha utilizado uma cor idêntica ao



de seu cabelo.

Jack deu outro passo para ela.

— Sentir-me-ei muito mais tranquilo se não levar esse cabelo falso. Assim estará mais segura.

Ela se alisou com a mão a mecha artificial.

— É o único que me manterá em contato com o FBI.

— Não o necessita, Lara. Não irá a nenhum lugar. E, assim que terminemos com o FBI, eles já não saberão que tinham que rastrear seu sinal. Não recordarão quem é.

Lara estremeceu.

— Tomará as rédeas de tudo, sem importar se isso é o que quero ou não. Acreditava que é meu amigo.

Ele enrugou o sobrecenho.

— Sou seu amigo. Posso ouvir o dispositivo, Lara. Percebo a pulsação eletrônica. E, se eu posso Apolo também poderá.

Lhe Gelou o sangue. *Deus santo!* Que perto tinha estado de cair em uma armadilha mortal!

— Lhe teria tirado isso antes, mas não queria alertar ao FBI. — Jack segurou entre os dedos a mecha de cabelo sintético e o cortou numa tesourada. Atirou-o em cima da cama junto com as tesouras e, em seguida, atraiu a Lara para si.

Ela ficou tensa.

— O que faz?

— Me assegurar de ter tirado isso tudo. — Afundou a cara em seu cabelo. — Tem o pulso acelerado.

— Surpreendeste-me só isso.

Roçou-lhe o cabelo com a mão.

— Sei que está zangada. Espero que algum dia possa me perdoar.

Uma parte dela desejava fundir-se em seu abraço e lhe agradecer que a resgatasse de uma missão perigosa, mas a outra parte seguia desgostada porque ele se tinha encarregado de tudo contra sua vontade.

— Mais vale que encontrem às garotas desaparecidas.

— Encontrá-las-emos. — Deu-lhe um beijo na testa. — Diga a sua companheira que não fale disto com ninguém. Vocês duas são as únicas que recordarão.

Lara exalou um suspiro de alívio. Deixariam em paz a LaToya.

Jack a soltou e retrocedeu um passo.

— Este assunto terminou para ti, bellissima. Pode ir para casa. — E desapareceu.

Lara ficou olhando o espaço que ele acabava de deixar vazio.

— Está brincando? — Não podia abandonar agora. Queria ver como capturavam a esse monstro do Apolo.

Quinze minutos depois, entrou a grandes passos no edifício do Serviço de Estudantes. Passou junto ao comilão e se encaminhou para as salas de reuniões. Quando se aproximava do fundo do corredor principal, ouviu a voz do Jack dentro de sua cabeça.

“Voltarão para seus escritórios. Não conservarão nenhuma lembrança de ter estado aqui, no



Syracuse. Não recordarão ao Apolo nem a nenhuma de suas vítimas.”

Lara espreitou pela esquina e viu o Jack com os dois tipos do FBI. Olhou à direita e observou sala de aula 102. Robby estava sentado ao fundo do corredor em uma cadeira, fingindo ler um jornal. Tinha trocado sua saia escocesa por uns jeans gastos.

Ela voltou a dirigir a vista à esquerda. Jack tinha terminado com os dois tipos do FBI e falava com um homem negro. Outro vampiro?

Os do FBI puseram-se a andar devagar para a Lara, que se retirou e simulou inspecionar uma máquina vendedora. Quando os dois agentes especiais dobraram a esquina, ela os olhou com um sorriso. Eles assentiram e seguiram andando. *Merda!* Pelo visto, o FBI e a polícia estavam oficialmente fora do caso.

O negro dobrou a esquina e, ao passar, olhou-a de cima abaixo. Não devia saber quem era, porque não fez nenhum intento de falar com ela. Sentou-se no comilão, aparentemente observando as portas principais e laterais.

A Lara acelerou o coração. Em qualquer momento, Apolo entraria tranquilamente por uma daquelas portas. A menos que se teletransportasse para dentro, mais perto da sala de aula. Mas tanto Robby como Jack estavam no corredor, assim certamente o veriam.

Um grupo de garotas passou a seu lado, rindo e conversando. Três morenas e uma loira. Uma das morenas levava um folheto rosa na mão. Quando chegaram ao fundo do corredor principal, dobraram à direita. Lara supôs que se dirigiam à sala de aula 102, mas certamente não corriam perigo. Nenhuma delas tinha a cor de cabelo adequado.

— Ouça, vai ao seminário?

Lara deu a volta e viu outra jovem que segurava um folheto rosa com uma mão bem cuidada.

— Poderia ser divertido — acrescentou a jovem, sorrindo.

A Lara revolveu o estômago. A garota tinha o cabelo de uma cor vermelha intensa. Os do FBI tinham planejado evitar que outras ruivas assistissem ao seminário, mas não estavam ali para deter aquela garota.

— Duvido... duvido que valha a pena. Imagino que o único que querem é nos vender algo, já sabe.

A bonita ruiva encolheu os ombros.

— Pois eu ouvi que ao melhor dão amostras grátis. E vão sortear um prêmio importante. — Se afastou pelo corredor e virou à direita.

Lara resmungou para si. E se Jack e seus amigos não pegavam ao Apolo? Como vampiro, devia ser ultrarrápido. Podia teletransportar-se e levar à ruiva consigo.

Merda! Tinha que tirar a garota dali. Avançou com passo resolvido pelo corredor e girou à direita. A ruiva já tinha desaparecido dentro da sala de aula 102.

Lara não se surpreendeu quando Jack a agarrou pelo braço.

— O que faz aqui? — Sussurrou ele. — Te hei dito que fosse a casa.

— E o que te tem feito pensar que ia obedecer-te?

Ele pestanejou. Abriu a boca para responder, e logo a fechou com uma expressão confusa.

Lara sorriu. Tinha conseguido deixá-lo sem palavras.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



— Uma ruiva acaba de entrar na sala de aula. Vou tirá-la daí.

Jack a soltou com o cenho franzido.

— Vale, mas rápido. São quase as nove.

— Fá-lo-ei. E tenta de não chamar tanto a atenção. Tem mais pinta de guerreiro supermacho que de estudante universitário.

Jack ficou com o olhar iluminado.

— Seriamente?

Ela sacudiu a cabeça enquanto entrava na sala de aula 102. Havia uma tela gigante instalada em um extremo, frente a umas oito fileiras de assentos, em sua maioria vazias. Dois grupos de garotas estavam sentadas nas primeiras quatro filas, tão enfrascadas em sua conversação que mal repararam na presença da Lara. Não havia uma só ruiva entre elas.

A que tinha visto antes estava sentada ao fundo, sozinha.

Sorriu a Lara quando esta aproximou.

— Alegra-me que tenha vindo. Quer te sentar? — Tocou o assento que tinha ao lado.

— Obrigada. — Lara se sentou, perguntando-se como ia tirar a garota da sala de aula. E se gritava “Fogo”!?

— Meu nome é Thina — disse a ruiva. — É um nome raro, sei. Acabo de chegar da Utica.

— Eu também sou nova aqui — respondeu Lara. — E morro de fome. Que tal se formos ao comilão a tomar algo?

— Isso soa bem. — Thina ficou de pé e jogou uma olhada à tela. — Uy! Parece que está a ponto de começar.

Lara se levantou e viu que alguém saía de detrás da tela: um homem alto e arrumado de cabelo curto e loiro e olhos muito azuis. Apolo. Levava um computador portátil.

— Vá! — Sussurrou Thina.

As garotas da sala de aula estavam muito ocupadas contemplando ao Apolo para darem-se conta de que não tinha entrado pela porta. Devia ter-se teletransportado detrás da tela. E isso significava que nem Jack nem Robby sabiam que tinha chegado.

Apolo se aproximou de uma mesa lateral e pôs o portátil em cima. Lara supôs que tinha nele a apresentação do PowerPoint.

Uma rajada de ar frio percorreu a sala de aula.

“Sou Apolo, e me obedecerão.” Passeou seu olhar azul intenso pelas garotas sentadas nas primeiras quatro filas, e logo o fixou nela e na Thina. Sorriu. Lara tragou saliva.

— Vamos daqui!

Algo atravessou a porta à velocidade do raio. Lara suspirou aliviada ao ver que Robby se dirigia para o Apolo, seguido de perto pelo Jack. Este se voltou para assegurar-se de que ela estivesse bem, mas nesse breve milissegundo Apolo agarrou seu computador e se teletransportou a outro lugar.

— Não! — Gritou Robby.

Lara soltou um grito afogado. Tudo tinha ocorrido muito depressa.

Ela mal começava a compreender que Jack tinha fracassado quando notou que alguém lhe aferrava o braço.



— O que...? — Tentou liberar-se, mas estava sujeita com muita força. Com a super força de um vampiro. *OH, Deus, não!* Apolo tinha um cúmplice.

— Vamos! — Murmurou Thina.

Lara ouviu gritar ao Jack justo antes que as trevas a envolvessem.

Lara cambaleou quando seus pés se posaram sobre o chão firme, e aproveitou o impulso para soltar-se da mão da Thina. Saltou para trás, em guarda e preparada para brigar. Devia ter bem presente que Thina mordia.

Por sorte, Thina não se equilibrou sobre ela. Limitou-se a olhar a Lara com desprezo, como se cheirasse mal.

Isso a Lara já estava bem. Enquanto Thina estava ocupada dando-se ares de superioridade, ela teve tempo de jogar uma olhada ao redor.

Habitação pequena. Paredes brancas. Dois homens que custodiavam a porta armados com espadas. *Má notícia.* Ambos tinham a expressão vazia, o qual indicava que estavam sob controle vampírico. *Muito má notícia.* Suas exíguas togas brancas deixavam ao descoberto um peito e umas pernas depiladas. Só havia uma porta, e nenhuma janela. Tampouco algum objeto que ela pudesse usar como arma. A possibilidade de escapar rapidamente parecia ficar descartada.

— É mais valente que a maioria dos mortais — comentou Thina com desdém. — Chegados a este ponto, começam a ajoelhar-se e chorar chamando a sua mãezinha.

Lara tragou saliva. Sua determinação por sobreviver a tinha feito esquecer que tinha que fingir estar assustada e desconcertada. Adotou uma expressão temerosa.

— Meu Deus! O que me tem feito? Onde estamos?

Thina sorriu, aparentemente satisfeita por aquela demonstração de medo.

— Em seu devido tempo, os que são considerados dignos lhe revelarão isso tudo.

Lara ficou com vontade de estampar a Thina uma patada em pleno sorriso arrogante.

— Poderia especificar um pouco mais? — Se voltou por volta dos dois guardas. — Ah, já entendo! É a festa de uma irmandade universitária! Aha, que togas mais fanfarronas! Por que não nos trazem umas cervejas?

— Silêncio! — Ordenou Thina. — De joelhos ante mim!

Lara olhou aos dois fornidos guardas.

— Já ouvistes a senhorita. Ponham-se de joelhos. — Piscou o olho. — Vejamos o que são capazes de fazer.

— Basta, donzela! — Os olhos da Thina relampejaram de fúria.

Lara inclinou a cabeça com ar confuso.

— É para mim?

Uma rajada de ar frio golpeou com força a Lara e a fez cambalear-se para trás. Uns pedaços de gelo invisíveis lhe cravaram a cabeça. Para seguir com vida, teria que seguir o jogo da Thina e fingir que estava sob seu controle. Apagou toda expressão de seu rosto. Teria que imitar aos guardas e não mostrar a menor emoção.

Thina se aproximou e lhe deu uma bofetada na cara.

Lara ficou imóvel, esforçando-se por não dar amostras de dor ou surpresa. Mesmo assim, não pôde evitar que os olhos se umedecessem um pouco.



Thina sorriu.

— Assim eu gosto! Agora, te ajoelhe ante mim! Agache-te até o chão!

Lara ficou de joelhos e se inclinou para diante até tocar com a testa o frio chão de pedra. De fato, estava melhor assim porque ocultava a cara.

— Sou Atena, filha do Zeus e Deusa da sabedoria. Deve te referir a mim como a Atena a mais sábia.

Lara enrugou o nariz. Aquela mulher falava a sério? Certamente, tinha um ego muito grande. *“Obedecera-me em tudo. Responde a minha ordem”.*

— Sim — respondeu Lara, apertando os dentes, — Atena a mais sábia. — Menos mal que Jack lhe tinha ensinado a escutar as vozes psíquicas vampíricas.

Então tomou consciência da terrível realidade de sua situação. Estava totalmente fodida. Não levava rastreadores. O FBI e a polícia nem sequer saberiam que tinham que procurá-la.

Jack a buscaria. Estaria desesperado tentando localizá-la. Ela se estremeceu ao imaginar-se quão angustiado devia estar. Não deveria ter entrado na sala de aula. Tinha cometido um grande engano ao tentar comportar-se com nobreza.

Bom, se ressarciria. O FBI a tinha treinado a fundo em técnicas efetivas de evasão. Não necessitava que um cavaleiro em reluzente armadura ou um vampiro em empanada armadura fossem em seu resgate. Sairia daquela confusão por si mesma.

— Obedecerá ao Apolo em tudo — anunciou Atena. — Referira-se a ele como *“meu senhor Apolo”*.

— Sim, Atena a mais sábia — murmurou Lara.

— Quando um guarda te dê uma ordem, obedecerá e dirá: *“Sim, amo”*.

— Sim, Atena a mais sábia. — Que centro de férias mais divertido. Ao menos, talvez pudesse conseguir uma boa depilação como a dos guardas. Outra rajada de ar frio golpeou a Lara, lhe pondo a pele de galinha nos braços.

A voz de Atena ressonou dentro de sua cabeça. *“Agora te transmitirei uma pequena porção de minha sabedoria.”*

Yupi! Lara esperou que aquilo não levasse muito tempo. Começavam a lhe doer os joelhos. O chão era duro como uma pedra; de fato, era de pedra, ou talvez de mármore. Branco e imaculado.

— Resgatei-te do plano de existência humana — anunciou Ateneu. — Já pode me agradecer. Lara pôs os olhos em branco.

— Obrigada, Atena a mais sábia. — *Deusa da roupa interior folgada*. Proporcionou-se a si mesma uma bofetada mentalmente. Devia ter mais cuidado com o que pensava, porque talvez Atena pudesse lhe ler a mente. *“Atena é a mais sábia.”*

— Trouxe-te para os *Campos Elísios* ³⁰ — Prosseguiu Atena. — Agora o reino dos mortais te

³⁰ Na mitologia grega, os Campos Elísios (em grego, Ἠλύσιον πέδιον, transl. Êlýsion pédion) é o paraíso, um lugar do mundo dos mortos governado por Hades, oposto ao Tártaro (lugar de eterno tormento e sofrimento). Nos Campos Elísios os homens virtuosos repousavam dignamente após a morte, rodeados por paisagens verdes e floridas, dançando e se divertindo noite e dia, descrição semelhante ao céu dos cristãos e muçulmanos. Neste lugar só entram as almas dos heróis, santos, sacerdotes, poetas e Deuses. As pessoas que residiam nos Campos Elísios tinham a oportunidade de regressar ao mundo dos vivos, coisa que só alguns conseguiam. Em algumas versões é cercado por um muro gigantesco parecido com o muro das lamentações para separá-lo do Tártaro. Certas versões obsoletas colocam o juiz Radamanto como cuidando dos campos elísios, e um de seus servos, seria Cronos, anteriormente o líder dos titãs, um Deus maligno e cruel, mesmo assim Cronos nunca incomodou ninguém no paraíso.



está proibido. Jamais poderá voltar para a Terra, entende-o?

— Sim, Atena a mais sábia. — *“É uma Deusa muito legal”*.

— Se tenta partir deste lugar, acabará no Hades, terra da tortura eterna. Se me contrariar ou ao Apolo, será enviada ao Hades.³¹ Desejas passar toda a eternidade no inferno?

— Não, Atena a mais sábia. — De modo que assim conseguiam que as outras garotas não tentassem escapar. Faziam-nas acreditar realmente que não tinham maneira de voltar para a Terra, e elas viviam temerosas de acabar no inferno.

— Agora é uma donzela. Não tem nome. Está aqui para servir aos Deuses, esse é seu único propósito.

Lara tragou saliva. Já se imaginava como queria Apolo que o servisse. O café da manhã na cama, com ela no cardápio. Não haveria nem manicuras nem massagens. Aquilo não era um centro de férias nem um SPA.

Era uma estranha seita de culto dos vampiros.

Capítulo 22

Jack atravessou de um murro a parede do fundo da sala de aula 102. As garotas universitárias começaram a gritar e se aproximaram umas das outras.

Robby o segurou pelo braço.

— Volta para o Romatech. Agora. Eu fico aqui para fazer limpeza.

Jack se soltou de um puxão.

— Falhei-lhe! Como pude lhe falhar?

— Controla-te, Jack. — Robby dirigiu o olhar à porta no momento em que Phineas entrava a toda velocidade. — Phineas, leve-a o de volta ao Romatech.

— Eu não parto daqui — grunhiu Jack.

Robby o aferrou no ombro.

— “Ela não está aqui.” — Sua expressão se suavizou. — A encontraremos, Jack.

— OH, merda! — Phineas se aproximou. — Apolo tem-na ...

— Assim é — o interrompeu Robby. — E agora, leve ao Jack daqui. Eu os alcanço logo.

— Não necessito uma babá. — Jack se desvaneceu no ar. Se teletransportou ao jardim do Romatech e arrancou um ramo a uma árvore despreparada.

Phineas se agachou, e o ramo passou roçando-lhe a cabeça.

Lá também havia um vale por onde corria o rio Lete, o rio do esquecimento, segunda algumas versões seus habitantes ficavam aqui 1000 anos até apagar-se tudo de terreno neles, depois disto esqueciam toda a sua vida (provavelmente bebendo do rio Lete) e reencarnavam ou realizavam metempsicose - reencarnar em animais.

³¹ Hades (em grego antigo: ᾍδης, transl. Hádēs), na mitologia grega, é o Deus do mundo inferior e dos mortos.

Equivalente ao Deus romano Plutão, que significa o rico e que era também um dos seus epítetos gregos, seu nome era usado frequentemente para designar tanto o Deus quanto o reino que governa, nos subterrâneos da Terra. Consta também ser chamado Serápis (Deus de obscura origem egípcia)

É considerado um Deus da “segunda geração” pelos estudiosos, oriundo que fora de Cronos (Saturno, na teogonia romana) e de Reia, formava com seus cinco irmãos os Crônidas: as mulheres Héstita, Deméter e Hera, e os homens Poseidon e Zeus.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Tio, sinto muito. Encontrá-la-emos, já verá.

Jack se dirigiu a passos longos à entrada do Romatech.

— Vou fazer pedaços do Apolo. — Rebuscou em seus bolsos seu cartão de identificação.

Merda! Tremiam-lhe as mãos.

— Já abro tio. — Phineas passou seu cartão pela ranhura e ativou o sensor de rastros digitais.

Jack deu a volta para escrutinar o bosque que rodeava Romatech. Lara podia estar em qualquer parte. *“Lara, Lara! Ouve-me?”*

— Caramba! Isso soou forte. — Phineas mantinha a porta aberta. — Que distância pode cobrir uma mensagem psíquica?

— Não mais de cento e cinquenta quilômetros ou assim. — Jack fechou os olhos e se concentrou. *Nada.* Ela não o ouvia.

Como podia ter falhado? Depois de lhe prometer uma e outra vez que a protegeria, tinha-lhe falhado. Tinha o coração apertado. *“Aguenta, Lara. Aguenta até que eu te encontre.”*

A história se repetia. Ele tinha falhado a seu primeiro amor, Beatrice. Não tinha permanecido a seu lado, e ela tinha morrido acreditando que ele a tinha abandonado. Agora tampouco estava ao lado da Lara.

Robby apareceu.

— Alterei a memória das garotas, mas não pude fazer grande coisa para arrumar o buraco na parede. — Avançou para eles. — A encontraremos, Jack.

— Sim, daremos com ela — conveio Phineas. — Estará bem, tio.

Jack se perguntou se as orações procedentes do *nono círculo do inferno* eram escutadas.

Lara seguia ajoelhada sobre o duro chão de mármore. Tentava distrair seus pensamentos do medo e da dor nos joelhos repassando mentalmente suas lições sobre evasões. Em primeiro lugar, precisava de informação. Não podia decidir aonde fugiria enquanto não soubesse onde estava.

Teria que procurar não meter-se em confusões e, com um pouco de sorte, manter-se livre de mordidas para conservar as energias. Devia procurar algum objeto que pudesse utilizar como arma e encontrar um meio de comunicar-se com o mundo exterior. Além disso, tinha que estudar os outros prisioneiros para comprovar se algum deles podia converter-se em seu aliado. Os guardas ficavam descartados. Pareciam lhes ter lavado completamente o cérebro, e estavam armados.

— Guardas! — Disse Atena. — Tragam-me duas donzelas.

— Sim, Atena a mais sábia — responderam ao unísono.

Lara inclinou ligeiramente a cabeça para olhar. Os guardas abriram a porta e saíram. As sandálias do mais alto emitiam chiados agudos cada dois passos.

Lara ouviu outras pegadas que se aproximavam.

— Atena! — Era Apolo.

Lara trágou com força. Esperava que não estivesse faminto.

Atena voltou a vista para ela.

— Você fique aqui.

— Sim, Atena a mais sábia. — *“É super sábia e genial”.*

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



Atena saiu da habitação.

— Sim, meu senhor Apolo?

Lara aguçou o ouvido para escutar a conversação. Não se incomodaram em baixar muito a voz. Ela supôs que não deviam considerá-la uma grande ameaça.

— Esses dois vampiros quase me pegam — resmungou Apolo. — Pareciam muito zangados.

— Devem ser uns desses estúpidos vampiros que bebem de garrafa — vaiou Atena. — Te juro que os odeio e odeio seus ares de superioridade moral, como se fossem muito melhores que nós. Temos todo o direito a comida fresca.

Lara fez uma careta. Faziam-na sentir como um hambúrguer sem o pão com sésamo.

— Dá-me a sensação de que me esperavam — disse Apolo. — Teremos que encontrar novos territórios de caça.

— Isso parece — respondeu Atena. — Há universidades por todo o nordeste.

Isto sim que era interessante. Deviam estar em algum lugar do Nordeste.

— Ao menos, a localização deste lugar segue sendo secreta — disse Apolo. — Não nos seguiram até aqui, assim obviamente não sabem onde estamos. E quanto à garota nova? Acredita que poderia estar colaborando com eles?

Atena soltou uma gargalhada.

— Nem pensar. Inclusive é mais parva que as outras.

Lara pôs os olhos em branco. *Fantástico!* Bom, podia seguir fingindo que não se inteirava de nada até que estivesse pronta para escapar.

— Bem — disse Apolo. — Prepara-a. Vou celebrar a *Cerimônia de Seleção* dentro de cinco minutos. — Se afastou a passo rápido.

Lara ouviu duas vozes femininas ao longe.

— Saudamos-lhe, meu senhor Apolo.

— Venham, donzelas — as chamou Atena e entrou na habitação. — Levanta-te, donzela.

Lara supôs que se referia a ela. Ficou em pé com rigidez e olhou a seu redor. Sobre sua cabeça havia uma lâmpada elétrica. *Só visto*, nos *Campos Elísios* havia eletricidade. As outras garotas deviam ter a mente totalmente obnubilada pelo controle vampírico para não dar se conta de que seguiam na terra.

A habitação estava vazia, salvo por um baú grande de madeira e uma prateleira repleta de togas pregadas. Não havia livros. Bom, quem necessitava livros tendo perto Atena a mais sábia?

Duas jovens ruivas entraram a toda pressa na habitação e fizeram uma reverência.

— Saudamos-lhe, Atena a mais sábia.

— Esta noite retornamos cedo com uma donzela nova — disse Atena. — A preparação para a *Cerimônia de Seleção*, que começará dentro de cinco minutos. — Saiu da habitação com atitude resolvida.

Lara reconheceu às duas garotas; tinha-as visto nas fotografias do caso. Uma era Vanessa Carlton, que tinha desaparecido na *Universidade de Columbia* em maio. A outra era Kristy Robinson, a quem tinha desaparecido na *Universidade de Nova Iorque* em abril. Era um alívio ver às duas com vida.

— Olá, meu nome é Lara.



Deram um coice e jogaram uma olhada à porta aberta.

Vanessa a fechou rapidamente.

— Meterá-te em confusões se te faz chamar por teu nome — sussurrou. — Somos donzelas.

Só dá um nome a quem se converte em uma *Escolhida*.

Kristy entrelaçou as mãos, sorrindo de orelha a orelha.

— E uma de nós será escolhida esta noite!

— O que me diz! — Lara fez uma ameaça de sorriso.

— Rápido! — Kristy correu para a prateleira. — Tire tudo menos a roupa interior. Temos que te vestir para a ocasião. — Retirou uma toga branca dobrada da prateleira e a sacudi para desdobrá-la.

Lara observou às duas garotas enquanto tirava os sapatos com patadas ao ar. Ambas levavam túnicas brancas largas grampeadas ao ombro esquerdo, de modo que o direito ficava nu. Duas tiras largas de linho branco eram unidas à túnica por debaixo dos braços. Envolviam o torso, se cruzavam sobre o abdômen e estavam atadas diante, à altura da cintura.

Lara tirou a camiseta e os Jeans.

— Vocês sabem onde estamos?

— Somos *donzelas* — repetiu Kristy. — A Atena a mais sábia não lhe explicou sapiente?

— Há-me dito algo sobre os Campos Elísios. — Lara se despojou das meias. — Não se referia aos *Champs Elysées de Paris*, verdade?

As garotas ficaram olhando-a, inexpressivas, e Vanessa se encurvou.

— É muito tarde para nós — disse. — Nunca poderemos voltar. — Os olhos lhe encheram de lágrimas. — Sinto falta da minha família e meus amigos.

— Não chore — vaiou Kristy. — Se não tem bom aspecto, não a escolherão. Além disso, algum dia voltará a ver sua família.

— Sim. — Vanessa franziu o sobrecenho. — Quando morram.

— Por que têm que esperar? — Perguntou Lara. — Poderíamos simplesmente partir e ir para casa.

— Não podemos partir para casa — gemeu Vanessa. — Estamos mortas!

— *Chis!* — Kristy a cravou com o dedo. — Vão ouvir. Já sabe que os Deuses têm um ouvido superagudo. — Olhou a Lara. — Faça o que faça, não irrite aos Deuses.

— Por quê? — Perguntou Lara. — O que nos podem fazer?

— São Deuses — sussurrou Vanessa. — Podem desvanecer-se e reaparecer. E têm superforças. Vi-os arrancar árvores do chão e lançar rochas como se fossem calhaus. Podem tomar o controlo de nossa mente e nos obrigar a fazer o que quiserem.

— Certo — assentiu Kristy. — Uma vez, um guarda fez zangar-se a Atena, e esta o obrigou a abrir-se com sua própria espada. Logo, Apolo usou seu sangue sagrado para curá-lo.

Vanessa sentiu um calafrio.

— Se os enfurecer muito podem te enviar ao Hades para sempre.

— Mas não é nossa intenção te assustar — disse Kristy. — Deve ser muito agradável se a trouxeram aqui.

Vanessa sorriu.



— Só a gente especial como nós pode gozar do privilégio de viver aqui e servir aos Deuses.

— E, se os agradar, pode te chamar *Escolhida* e te converter em Deusa — acrescentou Kristy com um amplo sorriso. — Rápido! A *Cerimônia de Seleção* começará logo.

Lara tirou o sutiã, e Vanessa lhe pôs a túnica branca pela cabeça. Enquanto Lara a alisava, Kristy utilizou o alfinete de bronze para lhe segurar a alça sobre o ombro esquerdo. Vanessa agarrou as tiras de linho e, com a ajuda da Kristy, enrolou-as em torno de Lara e as atou à altura da cintura.

O tangido forte de um gongo soou ao longe.

— OH, não! Estão começando. — Vanessa correu até a prateleira e agarrou umas sandálias de couro brancas. — Toma, ponha-as.

Lara se calçou enquanto Vanessa a ajudava a apertar as correias. Kristy recolheu toda a roupa que Lara tinha tirado e a jogou no baú de madeira.

— O que acontecerá nesta cerimônia? — Perguntou Lara.

— Apolo nomeará a uma nova *Escolhida* — explicou Vanessa. — Em geral, é uma donzela que está aqui há um tempo, assim não é provável que nos escolha.

Kristy se cavou sua larga cabeleira de cor mogno.

— Morro de vontades de que me toque.

Lara estremeceu. Provavelmente a *Escolhida* acabava convertendo-se em um jantar.

O gongo voltou a soar.

— Vamos. — Kristy agarrou um vestido vermelho da prateleira e abriu a porta.

— De certeza que estamos mortas? — Sussurrou Lara. — Me sinto muito emocionada para ser um cadáver.

Kristy sorriu.

— É emocionante, verdade? Estamos em um plano de existência totalmente distinto, e temos a oportunidade de viver entre os Deuses. Esmola para quê? Somos verdadeiramente afortunadas.

Mas bem, tinham-lhes lavado o cérebro. Cruzaram um vestibulo até chegar a uma ornamentada porta dupla. Abriram-na entre a Kristy e Vanessa, Lara soltou um grito afogado.

Era como o Partenon³², mas tudo novo e flamejante.

³² O Partenon ou Partenão (em grego antigo Παρθενών, transl. Parthenōn; em grego moderno Παρθενώνας, transl. Parthenónas) foi um templo da Deusa grega Atena, construído no século V a.C. na acrópole de Atenas. É o mais conhecido dos edifícios remanescentes da Grécia Antiga e foi ornado com o melhor da arquitetura grega. Suas esculturas decorativas são consideradas um dos pontos altos da arte grega.

O Partenon é um símbolo duradouro da Grécia e da democracia, e é visto como um dos maiores monumentos culturais do mundo. O nome Partenon parece derivar da monumental estátua de Atena Parthenos abrigada no salão leste da construção. Foi esculpida em marfim e ouro por Fídias e seu epíteto parthenos (em grego παρθένος, "virgem") refere-se ao estado virginal e solteiro da Deusa.

O Partenon foi construído para substituir um antigo templo destruído por uma invasão dos persas em 480 a.C.. Como muitos templos gregos, servia como tesouraria, onde se guardavam as reservas de moeda e metais preciosos da cidade e também da Liga de Delos, que se tornaria mais tarde o império ateniense. No século VI foi convertido numa igreja cristã dedicada à Virgem Maria e depois da conquista turca foi transformada numa mesquita.

Em 1687, um depósito de munição instalado pelos turcos explodiu após ser atingido por uma bala de canhão veneziana, causando sérios danos ao edifício e a suas esculturas. No século XIX, o diplomata britânico Thomas Bruce, 7.º Conde de Elgin, removeu muitas das esculturas sobreviventes para a Inglaterra, hoje conhecidas como Mármore de Elgin e expostas no Museu Britânico, em Londres. Uma disputa polêmica pede o retorno dessas peças à Grécia.

O Partenon e outros edifícios da acrópole formam hoje um dos mais visitados sítios arqueológicos da Grécia e o Ministério da Cultura grego leva adiante um programa de restauração e reconstrução.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Vanessa sorriu.

— A mim também me cortou a respiração a primeira vez que o vi. É impressionante, verdade?

— Apressem-se — disse Kristy para que entrassem. — As outras *donzelas* já estão aqui.

Ao entrar no templo, Lara olhou a seu redor com a boca aberta. Em cada lado da sala retangular, uma fileira de seis colunas de mármore se elevava até o elevado teto. Em todos os espaços entre as colunas de estilo coríntio³³ havia um braseiro de bronze sobre um tripé. Estavam acesos, e o resplendor do fogo tingia o mármore branco de tons dourados.

Ao fundo do templo, três tronos recobertos de ouro descansavam sobre um estrado. Por cima, pendurado no teto e rodeado de tochas, um grande sol de bronze reluzia à luz das chamas. A um lado, um guarda com uma toga branca curta fez soar o gongo uma vez mais. O tanguido profundo e metálico retumbou por toda a sala.

No centro do templo, havia nove almofadas no chão dispostas em três filas de três. Seis *donzelas* vestidas de branco estavam de pé frente às primeiras seis almofadas.

Vanessa se deteve atrás de uma almofada da última fila e indicou a Lara com um gesto que se colocasse junto a ela. Kristy correu até o gongo e deixou a toga vermelha no chão, junto ao guarda. Logo voltou a toda pressa para a última fila de almofadas.

— Contemplem à *escolhida* Calíope. — O guarda golpeou o gongo uma vez mais.

De detrás dos tronos saíram quatro guardas que levavam sobre os ombros um beliche dourado. Quando se colocaram diante dos tronos, Lara viu a jovem recostada sobre as almofadas douradas. Toda ela vestida de vermelho. Sua toga era parecida com as brancas que levavam as *donzelas*, salvo pelo lenço vermelho atado ao pescoço. Lara estremeceu. Sem dúvida, o lenço ocultava as marcas de presas.

Os quatro guardas depositaram o beliche no chão, e logo dois deles ajudaram a Calíope a ficar de pé. *Tão fraca estava?* Lara, cada vez mais alarmada, observou como os guardas a sustentavam enquanto subia as escadas do estrado. Calíope se sentou no trono menor, o da esquerda.

Lara pôde lhe ver então a cara e a reconheceu das fotos do caso. *A escolhida* Calíope era Brittney Beckford, a garota que tinha desaparecido na *Universidade de Columbia* em julho.

Os quatro guardas levaram o beliche a algum lugar situado detrás dos tronos. Lara suspeitava que ali devia haver mais habitações.

O gongo voltou a soar.

— Olhem! Os Deuses estão entre nós — anunciou o guarda. — Atena a mais sábia, filha do Zeus e Deusa da sabedoria.

— Atena a mais sábia — repetiram as donzelas em coro, e se ajoelharam sobre suas almofadas vermelhas.

Lara as imitou, aliviada porque esta vez havia uma almofada. Lançou um olhar furtivo a Atena, que fazia sua entrada. A vampira, em vez de jeans e camiseta, levava agora uma toga longa de seda roxa. Uma coroa de folhas douradas lhe adornava a cabeça. Subiu ao estrado e se sentou

³³ A ordem coríntia é a mais ornamentada das três ordens arquitetônicas gregas e romanas. As colunas de ordem coríntia tem de 9 a 11 vezes a medida do diâmetro



no trono da direita.

— Meu senhor Apolo, filho do Zeus e Deus do sol — anunciou o guarda.

Apolo apareceu com ar decidido, embelezado com uma longa toga de ouro brilhante. Seguiam-no os quatro guardas, cada um dos quais empunhava uma espada. Portanto, no total havia cinco guardas, contou Lara. Todos pareciam estar totalmente sob controle.

Todas as donzelas suspiraram ao ver passar ao Apolo. Lara supôs que era bom de ver, mas o ar frio que formava redemoinhos em torno delas lhe dizia que irradiava energia vampírica para fazer-se irresistível.

Apolo subiu ao estrado e se voltou para elas com uma expressão imperial e desdenhosa.

— Meu senhor Apolo! — As donzelas se inclinaram para diante em uma profunda reverência.

Lara imitou seus movimentos.

— Chegou outra vez o momento de selecionar a uma nova *Escolhida* — anunciou Apolo. — É a maior honra a que pode aspirar um mortal. Se me servirem com dedicação, eu as converterei em Deusas.

Lara ouviu várias donzelas sussurrar entre dentes um “*Por favor, escolha a mim*”. Detestava a ideia de que Apolo mordesse a alguma delas, embora se isso dava um descanso a Brittney, bem-vindo fora. A pobre garota precisava recuperar as forças.

Apolo fez um gesto ao guarda que estava junto ao gongo.

— Tragam a toga vermelha.

— Sim, meu senhor Apolo. — O guarda a recolheu e avançou por volta das nove donzelas.

Apolo desceu do estrado e caminhou devagar ao redor das donzelas.

— Endireitem-se para que possa lhes ver a cara.

Elas se endireitaram, ainda ajoelhadas sobre as almofadas. Lara tentou encurvar-se e parecer pouco atraente, enquanto que as demais esticavam os seios e jogavam o cabelo detrás dos ombros.

— As da primeira fila, levantem-se — ordenou Apolo.

As três primeiras garotas ficaram de pé.

Apolo as estudou com o olhar e se deteve frente à que estava no meio.

— Dispa-te!

— Sim, meu senhor Apolo — murmurou a jovem, e desabotoou o alfinete de bronze que levava no ombro. Sua toga branca se deslizou até onde as tiras de linho rodeavam a caixa torácica, deixando seus seios ao descoberto.

Lara lutou por evitar que seu rosto refletisse a repugnância que sentia. *Mentiroso bode!* Prometia a essas garotas que as converteria em Deusas, quando em realidade o único que queria era mordê-las.

Ou talvez sim que lhes dava a vida eterna. Seu olhar se posou em Atena. Parecia uma estudante universitária ruiva. Podia ter sido uma antes de converter-se em vampiro?

Apolo retrocedeu, com um novo brilho em seus olhos azuis.

— Contemplem a nova *Escolhida*. Levará o nome da Águia.

O guarda deu uns passos à frente com uma toga vermelha pregada nos braços. As duas



donzelas rechaçadas ajudaram a Aquila a vesti-la e pareciam muito decepcionadas, mas Aquila estava radiante de alegria.

Lara tragou saliva. A pobre garota tinha sido escolhida como prato principal para o jantar. Apolo pegou-lhe na mão e a guiou até as habitações situadas detrás dos tronos. *Merda!* Lara não podia fazer nada a respeito.

Athena os seguiu acompanhada por dois guardas. Lara se perguntou se eles seriam seu jantar. Outros dois guardas ajudaram à *escolhida* Calíope a descer do estrado e rodear os tronos até a parte posterior.

O gongo voltou a soar.

— Já está! — Vanessa se levantou. — Agora temos que retornar a nossa habitação.

Lara ficou de pé, com o olhar fixo nas nove almofadas vermelhas. Já só ficavam oito donzelas. Seguiu-as até a porta dupla.

Uma das rechaçadas se desfez em lágrimas.

— Por que nunca me escolhe? Levo meses servindo aos Deuses.

— Deve ter paciência — lhe disse outra donzela. — Os Deuses sabem quando chegará o momento adequado para cada uma de nós.

Atravessaram o vestíbulo e saíram por outra porta dupla. O ar fresco envolveu a Lara, que respirou fundo. Notou o aroma a pinheiro. Estava muito escuro para ver com clareza; entretanto, o céu estava tão limpo que ela não pôde não ser supor que estavam no campo.

As garotas caminharam para um edifício menor e quadrado. Detrás, Lara vislumbrou outra estrutura ainda menor. Voltou a vista atrás, para o templo. Era o edifício maior do complexo, que, até onde ela conseguia ver, só estava cercado por um muro pequeno de pedra. Não custaria muito saltá-lo. Umas poucas tochas iluminavam perto, mas havia vários espaços escuros nos que lhe seria possível passar do outro lado sem ser vista.

Certamente poderia escapar, mas aonde? Não tinha ideia em que direção devia ir, e o complexo parecia estar totalmente rodeado de um bosque denso e tenebroso. Podia acabar vagando durante dias.

As donzelas a conduziram ao edifício quadrado que lhe recordava uma vila romana. Os quatro lados encerravam um pátio interior no qual Lara viu uma piscina.

As garotas se desviaram à direita e entraram em um dormitório comunitário longo com cinco camas em fila a cada lado.

— Aqui é onde dormimos — disse Vanessa. — Os guardas dormem no outro lado do pátio.

— Mas não deve se aproximar deles — advertiu Kristy. — Temos que nos manter puras para o Apolo.

— Assim é. — Vanessa baixou a voz. — Os guardas servem a Athena. Ficaria furiosa se só os olhasse.

— Entendo. — Lara tomou banho no banheiro grande que compartilhavam as donzelas e vestiu a camisola branca lisa que lhe deu Kristy. Indicaram-lhe em que cama devia deitar-se.

Lara fingiu dormir enquanto esperava que as outras garotas concilhassem o sono. Tinha a intenção de bisbilhotar pelo lugar quando fosse mais noite para solicitar informação. Ou talvez devia tentar jogar uma olhada às *Escolhidas* para comprovar se estavam bem. Infelizmente, não



sabia com exatidão onde estavam, e não podia correr o risco de topar com um vampiro. E, certamente, tampouco podia correr o risco de revelar aos vampiros que não estava sob seu controle. Poderiam matá-la no ato.

Detestava o que se estava passando com as garotas, mas a melhor maneira de ajudá-las era permanecer com vida e ter muito cuidado. Suspirou. Uma das jovens rechaçadas seguia acordada e chorava quase sem fazer ruído em sua cama. Lara sucumbiu lentamente ao sono.

— Acorda, preguiçosa. — Vanessa a sacudiu. — Já é de dia.

Lara ergueu-se bruscamente, com a esperança de ter sonhado todo aquilo dos *Campos Elísios* e as *Escolhidas* e os vampiros que se faziam passar por Deuses. Mas não; ali estava, no dormitório das donzelas.

— Vamos! — Disse Vanessa. — Veste-te! Temos coisas que fazer.

Depois de passar meia hora ajudando a Vanessa e a Kristy a limpar o banho e o dormitório, Lara se sentia mais como uma criada que como uma donzela.

— Umas limpam o templo, e outras custodiam ao Apolo — explicou Kristy enquanto arrojava toalhas e camisolas sujas em uma cesta de vime. — Nos alternamos para custodiá-lo durante o dia.

Lara suspirou enquanto fazia outra cama.

— Se for um Deus todo-poderoso, por que necessita que o custodiem?

— Só custodiamos seu corpo — disse Kristy. — Ele o abandona de dia.

— *Pois*. — Porque os vampiros estavam mortos durante o dia. Lara se perguntou se poderia encontrar uma faca ou uma estaca. Poderia cravar ao Apolo de dia, enquanto estivesse sumido em seu sono mortal. — Também terei de custodiá-lo?

— É óbvio! — Respondeu Vanessa enquanto varria o chão. — O fazemos a duas, e ficamos sentadas frente à porta de sua habitação.

— Alguma vez entram? — Perguntou Lara.

— OH, não! A habitação está fechada com chave. — Vanessa atirou um montinho de pó no cubo de lixo. — Nossa presença aí é só para homenageá-lo. Ele tem que sair de seu corpo antes da alvorada, para que possa converter-se em sol. E quando o sol fica, ele volta para seu corpo, — prosseguiu Kristy. — Então está muito cansado e faminto. A *Escolhida* ajuda-o a recuperar forças.

— Com certeza que sim! — Disse Lara com ironia.

— Parece-me que terminamos. — Kristy jogou uma olhada ao dormitório com expressão satisfeita. — Vamos tomar o café da manhã.

Lara as acompanhou ao edifício menor do fundo. Ali, uma das donzelas estava ocupada cozinhando.

Kristy enrugou o nariz ao ver a comida na mesa.

— Tornaste a queimar as torradas.

— E o que? — A cozinheira a fulminou com o olhar. — Tenta preparar você três comidas ao dia para quinze pessoas. Estou farta deste trabalho.

Vanessa soltou um grito afogado e jogou uma olhada à porta aberta.

— Não deveria te queixar. Um dos guardas poderia te ouvir.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— É um prazer servir aos Deuses — acrescentou Kristy.

— Eu mal tenho oportunidade de ver os Deuses — resmungou a cozinheira. — Passo o dia aqui, trabalhando como uma escrava.

Lara fez um amplo sorriso. Esse era o lugar perfeito para passar inadvertida.

— Ajudar-te-ei.

— Chis! — Vanessa a puxou pela toga e sussurrou: — Não te convém trabalhar aqui.

— Mas eu quero servir aos Deuses — insistiu Lara, — e eu adoro cozinhar.

— A sério? — A cozinheira ficou olhando-a. — Está... está disposta a me ajudar?

— É óbvio. — Lara entrou com ar decidido na cozinha e jogou uma olhada a seu redor.

Aleluia, ali havia facas! Poderia servir ao Apolo um “*pico*” para jantar.

A cozinheira a agarrou pela mão.

— Bendita seja! Não tem ideia de quantas vezes cheguei tarde à *Cerimônia de Seleção* e com manchas de graxa na toga. Apolo nunca me escolhe. Diz que cheiro a comida de mortais, e que isso ofende sua imortalidade. — Os olhos lhe encheram de lágrimas. — Talvez agora tenha uma oportunidade.

— Não é nada. — Lara sentiu uma pontada de culpabilidade. Estava salvando sua própria pele a custa daquela garota? Não, tinha que salvar-se para poder salvar às demais.

Abriu a porta da despensa e estudou as caixas, latas e garrafas. Viu um bote de xarope de bordo do Vermont. Dava a impressão de que o tinham engarrafado na zona. Podia ser que estivessem em Vermont?

— De onde vem esta comida?

A cozinheira encolheu os ombros enquanto jogava os ovos mexidos em uma fonte ajudando-se de uma pá de cozinha.

— Chega cada semana. Os Deuses idearam um sistema para poder trazê-la do plano dos mortais.

— Aha. — Lara tinha que estar presente quando chegassem as provisões. Se conseguia transmitir uma mensagem ao repartidor, talvez conseguisse as salvar a todas.

Deixou o bote de xarope de bordo sobre a bancada.

— Quem quer umas panquecas?

— Eu, eu! — Kristy e Vanessa agitaram as mãos.

Outra donzela entrou a toda pressa na cozinha com uma bandeja com ovos, bacon e torradas.

— OH, meus Deuses! — Deixou a bandeja na bancada e levou uma mão trêmula ao peito. — Acredito que ocorreu.

— O que? — Perguntou Vanessa.

A donzela assinalou a bandeja.

— Levei o café da manhã a Calíope no templo, mas seu quarto estava vazia. Ela não estava ali.

Kristy, Vanessa e a cozinheira deram um grito afogado.

— Está segura? — Sussurrou Kristy. — Não estava com um dos Deuses?

— Não. — A donzela sacudiu a cabeça. — Perguntei aos guardas, e não dito que ela



ascendeu ontem à noite.

Ouviu-se outro grito afogado.

Lara se aproximou da donzela.

— A que te refere com isso de que “ascendeu”?

Os olhos da donzela se alagaram em lágrimas.

— Subiu a um plano superior. Calíope se converteu em uma Deusa.

— Elogiados sejam os Deuses — sussurrou Kristy.

— A sério — acrescentou Vanessa — isso é o máximo. Espero chegar a ser Deusa algum dia.

Lara sentiu que um calafrio lhe percorria as costas. Recordou como Brittney Beckford parecia fraca a noite anterior e tapou a boca ao notar que a bÍlis lhe subia pela garganta. Tinha a terrível sensação de que Brittney Beckford tinha morrido.

Capítulo 23

Quando os guardas chegaram para tomar o café da manhã, a cozinheira lhes comunicou que Lara se tinha devotado voluntária a trabalhar na cozinha. O guarda alto da sandália que chiava parecia ser o encarregado. Ele carregava uma prancheta e repartia as tarefas. Disse a Lara que lhe tocava montar guarda essa tarde, da uma as quatro. Depois poderia retornar à cozinha para ajudar a preparar o jantar.

— Sim, amo. — Lara colocou ante ele um prato com panquecas, ovos e bacon, e se fixou nas marcas de mordida que tinha no pescoço.

Enquanto ela servia os outros guardas, viu outras marcas similares. Aparentemente, Atena não se conformava com um só *Eleito*. Preferia o buffet de cinco homens.

Lara ficou na cozinha para ajudar a preparar e servir o almoço, e logo, pouco antes da uma da tarde, se dirigiu ao templo junto com uma das donzelas para montar guarda. A donzela era a mesma que tinha passado a noite em branco, chorando.

Enquanto atravessavam o complexo, Lara inspecionou os arredores, mais visíveis agora que era de dia. Estavam no templo, o dormitório uso vila romana e a cozinha, todo isso cercado por um muro de pedra. Um bosque frondoso aparecia do outro lado.

— Bonito bosque! — Comentou Lara. — Talvez saia a dar um passeio mais tarde.

A donzela parou em seco, assustada.

— Não pode sair dos Campos Elísios! Está proibido!

Por algum motivo, isto não surpreendeu muito a Lara.

— Poderia recolher uns bagos com os que preparar um rico bolo para todos.

A donzela meneou a cabeça.

— Não pode entrar no bosque. Apolo diz que ali moram umas bestas ferozes que fazem chiar suas grandes presas!

Lara reprimiu um bufo. Preocupava-lhe muito mais as presas rangentes do Apolo.

A donzela se estremeceu.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Apolo diz que, se uma dessas bestas a capturar, arrasta-te até ao Hades.

— Bom, não queremos que isso aconteça — suspirou Lara. Aquelas garotas tinham o cérebro lavado até tal ponto que nem sequer eram capazes de detectar o sarcasmo. Seguiu à donzela ao interior do templo.

Rodearam os tronos e enfiaram pelo corredor que começava ao fundo. A cada lado havia três portas. Duas delas estavam pintadas de vermelho. Eram os quartos das *Escolhidas*, conforme lhe explicou a donzela.

Lara se fixou em um dos guardas que estavam de pé frente a uma porta roxa. Essa tinha que ser a habitação de Atena. Kristy e Vanessa estavam sentadas sobre almofadas vermelhas frente a uma porta dourada. Ficaram de pé quando Lara e a donzela se aproximaram.

— Espero que nos tenham deixado um pouco de comida — disse Vanessa. — Estamos mortas de fome. — Ela e Kristy se encaminharam para a cozinha.

Lara se sentou junto à outra donzela. Colocou sua almofada contra a parede, para que pudesse recostar-se e esticar as pernas à frente. Sua nova postura provocou que a outra donzela franzisse o sobrecenho.

Lara tentou não pensar no corpo sem vida do Apolo no outro lado da porta. Ao menos, durante o dia estavam a salvo dele.

Onde estaria Jack? Sumido em seu sono mortal em sua casa do *Upper East Side*? Lara recordava que havia dito a LaToya que estava acostumado a haver cadáveres no porão, e ela tinha acreditado que brincava. O muito vagabundo! Era tão diferente dos vampiros que havia ali...

Atena e Apolo consideravam os humanos pouco mais que comida com pernas, seres de pouco inteligentes e fáceis de controlar. Jack sempre a tinha tratado com respeito e amabilidade. Importavam-lhe de verdade os sentimentos e sua segurança. Teria passado a noite procurando-a desesperadamente?

Lara pensou em como a tinha levado e como era com o Mario e Gianetta em Veneza. Eram mortais, mas ele os considerava membros de sua família. Tinha demonstrado respeito e afeto para o padre Giuseppe. E tinha-se esforçado muito por agradá-la aquela noite com o sorvete, o passeio em gôndola e a serenata.

Era um homem extraordinário, e ela sentia falta dele. Jack sabia fazê-la rir. Sabia excitá-la. Sabia fazê-la sentir-se formosa, pronta e valorada. Era o homem perfeito, salvo por um pequeno problema: era um morto vivo.

Era uma loucura apaixonar-se por um vampiro? Ou era inclusive pior apartá-lo de seu lado pelo feito de sê-lo? Não era culpa de o Jack ter sido transformado. Tinham-no atacado. Acaso não tinha sofrido já bastante? Seria muito cruel rechaçá-lo e fazê-lo sofrer mais.

Apolo rechaçava às garotas só por sua cor de cabelo. Mas o Deus autêntico não julgaria às pessoas em função de seus corações e não de seu aspecto? Rechaçaria o Amor a alguém por ser diferente?

Uma sensação de placidez a envolveu como uma manta cálida. Ela sabia o que tinha que fazer. Não podia rechaçar a Jack. Não suportava a ideia de lhe fazer mal. Embora isto significasse pôr sua vida de cabeça para baixo, ela preferia carregar com a dor que lhe causar a ele mais sofrimentos.



Era o caminho do amor, e ela o amava com todo seu coração.

Fechou os olhos e recordou como lhe tinha feito amor no *campanile*. Que homem mais sexy era seu *Casanova* vampiro. Ardia em desejos de voltar a vê-lo, de lhe comunicar que se tinha decidido. Ficaria com ele para sempre. “*Por favor, Jack, me encontre logo.*” Se imaginou o quanto contente ficaria, a paixão e o ímpeto com que lhe faria amor.

A outra donzela lhe deu uns toques no ombro.

— Não durma. Está proibido.

— De acordo — resmungou Lara enquanto seu sonho romântico se desvanecia. — De verdade temos que ficar três horas aqui sentadas? Isto é muito aborrecido.

— *Chis!* — A donzela dirigiu a vista ao guarda que estava no corredor. — Não fale assim. Ele te ouvirá.

— Ok. Meu nome é Lara. E você?

A donzela soltou um grito afogado.

— Não faça isso! — Voltou a olhar ao guarda. — Não devemos usar nomes.

— Deixa que o adivinhe. Está proibido?

— Sim — vaiou a donzela. — Comporte-te.

— Ok, ok. — Lara decidiu chamar a aquela garota “*Sem Nome*”. Não, “*Senhorita Proibido*” lhe sentava melhor. Não recordava ter visto sua foto no expediente do caso. — A que universidade foi?

A *Senhorita Proibido* lhe lançou um olhar irado.

— Essa vida é coisa do passado. Não falamos dela. Sei que é nova, assim não te denunciarei, mas mais vale que aprenda a medir suas palavras, ou acabará no Hades.

Lara admitiu a contra gosto para si que tinha que comportar-se. Não lhe convinha chamar a atenção.

— Sinto-o muitíssimo. Não há nada que deseje mais que servir aos Deuses. — Assinalou a porta de bronze ao fundo do corredor. — De quem é essa habitação?

— É nosso *Sagrado Santuário* — sussurrou a senhorita Proibido. — Quando Zeus vem, se aloja aí.

— Zeus vem a este lugar? — Lara supôs que se tratava de outro vampiro que passava por ali para alimentar-se grátis a custa do Apolo. — Que emocionante!

— Sei! — À *senhorita Proibido* lhe iluminou o olhar. — Vem cada poucas semanas para visitar seus filhos, Apolo e Atena. Mas vive no *monte Olimpo*, é óbvio.

— É óbvio. Que aspecto tem?

— Ninguém sabe — murmurou a *senhorita Proibido*. — Nunca sai do *Sagrado Santuário*. Apolo seleciona a uma *Escolhida* para ele e, à manhã seguinte, ela não recorda nada. Seus intuitos são inescrutáveis.

— Aha. Então quantos Deuses passam por aqui?

— Uns quantos. — A *senhorita Proibido* sorriu. — Uma vez *Hermes* veio de visita e me escolheu.

— Que... sorte a tua! — Lara não podia ver o pescoço da senhorita Proibido, porque o tapava sua longa cabeleira vermelha.



Lara passou o resto da guarda tentando surrupiar mais informação à *senhorita Proibido*, e logo voltou para a cozinha para ajudar à cozinheira a preparar o jantar para cinco guardas, oito donzelas e *Aquila*, a nova *Escolhida*. Não podia ser uma coincidência que *Aquila* tivesse sido escolhida no mesmo momento em que Brittney Beckford desapareceu. Apolo devia saber que esta não demoraria a morrer. *Maldito bode!* Tinha conseguido que as garotas estivessem ansiosas por converter-se em sua próxima vítima.

Ela e a cozinheira recolhiam depois do jantar quando ao sol ficou.

Kristy entrou correndo na cozinha.

— Rápido! Chegou Zeus. Celebrar-se-á outra *Cerimônia de Seleção*.

— OH, meus Deuses! — A cozinheira secou as mãos com um pano de cozinha. — Temos que nos arrumar depressa. — Se afastou a toda velocidade para o dormitório.

Lara a seguiu, e Kristy lhes deu umas togas brancas novas para que as pusessem. Entraram em passo acelerado no templo justo quando soava o primeiro toque de gongo.

Lara ocupou seu posto na última fila de almofadas vermelhas no centro do templo. Vanessa e Kristy estavam a seu lado. Havia três donzelas diante dela e, na primeira fila, só duas: a cozinheira e a *senhorita Proibido*. A terceira almofada estava vazia. Era a da *Aquila*.

O gongo voltou a soar, e o guarda anunciou a entrada da *Escolhida*. *Aquila* entrou com ar resolvido, vestida com sua toga vermelha. Lara se sentiu aliviada ao ver que parecia conservar suas forças, embora o lenço vermelho que levava ao pescoço lhe dava mau pressentimento.

Anunciou-se a entrada da Atena, e logo depois de Apolo. Lara se ajoelhou e fez reverências ao mesmo tempo em que as outras donzelas.

— Meu pai, o Todo-poderoso Zeus, honra-nos com sua visita. — Apolo caminhou em torno das Primeira donzelas, — em pé.

A cozinheira e a *senhorita Proibido* se levantaram.

— Você será sua *Escolhida* para esta noite. — Apolo assinalou à *senhorita Proibido*. — Procura agradá-lo em tudo.

— Sim, meu senhor Apolo — ofegou a *senhorita Proibido*. — OH, obrigado, meu senhor!

Com expressão triste, a cozinheira ajudou à *senhorita Proibido* a vestir a toga vermelha.

A Lara lhe revolveu o estômago. Não queria pensar no que passaria com a *senhorita Proibido*.

Apolo a conduziu ao corredor que havia detrás dos tronos. Lara supôs que a levava ao *Sagrado Santuário*. Esperava que a pobre garota saísse dali com vida.

Quando a cerimônia terminou, Lara viu que só ficavam sete donzelas. Notou que o medo crescia em seu interior e ameaçava dando passo ao pânico.

Dirigiram-se ao dormitório. O ar estava frio e limpo, mas lhe custava respirar. O coração lhe pulsava a toda velocidade. Elevou a vista ao espaçoso céu noturno. Jack já devia estar levantado. Está-la-ia procurando? “Jack, por favor, rápido. Estou a ponto de me pôr histérica.”

Não podia esperar a que a resgassem. Tinha que sair dali. *Aquila* e a *senhorita Proibido* podiam morrer. As outras donzelas corriam perigo. Que demônios! Ela mesma corria perigo.

— Acredito que irei à cozinha a ver como vamos de provisões — disse às outras donzelas. — Logo me reúno com vocês.



Entrou rapidamente na cozinha e começou a reunir os objetos necessários para sua evasão: uma faca, uma caixa pequena de fósforos, uma garrafa vazia que encheu de água, umas bolachas salgadas. Tirou as batatas de um saco de pano e guardou nele seus mantimentos.

Com o saco na mão saiu sigilosamente da cozinha. Essas malditas sandálias brancas não lhe serviriam para uma longa caminhada através do bosque, mas que alternativa ficava? Além disso, sua toga branca a fazia destacar muito.

Avistou dois guardas que caminhavam ao lado do muro de pedra, afastando-se dela. Lara rodeou a cozinha e descobriu na parte posterior um caminho de terra que conduzia até uma grade de ferro. *Genial!* Certamente se tratava do caminho que utilizava a caminhonete de partilha para levar as provisões. Talvez conduzisse a uma população próxima.

Jogou uma olhada a seu redor. Arregaçou a toga branca e longa até aos joelhos e pôs-se a correr para a grade. Deslizou-se ao exterior por debaixo. *Era livre!*

Um prolongado e horripilante uivo ressonou ao redor. Ela esquadrinhou o bosque com o olhar e lhe cortou a respiração ao ver uns olhos dourados que a olhavam. O que lhe havia dito a *senhorita Proibido*? Que havia bestas ferozes no bosque com dentes que chiavam? Que a arrastariam até o Hades?

Ela sacudiu a cabeça. Não, isso era fruto da lavagem de cérebro. Não podia acreditar que era verdade.

Os olhos dourados se aproximaram. Lara colou as costas à grade. O coração lhe golpeava o peito com força. Soou outro uivo procedente do bosque. A erva se agitava e rangia.

Lara rebuscou a toda pressa a faca no saco de pano. Bem a tempo, porque um lobo cinza enorme saiu da floresta. Ela tragou saliva. Nunca tinha visto um lobo tão gigantesco. Na realidade, nunca tinha visto um lobo na vida real. Apertou a faca com força.

Os olhos dourados do animal brilhavam na escuridão. Solto um grunhido, e outros dois lobos emergiram do bosque.

OH, Deus! Devia ser uma manada inteira. Lara se meteu com cuidado debaixo da grade. Retrocedeu devagar, sem apartar a vista dos três lobos que permaneciam imóveis, olhando-a.

Rodeou correndo a cozinha, entrou nela e a fechou de uma portada. *Maldição!* Vampiros e lobos. Entre uns e outros, estava perdida.

"OH, Jack, por favor, me encontre!"

Jack entrou a passos longos no escritório de segurança do Romatech.

— Me digam outro lugar onde possa ir investigar. Rápido.

Phil elevou a vista desde atrás do escritório.

— Não houve sorte com aquele lugar no oeste do Texas?

— Não. — Passavam poucos minutos da meia-noite, e Jack já tinha tentado a sorte em quatro complexos isolados repartidos por todo o país. — Não havia um no Colorado?

— Robby está ali. — Phil consultou a caderneta de papel amarelo que tinha na mesa, ante ele. — E Phineas, na Virginia.

Jack começou a caminhar de um lado ao outro do despacho. Os três vampiros tinham-se separado para poder jogar uma olhada a mais lugares diferentes. Phil se encarregava do telefone e



recebia os informes das manadas de lobos que telefonavam desde toda a América do Norte. Infelizmente, muitos deles chamavam dos estados do oeste, e Jack ainda acreditava que Apolo estava em algum lugar do este, perto de seu terreno de caça.

Phil deu uns leves golpes com a pluma no papel amarelo.

— Há um em Minnesota.

— Chama o chefe da manada, eu me teletransportarei para lá. — Jack tinha que manter-se ocupado ou se voltaria louco. Se em algum momento parasse a pensar no que devia estar sofrendo Lara, arrancaria uma árvore de raiz.

Quando Phil se dispunha a levantar o auricular, soou o telefone.

— *MacKay Security and Investigation*. Atende Phil. — Fez uma pausa para escutar. — Sim, sou esse Phil.

Jack, graças a seu ouvido superfino, percebeu a voz profunda e rouca do outro lado da linha. Pertencia a um chefe de manada do norte do Maine. A chamada parecia prometedora.

Jack se inclinou sobre o escritório para ouvir melhor. Tinha-se descoberto o cadáver de uma mulher no bosque.

O coração deu-lhe um tombo. “*Não, que não seja Lara.*”

Phil lhe dirigiu um olhar de preocupação.

— Poderia descrevê-la? Tem uma foto? Dar-te-ei nosso número de fax. — Em seguida o ditou.

Um calafrio percorreu ao Jack. A voz do outro lado do telefone descreveu à morta como uma garota alta, esbelta, de cabelo loiro avermelhado e olhos azuis. O maldito aparelho de fax estava demorando uma eternidade. Ao Jack fez um nó no estômago e, pela primeira vez em sua longa vida de vampiro, pareceu-lhe que ia vomitar.

Por fim chegou a foto. Jack a arrancou da máquina. Não era Lara.

Ofegou.

— Não é ela. Mas esta garota me diz algo. — Agarrou o expediente do caso e rebuscou entre as fotos que tinha recolhido. Tirou uma de uma jovem que se parecia muito a do fax. Brittney Beckford. Apolo tinha deixado o corpo da pobre garota no bosque.

— Arquitetura de estilo grego? — Phil se endireitou em seu assento. — Está seguro?

Phil pulsou o botão e notificou ao chefe da manada que se dirigiriam imediatamente para ali. Jack agarrou ao Phil pelo braço e, depois de teletransportar-se, o primeiro que ouviu foi a voz do homem lobo.

— Bem-vindos ao *Wolf Ridge*. — Um homem alto de cabelo hirsuto e cinza, e olhos cor âmbar, estava de pé de trás de uma mesa, com uniforme de polícia e uma expressão sombria. — Por aqui todos me chamam Chefe.

Jack jogou uma olhada à cela vazia que tinha detrás.

— Você é o chefe de polícia do lugar?

— Sim, e também o chefe da manada. — O homem lobo estendeu a mão ao Phil. — Muito prazer. Conheço seu pai.

— Não tenho a menor dúvida — murmurou Phil e estreitou a mão do Chefe. — Este é Jack, de Veneza.



O Chefe olhou para o Jack com receio enquanto lhe dava a mão.

— Meus filhos e eu encontramos a garota morta no bosque. Acredito que um dos teus a matou. Tem marcas de presas no pescoço e está totalmente sangrada.

Jack apertou os dentes.

— O vampiro que a matou não é um dos meus. Eu só bebo sangue sintético, e protejo aos mortais de quem estão dispostos a matá-los para alimentar-se.

O Chefe assentiu.

— Bem. Eu tampouco deixo que minha manada ataque a mortais.

— Temos que ver o complexo que têm descoberto. — Jack chamou o Robby e o Phineas, e os dois vampiros se teletransportaram até ele.

O Chefe os olhou de cima abaixo.

— Assim temos um vampiro de Veneza, um de Escócia com saia, e outro de...?

— O Bronx. — Phineas terminou a frase do homem lobo. — Algum problema com isso?

— Não. — O Chefe sorriu. — Levá-los-ei ao complexo. Se ali houver um vampiro que mata mulheres, eu também o quero parar.

Seguiram ao chefe ao exterior, e todos subiram a seu utilitário todo-terreno. Meia hora depois, chegaram à cabana de caça do Chefe, no coração do bosque.

— Faremos o resto do caminho a pé. — O Chefe se aproximou do enorme capô do todo-terreno e tirou o uniforme. — Os lobos irão mais rápidos se nos transformarmos. — Dirigiu o olhar ao Phil—. Preparado?

Phil adiantou a mandíbula.

— Eu fico como estou.

O Chefe estremeceu.

— Perdoa-me. Tinha a impressão de que...

— Deixa-o estar — grunhiu Phil. — Irei detrás de vós. Com sua roupa.

— Obrigado. — O Chefe deixou sua roupa amontoada sobre o capô. Enquanto caminhava para o bosque, seu corpo começou a oscilar. Poucos segundos depois, se tinha transformado em um grande lobo cinza.

— Aha, caramba! — disse Phineas. — A isso se chama rapidez.

— É um Alfa. — Phil agarrou a roupa do chefe de polícia. — Podem transformar-se facilmente em qualquer momento. Não necessitam que haja lua cheia.

— Ah! — Phineas elevou a vista à lua em quarto crescente. — Então suponho que você não...

— Basta! — Interrompeu-o Robby. Apontou com o dedo ao Chefe, que já trotava para o interior do bosque. — Vamos!

Os três vampiros saíram disparados detrás do lobo. Phil os seguia, correndo a toda velocidade.

Uns quilômetros mais adiante, chegaram ao complexo. Jack sorriu ao ver o templo grego. *“Já te tenho, Apolo.”*

— Bingo! — Ofegou Phineas. — Este tem que ser o lugar.

O Chefe se sentou sobre suas patas traseiras, resfolegando com a língua fora.

— Assim que Phil nos alcance, seremos cinco — disse Robby. — Poderíamos atacar



imediatamente.

Era tentadora, muito tentadora, a ideia de irromper no lugar e resgatar a Lara. Mas seria prudente?

— Não podemos saber com segurança quantos vampiros há aí dentro — disse Jack. — Sabemos que Apolo tem ao menos um cúmplice. Poderia haver mais.

Caminhou devagar pelo perímetro do complexo, sempre ao abrigo do bosque. Outros o seguiram. Desejava poder enviar a Lara uma mensagem psíquica para lhe comunicar que já estava ali, mas não se atrevia. A telepatia vampírica era como uma emissão de rádio. Todos os vampiros dos arredores a ouviriam.

Chegou Phil. Deixou a roupa do Chefe detrás de uma árvore, e o lobo recuperou sua forma humana.

Examinou o complexo.

— Parece o lugar que procuramos. Tem que sê-lo, já que uma das garotas desaparecidas foi encontrada perto daqui.

— Sim, mas quero obter mais informação antes de atacar. — Jack avistou a dois guardas. — Mortais, armados com espadas.

— Seguro que estão sob um férreo controlo vampírico — disse Robby. — Talvez estejam programados para matar às mulheres e suicidarem-se se alguém viola a segurança do complexo.

— Merda! — Resmungou Phineas. — Que porcaria!

— Pode ser que tenha razão. — O Chefe rodeou a árvore, abotoando a camisa. — Duvido que o tipo queira deixar testemunhas. Venham, mostra-lhes algo.

O Chefe os guiou através do bosque até que chegaram a um caminho de terra e uma grade.

— Isto conduz a uma população de mortais, a uns cinquenta quilômetros daqui. Acredito que de ali enviam mantimentos a este lugar.

— Sério? — Jack se voltou para o Phil. — O que te pareceria ter um novo trabalho? — Por meio do controle vampírico, seria bastante fácil convencer ao encarregado da loja de que Phil era seu novo repartidor.

Phil assentiu.

— Soa bem. Mas eu viria de dia, quando os vampiros estivessem sumidos no sono mortal. Talvez não conseguiria averiguar grande coisa.

— Eu virei pelas noites para fazer mais averiguações — disse Jack.

— Está pensando em te infiltrar? — Robby o olhou com o sobrececho franzido. — Eu não gosto, Jack. Matás-te a tantos Malcontents que já conhecem seu nome. E Apolo te viu uns segundos antes de teletransportar-se.

— Não passa nada. — Jack sorriu. — Posso trocar de nome e de aspecto. Conheço um cabeleireiro muito bom em Massachusetts.

No dia seguinte, quando Lara estava ajudando à cozinheira a recolher depois do almoço, ouviu o rugido de um motor. Sorriu para si, aliviada.

A cozinheira enrugou o nariz, confusa.

— Hoje não tem negócios. Mas mais vale que vá abrir a porta traseira. — Se afastou para o armazém traseiro com uma chave.



Lara olhou a seu redor com desespero. Arrancou uma folha de papel de cozinha e agarrou um bote de ketchup. Colocou uma gota do molho na gema do dedo e escreveu “*Socorro! Chamem à polícia!*” no papel de cozinha.

Agitou-o no ar para que secasse depressa. A seguir o dobrou e o colocou sob o sutiã de seu vestido branco.

Encontrou à cozinheira de pé junto à porta traseira. Ao longe, via-se uma caminhonete de distribuição estacionada ao outro lado da cerca. O condutor, um jovem vestido com jeans e uma camisa de flanela, estava abrindo a grade.

Lara correu para ele.

— Para! — Gritou-lhe a cozinheira. — Não nos devem ver. — O condutor se aproximou, observando-a atentamente com seus olhos de um azul claro.

— Posso ajudá-la em algo, senhorita?

— Sim! — Lara afrouxou o passo e levou a mão ao interior do sutiã. — Precisamos...

— Donzela! — Bramou a voz de um guarda atrás dela.

Lara parou em seco, a dois metros do distribuidor. *Merda!* Não podia lhe entregar a nota sem que a vissem.

— Donzela, volta para a cozinha imediatamente! — Gritou o guarda.

Ela voltou a vista atrás. Era o chefe da guarda, o da sandália que chiava. Seguiam-no outros dois guardas. Lara dirigiu um último olhar suplicante ao repartidor.

— Têm-nos prisioneiras — articulou sem voz, esperando que ele conseguisse lhe ler os lábios.

O distribuidor entreabriu seus olhos azuis e assentiu muito levemente.

Lara correu de volta à cozinha.

— OH, não! — Balbuciou a cozinheira. — Colocaste-te em uma boa.

Sandália que chia se aproximou do distribuidor.

— O que está acontecendo aqui? Não é o condutor habitual. E tampouco esperávamos nenhuma distribuição até dentro de dois dias.

O distribuidor encolheu os ombros, aparentemente impassível ante os músculos desenvolvidos e a agressividade do chefe da guarda. Lara sorriu para si mesma. O guarda resultaria muito mais ameaçador se não chiasse a cada passo.

— Ouça, colega! — O distribuidor cruzou de braços. — O tio de antes deixou, e eu vou de férias amanhã, assim não haverá partilhas durante duas semanas. Ou toma ou o deixa.

O que chia cravou o olhar no distribuidor.

— De acordo. Aproxima a caminhonete à cozinha.

O distribuidor subiu de um salto à caminhonete, arrancou e a levou mais perto da cozinha. Para consternação da Lara, a caminhonete não levava nada escrito. Ela tinha tido a esperança de ler nela o nome de alguma população próxima.

— Alto! — Gritou o que chia, e a caminhonete se deteve.

Os outros dois guardas abriram as portas traseiras do veículo e começaram a descarregar. O condutor levantou uma caixa e se dirigiu com ar resolvido à cozinha.

— Alto! — O que chia elevou uma mão. — Não pode passar. — Agarrou a caixa e a levou ao



armazém.

Merda! Lara esperava que o condutor entrasse para poder lhe dar a nota. Apareceu na porta. O distribuidor lhe fez um gesto de assentimento com a cabeça.

— Não deve deixar que ninguém te veja. — O que chia a apartou a um lado ao sair. Fulminou ao condutor com o olhar. — Você espera dentro da caminhonete.

— Claro! — Murmurou o distribuidor. — Bonita toga. Seguro que não abriga muito no inverno. — E retornou à caminhonete.

Lara permaneceu perto da porta. Pelo visto, não conseguiria entregar sua nota. Mesmo assim, tinha a sensação de que o distribuidor a tinha entendido. Ou se estaria fazendo falsas ilusões?

Quando acabaram de descarregar e guardar as provisões, os guardas fecharam as portas da caminhonete.

O condutor se encaminhou despreocupadamente para a cozinha com uma caixa na mão. Viu a Lara, que olhava às escondidas desde detrás da porta. Com um amplo sorriso, sacudiu a caixa.

— Gostaria de tomar um lanche?

— Me dê isso! — O que chia lhe arrebatou a caixa. — E já pode ir.

O distribuidor dirigiu um último olhar a Lara, subiu à caminhonete e cruzou a grade.

Lara ficou com a alma despedaçada. E se ele não a tinha entendido? Não haveria mais distribuições em duas semanas.

Enquanto isso, os guardas inspecionavam a caixa que tinham tirado ao condutor.

— Poderia conter um anel descodificador especial — disse um deles.

— Sim, o tipo me pareceu um pouco suspeito — confirmou o outro.

O que chia destroçou a caixa com as mãos, e um montão de pipocas caramelizadas se esparramaram pelo caminho de terra.

— Aqui não há nada! — Atirou os restos da caixa ao chão e logo se voltou para a Lara. — Recolhe isto, donzela.

— Sim, amo. — Lara agarrou uma bolsa de lixo e saiu a toda velocidade. Começou a meter na bolsa punhados de pipocas pegajosas enquanto os guardas se afastavam tranquilamente. Quando lhe pareceu que eles já não se fixavam nela, recolheu as partes da caixa rota. Cortou-lhe a respiração. A marca das pipocas era *Cracker Jacks*. Um som que estava a meio caminho entre uma gargalhada e um soluço lhe escapou dos lábios. Jack a tinha encontrado.

Capítulo 24

Pouco depois do anoitecer, Vanessa entrou correndo na cozinha.

— Outro Deus veio em visita. Haverá outra *Cerimônia de Seleção*!

A cozinheira deu um grito afogado e levou uma mão ensaboada ao peito.

— Esta poderia ser minha noite. — E dirigiu o olhar para seu vestido úmido. — Tenho que me trocar. — Saiu a toda pressa da cozinha.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Lara acabou de encher o lava-louça. Justo o que o mundo necessitava: outro Deus. A *senhorita Proibido* tinha voltado para o dormitório essa manhã com um lenço vermelho ao pescoço como insígnia de honra. Assegurava não se recordar de nada, mas as contusões de seus braços diziam tudo. O tal Zeus se tinha levado como um todo-poderoso porco maltratador.

— O que faz? — Perguntou Vanessa. — Deve te preparar.

— Já vou! — Lara saiu da cozinha arrastando os pés. — Bom, e que Deus é o que veio hoje?

— Não sei. Os guardas não nos dão dito isso.

— A ver, deixa que pense. — Lara elevou o olhar para o céu espaçoso e estrelado. “*Jack, este seria um bom momento para me resgatar*”. — Poderia ser Ares, o Deus da guerra.

— Uuuh! — Vanessa se estremeceu. — Deve estar como um trem.

Lara soltou um bufo.

— Também poderia ser Hermes ou Poseidon.

— É muito pronta; sabe todos seus nomes — disse Vanessa. — Oxalá tivesse prestado mais atenção no colégio. Por alguma estranha razão, pensava que todo isso dos Deuses gregos era inventado.

— Aha. Como podíamos estar tão equivocadas?

— Sei. — Vanessa jogou o cabelo por detrás do ombro. — É muito legal. Ou seja, na terra a gente não sabe, mas o segredo nos foi revelado. Isso faz que me sinta muito especial.

— Você é especial — lhe assegurou Lara, — e não é necessário que os Deuses lhe digam isso.

— Mas eu adoro. — Vanessa soltou um grito afogado. — Estamos aqui de conversa, e você não está preparada. Apressa-te! — Agarrou a Lara pelo braço e a conduziu ao banho através do dormitório.

Enquanto todas as donzelas se arrumavam frente ao espelho, Lara tomou uma ducha de água quente. Logo vestiu um vestido limpo e se secou o cabelo com uma toalha.

— Já soou o primeiro gongo! — Avisou-as uma donzela do dormitório, e as demais saíram apressadamente do banho.

A *senhorita Proibido* voltou a vista para a Lara e fez uma careta.

— O que faz? Ainda tem o cabelo úmido. Não pode te apresentar ante os Deuses desse jeito.

Lara atirou sua toalha à cesta da roupa suja.

— É muito possível que isto te surpreenda, mas não quero ser escolhida.

A *senhorita Proibido* afogou um grito e olhou a seu redor para assegurar-se de que estavam a sós.

— Não deve dizer isso. É uma grande honra servir aos Deuses.

Lara a agarrou pelo braço e lhe assinalou um enorme cardeal hematoma de cor arroxeado esverdeado.

— Isto é o que te tem feito esse Deus.

À donzela os olhos se encheram de lágrimas.

— Não recordo isso — sussurrou. — Devo tê-lo aborrecido por algum motivo. Que os Deuses me perdoem.

— Abusou de ti. — Lara retirou o lenço do pescoço da *senhorita Proibido* para revelar as marcas de presas. — Te mordeu.



Com um chiado, a *senhorita Proibido* se soltou.

— Não te acredito. Não posso te acreditar. — E se afastou correndo.

Lara respirou fundo, colocou as sandálias e seguiu às garotas até o templo. Entraram em fila indiana e ocuparam seus postos detrás das almofadas vermelhas.

Anunciou-se à escolhida Aquila. Esta entrou com atitude decidida na sala e se sentou em seu trono. Lara se sentiu aliviada ao ver que ainda tinha um aspecto saudável. Atena foi anunciada. Seu sorriso parecia especialmente perverso essa noite. Não era bom sinal.

Apolo entrou com passo firme, escoltado por quatro guardas. As donzelas se inclinaram ante ele.

— Esta noite nos honra com sua presença um Deus muito poderoso. — Apolo desceu do estrado. — Escolherá a uma de vocês para que seja sua *Escolhida*.

— Sim, meu senhor Apolo. — As donzelas permaneceram imóveis, mas Lara notou que sua emoção ia aumentando.

Apolo se deteve frente a elas.

— Devo adverti-las que a este Deus jamais o devem desgostar. Seu destino eterno estará em suas mãos. Chama-se Hades.

As donzelas ficaram boquiabertas.

Lara estremeceu. Isso era uma má notícia. Se Zeus tinha deixado contusões a sua escolhida, que não faria um vampiro chamado Hades?

No estrado, Atena soltou uma risada. Lara apertou os punhos. Essa maldita cadela desfrutava vendo-as mortas de medo. Vanessa tremia a seu lado. A cozinheira choramingava. Certamente temia ser a seguinte *Escolhida*.

Umas pegadas se aproximaram delas.

— Aqui chega Hades — disse Apolo.

Lara elevou o olhar e viu um cabelo loiro curto. Agachou a cabeça rapidamente para não chamar a atenção. Já tinha passado a tarde limpando o dormitório e o banho dos guardas como castigo por ter falado com o distribuidor. Entregá-la-iam ao Hades como castigo adicional?

Apolo riu.

— Quem de vocês atenderá ao *Deus do Submundo*? Se não o agradarem, ameaça levando a alguém aos *nove círculos do inferno*.

Lara deu um coice. Levantou a cabeça. *Podia ser ele?* Levava uma toga de seda cor bordéus. Esses ombros largos lhe resultavam familiares, mas o cabelo loiro curto era muito estranho. Hades se voltou para as donzelas, e Lara ficou com a respiração cortada.

Jack.

Olhou-a nos olhos por um instante, e logo desviou o olhar. Ela inclinou a cabeça e se mordeu o lábio para não sorrir de orelha a orelha. Jack tinha ido resgatá-la, a resgatar a todas as garotas. Deu-lhe vontades de saltar por toda a sala e dançar de alegria.

— Tem umas donzelas preciosas aqui, Apolo.

Tinha um acento diferente. Lara recordou de que tinha passado seus primeiros anos em Boêmia, falando tcheco.

— Obrigado, Hades — disse Apolo em um tom arrogante. — Descobrirá que são do mais

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



complacentes.

— Mais vale. — Hades passeou em torno das donzelas, que tremiam ostensivamente. Deteve-se junto a Lara — esta parece interessante. Ponha-se de pé, donzela.

Lara ficou de pé devagar, com a vista baixa e a cara inexpressiva.

Apolo suspirou.

— Eu te sugeriria que escolhesse a outra. Esta é nova e ainda não está treinada. Hoje não se levou bem.

— Então é ideal para o inferno — disse Hades com sarcasmo. — Agradar-me-ia lhe dar uma lição.

— Muito bem — disse Apolo. — Donzela, te dispa-te.

Merda! Lara ia ter que fingir que estava totalmente sob seu controle.

— Sim, meu senhor Apolo. — Se dispôs a desabotoar-se a alça da toga.

— Não é necessário. — Hades agitou uma mão com ar displicente. — Estou decidido. Escolho a ela.

“OH, obrigada, Jack.” Com gosto lhe dedicaria uma atuação privada mais tarde.

Apolo fez um gesto a um guarda.

— Traz a toga vermelha.

Vanessa e Kristy ajudaram a Lara a colocar a toga vermelha sobre a branca. Olhavam-na com olhos chorosos.

Ela lhes deu um apertão suave e tranquilizador.

Sooou o gongo. Atena se afastou com dois guardas, enquanto Apolo acompanhava a sua *Escolhida* Aquila a seus aposentos. Hades pegou a Lara pela mão e rodeou os tronos com ela.

Ela voltou a vista e se encontrou às donzelas apinhadas em torno da entrada do templo, olhando-a com preocupação. *Pobres garotas!* De verdade acreditavam que o Deus dos mortos estava a ponto de levá-la para a cama. Apertou a mão do Jack. Morria de vontades de estar a sós com ele.

Jack a conduziu pelo corredor. Apolo e Atena já estavam em suas respectivas habitações. Havia guardas postados ante suas portas.

Jack se deteve frente a uma porta azul.

— É um quarto de convidados. — Abriu-a e a fez passar. Deu-se a volta para fechar a porta com chave e com ferrolho.

Ela passeou a vista pelo quarto. Uma cama grande com dossel. Lençóis azuis e cortinas vaporosas da mesma cor que penduravam do dossel. Quando Jack se voltou para a Lara, ela foi para ele e jogou os braços ao pescoço.

— OH, obrigada, obrigada! É maravilhoso. Um homem fantástico e incrível.

Ele soltou uma risada enquanto a apertava contra si.

— Parece que te alegra de ver-me.

Cobriu-lhe a cara de beijos.

— Estou atônita. Extasiada. Sabia que me encontraria.

Jack a segurou pelos ombros e a apartou um pouco para vê-la melhor.

— Está bem? Juro-te que, se lhe fizeram dano de um modo ou outro, os...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Estou bem. — Se jogou para ele de novo, rodeou lhe o pescoço com os braços e o estreitou com força. — Senti tanto sua falta... Não me solte nunca.

— Tinha-me muito preocupado. — Plantou-lhe um beijo na testa, logo jogou uma olhada por cima do ombro. — Deveríamos nos apartar da porta — sussurrou.

Lara se manteve abraçada ao Jack enquanto ele avançava para o centro do quarto, e sem querer lhe pisou no pé.

— Perdão. Alegra-me muito que me tenha encontrado. Tentei escapar, mas há lobos no bosque. Além disso, não sabia aonde ir porque não sei onde estamos.

— No norte de *Maine*.

— Ah! Bom, ainda bem que deste conosco. Parece-me que uma das garotas está morta.

— *Chis!* — Lhe pôs um dedo sobre os lábios e olhou para a porta. — Não fale tão alto. Há guardas no corredor.

— Certamente esperam chegue seu turno com Atena — murmurou Lara.

Jack jogou uma olhada à cama que ocupava metade do quarto.

— Não se pode negar que estes quartos parecem desenhados com um só propósito.

Lara dirigiu a vista à cama, logo ao Jack, e uma quebra de onda de desejo a percorreu de cima abaixo. Queria lhe dizer que se tinha decidido.

— Jack! — Lhe segurou a cara entre as mãos.

Seus olhos adquiriram um tom avermelhado, e ele os fechou.

— Temos que falar. — Abriu as pálpebras; seus olhos tinham recuperado sua cor marrom dourada habitual. — Necessito toda a informação que possa me dar para voltar com outros e planejar nosso ataque.

Ela deixou cair as mãos sobre seu peito.

— Não me levará contigo?

Jack lhe apertou os ombros.

— *Cara mia*, não posso. Seria muito suspeito. Mas temos pensado atacar amanhã ao anoitecer. Só terá que ficar aqui um dia mais. Pode fazer isso? Estará bem?

— Sim. Durante o dia estamos bastante a salvo. Não fazemos mais que cozinhar, limpar e lavar a roupa. — Baixou a vista para sua toga vermelha. — Tive a tentação de lavar uma destas junto com as togas brancas dos guardas para que acabassem vestindo-se de rosa.

Jack riu.

— Alegro-me muito de que siga sendo a de sempre, de que não tenham conseguido te lavar o cérebro.

— OH! Por aqui a lavagem de cérebros é uma prática muito comum. — Lara tirou a toga e a jogou no chão. — Estas pobres garotas acreditam realmente que é uma grande honra ser uma *Escolhida*. — Os olhos se alagaram em lágrimas. — Graças a Deus que me encontraste antes que acontecesse...

— *Chis!* — Jack a estreitou entre seus braços. — Agora está a salvo. *Cara mia*. — Beijou-a na cabeça.

Ela desejava lhe dizer que era seu *Eleito*. Retrocedeu um passo.

— Jack, tenho que te dizer...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Sim, preciso saber tudo. Temos que idear um plano que elimine aos vampiros daqui sem fazer mal aos mortais.

Ela soltou um gemido para si mesma. Acaso não tinham falado bastante do tema? Ele estava ali, o cavalheiro de reluzente armadura que tinha ido a seu resgate. E ela estava perdidamente apaixonada por ele. Não deveriam celebrá-lo? Dirigiu o olhar para a cama. Não teria ele que estar devorando-a nesse momento?

— Necessita um plano?

— Um plano de ataque, sim.

— Ok. Dir-te-ei como atacar. — Arrancou o broche de bronze de sua toga branca e o atirou sobre a cama, — primeiro deve começar pelos seios. — A toga se deslizou até as tiras que levava em torno do abdômen.

A ele foram os olhos para seus seios nus.

— Estou... tentando entrar em matéria.

— Eu te direi onde deve entrar. — Levantou-se os seios com as mãos. — Parece-me que já lhe tinha apresentado isso.

As bolinhas douradas começaram a brilhar nos olhos de Jack.

— A... — Interrompeu-se ao ouvir um ruído no outro lado da porta.

Lara supôs que algum dos guardas pretendia gozar de um espetáculo grátis.

— Ajoelhe-te, mulher! — Rugiu Jack. — Te Incline ante mim.

— Sim, meu senhor Hades — gritou ela enquanto ficava de joelhos e se prostrava.

Jack fez uma careta de desgosto.

— Não tem por que fazer isso de verdade — sussurrou.

Ela se incorporou, sorrindo.

— OH, meu senhor Hades! Por favor, não me faça mal. Farei o que seja para te agradar. O que seja!

Ele a olhou com evidente irritação.

— Vá, meu senhor Hades! Mas o que veem meus olhos! Sim que está bem dotado! Cuidado com isso, ou tirará o olho a alguém. OH, como isso me enche a boca! — Fez um ruído forte como se se estivesse engasgando.

Jack a olhava com olhos como pratos.

— OH, sim, sim! Tome, Hades! — Lara soltou um chiado prolongado, levantando os braços no ar como se estivesse em uma montanha russa. — OH, foi fabuloso! Agora, fazemos uma sesta.

Ouviram-se umas pegadas que se afastavam da porta.

Jack arqueou uma sobrancelha.

— Terminaste?

— Sim, mas me sinto curiosamente... insatisfeita.

Ele riu entre dentes.

— Eu também. Fez-me durar uns dois segundos.

— Bom. — Olhou para a cama. — Estou segura de que poderia fazê-lo melhor.

— Segue sendo necessário que falemos.

Seu *Casanova* se estava levando de um modo terrivelmente pouco romântico, mas ela



solucionaria esse inconveniente. Aproximou-o de quatro patas.

— No que consiste seu plano? Em entrar diretamente de frente? — Se incorporou sobre seus joelhos e esfregou seus seios contra a toga do Jack, que fechou os olhos com um gemido.

Ela deslizou as mãos sob sua toga e lhe roçou a parte posterior das panturrilhas nuas. Subiu a suas coxas nuas.

— Lara. — Jack abriu os olhos. Estavam vermelhos. Fez chiar os dentes. — Não é um bom momento...

— OH! — Suas mãos chegaram até as nádegas dele, e comprovou que não levava roupa interior. — Céu santo! — Uma comichão se estendeu por sua pele. Os mamilos lhe endureceram, as costas se arquearam, e ela sucumbiu ao impulso de apertar seus seios contra ele.

Apertou a mão estendida contra seu traseiro. Seus dedos acariciaram aquela pele tão lisa e suave. De repente, os músculos do Jack se contraíram, esticando-se sob as mãos dela, criando uma deliciosa concavidade. Lara sentiu que lhe falhavam os joelhos. Custava-lhe respirar. Notava um calor úmido entre as coxas.

— Meu Deus.

— Fala-me? — Jack se ajoelhou frente a ela.

Lara se inclinou para ele, mas ele a agarrou pelos ombros para apartá-la.

— Lara, compreendo que esteja agradecida pelo feito de que eu esteja aqui.

— Pensa que isto é por gratidão? — Lutou com as tiras de linho que tinha enroladas à cintura.

— Então será pela adrenalina e a emoção. Mas isso te passará assim que tenha voltado para casa.

— Não me diga o que sinto. E não te atreva a dizer que meus sentimentos são passageiros.

— Afrouxou as tiras, e a toga caiu enrugada até seus joelhos.

Ao Jack escapou um ofego. Tinha os olhos vermelho vivo.

— Então me diga o que sente exatamente. Porque não posso te fazer minha só por diversão. Se te fizer amor, nunca renunciarei a ti. Jamais.

Ela cravou a vista em seus olhos incandescentes.

— Sei. Conto com isso.

— A eternidade é muito tempo para um vampiro.

— Isso também sei. — Os olhos encheram de lágrimas. — Estou apaixonada por ti, Jack. Para toda a eternidade. É o único que quero. O único que necessito. Aconteça o que acontecer, nunca renunciarei a ti.

Jack lhe aferrou os ombros com mais força, e um brilho úmido apareceu em seus olhos vermelhos.

— Está segura?

— Sim! Agora deixa de bobagens e me faça amor.

Com velocidade vampírica, ele a jogou sobre a cama, arrancou-lhe a roupa interior, se despojou de sua própria toga e saltou no colchão junto a ela. Cobriu-lhe a cara de beijos.

— *Cara mia, mia* Lara. Amo-te.

Plantou-lhe beijos por todo o rosto, até que suas bocas se fundiram por fim em um beijo



quente e apaixonado. Suas línguas se juntaram, seus corpos rodaram.

Lara estava ofegando quando ele, sem deixar de lhe dar beijos, baixou até seus seios. Lambendo, chupando, mordiscando, beliscando. Ela emitiu um gemido prolongado e o rodeou com as pernas. A ereção do Jack se apertou contra seu quadril.

Ela se notou acalorada, molhada, ardente de desejo.

— OH, Deus, Jack, faça-me isso já!

Ele soltou uma risada, e seu fôlego fez a Lara cócegas em seus mamilos úmidos e eretos.

— Me está suplicando isso, *cara mia*?

— Lhe estou exigindo isso! — Deu-lhe uma palmada no traseiro.

Ele elevou a cabeça para olhá-la.

— O que foi isso?

— Não... não te dei muito forte. Era... para brincar, sabe?

Jack torceu a boca.

— Pois você procurou isso.

— Bom, já era hora de que te desse conta... — Proferiu um chiado quando ele mergulhou entre suas pernas. — OH, OH! — As lambidelas, chupões, mordiscos e beliscões passaram a outra zona de sua anatomia. Ela tomou nota mental de que devia lhe dar açoites no traseiro mais frequentemente. — Jack, Jack! — Ofegou. O prazer aumentou bruscamente e continuou subindo de maneira vertiginosa, cada vez com mais tensão. Com um grande esforço, ela elevou os quadris para que sua boca se encontrasse com a dele. Jack lhe aferrou o traseiro e o apertou contra si. Ela chegou ao clímax com outro grito, e ele soltou um gemido de satisfação.

Lara lutou para recuperar o fôlego.

— OH, Jack, isso foi...! — Quando ele deslizou a língua por todo seu corpo, lambendo-a devagar, Lara sofreu novas convulsões.

Jack ficou de joelhos e se inclinou sobre ela.

— *Cara mia*.

— Hum? — Lara piscou umas quantas vezes para focá-lo bem. A ponta de sua ereção apertou sua pele com suavidade, nesse momento extremamente sensível. Ela gotejou mais umidade.

Os olhos de Jack, ainda avermelhados, cintilaram.

— Agora vou penetrar-te.

Como se tivesse que avisá-la para que ela se desse conta. Lara emitiu um grito afogado quando ele se afundou dentro dela com um ágil ataque. E seguia entrando.

— Aha. — *Que grande!* Os músculos internos da Lara se contraíram espasmodicamente.

Ele fez um gesto de dor.

— Não resistirei muito mais tempo esta tortura.

Preocupava-lhe realmente fazer um bom papel?

— Não te estou cronometrando. Temos toda a vida para estar juntos.

Deu-lhe um beijo na testa.

— Quero-te, Lara.

— Eu também te quero. Tal como é.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Então estou em minha casa — disse ele com um sorriso.

Começou devagar, mas logo ambos perderam toda espécie de controle. Era como se ele não pudesse aproximar-se o suficiente. Ficou de joelhos e a aferrou pela cintura, apertando-se contra ela. Ela proferiu um alarido quando outro clímax a sacudiu. Jack soltou um gemido comprido e de repente jogou a cabeça para trás com as presas fora.

Lara gritou de novo.

Ele a soltou e se desabou na cama.

— Sinto muito. Não era minha intenção te assustar. — Fez uma careta. — Merda!

Lara se incorporou. Ele parecia estar sofrendo.

— Encontra-te bem? Tem... fome? — Perguntou-lhe ela.

Ele meneou a cabeça. Suas presas já começavam a retrair-se.

— Bebi que chegasse antes de vir aqui. É... é só que perdi o controle. Sinto te ter assustado.

— Foi um pouco teatral, isso é tudo. — Lara decidiu que não deixaria que as presas a perturbassem. Ele não podia evitar tê-las.

De fato, tinha um autocontrole considerável, pois não tinha tentado mordê-la. Não podia evitar ser um vampiro. Ela o amava tal como era.

Deslizou a mão por seu peito até o abdômen. Era um homem muito arrumado, com músculos bem definidos. Seus dedos seguiram o rastro de pelo que levava até sua virilha.

— É magnífico! — Acariciou sua virilidade em toda sua longitude.

Mesmo que estava relaxado, seu membro era comprido e grosso. Passou-lhe o dedo por uma veia. — E isso?

— O que? — Levantou a cabeça para olhar, logo voltou a posá-la sobre a cama. — Nasci com isso.

Ela soltou um bufo.

— Refiro a como te converteu em vampiro. — Desceu mão em concha para lhe sustentar os testículos na palma.

— Prefiro não falar disso.

— OH, vamos! — Apertou com suavidade.

As comissuras dos lábios do Jack se curvaram para cima.

— Está-me ameaçando?

— Não, claro que não. — Fez-lhe cócegas. — Só tento te persuadir para que fale.

— Brincar com as bolas de um homem não está acostumado a dar pé à conversação.

Ela se estendeu a seu lado e apoiou a cabeça em seu ombro.

— Quero saber tudo sobre ti. Por favor.

— Sou um bastardo.

— Isso já sabia.

Ele riu.

— Meu pai era um mulherengo incorrigível. — Acariciou-lhe o cabelo. — Não me pareço em nada a ele.

— Tem suficiente com uma mulher?

— Sem lugar a dúvidas. — Sorriu-lhe. Seus olhos tinham recuperado a quente cor castanha

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



dourada.

— Me conte mais.

Seu sorriso se desvaneceu.

— Herdei os documentos pessoais de meu pai. Coisas que ele não queria que se incluíssem em suas memórias. Imagine a um moço de doze anos lendo a respeito da luta de seu pai contra a sífilis e sua busca de uma cura.

— Uf! — Lara enrugou o nariz.

— Exato. Já sabe por que eu não gosto de falar disso. Meu pai estava em Paris quando se cometeu um atentado contra o rei da França, e ele conheceu o homem que tinha salvado ao monarca. Corriam rumores sobre o Jean-Luc Echarpe, que diziam que possuía uma força sobrenatural e era invencível. Meu pai lhe perguntou qual era seu segredo, com a esperança de achar um remédio para a sífilis, mas Jean-Luc lhe deu as costas.

— Esse tal Jean-Luc era um vampiro? — Perguntou Lara.

— Sim. Meu pai não se deu por vencido. Suspeitava que Jean-Luc conhecia um sistema para vencer a velhice e a enfermidade. As investigações de meu pai acabaram levando-o a Transilvânia. Conseguiu um trabalho perto, no castelo do Dux em Boêmia. Foi ali onde seduziu a minha mãe. Eu não a conheci, mas me contaram que morreu anos depois em um manicômio.

— OH, Jack, quanto o sinto!

— Eu também o senti. Temia que minha mãe tivesse morrido da sífilis, contagiada por meu pai. E temia estar também afligido pela enfermidade. Estava tão resolvido a não contagiar a ninguém que decidi me fazer monge. Meu tio me convenceu de que antes fora à Universidade da Pádua³⁴. Depois, quando tinha vinte e quatro anos, aconteceu algo terrível.

Lara se incorporou.

— Atacaram-no?

Ele sorriu.

— Apaixonei-me.

Deu-lhe um tapa no braço.

— Isso não é terrível.

— É-o se acredita que tem uma enfermidade que pode matar. Queria manter a Beatrice a salvo, assim tentei encontrar uma cura valendo das notas de meu pai. Um ano depois, minhas viagens me tinham levado a Transilvânia. Dirigia a cavalo a uma aldeia ao cair a tarde e três formosas mulheres apareceram no caminho.

— Eram vampiros?— Perguntou Lara.

³⁴ Pádua (italiano: Padova; vêneto: Padoa) é uma cidade italiana de 212.500 habitantes (440.023 com a sua área metropolitana). Capital da província homônima localiza-se na região do Vêneto, no nordeste do país.

Sede de uma antiga e prestigiosa universidade, a Universidade de Pádua, a cidade apresenta inúmeros testemunhos de um rico passado histórico, cultural e artístico, que fazem com que seja um notório destino turístico. Atualmente a cidade é um importante centro econômico, e um dos maiores centros de transporte intermodal de toda a Europa. [3]

Estende-se por uma área de 92 km², tendo uma densidade populacional de 2267 hab/km². Faz fronteira com Abano Terme, Albignasego, Cadoneghe, Legnaro, Limena, Noventa Padovana, Ponte San Nicolò, Rubano, Saonara, Selvazzano Dentro, Vigodarzere, Vigonovo (VE), Vigonza, Villafranca Padovana.

Entre outras coisas, a cidade é conhecida internacionalmente por ser a cidade onde Santo Antônio famoso franciscano português (também conhecido como Santo Antônio de Lisboa - cidade onde nasceu em 1195) passou parte de sua vida e faleceu em 1231. A data de sua morte, 13 de junho, é festejada pelos paduanos como a festa do Santo.



Jack assentiu.

— Apresentei-me e, assim que ouviram o sobrenome *Casanova*, se equilibraram sobre mim. Quando me dei conta, estava em um velho castelo rodeado por aquelas mulheres, que me mordiam. Tentei resistir, mas... eram muito fortes, e eu ia debilitando à medida que elas me chupavam até a última gota de sangue das veias.

— Deveu ser uma experiência aterradora.

— Despertei em um calabouço com uma fome atroz. — Fez uma careta. — Tinha ânsias de sangue. Não sabia o que me tinha passado. Ignorava que podia teletransportar-me sem mais. Animaram-me a lhes morder o pulso. Fi-lo, mas sempre havia um preço para a sobrevivência. Elas acreditavam que eu seria um amante perito como meu pai. Já imaginou a decepção quando comprovaram que eu mal sabia o básico.

Lara se estremeceu. Não se tinha equivocado. Jack não era consciente de que era um amante excepcional.

— Ao fim de uns meses, jogaram-me dali, desgostadas. Disseram-me que jamais estaria à altura de meu sobrenome. — Jack suspirou. — Após, não tornei a levar esse sobrenome.

— Pois eram imbecis. Se fosse ainda melhor na cama, me teria dado um ataque ao coração.

Ele sorriu.

— Nossa forma de fazer o amor lhes pareceria muito suave. Como não nos balançamos cabeça abaixo pendurados de uma aranha de luzes nem nos desprendemos pelo parapeito de uma torre...

Lara riu.

— Tem que estar brincando. — Quando Jack negou com a cabeça, ela reprimiu um grito de surpresa. — De verdade faziam essas coisas?

— Sim. Depois que fui, atacaram um circo, e um trapezista as fez muito mais felizes.

Lara soltou uma gargalhada.

— Voltei a estar às portas da morte ao tentar atravessar a Europa para chegar a Paris. Ali encontrei ao Jean-Luc, e ele me ensinou a viver como vampiro. Finalmente, retornei a Veneza, esperando que Beatrice pudesse seguir me querendo.

— E o que ocorreu?

Jack suspirou.

— Ela tinha morrido um mês antes, por causa de um broto de febre tifoide. Sempre acreditei que morreu acreditando que a tinha abandonado.

— OH, Jack! — Lara lhe acariciou a bochecha. — Estou segura de que seguia te querendo. Como não ia querer-te?

Pegou-lhe a mão e lhe deu um beijo na palma.

— Até agora, sempre fui desafortunado no *amor*. Ao longo dos anos, apaixonei-me em outras duas ocasiões, mas ambas as mulheres me rechaçaram quando lhes disse o que era. Tinha medo de que você também o fizesse.

— Quero-te muito para te perder. E já é hora de que encontre a felicidade. — Contemplou seu cabelo tingido de loiro com o cenho franzido. — Mas tenho que te dizer que não me entusiasma sua nova imagem.



— Tinha que trocar de aspecto. — Atraíu-a para si, para poder lhe falar em sussurros. — Muitos Malcontents sabem da existência do Giacomo di Venezia.

— Malcontents?

— Chamamos assim aos vampiros que gostam de matar. Fazem-se chamar os *Autênticos*, pois acreditam que se mantêm fiéis à verdadeira natureza do vampiro, caçando e matando. Eram mortais cruéis e violentos, e sua transformação em vampiros não fez mais que incrementar sua brutalidade.

— Assim que seus amigos e você lutam contra eles?

— Sim. Investiguei a tantos através dos tempos que sei me comportar como um deles. Cheguei aqui com minha nova imagem, falando em tcheco e me fazendo chamar Henrik Sokolov.

— Que é seu verdadeiro nome — murmurou ela.

— Sim. Finjo ser um velho amigo do Jedrek Janow, falecido em dezembro do ano passado, por isso ele não está em condições de negá-lo. Deixei cair outros nomes, e como conheço tantas coisas, entre elas a localização deste lugar, Apolo trouxe tudo.

— Ainda bem! — Lara passou a mão pelo cabelo curto e loiro. — Assumiste um risco muito grande.

— Outros estão perto. Ter-se-iam arrojado ao assalto se lhes tivesse pedido ajuda com uma mensagem psíquica. Robby queria atacar esta noite, mas eu queria me assegurar primeiro de que estava bem. E queria que me desse toda a informação de que dispõe.

— Certamente! — Lara lhe descreveu as rotinas, explicou-lhe quantas donzelas havia, quantos guardas e quantos vampiros. — Ontem à noite havia um vampiro convidado chamado Zeus. Não chegamos a vê-lo. Escolheram a uma donzela para ele, e esta manhã ela não se lembrava dele, mas ia coberta de contusões.

Jack meneou a cabeça com o cenho franzido.

— Quando eu cheguei aqui, a *escolhida* era Brittney Beckford. À manhã seguinte, tinha desaparecido, e temo...

— Está morta — disse Jack em voz baixa. — Encontraram seu cadáver.

— OH, não! Pobre garota!

— Os lobos deram com seu corpo no bosque.

Lara se estremeceu.

— Vi os lobos. Pegaram-me um susto de morte.

— Não lhe farão mal. Hão-me dito onde te encontrar. Aceitaram nos ajudar amanhã de noite.

— Aha! — Lara elevou uma mão. — Eles... falam?

— São homens lobo. Troca-formas.

Lara ficou boquiaberta.

— Sim, homem.

— O distribuidor que deixou a caixa de pipocas *Cracker Jack* é um homem lobo. Trabalha para o *MacKay S&I*, como eu.

Ela meneou a cabeça.

— Isto se está pondo muito estranho.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Preocupa-nos que, no momento em que atacemos, os guardas tenham ordens de agredir às mulheres.

— O que?

— É possível que Apolo tenha programado aos guardas para que matem a todas as testemunhas se alguém assalta o complexo.

Lara notou um calafrio.

— Deus, espero que não!

— Nós também. Precisamos que nos ajude a manter às outras garotas a salvo. Poderá?

— Sim. — Procuraria algum pretexto para reunir a todas na cozinha, onde teria um arsenal preparado de facas.

— Uma coisa mais. — Jack a agarrou pela mão. — Parecer-lhes-ia muito suspeito que manhã pela manhã saia daqui sem levar minha marca.

— Sua... marca?

Ele assentiu.

— No pescoço. Sinto muito, mas é algo que deve fazer-se.

Ela trágou saliva.

— Quer me morder?

Capítulo 25

— Doera-me?

— Talvez. — Jack lhe acariciou o cabelo. — Alguns vampiros, como os Malcontents, desfrutam provocando dor e terror em suas vítimas. Mas se um vampiro investe tempo e esforço suficientes, pode fazer que a experiência resulte muito prazenteira.

— Voto pela segunda opção.

Os lábios dele se curvaram para cima.

— Está segura? Eu mesmo estou indeciso.

Lara lhe deu um tapa no braço.

Com um amplo sorriso, ele a estendeu sobre a cama e se inclinou sobre ela.

Dedicou-lhe um olhar sarcástico.

— Quer voltar a te por em cima?

— Assim é mais fácil morder. — Enrugou o sobrecenho, pensativo. — Suponho que poderia te morder detrás.

— Ou poderia te pendurar cabeça abaixo do dossel.

Jack soltou uma risada.

— Sabia que não devia te contar essa história.

Lara esboçou um sorriso. Estava brincando em um triste intento de atrasar o inevitável. Seguro que não lhe doeria muito. Jack lhe havia dito que se encarregaria de que fora uma experiência agradável.



— Vais alimentar-te de mim?

— Só um pouco. Não quero te deixar muito fraca.

— OK. — Voltou a cabeça para deixar exposto o pescoço e fechou as pálpebras com força. —

Estou preparada.

Esperou. Em qualquer momento, sentiria umas presas afiadas cravando-se em seu pescoço.

Apertou os punhos. E esperou.

Abriu os olhos e dirigiu a vista para ele.

Jack estava acotovelado na cama, sorrindo enquanto inspecionava seu corpo sem pressas.

— O que faz? — Perguntou-lhe ela.

— Desfruto das vistas. — Tocou um ponto próximo a seu quadril esquerdo. — Tem um pequeno lunar aqui. — Se inclinou e o beijou.

— Acreditava que ia morder-me.

— E vou morder-te. — Roçou-lhe o ventre com os dedos, que logo moveu em círculos em torno do umbigo. — Terei que usar meus poderes vampíricos para que conceba a dor como prazer e aguçar os sentidos.

— Ah!

Os dedos dele se deslizaram até seus seios e deram voltas ao redor deles.

— Tem que abrir-me a sua mente.

— Ok.

Jack a olhou, e de repente ela se sentiu prisioneira de seu intenso olhar. Uma rajada de ar frio formou redemoinhos em torno dela. Pôs-lhe a pele de galinha. As bolinhas douradas nos olhos dele se expandiram até que toda a íris resplandecia dessa cor.

Ela estava como hipnotizada, incapaz de mover-se ou pensar.

“Estou contigo.” Lara ouviu as palavras sussurradas dentro de sua cabeça.

Uma quebra de onda de calor atravessou seu corpo, e a pele se pôs rosada por causa da afluência de sangue. O coração pulsava com força. Sentia como se sua corrente sanguínea tivesse acelerado e corresse para o Jack, ardendo em desejos de que este bebesse dele. Era do mais estranho. Ansiava que ele a morderesse.

— Jack. — Elevou as mãos para ele. — Isto é muito estranho.

Roçou-lhe o mamilo com o polegar, e ela gritou enquanto a percorria um espasmo. A sensibilidade de todas suas terminações nervosas tinha aumentado, e desejava seu contato.

Rodeou-lhe o torso com uma perna.

— Jack, necessito-te.

— É pelo poder vampírico. — Acariciou-lhe a bochecha. — É só uma ilusão. Te passará.

— Não quero que passe. — Fez chiar os dentes. — Te desejo. Agora mesmo.

— Só vou deixar-te minha marca. Levara-me só um momento. Prometi-te que nunca utilizaria meus poderes para fazer que te deitasse comigo.

— Libero-o dessa promessa. — Sustentou-lhe a cara entre as mãos. — E isto não é uma questão de sexo, mas sim de amor. Amo-te. Amo tudo o que tem que ver contigo, inclusive esta... esta coisa estranha que me está fazendo.

Os olhos do Jack se puseram vermelhos.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



— Então te agarre forte, *cara mia*. — Agarrou-a pela cintura e se afundou muito dentro dela.

Lara convulsionou com um forte orgasmo. Jack se arqueou para trás, e lhe alargaram as presas. Caiu sobre a Lara, que se estremeceu de prazer enquanto os caninos lhe roçavam o pescoço.

O sangue lhe palpitava nas veias, desesperava-se por sair. Lambeu-lhe o pescoço, e ela notou a mesma sensação aumentando entre as pernas. Ele saía e entrava em sua vagina. Lara se retorcia, afogando-se no prazer, e mal sentiu a espetada quando as presas se cravaram no pescoço. Jack continuou entrando e saindo enquanto lhe chupava o sangue.

“*Amo-te*”, ressonou sua voz na mente da Lara.

— E eu a ti. — Jack se separou de seu pescoço e ela viu um pouco de sangue em seus lábios antes que ele o lambesse.

— Ainda segue sangrando. Vou deter a hemorragia. — Voltou a aproximar a boca do pescoço.

Cada lambidela lhe provocava um calafrio de prazer. A tensão se acumulava em seu interior, suplicando que a liberasse. Ele a estreitou entre seus braços e se reclinou para trás, sentando-a sobre suas coxas.

Jogou-lhe os braços aos ombros e se apertou contra ele. Jack a aferrou pela cintura, sustentando-a e atraindo-a para si com cada potente ataque.

A Lara parecia que toda a habitação dava voltas, assim se agarrou a ele com força. Ele deslizou uma mão entre eles e lhe beliscou brandamente o clitóris. Ela afogou um gemido quando outro orgasmo a percorreu com violência. Jack ejaculou dentro dela, com os olhos vermelho vivo. Logo, com um gemido prolongado, se deixou cair na cama com ela. Ficaram abraçados, ofegando.

— OH, Jack! — Lara se estirou, sumida ainda em um atordoamento delicioso e sensual. — É uma máquina. Um dia destes me vais matar.

Ele deu um coice, girou para estender-se de barriga para cima na cama e ficou olhando ao teto.

Ela, por sua parte, fez um gesto de raiva. Pequena estupidez acabava de dizer. Não o dizia literalmente. Nem sequer tinha a mente totalmente limpa. Percorreu-a um calafrio. Se queria ficar com o Jack para sempre, e era indubitável que isso queria, ele teria que convertê-la em vampiro. Em efeito, teria que matá-la algum dia.

Lara se incorporou.

— Sinto muito. Isso soou fatal. Não era minha intenção.

O olhar que lhe dirigiu era tão dilacerador que lhe encolheu o coração.

— Sabe que eu jamais te faria mal. Oxalá existisse alguma outra maneira... — Fez uma careta. — Se quer trocar de ideia respeito a mim, não a impediria. Eu não obrigarei a nada.

— Chis! — Posou-lhe os dedos sobre sua formosa boca. — Não vou deixar-te... — Se deitou junto a ele e aconchegou a cara contra seu pescoço.

Jack a abraçou com força. Lara se relaxou contra seu corpo e notou que a sonolência se apoderava dela. Momentos depois, adormeceu.

— Lara — lhe disse ele em voz baixa. — Logo amanhecerá. Preciso que desperte.

Ela abriu os olhos e piscou. Seguiu na cama com o Jack, quem, em algum momento da noite,

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



tinha-a coberto com as mantas e tinha atenuado a luz.

— Não era minha intenção dormir — se desculpou.

Ele sorriu:

— Não passa nada. Gostei de estar abraçado a ti.

— Suponho que você não dorme, verdade?

Ele negou com a cabeça.

— Tenho que ultimar os planos para esta noite.

— Entendo.

— Trata de manter a salvo às garotas. Procura conseguir que saiam do complexo. Os homens lobo estarão esperando, em forma humana, a um quilômetro daqui, com todo-terrenos no caminho. Levar-se-ão às garotas à cidade. Nós iremos depois lhes alterar a memória.

Lara se ergueu, com o sobrecenho franzido. Tinha sérias dúvidas de que pudesse convencer às garotas de que atravessassem a grade.

Jack lhe tocou o ombro.

— Detesto ter que te deixar aqui.

— Estarei bem. Às garotas surpreenderá muito ver que sigo aqui e que não me enviaram ao Hades como castigo. Acreditarão que te servi muito bem.

— OH, e o tem feito! — Riu quando ela fez uma careta. — Nos vemos esta noite.

O medo se apoderou dela ao imaginá-lo lutando contra guardas armados e contra Apolo. Jogou os braços a seu pescoço e o estreitou com força.

— Por favor, tome cuidado.

— Tê-lo-ei. — Beijou-lhe a testa. — Te cuide também.

Compartilharam um último beijo e ele desapareceu.

Esse dia, ao entardecer, Jack despertou de repente no escuro porão da cabana de caça do Chefe. Ouviu as aspirações brucas do Robby e Phineas, que despertavam também de seu sono mortal. O sol acabava de descer. Tinha chegado o momento. Essa noite, Apolo pagaria por seus crimes contra a humanidade.

Como de costume, poucos segundos depois de emergir de seu sono mortal, Jack pensou na Lara. Estaria bem? Como lhe teria ido o dia?

A porta do porão se abriu com um chiado, e a luz alagou as escadas.

— Já estão acordados? — Perguntou Phil.

— Sim, agora vamos. — Com velocidade vampírica, Jack guardou sua faca na capa que tinha atado à panturrilha. Tinha posto uns jeans e uma camiseta antes de teletransportar-se de volta à cabana ao raiar a alvorada. Estava tão preocupado por ter abandonado a Lara e não se tinha dado conta de que se estava teletransportando nu. Tinha tido que aguentar umas quantas brincadeiras por isso.

Embainhou uma adaga mais comprida na capa que levava sob o braço esquerdo e vestiu sua jaqueta de couro. Phineas ia armado de forma parecida, mas Robby tinha optado por levar suas armas escocesas: uma faca em uma de suas meias, e uma espada de duplo fio na larga vagem que tinha jogado às costas.



Os três vampiros subiram correndo as escadas. Phil deu a cada um uma garrafa de sangue que tinha tirado da geladeira portátil. Não havia corrente elétrica na cabana, e os vampiros tinham que tomar seus mantimentos frios. Connor se havia teletransportado à cabana a noite anterior para levar garrafas de sangue, espadas e algemas.

Jack engoliu o conteúdo de sua garrafa e, continuando, meteu umas algemas no bolso da jaqueta. Serviam para imobilizar aos guardas mortais. Se fosse possível, queriam-nos vivos.

— Sabe? Connor veio duas vezes ontem à noite — disse Phineas, metendo umas algemas nos bolsos. — Não deixava de perguntar-se por que não estava aqui. Acreditava que ao melhor tinha-se perdido no bosque.

— Eu disse que passou toda a noite no complexo, reunindo informação — disse Robby, com uma cintilação em seus olhos verdes.

— Hum! — Phineas apurou sua garrafa de sangue. — Jack deve ter explorado esse complexo centímetro a centímetro.

Ele não lhes fez caso e escolheu uma das muitas espadas que ali havia.

— Vejamos. — Phineas examinou as armas. — Necessito uma espada com uma folha muito resistente. Uma como a que agarrou Jack, que dure ao menos toda a noite.

— Basta! — Grunhiu Jack. — Não vamos de piquenique. Um pouco de seriedade, Phineas.

O vampiro negro se encolheu de ombros:

— Que dificuldade podemos encontrar? Somos três vampiros, e contamos com o Phil, além disso do fator surpresa...

— Acreditávamos que seria fácil localizar o complexo do Apolo, mas demoramos mais de um mês — assinalou Jack. — Depois, pensávamos que seria fácil pegar a esse bode, mas nos escorregou. Não podemos permitir tomar isto à ligeira.

— Entendido, irmão. — Phineas escolheu uma espada. — Só queria manter uma atitude positiva, tio. Vamos chutar lhes o traseiro!

— Bem. Então, vamos. — Jack fixou a vista no Phil. Estava descalço e levava umas calças curtas de ginástica e uma camiseta. — Você não pensa em se armar?

— Quero levar o mínimo imprescindível para poder me transformar.

Jack intercambiou um olhar de perplexidade com outros vampiros e logo se voltou de novo para o Phil.

— Esta noite não haverá lua cheia. Só um lobo Alfa pode... Ah, já entendo!

— Pois eu não o entendo — resmungou Phineas. — Se for um Alfa, por que não te transformou a outra noite junto com o Chefe?

— Tenho minhas razões — disse Phil entre dentes. — Podemos ir?

— Por isso insistiu em que o Chefe e sua gente estacionassem a um quilômetro de distância, — disse Jack. — Não queria que soubessem o que é capaz de fazer.

— Vá, o Lobo Feroz tem um segredo — comentou Phineas.

— E nós saberemos guardá-lo — disse Robby. — Vamos.

Os três vampiros tinham praticado a teletransportação a lugares próximos ao complexo a noite anterior, por isso tinham a localização gravada em sua memória psíquica. Phil se agarrou ao Robby para teletransportar-se com ele e, em questão de segundos, chegaram a uns quinze metros



da grade.

Ao longe, Jack vislumbrou a Lara e às outras mulheres, que caminhavam a passo tranquilo para a cozinha. Seus vestidos brancos brilhavam à luz da lua.

Phil tirou a camiseta e se foi detrás de uma árvore. Poucos segundos depois, voltou convertido em um lobo enorme.

— Vamos lá! — Jack se encaminhou para a direita com o Robby, enquanto Phineas e Phil se foram para a esquerda para rodear o complexo.

Geralmente, de noite, havia dois guardas que rondavam o perímetro do complexo. A missão do Phil e Phineas era reduzi-los. Uma vez algemados, Phineas os teletransportaria ao calabouço que havia no escritório do Chefe. Um dos filhos adultos de este se encarregaria de vigiá-los. Mais tarde, uma vez concluído o ataque, os vampiros alterariam a memória dos guardas e os deixariam em liberdade.

Jack e Robby ziguezaguearam entre as árvores do bosque, aproximando-se ao dormitório. Saltaram o muro e desembainharam as espadas antes de entrar na habitação. Estava vazia. Bem. Lara tinha conseguido tirar dali a todas as mulheres.

Dirigiram-se a toda pressa ao templo. Phil se aproximou correndo e se encontrou com eles ao pé das escadas.

— Capturastes aos dois guardas? — Sussurrou Jack.

Phil soltou um suave grunhido e assentiu com a cabeça. Phineas demoraria uns minutos em teletransportar aos guardas ao calabouço *do Wolf Ridge* e voltar.

Jack subiu os degraus do templo.

— Dentro deve haver três guardas e uma mulher mortais.

Robby abriu a porta uns centímetros e jogou uma olhada ao interior.

— Não há ninguém. — Abriu mais a porta, e Phil entrou.

Cruzaram o vestíbulo até a seguinte porta dupla. Jack passou a vista pelo templo quando acessou ao interior. A sala estava iluminada pelas pequenas chamas que ardiam nos braseiros de bronze situados entre as colunas. No outro extremo, sobre o estrado, havia um guardaajeitado no trono do centro, comendo batatas fritas. Saltava à vista que não suspeitava nada. Estava totalmente concentrado em sua bolsa de batatas, e tinha as costas no trono do lado.

Jack avançou com sigilo para a fileira de colunas da direita. Robby foi para a esquerda. Quando Phil o seguiu, suas garras repicaram levemente sobre o chão de mármore. Robby voltou a vista para ele, e logo para o guarda.

Este se endireitou. Pôs os olhos como pratos ao ver um lobo e a um escocês com saia e armado. A bolsa de batatas caiu ao chão. O guarda empunhou a espada, baixou o estrado de um salto e correu para o gongo para dar a voz de alarme.

— Não! — Robby se dirigiu a ele.

Jack e Phil o seguiam de perto. Quando o guarda viu a velocidade com que se dirigiam para ele, arrojou sua espada ao gongo justo antes que Robby o apanhasse.

O impacto da espada fez que o gongo se soltasse, pusesse-se a rodar e passasse junto a um braseiro aceso antes de descrever uma espiral com um estrépito metálico que retumbou na grande sala. Phil saltou sobre ele, e se deteve com um breve estrondo.



Embora Robby tinha ao guarda imobilizado no chão, o mortal não parava de lutar e pedir ajuda aos gritos.

— Silêncio! — Murmurou Robby, e golpeou ao mortal na cabeça com o punho da espada.

Robby algemou ao guarda inconsciente e o arrastou até deixá-lo detrás de uma coluna. Enquanto, outro guarda saiu correndo do corredor do fundo. Rodeou os tronos, bramando e brandindo a espada. Jack se enfrentou a ele e, poucos segundos depois, fez saltar pelo ar a espada do guarda, que caiu com grande estrépito frente ao estrado.

O guarda cambaleou para trás, com os olhos exagerados pelo pânico.

Jack baixou a espada a seu flanco.

— Não quero te matar. Só tem que te render.

— Estão-nos atacando. Não há esperanças — sussurrou o guarda.

De repente ficou rígido, e seus olhos adquiriram um aspecto frágil. — Não pode haver sobreviventes. — Levou a mão sob sua toga e tirou uma faca. Deu-lhe a volta e colocou a ponta contra seu próprio peito.

— Não! — Jack deixou cair sua espada e se teletransportou atrás do guarda. Lhe segurou o pulso justo quando se dispunha a apunhalar-se.

Jack lhe arrancou a faca da mão e lhe deu um golpe na cabeça com a manga. Quando o guarda se inclinou para diante, Jack soltou a faca e apanhou ao mortal antes que caísse ao chão.

“Não pode haver sobreviventes.” Jack soltou uma maldição entre dentes. Jogou o guarda ao ombro e se aproximou a grandes passos aonde Robby tinha oculto o primeiro guarda.

— Ouviste o que há dito? — Jack atirou o guarda ao chão.

— Sim, *nada de sobreviventes*. — Robby algemou ao mortal.

— Phil, te assegure de que Lara esteja bem — ordenou Jack. — E também as outras mulheres. Encontram-se todas na cozinha.

Phil correu para as portas duplas. Levantou-se sobre as patas traseiras para abri-las e as atravessou a toda velocidade.

— Encontrará à outra mulher mortal ao fundo — sussurrou Jack ao Robby. — Detrás de uma porta vermelha.

Robby assentiu, e então ressonou uma voz. Era Apolo.

Jack levou ao Robby de trás de uma coluna.

— Eu me encarrego dele. Você vá procurar à garota — murmurou.

— Que diabos se passa aqui? — Apolo rodeou os tronos com passo decidido. Levava a toga dourada torcida, como se a tivesse posto com pressa. Deteve-se o ver a espada no chão e a bolsa de batatas esparramadas sobre o estrado.

— Olá, Apolo — o saudou Jack em tcheco, caminhando para onde tinha deixado a espada. A noite anterior tinha descoberto que Apolo era, em realidade, Anton da Praga.

— Henrik, o que faz aqui? — Respondeu Apolo, também em tcheco. — Fez acreditar a esses estúpidos guardas que nos estão atacando.

Jack tinha que dizer ao Apolo as palavras justas para que ficasse, pois do contrário o muito bode simplesmente se teletransportaria a outro lugar. Recolheu a espada.

— É que os estamos atacando. Tenho em meu poder a quatro de seus guardas.

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. ****



Apolo ficou rígido, e seu rosto avermelhou de ira.

— Porco asqueroso! Acolhi-te aqui. Inclusive te dei uma donzela para que lhe tirasse isso. E assim agradece minha generosidade? Por quê?

— Quero ficar com a garota. — Jack olhou rapidamente a sua direita. Robby seguia escondido de trás da coluna, esperando o momento oportuno para correr para as habitações do fundo.

— Merda! Por que não me há dito isso antes, idiota? — Mofou Apolo. — Sobram-me oito mulheres. Se quiser uma dessas cadelas, leve-a sem mais. — Olhou ao Jack com repugnância. — Mas terá que te apressar, porque o chefe de minha guarda está a ponto de matar a todas.

Ao Jack gelou a pele. Lara tinha que estar bem. Phil estava ali. E Phineas já teria retornado.

Apolo se agachou para recolher a espada que estava frente ao estrado.

— Arruinou com toda a minha operação, filho da puta. Deveria te matar.

— Convido-te a que o tente. — Jack retrocedeu, com a intenção de apartar ao Apolo dos tronos e facilitar ao Robby a tarefa de penetrar nas habitações do fundo.

— Idiota! — Apolo avançou para ele. — Terei que voltar a começar desde zero e me aprovisionar de novo.

— Não. — Jack se passou ao inglês. — Não vais voltar a começar. Está acabado.

Apolo entrecestrou os olhos.

— Ontem à noite falava com um acento diferente. Quem é?

— Sou Giacomo da Venezia.

Ao Apolo congestionou a cara, e se pôs a tremer de raiva.

— É um de os açougueiros do massacre do DVN!

— Sim, matei a seis de seus amigos essa noite. E vi morrer ao Jedrek Janow. Era tão débil e patético que um mortal o matou.

— Não! — Apolo correu para ele, brandindo a espada.

Pela extremidade do olho, Jack viu que Robby saía disparado para as habitações do fundo.

Jack saltou para um lado e esquivou a investida do Apolo. Permitiu-se rezar uma última vez para que Lara estivesse a salvo, e logo centrou toda sua atenção em seguir vivo.

Capítulo 26

— As bolachas que faz são as melhores que jamais provei. — Vanessa se levou a boca uma outra bolacha com partes de chocolate.

— Obrigada. — Lara colocou mais em uma bandeja que logo depositou sobre a mesa. Tinha passado toda a tarde as assando para poder atrair às garotas à cozinha. — Quem quer mais leite?

Elevaram-se várias mãos. Lara tirou a jarra de leite da geladeira e deu a volta à mesa, enchendo os copos.

A *senhorita Proibido* lhe dirigiu um olhar desconcertado.

— Por que está tão gentil conosco? Acreditava que você não gostava nada de estar aqui.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Dei-me conta do preocupadas que ficaram ontem à noite, quando Hades me escolheu. — Lara devolveu a jarra à geladeira. — Comoveram-me muito, e esta é minha forma de agradecê-las.

— Acreditava que nunca voltaria a verte. — Vanessa estremeceu. — Pensava que Hades te levaria ao inferno.

— Eu também. — Kristy deu uma dentada a uma bolacha. — Como... como era ele?

— Era... estupendo. Hades é um autêntico cavalheiro.

— Não opino o mesmo do Zeus — murmurou a *senhorita Proibido* olhando-se os machucados de seus braços.

— Chis! — Sossegou-a a cozinheira. — Alguém poderia te ouvir.

Kristy terminou sua bolacha e abriu a mão para agarrar outra.

— Juro-lhes que esta noite engordarei dois quilogramas.

As demais donzelas se compadeceram dela. Enquanto se queixavam por seus respectivos sobrepesos, Lara escondeu uma faca para carne sob as tiras de linho que lhe envolviam a caixa torácica. Queria dispor de uma arma se por acaso Jack tinha razão e Apolo enviava a um guarda para que as atacasse. Jack também lhe tinha pedido que tentasse levar-se às garotas pelo caminho até o lugar onde a gente do povo as esperava. Convencê-las de que atravessassem a grade não seria tarefa fácil.

Aproximou-se da mesa.

— Se de verdade querem perder peso, deveriam fazer um pouco de exercício. Poderíamos dar um passeio pelo caminho.

As garotas ficaram sem respiração.

— Não podemos sair — disse a cozinheira. — Está proibido.

— E umas bestas terríveis rondam pelo bosque — acrescentou Kristy. — Com uns dentes enormes que chamam.

— Ouvi que arrastam às pessoas ao inferno — disse Vanessa, aterrorizada.

— Perguntei ao Hades se isso era certo — disse Lara, — e me respondeu que o bosque é um lugar totalmente seguro. As bestas sabem que somos especiais, assim de fato nos protegeriam.

As donzelas guardaram silêncio enquanto ponderavam esta nova informação.

A cozinheira meneou a cabeça.

— Não estou segura de que possamos confiar em nada do que diz Hades.

— E acredita que pode confiar no Apolo? — Perguntou Lara. — Sequestrou a todas na universidade. Separou-nos de nossos amigos e nossas famílias. Vanessa, eu conheço suas amigas.

Vanessa deu um coice em sua cadeira.

— Sabe como me chamo?

— Sim. E conheço sua companheira de apartamento Megan, e a suas amigas Carmen e Ramya. Estão muito preocupadas contigo. Todas têm amigos e parentes que estão preocupados com vocês.

— E o que? — Disse a cozinheira com o cenho franzido. — Que mais dá? Não podemos voltar.

— Sim que podem. — Lara assinalou para o caminho que arrancava fora. — A um quilômetro daqui, esperam-nos umas pessoas. São boa gente e querem nos levar de volta a casa. Todas



poderiam recuperar suas autênticas vidas.

— Fala a sério? — Os olhos da *senhorita Proibido* aumentaram com expressão esperançada.

Vanessa enrugou o nariz.

— Mas se eu ia suspender três disciplinas.

— Eu também suspendia — resmungou Kristy. — Aqui a vida é muito mais fácil.

— Que vida? — Perguntou Lara. — Dizem-lhes a roupa que devem levar a que horas devem comer, quando devem se lavar, quando custodiar a um falso Deus...

— Não diga isso! — A cozinheira olhou a seu redor, nervosa.

— Eu gosto de estar aqui. — Vanessa mordiscou outra bolacha. — A vida é muito complicada na terra.

— Não se supõe que tenha que ser fácil — replicou Lara. — Se sempre resultasse fácil, jamais maturaríamos nem aprenderíamos nada. E, quando ocorrem coisas terríveis, é quando superamos a nós mesmos e nos convertemos em melhores pessoas do que acreditávamos possível.

Recordou o muito que tinha crescido como pessoa depois do acidente de tráfico. Agora podia agradecer por todo o sofrimento e o esforço, porque lhe tinham dado a força para enfrentar-se a essa situação e também para expor-se a um futuro com o Jack.

— E, às vezes, temos que tomar decisões muito difíceis que são determinantes para o resto de nossas vidas. — Lara sabia que, à longa, sua decisão de ficar com o Jack podia levá-la a converter-se em vampiro, mas era a decisão correta, e ela a assumiria com todas suas consequências.

Uns gritos procedentes do exterior a arrancaram de suas meditações. Eram de um dos guardas. Deu-lhe um tombo o coração. E se Jack estava no certo e o guarda tinha a intenção de matá-las? Correu a comprovar que a porta estivesse bem fechada. E se o guarda tinha uma chave? Lara agarrou uma cadeira e a apoiou na porta, com o respaldo fazendo pressão sob o pomo.

— O que faz? — A cozinheira ficou de pé.

— A porta traseira está fechada com chave? — Inquiriu Lara.

— Sim — respondeu a cozinheira. — Mas o que...?

Alguém sacudiu o pomo da porta.

— Abram a porta! — Rugiu o guarda.

Lara reconheceu a voz. Era a do chefe do guarda, que ela chamava *o que chia*.

— Deixem-me entrar! — Insistiu ele, esmurando a porta.

— Sim, amo. — A cozinheira se dispôs a abrir.

— Não. — Lara elevou uma mão para detê-la.

As demais donzelas se levantaram.

— Não podemos desobedecer a um guarda — disse Kristy.

O que chia continuou golpeando a porta.

— Ordeno-lhes que abram esta porta! Estão atacando os *Campos Elísios*!

As donzelas soltaram um grito afogado.

— O que devemos fazer? — Sussurrou Vanessa.

— Abrir. — A cozinheira avançou para a porta.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Lara tirou a faca.

— Não te aproxime.

A cozinheira abriu os olhos de par em par.

— Está... está de mão dadas com o Hades! Quer que nos leve a todas ao inferno!

— Estou tratando de salvá-las — repôs Lara.

— Não pode haver sobreviventes — gritou o guarda.

Lara ficou boquiaberta. Jack tinha razão.

— O que significa isso? — Perguntou Vanessa.

Lara apertou o corpo contra a porta enquanto o guarda a sacudia.

— Significa que Apolo ordenou ao guarda que nos mate a todas.

As donzelas estavam atônitas. Algumas cambalearam para trás. Vanessa ficou a tremer e a choramingar. Lara ouviu umas pegadas que se afastavam da porta. O que seria que tentaria o que chia em seguida?

— Não, — murmurou a cozinheira. — Apolo é um Deus. Não nos mataria por nada do mundo.

— Não é um Deus — disse Lara. — Esteve-lhes mentindo.

— Equivoca-te! Equivoca-te! — Disseram as donzelas.

— Tenho que te parar. — A cozinheira correu à cozinha e agarrou uma faca. — Pretende nos arrastar todas ao inferno.

— Não! — Gritou a *senhorita Proibido*, e todas as donzelas se voltaram para ela. Os olhos se encheram de lágrimas e se esfregou os braços cobertos de hematomas. — Ela tem razão. Não são Deuses.

A janela da cozinha saltou feita pedacinhos. As garotas soltaram um chiado. Partes de vidro saíram voando por toda a habitação.

O que chia tirou os cristais que ficavam com o punho da espada.

— Não pode haver sobreviventes.

— Vai entrar! — Exclamou Vanessa.

— Não o aproxime! — Gritou Lara às garotas. Correu para a janela com a faca, preparada para apunhalar o que chia se tentasse entrar.

Ouviram-se um uivo perto. *O que chia* proferiu um alarido justo antes que um lobo gigantesco o atirasse ao chão.

As donzelas chiaram.

— É uma das bestas do bosque — gemeu Kristy. — Veio a nos arrastar a todas ao inferno.

— Não, salvou-nos. — Lara dirigiu a vista à janela. O lobo tinha imobilizado *o que chia* contra o chão. — Venham a vê-lo!

As garotas se aproximaram lentamente para aparecer à janela.

Um negro jovem chegou caminhando com ar resolvido. Ia vestido todo de negro e levava uma espada. Lara o reconheceu como o vampiro que tinha visto antes, no *Syracuse*.

— Céu santo! Note nisso! — Sussurrou Vanessa. — É arrumado como Denzel³⁵.

³⁵ Suponho que a autora quis falar do ator norte-americano: Denzel Washington.



O aludido cravou a espada no chão, tirou umas algemas do bolso da jaqueta e as pôs ao guarda. Deu uns tapinhas na cabeça ao lobo e logo arrancou sua espada do chão.

— Vá! — Ofegou Vanessa. — Quem é?

— Incrível! — Acrescentou Kristy. — Viram como domou a esse lobo tão aterrador?

Como as garotas se empenhavam em acreditar nos Deuses gregos, Lara decidiu aproveitar-se disso.

— É... Ares, o Deus da guerra.

— Ooooh! — Suspiraram as donzelas.

A *senhorita Proibido* levou a Lara à parte.

— Quem é em realidade? — Sussurrou.

— Um bom homem que veio nos ajudar — disse Lara. — Pode levá-las a população mais próxima para que possam partir para casa.

Uma lágrima rodou pela bochecha da *senhorita Proibido*.

— Obrigada. — Abraçou a Lara. — Como certo, meu nome é Sarah.

— Ajudará a pôr às garotas a salvo? — Perguntou Lara.

— Sim. — Sarah retirou a cadeira da porta e abriu o ferrolho. — Venham, vamos!

As donzelas saíram em fila indiana.

— Aonde vamos? — Perguntou Vanessa.

Lara se aproximou do vampiro negro.

— Olá, sou Lara.

Ele olhou às mulheres com um sorriso de orelha a orelha.

— Olá, senhoritas. Permitam-me que me presente...

— OH! Já sabemos quem é — o interrompeu Lara. — É Ares, o Deus da guerra.

— Como diz?

— Ares, o Deus da guerra — repetiu Lara com um olhar de cumplicidade. — E vieste resgatar a todas estas belas donzelas.

— OH, sim! Esse sou eu. O Deus da guerra.

Lara sorriu.

— E vais guiar a todas estas mulheres pelo caminho até onde estão os todo-terreno.

— Claro. — Assinalou a grade. — Vamos senhoritas.

— OH, meu senhor Ares! — Vanessa lhe fez olhinhos. — É tão valente...

— Eu adoro o modo em que domou a esse horrível lobo — acrescentou Kristy.

O lobo soltou um grunhido, e o vampiro negro lhe sorriu e disse:

— OH, sim, é muito mau! É grande e feroz. Mas não se preocupem senhoritas. Protegê-las-ei com minha poderosa espada.

As jovens seguiram ao vampiro negro até a grade. Ele a abriu, e todas se puseram a andar pelo caminho. Sarah voltou a vista para a Lara e se despediu com a mão.

Lara lhe devolveu a saudação. As garotas estavam a salvo. *O que chia* jazia no chão com as mãos algemadas às costas.

— Não pode haver sobreviventes — sussurrava uma e outra vez.

Lara sentiu um calafrio. Apolo tinha disposto que todas morressem.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



Estremeceu-se ao pensar que Jack podia estar lutando contra Apolo justo nesse momento. Recolheu a espada de *o que chia* e pôs-se a correr para o templo.

O lobo se plantou rapidamente ante ela e grunhiu. Lara se moveu à direita, e o lobo também se moveu. Ela correu para a esquerda, e o lobo se interpôs outra vez em seu caminho.

— OH, vamos! — Gritou ela. Devia ser o homem lobo em que Jack lhe tinha falado. Entendia seu idioma?

— É o distribuidor que deixou a caixa de pipocas caramelizadas?

O lobo assentiu com a cabeça, grunhindo.

— Tenho que ir ao templo. — O lobo emitiu um grunhido grave e gutural. — Não podemos ficar aqui toda a noite, nos fulminando com o olhar.

O lobo se sentou sobre as patas traseiras e cravou nela seus olhos cor azul clara.

— Ouça, quero ajudar ao Jack. Poderia nos necessitar. E se lhe acontece algo enquanto estamos aqui parados? Jamais nos perdoaríamos isso.

O lobo inclinou a cabeça. Logo deu meia volta e pôs-se a trotar para o templo.

— Obrigada! — Lara correu atrás dele.

“*Onde diabos está Robby?*” se perguntou Jack pela décima vez. Apolo era um espadachim surpreendentemente bom. Mesmo assim, Jack poderia tê-lo vencido fazia cinco minutos a não ser pela aparição de Atena.

Primeiro, a vampira tinha gritado e lhe tinha dedicado uma dúzia de apelidos de profanação. Depois, tinha tentado liberar os dois guardas algemados. E, como não o tinha conseguido, tinha recolhido a espada do primeiro guarda. Era óbvio que não tinha ideia de esgrima e nem sequer sabia segurar bem a arma. Mas, enquanto Jack estava em combate com o Apolo, ela conseguiu tornar-se um estorvo perigoso.

Enquanto ele intercambiava golpes de espada com o Apolo, ela conseguia colocar-se detrás dele para tentar apunhalá-lo pelas costas. Jack deu a volta, arrebatou-lhe a espada das mãos e continuou lutando com o Apolo.

Onde diabos estava Robby? Devia teletransportar à *escolhida* mortal ao *Wolf Ridge* e voltar imediatamente.

Jack arremeteu contra Apolo, obrigando-o a recuar. De repente, com a extremidade do olho viu que um objeto voava para ele. Agachou-se, e a adaga passou zumbindo por cima de sua cabeça. *Maldita Atena!*

As portas se abriram, e Jack viu que Phil entrava sigilosamente. Bem. Talvez ele pudesse encarregar-se de Atena.

Mas então Jack se sobressaltou ao ver entrar Lara com uma espada. *Merda!* Devia estar a salvo com as outras garotas; não ali, colocando-se em perigo.

Atena se fixou nela.

— Cadela, te ajoelhe ante seus Deuses!

— Vai ao Diabo! — Lara se aproximou, empunhando a espada com ambas as mãos.

Atena lançou a adaga a Lara. Por um instante, Jack ficou paralisado de medo, e logo saltou a um lado para esquivar uma cutilada do Apolo. Voltou a vista atrás. Lara se tinha agachado a tempo. *Graças a Deus!*



Com um grunhido feroz, Phil investiu contra a Atena, mas ela saiu disparada a velocidade vampírica para recolher a espada. Correu atrás de uma coluna, brandindo a espada como uma louca para evitar que o lobo se equilibrasse sobre ela.

Atena soltou um chiado quando Phil a perseguiu ao redor de outra coluna. Passou junto a um dos tripés que sustentavam um braseiro aceso. Lara o derrubou de uma patada, e o braseiro caiu ao chão com grande estrépito, junto a Atena.

Esta soltou um alarido enquanto as chamas subiam por sua longa toga roxa, propagando-se rapidamente. Atena se atirou ao chão, rebolando e gritando. Seu corpo se retorceu até ficar inerte.

— Atena! — Apolo rugiu de raiva. Atacou ao Jack, perdendo totalmente as formas em um anseio selvagem de vingança.

Era justamente a ocasião que Jack estava esperando. Derrubou a espada do Apolo a um lado e lhe deu uma estocada no peito. Apolo abriu os olhos como pratos justo antes que seu corpo ficasse reduzido a um montão de pó.

Jack se voltou para a Lara.

— Está bem?

— Sim. — Baixou a vista ao chão e fez uma careta — Isto é o que lhes passa quando...?

— Cuidado! — Jack correu para ela.

Lara deu a volta. Atena arremetia contra ela, com o corpo queimado e enegrecido. Elevou uma espada com o braço carbonizado, bramando de ira.

Lara empunhou sua espada com firmeza. Phil se equilibrou sobre Atena de trás, com um grunhido. A força do impulso a jogou contra a espada da Lara. Atenas se desfez em uma pilha de cinzas.

Lara deixou cair a espada e retrocedeu um passo. Jack a estreitou entre seus braços e notou que lhe tremia todo o corpo.

— Não passa nada. — Ele atirou sua espada e a abraçou com força. — Já está. Já passou.

Lara jogou os braços ao pescoço.

— Tinha muito medo por ti.

— E eu por ti. — Jack lhe esfregou as costas. — Nunca deveria enfrentar a um vampiro. É muito perigoso.

— O lobo me deu uma mão. Como se chama?

— Phil Jones. — Jack percorreu o interior do templo com a vista. Phil tinha atravessado a habitação para jogar uma olhada aos guardas. — Obrigado, Phil.

— Sim, obrigada! — Acrescentou Lara.

Phil voltou a vista para eles com um sorriso lupino.

— As garotas estão a salvo? O que se passou? — Perguntou Jack.

— Estão bem. Acompanha-as o vampiro negro.

— É Phineas MacKinney, também conhecido como o doutor Phang.

Lara riu.

— Há todo um mundo novo ao que terei que me acostumar.

A porta se abriu, e Robby entrou correndo, com sua espada escocesa.



— E esse daí é Robby MacKay — disse Jack, imitando seu acento. — Também conhecido como “*desastre*”.

Robby olhou ao redor e fez uma careta.

— Parece-me que chego um pouquinho tarde.

— Uns dez minutos tarde! — Exclamou Jack. — Onde diabos estava?

— Caralho! — Robby embainhou a espada na capa que levava às costas. — Fiz o que me pediu: encontrar à mulher mortal que estava ao fundo, depois da porta vermelha.

— A *escolhida* Aquila — disse Lara. — Encontra-se bem?

— Não. O guarda já a tinha apunhalado no peito. Estava às portas da morte, assim que a teletransportei diretamente ao Romatech. — Robby suspirou. — Roman tentou lhe salvar a vida, mas tinha muitas lesões internas. Apaguei-lhe a memória e a levei a um hospital. Não sei se sobreviverá.

— Pobre garota! — Sussurrou Lara.

— Fez tudo o que pode — disse Jack em voz baixa.

Robby cruzou os braços, com o cenho franzido.

— Bom, terminamos aqui? — Perguntou.

— Quase. — Jack assinalou aos guardas. — Terá que teletransportá-los à cidade.

— Há outro guarda junto à cozinha — disse Lara.

— Vou buscá-lo. — Robby saiu do templo com passo decidido. Phil trotava a seu lado.

— Aonde vai o lobo? — Murmurou Lara.

— Certamente recolher sua roupa para poder recuperar a forma humana. Lara, somos os únicos que sabemos que Phil pode transformar-se quando a lua não está cheia. Não o diga a nenhum dos habitantes do *Wolf Ridge*. Não sei muito bem por que, mas Phil quer mantê-lo em segredo.

Ela assentiu.

— De acordo. Vejo que terei que guardar muitos segredos a partir de agora.

Acariciou-lhe a bochecha.

— Não é nenhum segredo que te quero, que te adoro e quero passar toda a vida contigo. Isso pode gritá-lo aos quatro ventos do topo de uma montanha.

Dedicou-lhe um amplo sorriso.

— Só o gritarei do alto de certo campanário que conheço em Veneza.

Jack riu.

— Feito! Tem uma entrevista.

Lara suspirou enquanto a água quente escorria sobre seu corpo. Não tinha querido levar essa toga branca nem um minuto mais.

Enquanto Jack ficava no templo vigiando aos guardas, ela tinha tirado sua roupa do baú que havia na habitação lateral.

Depois, tinha retornado correndo ao dormitório a tomar uma ducha e trocar-se.

Tudo tinha terminado, pensava enquanto os restos de sabão e xampu desapareciam em espiral pelo deságue. Não, em realidade era só o princípio. Sua vida seria uma emocionante



aventura com o Jack. Tinha-lhe assegurado que unicamente queria era que ela fosse feliz. Poderia voltar a patrulhar as ruas de noite como agente de polícia. Poderia seguir trabalhando para ganhar sua placa de detetive. Ou poderia conseguir o posto de detetive imediatamente, se trabalhava para o *MacKay Security and Investigation*.

Era uma oferta tentadora. *Muito tentadora*. Agora já sabia da existência de vampiros, Malcontents e troca-formas. Como ia voltar para seu antigo trabalho agora que conhecia esse mundo novo e estranho? Teria que achar a maneira de explicar tudo a LaToya. Fechou a água e saiu do biombo da ducha.

— Olá, *bellissima*.

Ela deu um grito afogado.

— Jack. — Ele estava de pé ao outro lado do banho, apoiado na penteadeira, de braços cruzados. O espelho que tinha detrás não mostrava seu reflexo. — Quanto tempo leva aqui?

— O suficiente. — Seus olhos castanhos dourados cintilaram.

Ela soltou um bufo e agarrou uma toalha para se secar.

— Acreditava que estava no templo, vigiando a esses guardas.

— Robby acaba de teletransportar o último, e fiquei ali sozinho, preocupado por ti. Queria me certificar de que estava bem. — Sorriu lentamente. — Agora não tenho a menor dúvida.

Sorriu enquanto secava o cabelo com a toalha.

— Deveria te ter metido na ducha comigo.

— Considerei seriamente essa possibilidade. Também pensei em fazer uso de uma das camas do dormitório. Mas no *Wolf Ridge* estão esperando que nos teletransportemos. Se não aparecermos dentro de uns minutos, virão nos buscar.

— OH, mais vale que me vista! — Vestiu umas calcinhas.

Jack a contemplou com um olhar nostálgico.

— Bom, esteve bem enquanto durou.

Lara agarrou o sutiã.

— Graças a Deus que posso voltar a pôr isto. Estava farta de ir expulsando dentro dessa toga.

— Sim, era um espetáculo do mais triste.

Ela soltou uma risada.

— Tinha medo de acabar com os seios caídos.

— Parecem-me perfeitos. — Posou o olhar em seu peito. — Endireitam-se cada vez que os olho.

Ela riu e vestiu o sutiã e depois os jeans.

— Jack, está aí? — Chamou-o a voz do Robby do dormitório.

— Merda! — Grunhiu Jack. — Já vou! — Saiu a grandes passos para o dormitório.

Lara vestiu a toda pressa a camiseta, e logo as meias e os sapatos. Depois foi correndo para o dormitório.

Robby a saudou com um movimento de cabeça.

— Comentava ao Jack que alteramos a memória dos guardas e da maioria das garotas. Entretanto, havia uma que queria conservar a memória. Chama-se Sarah.



— Ah! — A *senhorita Proibido*. Por algum motivo, isto não surpreendeu a Lara. — Sarah estava começando a atar cabos. Entregaram-na a um degenerado que se fazia chamar Zeus e abusou dela.

— Aha. — Robby franziu o cenho. — Não se recordava do Zeus, assim que a ajudei a recuperar essas lembranças. Foi muito duro para a pobre garota. Agora sabe que ele a violou e a mordeu.

— Então sabe que os vampiros existem — assinalou Jack.

— Sim. Terá que tomar cuidado com ela. Vou teletransportá-la ao Romatech, onde poderemos vigiá-la até decidir se deixarmos que conserve a memória ou não. — Robby se dirigiu a Lara. — Você a conhece melhor que nós. Acredita que é de confiar?

— Sim, acredito. — Lara não podia por menos admirar a Sarah. Tinha tomado a dura decisão de conservar essas terríveis lembranças. Teria sido muito mais fácil para ela deixar que as apagassem.

— O normal teria sido lhe deixar a memória em branco — continuou Robby, — mas como está estudando para ser professora de escola, decidi deixar que falasse primeiro com a Shanna.

Jack assentiu com a cabeça.

— Tenho entendido que necessita mais professores.

— Professores para que? — Perguntou Lara.

— Dar classes em um colégio para meninos especiais — respondeu Jack, — troca-formas ou meninos como Constantine, que tem um pouco de vampiro. Já lhe explicarei isso com mais detalhe.

— Sim, por favor. — Lara tinha muita curiosidade sobre a possibilidade de ter filhos com um vampiro.

— Uma coisa mais — disse Robby. — Depois de recuperar as lembranças do Zeus, pôde descrevê-lo. É alto, de olhos negros, fala com acento russo e tem o braço esquerdo torcido em um ângulo estranho. Levava uma luva na mão esquerda.

Jack ficou rígido.

— Pelos nove círculos do inferno...

— O que acontece? — Perguntou Lara. — Conhece-o?

— Levamos anos tentando apanhá-lo — explicou Robby. — Os informes mais recentes indicavam que estava na Europa Oriental.

Jack olhou a Lara com inquietação.

— É Casimir, líder dos Malcontents. E está aqui, nos Estados Unidos.

Lara tragou saliva. Isso implicava que haveria mais batalhas. Mais mortes. Mais mortais em perigo.

— Vou direto ao Romatech a acautelar ao Roman e Connor — disse Robby. — Logo chamarei o Angus. Querirá transladar aqui a todos os homens disponíveis.

Jack assentiu.

— Vai. Eu levarei a Lara ao *Wolf Ridge*.

Robby desapareceu.

— Vamos. — Jack envolveu a Lara em seus braços.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Espera! — Lhe apertou as mãos contra o peito. — Até que ponto é grave isto? O que é o que pretende Cachemira?

— Está reunindo um exército de vampiros que foram criminosos durante sua vida de mortais. Planeja matar a todos os vampiros decentes que bebem em garrafa, como eu. E semearão o terror no mundo dos mortais, alimentando-se deles e matando-os sem que ninguém possa detê-los.

Lara sentiu um calafrio.

Jack lhe apartou o cabelo molhado da cara.

— Sinto muito, *cara mia*. Não era minha intenção te colocar nisto.

— Não passa nada. — Acariciou-lhe o rosto. — Depois do acidente de carro, queria fazer algo realmente importante, algo que marcasse a diferença no mundo. Não me ocorre nada mais importante que isto.

— É muito valente, *cara mia*. — Beijou-lhe a testa. — Mas eu discordo. Há algo muito mais importante que Casimir e seus malignos seguidores.

Lara sorriu.

— Refere-te ao amor?

Ele assentiu.

— *Amore*. Com o amor de nosso lado, ninguém poderá nos vencer.

Epílogo

Três noites depois, Lara estava no *Campanile*, contemplando os telhados de Veneza à luz da lua, e se reclinou contra o robusto peito do Jack, que a rodeava com seus braços.

— É tão formoso, tão agradável... — suspirou ela.

Jack esfregou o queixo contra seu cabelo.

— Aqui é onde lhe disse pela primeira vez que te queria.

— Hummm! Sim, foi muito romântico... — Deu um coice quando de baixo começou a lhes chegar o som de uma música. — O que é isso? — Baixou a vista do alto do campanário e riu ao ver o Lorenzo tocando seu acordeão. As notas de *Bela Notte* subiram para ela.

— OH, Jack! — Acariciou-lhe a bochecha. — É tão tenro...

— Queria que tudo fora perfeito.

Ela o olhou com picardia.

— Tenta recriar a primeira entrevista?

Ele fez um gesto de desgosto.

— Não exatamente. Deixou-me no fim dessa entrevista.

— Bom, sim, mas é que me fez gritar. Temo ter traumatizado às pombas de por vida.

Jack elevou as mãos.

— Apreendi a lição. Esta noite nos teletransportaremos a meu quarto no *palazzo*, e uma vez ali, passaremos a noite inteira fazendo amor. Prometo que o porei tudo de minha parte, mas os



gritos a seu critério.

Ela riu.

— Miúdo vagabundo. Sempre me faz gritar.

Ele sorriu de orelha a orelha.

— E amanhã, enquanto eu esteja sumido em meu sono mortal e não sirva para nada, levar-na-ão para percorrer Veneza. A sobrinha da Gianetta, que trabalha em um museu, será sua guia pessoal durante todo o dia.

— OH, isso é estupendo! Obrigada, Jack.

Ao vampiro o brilharam os olhos.

— E agora, tenho outra surpresa para ti. Não fará turismo sozinha. Dei a LaToya um bilhete de primeira classe a Veneza. Chegará pela manhã.

Lara, boquiaberta, levou uma mão ao peito.

— Jack, é o melhor presente que jamais me têm feito.

Os olhos se encheram de lágrimas. Ainda não tinha contado tudo a LaToya, mas certamente não lhe custaria muito convencer a sua melhor amiga de que Jack era o homem mais maravilhoso do mundo. Simplesmente, porque o era.

Apareceu na janela do campanário.

— Quero ao *Giacomo da Venezia!*

As pombas que se achavam em seus cabides se sobressaltaram e elevaram desordenadamente em voo ao torno da torre e a *piazza*.

Jack riu.

— Já está assustando outra vez a essas pobres pombas.

Lara jogou os braços a seu pescoço.

— Na verdade te quero, Jack. Sempre te quererei.

Ele a estreitou com força contra si.

— É meu anjo, Lara. Mas tenho outra surpresa para ti sob minhas calças.

Ela soltou um bufo. Agarrou-lhe a mão e a colocou sobre o vulto.

Lara baixou a vista.

— Recordava-te mais bem dotado. — Moveu a mão para o centro. — Ah, sim! Isto é outra coisa.

Jack deixou escapar uma risada e tirou o vulto menor do bolso.

— Acredito que isto você também gostará. Ao menos, isso espero. — Abriu a caixinha negra.

Lara afogou um grito. Era uma safira preciosa rodeada de diamantes.

— Sei que não é o mais tradicional, mas a safira me recordava seus formosos olhos azuis.

Ela retrocedeu um passo. Tinha-lhe posto a pele de galinha. Sabia que conservaria esse momento na memória durante o resto de sua vida. Recordaria o ar fresco da noite que soprava através do *Campanile* e o som de *Bela Notte* que lhe chegava da *piazza*. E recordaria ao Jack, aí de pé com o anel e com um brilho de amor em seus olhos marrom dourado.

Jack se ajoelhou ante ela.

— Lara Boucher, quer te casar comigo?

Ela ficou de joelhos diante dele.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **



— Sim, sim quero! — E se abraçou a seu pescoço.

Ele a estreitou com força.

— Vá, que alívio!

Lara se inclinou para trás.

— Mas com uma condição.

— Que condição? — Perguntou ele, com ar preocupado.

Ela sorriu e lhe acariciou a bochecha.

— Tem que deixar de dizer isso *dos nove círculos do inferno*.

— Ah! — Parecia surpreso. — Isso posso fazê-lo. — Ficou de pé e logo a atraiu para si com um grande sorriso. — Tem razão, cara mia. Você trouxe o amor a minha vida, e juntos encontramos o caminho ao Paraíso.

Fim



*Incentive as revisoras contando no nosso blog
o que achou da história do livro.*

<http://tiamat-world.blogspot.com.br/>